

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL**

RITA MARTA MOZETTI SILVA

**O DIREITO À LITERATURA ENQUANTO ARTE PARA UMA
EDUCAÇÃO LIBERTADORA**

FRANCA

2024

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL**

RITA MARTA MOZETTI SILVA

**O DIREITO À LITERATURA ENQUANTO ARTE PARA UMA
EDUCAÇÃO LIBERTADORA**

Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Faculdade de Ciências Humanas e Sociais”, para obtenção do título de Doutora em Serviço Social.

Orientação: Profa. Dra. Maria Cristina Piana

FRANCA

2024

S586d

Silva, Rita Marta Mozetti

O DIREITO À LITERATURA ENQUANTO ARTE PARA UMA
EDUCAÇÃO LIBERTADORA / Rita Marta Mozetti Silva. -- Franca,
2024

205 p. : tabs., fotos

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca

Orientadora: Maria Cristina Piana

1. Práxis libertadora. 2. Literatura infantil. 3. Educação libertadora.
4. Protagonismo social. I. Título.

RITA MARTA MOZETTI SILVA

**O DIREITO À LITERATURA ENQUANTO ARTE PARA UMA EDUCAÇÃO
LIBERTADORA**

Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Faculdade de Ciências Humanas e Sociais”, para obtenção do título de Doutora em Serviço Social.

Orientação: Profa. Dra. Maria Cristina Piana

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Maria Cristina Piana - Orientadora

Professora Dra. Nayara Hakime Dutra

Professora Dra. Andreia Aparecida Reis de Carvalho Liporoni

Professora Dra. Lúcia Aparecida Parreira

Professora Dra. Silvia Cristina Soggio Del Monte

FRANCA

2024

Àquela que...

Sempre estive ao meu lado e fez com que me
destacasse pessoal e profissionalmente
Apresentou lugares inimagináveis e me deixou
ser quem eu quisesse ser
Fez com que eu conhecesse personagens
instigantes e motivadores
Não estabeleceu limites entre sonho e realidade
Apresentou as coisas do mundo e tudo que nele
existe
Me fez crer que tudo é possível
alegrou, emocionou, chocou, impactou e me fez
resiliente
Problematizou, apontou caminhos, mas
oportunizou escolhas e decisões
Valorizou o meu ser e fazer docente
Contou e me deixou contar muitas histórias
Nos momentos difíceis era guerra, mas refúgio
e paz
Proporcionou participação, autonomia, voz e
vez
Trouxe liberdade, criticidade e criatividade aos
meus dias
Humanizou e me transformou
Ah, se não fosse a Literatura em minha vida!
Dedico a ela todas as minhas conquistas.

**A você Isa... A mais Bella de todas! Isabella,
obrigada por tanto e por tudo.**

AGRADECIMENTOS

Por onde iniciar os agradecimentos? Foram anos de muitas lutas, desafios, perdas, conquistas, saúde e algumas vezes a falta dela, momentos diversos de alegria, pouca ou ausência dela, pensamentos diversos bons ou nada bons, mas o desejo de terminar o doutorado permanecia em meio a todas as facilidades e dificuldades encontradas durante os quatro anos de estudo e pesquisa.

Ao ganhar o Prêmio Educador Nota 10 em 2020 com o Projeto “Pé de Livros entre amigos” voltado para a Educação Literária, me senti tentada a semear para todos/as a concepção de literatura enquanto arte e que leva a uma educação libertadora. Assim, inspirada pelos livros, escrevi o projeto, passei por toda criteriosa seleção para o doutorado em Serviço Social pela Unesp Franca-SP e encontrei a Cris, que me encorajou ainda mais quando vi os olhos da minha futura orientadora brilharem com o tema e assim iniciamos.

Fiz a matrícula e veio a pandemia, um ano e sete meses de aulas on-line, conhecendo professores/as e colegas por aplicativos, uma experiência nunca vivenciada antes. Sem saber para onde ir, apenas segui. Caminhei até aqui. Estou chegando, já comecei a avistar terra firme em meio a algumas nuvens.

Assim, inicio meus agradecimentos...

Ah, se não fosse a Isabella Mozetti! Como ela mesma diz, é minha cópia, só que mais aprimorada e com melhores aplicativos. É filha, mas também companheira, gentil, inteligente e quando eu pensava que tudo era só dificuldade, ela chegava e me mostrava o quão tudo estava ao meu favor, mostrava a leveza da vida. Neste período de aulas on-line, ela assistia comigo, passou a conhecer meus colegas e professores/as e foi despertando certo carinho por todos/as. Ao término, ela comentava as aulas comigo. Filha, estudamos juntas, se não fosse por você, tudo teria sido bem mais complicado e caminhar ao seu lado ficará para sempre nas minhas melhores recordações. Dedico a você cada etapa, cada página deste trabalho. Todo agradecimento seria pouco. Noites em claro vivendo e me ouvindo falar sobre as descobertas da pesquisa. Te amo!

Ah, se não fosse a Rafaella Mozetti! Um dia, ela escreveu um bilhetinho na minha agenda e desejou que o doutorado fosse algo que além de prazer e sonho fizesse a diferença na minha vida, pois se tem alguém que entende de sonho é a Rafa. Filha, foi uma época difícil para você, todos seus enfrentamentos me fizeram acreditar que tudo é possível, sua persistência, resiliência, coragem e amor pelos estudos me impulsionam a seguir. Te amo!

Ah, se não fosse o Aluizio! Ele tem superpoderes, está ao mesmo tempo em todos os lugares, faz de tudo um pouco e sempre para o bem-estar da família. Aos sábados eu acordava cedinho para ler, estudar e escrever, ele tentava fazer silêncio, mas raramente conseguia, pois já acordava ligava o rádio, e para me animar colocava sambas-enredos, pois sabe que me animo diante de sambas que narram histórias e são recheados de cultura. Marido, os sambas me motivavam, é claro que, às vezes, alterava meu foco, mas se não fossem eles, o sono ficava difícil de espantar. Um grande acreditador e incentivador de tudo que faço. Te amo!

Ah, se não fosse a Dona Edith! Meu primeiro exemplo de professora, por causa dela, desejei seguir o magistério. Enquanto muitos desacreditam, ela apostou toda confiança em mim e mesmo em outro plano, me protege, guia e deve comemorar muitas conquistas. Mãe, sua filha está vencendo. Te amo!

Ah, se não fosse Paulo Freire¹! De mãos dadas não só nestes quatro anos de doutoranda, mas desde o dia em que conheci os seus estudos através de uma palestra de Madalena Freire, antes mesmo de concluir o magistério. Lá em 1993 fiz de Freire um companheiro de sonhos, concepções e ideais. Muitas vezes me vi sentada debaixo da mangueira da casa em que ele foi criado e ouvindo tudo que ele tinha para me ensinar. Estive em Angicos e pude ter certeza, pude sentir o pulsar dos corações de cada educando/a ao aprender a ler e a escrever. Aprendi e desaprendi ao lê-lo. Aprendi como eu deveria ser enquanto professora e desaprendi todas as formas de humilhar e desacreditar no potencial das pessoas. Aprendi que educação pública de qualidade é direito. Freire, espero que esteja orgulhoso da professora que sou e que ainda me tornarei. Minha eterna gratidão!

Ah, se não fosse Cervantes, Shakespeare, José de Alencar, Ziraldo, Cecília Meireles, Cora Coralina, Carolina Maria, Carlos de Assumpção, Monteiro Lobato... Eu não teria tido tantas ideias e criatividade para transformar a minha vida e a vida de todos a minha volta. Queridos imortais, as obras de vocês me humanizaram, me fizeram ter um novo olhar para o mundo. Dom Quixote, ao seu lado, vivi grandes aventuras e sempre enxerguei gigantes e nunca apenas moinhos de vento. Minha admiração!

Ah, se não fossem meus alunos e minhas alunas, sem o amor que sempre tivemos em nossas relações diárias eu não teria conseguido. Já fui chamada de bruxa por colegas de profissão, por não entenderem como me torno professora e amiga de todos os/as estudantes com quem convivi. Sempre muito exigente, mas a amorosidade era perceptível por eles e pelos

¹ Educador brasileiro, nascido em 19 de setembro de 1921, na cidade de Recife, Pernambuco e falecido em 2 de maio de 1997. Grande influenciador da Pedagogia Popular e Crítica. É o patrono da Educação Brasileira. Fonte: A autora, 2024.

familiares que também nunca me deixaram sozinha. Meus alunos sempre foram meus coautores e corresponsáveis por todos os projetos desenvolvidos. Uma vez meu aluno, para sempre meu aluno. Queridos, tudo que vivemos estará para sempre conosco. Sempre meus!

Ah, se não fossem os Professores! Professores que me ensinaram, foram meus exemplos e que me motivaram a querer ensinar e aprender. Professores que ao longo da minha trajetória escolar e profissional me mostraram que a educação realmente transforma vida e faz com que queiramos mudar a realidade. A educação sempre foi minha razão de ser. Professores, como eu gostaria que todos enxergassem que são essenciais para o avanço de uma nação. Professor, você é o profissional que forma todos os outros profissionais. Valorização e respeito. Meu reconhecimento!

Ah, se não fosse a Maria Cristina Piana! Atenciosa, carinhosa e sempre cuidadosa em suas colocações e orientações. Parece que ela sabe tudo e um pouco mais, sempre criteriosa ao pontuar ideias e direções. Nem sempre eu estive bem durante a caminhada, mas ela me trazia a realidade e encorajava a seguir, sábia em reconhecer as potencialidades e fragilidades. Orientadora, suas palavras enriqueceram não só a nossa pesquisa, mas a minha vida. Cris, quando eu crescer, quero ser assim, como você é. Feliz pela oportunidade ao seu lado. Quanto privilégio o meu!

Ah, se não fosse o Rio que me ajuda a sonhar, o samba que me acalma, as ruas da Lapa e lá do alto o Cristo Redentor que me ouve, acalenta e abraça. Refúgios em meio a tantas obrigações e exigências cotidianas. Ali, em meio as belezas naturais, encontro forças para ser quem sou, é o lugar que me faz sonhar e ao mesmo tempo realizar. Reponho minhas energias diante do mar. Lugar onde me encontro. Um amor que não sei explicar!

Ah, se não fosse a Rita! A Rita que sonha, acredita, busca, mente inquieta, criativa, desafiadora... Aquela que tem medos bobos e coragens absurdas. E se ela encontrasse a criança que foi um dia, diria: “Estou realizando e novos desafios estão por vir. Firma o corpo e vai”. Rita, você é persistente, hein? Que orgulho tenho de você!

Ah, se não fosse Nossa Senhora Aparecida e as inúmeras vezes que pedi e agradei a Ela em seu Santuário. Agradecimento por tudo que tenho e desejei ser. Mãezinha, seu manto me acolhe. Agradecida todos os dias!

“Sonhar o sonho impossível,
Sofrer a angústia implacável,
Pisar onde os bravos não ousam,
Reparar o mal irreparável,
Amar um amor casto à distância,
Enfrentar o inimigo invencível,
Tentar quando as forças se esvaem,
Alcançar a estrela inatingível:
Essa é a minha busca”.

CERVANTES, Miguel de. Dom Quixote, 1605, p. 1.

MOZETTI, Rita Marta. **O DIREITO À LITERATURA ENQUANTO ARTE PARA UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA**. 2024. 205 páginas. Tese de Doutorado Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho” Faculdade de Ciências Humanas e Sociais Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. Franca, 2024.

RESUMO

Este trabalho tem muito da trajetória profissional da pesquisadora enquanto professora da educação básica e que sempre teve a leitura literária como aliada nos processos de ensino e aprendizagem. A presente pesquisa tem como objetivo conhecer a concepção dos professores sobre o trabalho com a leitura literária em contexto escolar e como é desenvolvido por eles junto aos estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental, ciclo I, da rede municipal de ensino de Franca-SP a partir de uma práxis libertadora proposta pelos estudos do educador Paulo Freire. Diante do objetivo proposto, espera-se que a pesquisa contribua para a discussão e necessidade de valorizar momentos de leitura literária enquanto arte que humaniza, transforma e que se torne um hábito que ultrapasse os muros escolares, formando não apenas estudantes leitores, mas visando a formação de uma comunidade de leitores de literatura. Acredita-se que a Educação Literária escolar tenha papel fundamental no desenvolvimento de competências não somente cognitivas, mas principalmente socioemocionais, por despertar não somente o imaginário, mas traz à tona questões sociais, culturais e afetivas. Um trabalho significativo com a literatura propicia os desenvolvimentos culturais e sociais, além de trazer os estudantes para o centro do processo educativo, tornando-o ativo, dinâmico, crítico e criativo, ocupando lugar de fala em sociedade, assim sendo o protagonista na escola e na vida. A pesquisa apoia-se educação libertadora proposta pelo educador Paulo Freire, pautada na perspectiva crítica. O referencial teórico se fortalece com os estudos sobre a historicidade da literatura infantil ao longo dos tempos e os benefícios relacionados aos processos de ensino e aprendizagem. Para conhecer o trabalho realizado, foram realizadas entrevistas com os professores para entender como as ações de leitura literárias são planejadas e realizadas nas unidades escolares e contribuir para a cidadania e protagonismo das crianças e adolescentes em uma sociedade capitalista. Assim, acredita-se que a literatura em âmbito escolar contribua para a formação de leitores de literatura, uma literatura pautada para além de atividades escolarizadas com perguntas prontas e que não leve a reflexão. A relevância desta pesquisa pressupõe compreender a concepção dos professores mediante o trabalho com a literatura em contexto escolar, visando promover a reflexão sobre uma literatura enquanto arte que proporcione momentos de interação entre os estudantes e contribuir para que a leitura literária seja vista como prática essencial no desenvolvimento integral dos estudantes.

Palavras-chave: Práxis libertadora. Literatura infantil. Educação libertadora. Protagonismo social.

MOZETTI, Rita Marta. **THE RIGHT TO LITERATURE AS AN ART FOR A LIBERATING EDUCATION**. 2024. 205 pages. Doctoral Thesis Paulista State University "Júlio De Mesquita Filho" Faculty of Human and Social Sciences Graduate Program in Social Work. Franca, 2024.

ABSTRACT

This work has a lot to do with the researcher's professional trajectory as a basic education teacher who has always had literary reading as an ally in the teaching and learning processes. The present research aims to understand the teachers' conception of working with literary reading in a school context and how it is developed by them with students in the 5th year of Elementary School, cycle I, in the municipal education network of Franca-SP to starting from a liberating praxis proposed by the studies of educator Paulo Freire. Given the proposed objective, it is expected that the research will contribute to the discussion and need to value moments of literary reading as an art that humanizes, transforms and becomes a habit that goes beyond school walls, forming not only student readers, but aiming to formation of a community of literature readers. It is believed that school Literary Education has a fundamental role in the development of skills that are not only cognitive, but mainly socio-emotional, as it awakens not only the imagination, but also brings to light social, cultural and affective issues. Significant work with literature promotes cultural and social developments, in addition to bringing students to the center of the educational process, making them active, dynamic, critical and creative, occupying a place of speech in society, thus being the protagonist in the school and in life. The research is based on liberating education proposed by educator Paulo Freire, based on a critical perspective. The theoretical framework is strengthened by studies on the historicity of children's literature over time and the benefits related to teaching and learning processes. To learn about the work carried out, interviews were carried out with teachers to understand how literary reading actions are planned and carried out in school units and contribute to the citizenship and protagonism of children and adolescents in a capitalist society. Thus, it is believed that literature at school contributes to the formation of literature readers, a literature that goes beyond school activities with ready-made questions and that does not lead to reflection. The relevance of this research presupposes understanding the teachers' conception through working with literature in a school context, aiming to promote reflection on literature as an art that provides moments of interaction between students and contributes to literary reading being seen as an essential practice in the integral development of students.

Keywords: Liberating praxis. Children's literature. Liberating education. Social protagonism.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC -	Base Nacional Comum Curricular
CEP -	Comitê de Ética em Pesquisa
CEPLAR -	Campanha de Educação Popular da Paraíba
DCNEI -	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
ECA -	Estatuto da Criança e do Adolescente
FAO -	Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação
INAF -	Indicador de Alfabetismo Funcional
IPF -	Instituto Paulo Freire
IPL -	Instituto Pró-Livro
PISA -	Programa Internacional de Avaliação de Estudantes
PNBE -	Programa Nacional Biblioteca da Escola
PT -	Partido dos Trabalhadores
SECERN -	Serviço Cooperativo da Educação do Rio Grande do Norte
SESI -	Serviço Social da Indústria
SP -	São Paulo
TCLE	Termo de Consentimento Livre e esclarecido
UNESCO -	Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Abril de 1963: Paulo Freire explica ao presidente e a políticos nordestinos a sua pedagogia dos oprimidos.	79
	Fonte: Instituto Paulo Freire; Direitos Humanos na Internet, 1964.	
Figura 2 -	Primeiros/as educandos/as de Angicos na sala de aula.	82
	Fonte: Instituto Paulo Freire, 1963.	
Figura 3 -	Imagem utilizada na primeira aula de Angicos para a discussão do conceito antropológico de cultura.	83
	Fonte: Arquivo pessoal de Carlos Lyra, 1963.	
Figura 4 -	Paulo Freire e Carlos Lyra.	84
	Fonte: Instituto Paulo Freire, 1963.	
Figura 5 -	Paulo Freire em Angicos, recebendo o título de cidadão angicano.	87
	Fonte: Instituto Paulo Freire, 1963.	
Figura 6 -	Educando discursando para o presidente.	88
	Fonte: Instituto Paulo Freire, 1963.	
Figura 7 -	Pollyanna Menina.	109
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).	
Figura 8 -	Pollyanna Moça	110
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).	
Figura 9 -	Feiurinha	111
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).	
Figura 10 -	Iracema	112
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).	
Figura 11 -	Tistu	113
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).	
Figura 12 -	Sala de leitura	114
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).	
Figura 13 -	Sala de leitura	121
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).	
Figura 14 -	Sala de leitura	127
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).	
Figura 15 -	Malala	140
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).	

Figura 16 -	Branca de Neve	141
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).	
Figura 17 -	Matilda	142
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).	
Figura 18 -	Alice	143
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).	
Figura 19 -	Sala de Leitura da Rede Municipal de Franca-SP	146
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).	
Figura 20 -	Sala de Leitura da Rede Municipal de Franca-SP	147
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).	
Figura 21 -	Sala de Leitura da Rede Municipal de Franca-SP	147
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).	
Figura 22 -	Sala de Leitura da Rede Municipal de Franca-SP	148
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).	
Figura 23 -	Sala de Leitura da Rede Municipal de Franca-SP	145
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).	
Figura 24 -	Pé de Livros	168
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).	
Figura 25 -	Estudantes e os clássicos da literatura	170
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).	
Figura 26 -	Professora e Sala de Leitura da Escola	171
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).	
Figura 27 -	Estudantes e familiares	173
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).	
Figura 28 -	Obras literárias	174
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).	
Figura 29 -	Estudantes e Pé de Livros	176
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).	
Figura 30 -	Estudantes e Pé de Livros	176
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).	
Figura 31 -	Escola e comunidade	178
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).	
Figura 32 -	Estudantes semeadores de leitura	179
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).	

Figura 33 -	Tertúlia literária	181
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).	
Figura 34-	Bilhetes literários	182
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).	
Figura 35 -	Estudantes e personagens	184
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).	
Figura 36 -	Bilhetes literários	185
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).	
Figura 37 -	Resenha literária	187
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).	
Figura 38 -	Caracterização	188
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).	
Figura 39 -	Estudantes e os bilhetes literários	190
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).	
Figura 40 -	Carrinho da leitura	191
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).	
Figura 41 -	Pedágio Literário	192
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).	
Figura 42 -	Vlog Literário	193
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).	
Figura 43 -	Pé de Livros	198
	Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).	

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Quantidade de estudantes por região da cidade de Franca/SP	105
Tabela 2 -	Quantidade de estudantes por fases na educação infantil em Franca/SP	105
Tabela 3 -	Escolas participantes da pesquisa	106
Tabela 4 -	Professoras participantes da pesquisa	107
Tabela 5 -	Perfil das salas de leitura	137
Tabela 6 -	Professoras das Salas de Leitura	139

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	19
2	LITERATURA: A CONCEPÇÃO AO LONGO DA HISTÓRIA E A IMPORTÂNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR PARA O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM	29
2.1	A Literatura Infantil: para vivenciar, experienciar e relacionar com o mundo a volta	38
2.2	Retratos da Leitura: uma reflexão sobre os dados apontados por pesquisas a respeito da leitura dos brasileiros	44
2.3	Literatura como fonte de transformação e que enquanto arte humaniza não só a si, mas na relação com o eu, o nós e com os outros	48
2.4	A Base Nacional Comum Curricular: a literatura no campo artístico literário e o desenvolvimento integral dos estudantes	54
2.5	Educação Literária e o Campo Artístico-Literário: a importância da Literatura na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)	57
2.6	Competências Socioemocionais e Literatura	60
3	PAULO FREIRE: O PATRONO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA E OS DESAFIOS PARA UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA	68
3.1	Angicos	77
3.2	Pedagogia crítica e libertadora	91
4	METODOLOGIA DA PESQUISA DE CAMPO	101
4.1	As participantes da pesquisa	109
4.2	Categoria: politicidade do ato educativo: memórias literárias das professoras ao longo da vida	114
4.3	Categoria: dialogicidade do ato educativo: a concepção de literatura	121
4.4	Categoria: práxis educativas: ações literárias desenvolvidas pelos professores	127
4.5	Perspectivas das professoras das salas de leitura	139
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
	REFERÊNCIAS	158

APÊNDICE A: PLANO DE AÇÃO PARA O TRABALHO COM A LEITURA LITERÁRIA	167
APÊNDICE B: ENTREVISTA COM PROFESSORES DO 5º ANO	199
APÊNDICE C: ENTREVISTA COM PROFESSORES DAS SALAS DE LEITURA ..	200
ANEXO A: PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....	201
ANEXO B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)...	204

1 INTRODUÇÃO

“Pelo poder da palavra, ela pode agora navegar nas nuvens, visitar as estrelas, entrar no corpo de animais, fluir com a seiva das plantas, investigar a imaginação da matéria, mergulhar no fundo de rios e de mares, andar por mundos que há muito deixaram de existir, assentar-se dentro das pirâmides e de catedrais góticas, ouvir corais gregorianos, ver os homens trabalhando e amando, ler as canções que escreveram, aprender das loucuras do poder, passear pelos espaços da literatura, da arte, da filosofia, dos números, lugares onde seu corpo nunca poderia ir sozinho [...] Corpo espelho do universo! Tudo cabe dentro dele!”

(Rubem Alves, 1994, p. 129)

A intenção de realizar tal pesquisa se deu diante da inquietude e descontentamento com as práticas literárias nas instituições escolares, a pesquisadora propôs intervir na realidade, diante de estudos, reflexões e ações, onde a pretensão é uma literatura com sentido, apreciada e dialogada, que vá além de resumos e fichas técnicas, que vá além do apenas “ir à biblioteca” e pegar um livro e estar a serviço de atividades, mas vislumbro e almejo uma leitura literária que forme efetivamente uma comunidade leitora, afinal, de que adianta desenvolver a competência leitora nos estudantes se esses não têm com quem dialogar a obra que os levou à raiva, emoção e inquietações? O desejo é que se tenha estudantes leitores de literatura, preciso também, se preocupar em formar uma comunidade de leitores, portanto, são propostas ações para resoluções de inquietações da pesquisadora.

Perez explica que,

“A literatura é a arte das palavras, mas tudo que ela representa, simboliza e configura vai muito além da arte. Ela é um instrumento universal de comunicação e contribui para o crescimento intelectual de todos os seres humanos e a eles é garantido o direito ao acesso a essa manifestação artística” (Perez, 2024, p. 1).

Assim, refletir a literatura enquanto arte e o poder que ela tem de trabalhar com o desenvolvimento de competências socioemocionais e despertar uma gana de sentimentos, portanto a literatura é um direito inalienável da humanidade.

Durante a trajetória profissional da pesquisadora, quase trinta anos como professora, em sala de aula, na rede pública estadual desenvolveu projetos literários que levava os estudantes a se destacarem nos estudos, recuperar aprendizagens e a autoestima, percebendo a transformação dos estudantes, percebeu que a literatura favorecia o estímulo e motivação também nos demais componentes curriculares, propiciando um ensino e aprendizagem significativos. Assim, fez da literatura sua grande aliada em benefício do desenvolvimento estudantil dos estudantes.

No ano de 2014 a pesquisadora ficou entre as finalistas das Olimpíadas da Língua Portuguesa² – Escrevendo o Futuro na categoria poemas. O trabalho foi desenvolvido com estudantes do 5º ano do ensino fundamental, na Escola Estadual Iolanda Ribeiro Novais rendeu a pesquisadora e a aluna envolvida, Ana Laura Nogueira Braz a premiação regional, reconhecimento e destaque nacional.

Assim, a pesquisadora caminhou e chegou até o maior e mais importante prêmio da educação brasileira, o Educador Nota 10³, promovido pela Fundação Vitor Civita. Atualmente o Prêmio Educador Nota 10 está na administração da Somos Educação⁴.

O Prêmio tem o apoio da Nova Escola, Instituto Rodrigo Mendes, UNICEF e BDO, e o patrocínio da Fundação Lemann e SOMOS Educação. Desde 2018, o Prêmio Educador Nota 10 é associado ao Global Teacher Prize, prêmio global de Educação.

A pesquisadora, no ano de 2019 elaborou e realizou o projeto Pé de Livros entre amigos, o qual obteve a premiação no Educador Nota 10, o destaque foi que a partir das ações desenvolvidas formou-se uma comunidade de leitores de literatura entre estudantes, equipe escolar e comunidade. Prêmio que levou o nome da pesquisadora e da cidade de Franca a reconhecimento nacional, mas, principalmente, fez com que a leitura literária ocupasse lugar de destaque nas reportagens vinculadas na mídia.

Vidas foram transformadas pela leitura de clássicos brasileiros e mundiais. “Projeto que saltou as paredes da sala de aula, os muros da escola e limites geográficos. Projeto que beneficiou estudantes, familiares e comunidade” (Mozetti; Piana, 2022, p. 3).

Um projeto de leitura precisa considerar o gosto e as vivências de cada leitor. “Deve levar em conta a história pessoal e a história de leitura de cada um, considerando tanto as leituras da realidade como os limites impostos pelo mundo concretamente vivido por elas” (Mozetti; Piana, 2022, p. 3). A leitura literária precisa ter a missão de formar leitores, assim como afirma o Cenpec - Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária,

A literatura é matéria privilegiada para motivar e formar leitores, por ser linguagem que se oferece a múltiplas interpretações. Ela funde harmoniosamente realidade

² “Criado em 2002 pelo Itaú Social e o Cenpec - Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária, com o objetivo de contribuir para a melhoria da leitura e escrita de estudantes de escolas públicas brasileiras, o Programa Escrevendo o Futuro transformou-se em política pública em 2008, por meio da parceria com o Ministério da Educação e a realização da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro” (Escrevendo o Futuro, 2021, p. 1).

³ “O Prêmio Educador Nota 10 foi criado em 1998 pela Fundação Victor Civita que, desde 2014, realiza a premiação em parceria com Abril, Globo e Fundação Roberto Marinho. Reconhece e valoriza professores da Educação Infantil ao Ensino Médio e coordenadores pedagógicos e gestores escolares de escolas públicas e privadas de todo o país” (Krause, 2020, p. 1).

⁴ Um dos principais grupos de Educação Básica do país. (A autora, 2024).

fantasia — sendo um material inestimável na formação do indivíduo em sociedade — , toca primeiro a emoção e depois leva à reflexão, à análise, à interpretação e até mesmo à produção de outros textos. [...] O texto literário é matéria criativa e “reveladora”, capaz de inquietar prazerosamente os educadores para o gosto da leitura, experiência esta que naturalmente eles podem promover junto aos alunos e à comunidade, acentuando que a leitura de textos literários permeia todas as formas de conhecimento: a literatura está sempre voltada para a condição humana e a serviço da vida (América dos Anjos Marinho, de Livros, Leituras e Leitores. Cenpec, 2005, p. 9).

Enquanto arte, a literatura atua diretamente na formação dos leitores, pois desenvolve emoções, desperta sentimentos, a criatividade e criticidade, assim é um hábito que deverá ser presença constante na vida das pessoas.

De acordo com Mozetti e Piana (2022, p. 5), “o Projeto desenvolveu competências leitoras, conseqüentemente escritoras, formando uma comunidade leitora, que lê, aprecia, socializa e propaga as obras lidas e vivenciadas”, os autores Oliveira e Queiroz ressaltam a importância do ensino da literatura no âmbito escolar:

O ensino de leitura deve ir além do ato monótono que é aplicado em muitas escolas, de forma mecânica e muitas vezes descontextualizado, mas um processo que deve contribuir para a formação de pessoas críticas e conscientes, capazes de interpretar a realidade, bem como participar ativamente da sociedade (Oliveira; Queiroz, 2009, p. 2).

A literatura, na maioria das vezes, na escola, é algo realizado para cumprir exigências, atividades pedagógicas descontextualizadas, ainda é trabalhada de forma tradicional, sem diálogos e reflexões sobre a obra, apenas a serviço de responder a questões sem significado para o leitor.

Em notícia publicada, sobre a premiação realizado pela pesquisadora, o Site da Fundação Vitor Civita⁵ ressaltou que,

Nas aulas da professora Rita Marta Mozetti Silva, os familiares são quase tão assíduos quanto as crianças. Estão sempre em contato com a sala, cientes das atividades diariamente. Podem dar sugestões, fazer perguntas, comentar. Nos projetos de literatura da professora – seu carro-chefe, como ela faz questão de ressaltar –, eles são extremamente engajados. E, dessa maneira, estimulam os filhos. Essa parceria com as famílias foi um dos pilares do projeto Pé de Livros Entre Amigos, que fez de Rita uma das vencedoras do Prêmio Educador Nota 10 em 2020. Na proposta didática realizada no ano passado, ela organizou debates literários e estimulou os alunos a resenham obras, para depois disponibilizar os livros em uma árvore da escola, verdadeiros frutos a serem colhidos por toda a comunidade. Professora do 5º ano da Escola Estadual Adalgisa de São José Gualtiéri, em Franca (SP), Rita precisou garantir a continuidade dessa parceria no contexto de isolamento social. Ela acredita que um dos grandes desafios das aulas remotas está em envolver os alunos no aprendizado. E os pais e

⁵ Entidade sem fins lucrativos, focada na melhoria da educação, por meio da valorização dos professores e incentivo ao trabalho docente, fundada em 1985. (A autora, 2024).

responsáveis, diz, são fundamentais nesse processo. Para garantir esse apoio, contou com sua experiência acumulada em outros anos (Fundação Vitor Civita, 2020, p. 2).

A experiência da pesquisadora com a literatura proporcionou momentos de conversas literárias sobre as obras lidas e as discussões eram realizadas entre estudantes, familiares e comunidade, o grande diferencial do projeto, pois formou-se uma comunidade de leitores de literatura.

O Projeto vencedor atendeu a área de Língua Portuguesa do 5º ano (Fundamental 1), foi realizado na Escola Estadual “Adalgisa de São José Gualtiéri”, em Franca- SP e “teve como foco a leitura de obras clássicas da literatura brasileira e mundial, Dom Quixote, Iracema, Os Três Mosqueteiros, Romeu e Julieta são alguns dos livros que permearam o universo dos estudantes” (Mozetti; Piana, 2022, p. 6).

Nesse sentido, Andréa Luize, coordenadora pedagógica do Instituto Vera Cruz, professora do curso de Pedagogia da mesma instituição e selecionadora do Prêmio Educador Nota 10 certificou que,

O diferencial da proposta é o foco na formação leitora dos alunos e não apenas a ampliação do repertório de livros lidos. Buscando constituir com seu grupo uma comunidade de leitores, Rita aposta nos alunos, no seu potencial de ler e de conversar, comentar e recomendar literatura. Entende que não basta a leitura, é preciso discutir literatura e aprender sobre ela para ampliar as possibilidades de apreciação. O trabalho estimula a produção de textos que realmente contribuem para formar leitores, como as indicações e resenhas, ao invés de fichas técnicas e resumos, tão usuais em outros projetos. Rita possui conhecimento sobre didática e sobre literatura, e assim circula bem na elaboração de sequências e na manutenção das “terças-literárias” como atividade permanente. Outro diferencial enorme está na forma como as famílias são envolvidas no projeto. Mães e pais são os primeiros a resenhar títulos do acervo e a partir daí uns vão contagiando uns aos outros, incentivando a leitura de obras literárias, que se torna, de fato, um hábito entre as crianças (Prêmio Educador Nota 10, 2020, p. 1).

Diante disso, a literatura não é algo estático, que existe apenas para cumprir tarefas, como intermináveis resumos, que são apenas uma reprodução da obra, enquanto arte, precisa ser dialogada, comentada, refletida entre os leitores, algo dinâmico que transforma pensamentos e atitudes.

A ideia do projeto surgiu durante uma sessão das terças-literárias (atividade de trocas de comentários, recomendações e retiradas de títulos para leitura individual) em que ela lia trechos de Dom Quixote, de Miguel de Cervantes. Os alunos se interessaram pela história e o gosto pela leitura logo se espalhou. “No projeto, as crianças produzem indicações de livros e resenhas em um processo cuidadoso que inclui etapas coletivas e revisões para aprimorar o texto” (Mozetti; Piana, 2022, p. 7).

Andréa Luize, em sua avaliação, ainda certificou que:

Crianças de 5º ano lendo e discutindo Dom Quixote, Iracema, Os três mosqueteiros, Romeu e Julieta! A professora Rita conseguiu a proeza nas terças-literárias, atividade de trocas de comentários, recomendações e retiradas de títulos para leitura individual. Tudo começou na sessão em que leu trechos do original de Cervantes. Os alunos se interessaram pela história e a educadora sugeriu boas adaptações da obra, para lerem sozinhos. Eles também produzem indicações de livros e resenhas em um processo cuidadoso que inclui etapas coletivas e revisões para aprimorar o texto. O gosto pela literatura se espalhou pela escola e uma árvore onde os livros são pendurados acolhe colegas de outros anos e visitantes de unidades próximas. A família se envolve nas leituras, participa dos encontros às terças, escreve indicações e colabora no vlog literário dos alunos. O Pé de livros já deu frutos: um projeto de leitura em voz alta nos recreios e em unidades escolares do entorno e um pedágio literário, em que as crianças entregam livros arrecadados em doações (Prêmio Educador Nota 10, 2020, p. 1).

De acordo com a faixa etária dos estudantes, muitos professores não ousam trabalhar com clássicos da literatura mundial, pois são obras que, na maioria das vezes, não fazem parte do cotidiano dos estudantes e assim, preferem as obras infantis, como os contos de fadas e não ampliam o universo e acervo literário. No Pé de livros, os estudantes e comunidade se deparavam com clássicos mundiais.

Uma árvore, na pracinha da escola, foi palco para dar ludicidade ao projeto, pois livros foram pendurados aos galhos para que os estudantes e comunidade pudessem “colher literatura diretamente do pé”. Encontros debaixo da sombra da árvore aconteciam semanalmente, nomeados como Terças-Literárias, por acontecer sempre às terças-feiras. Andréa, a selecionadora do prêmio, afirmou ainda que, “o projeto trouxe visibilidade não só para os estudantes, mas para toda uma comunidade que se tornou leitora. outro destaque da qualidade do projeto foi a ação de um Pedágio Literário que aconteceu no entorno da escola, em que os estudantes e familiares doaram livros para a comunidade” (Prêmio Educador Nota 10, 2020, p. 2).

Para que o projeto alcançasse novos leitores, foi elaborado um Vlog Literário em que os participantes indicavam obras literárias preferidas. O Vlog, encontra-se em uma plataforma de vídeo e sempre com novas visualizações.

Diante das ações, percebe-se que a Educação Literária vai além de formalidades pedagógicas, pois como afirma Coelho:

Explica que estamos com aqueles que dizem: sim. A literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola. (...) É do livro, à palavra escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação de consciência de mundo das crianças e dos jovens (Coelho, 2000, 15).

Enquanto agente de transformação, a literatura provoca inquietações, silêncios e promove diálogos reflexivos entre os leitores, ampliando o olhar para o mundo.

A experiência mostrou-se muito produtiva do ponto de vista pedagógico. O vínculo com as famílias tornou-se permanente. A selecionadora e avaliadora do Projeto, afirmou que o desempenho da pesquisadora na mediação do projeto teve como concepção a literatura enquanto arte⁶.

Diante de toda a repercussão que o Pé de livros atingiu, a responsabilidade da pesquisadora em levar a literatura para todos os cantos deste país tornou-se uma realidade, afinal foi constatado que realmente a leitura literária, quando realizada com fins de debate, pesquisa, reflexão, argumentação; “quando é comentada, recomendada e apreciada transforma vidas” (Mozetti; Piana, 2022, p. 4).

Assim, faz-se necessário conhecer o histórico da literatura, como essa literatura vem sendo trabalhada nas escolas e contribuir com formações de professores para que muitos pés de livros sejam plantados e seus frutos colhidos, lidos, apreciados e socializados. A pesquisadora tem uma responsabilidade social.

Abramovick ressalta a importância da literatura na formação da criança,

Como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e compreensão de mundo (...) é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve (Abramovich, 1993, p. 16).

Assim, diante da responsabilidade da pesquisadora em fomentar a leitura literária a partir de uma concepção humanizadora e emancipadora⁷ que leva a uma educação libertadora, nasceu a pesquisa que visa refletir a concepção dos professores sobre literatura em contexto escolar. Assim, fez-se necessário conhecer o histórico da literatura, como ela foi se construindo ao longo dos tempos o que é refletido na sequência.

⁶ “A professora Rita tem muita clareza de que o fato de ler para uma criança na escola não é suficiente para torná-la leitora de literatura”. Rita trabalha para que as crianças conheçam cada vez mais a literatura como expressão artística e aprendam a apreciá-la. “Isso favorece a formação de leitores. Seu mérito, está em colocar as crianças para conversarem sobre literatura, aprofundando-se nos personagens, nos enredos, aprendendo a contextualizar a obra no seu tempo, enxergando características de época no texto e indo muito além de opiniões. Com apoio das estratégias da professora, as crianças são estimuladas a escreverem resenhas e críticas literárias. Rita consegue criar uma comunidade literária, envolvendo outros educadores e alunos da escola, assim como suas famílias. Esse é um diferencial muito potente” (Prêmio Educador Nota 10, 2020, p. 1).

⁷ Emancipação para Paulo Freire implica o processo de transformação, autonomia e cidadania do indivíduo ou da pessoa humana. (A autora, 2024).

Nesse sentido, a pesquisa retrata a origem da literatura e as concepções que a ela foram atribuídas ao longo da história e como a sociedade influenciou no modo que a leitura literária foi sendo trabalhada nas escolas, abordou também a importância que ela tem no desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioemocionais na vida dos leitores de literatura, por isso a necessidade de repensar a leitura literária em contexto escola de modo que humanize, transforme e leve os estudantes ao protagonismo estudantil e assim, a uma educação libertadora.

De acordo com Coutinho (1978, p. 8), “a leitura literária auxilia o aluno no descobrimento do mundo e, conseqüentemente, em sua atuação na sociedade em questão”:

Em primeiro lugar, deve servir para ensinar a leitura: leitura expressiva, leitura interpretativa, leitura dialogada. Pondo, desde o início, o aluno em contato direto com o texto literário, fazê-lo adquirir a familiaridade com a língua e a coisa literária, levando-o a adquirir o gosto da literatura, a justa compreensão de seu valor e significado. [...] A leitura inteligente, e inteligentemente conduzida, tem por função justamente abrir o véu sobre esse mundo (Coutinho, 1978, p. 28).

A leitura propicia o desenvolvimento de habilidades na construção de conhecimentos, leitores ampliam a visão do mundo, desenvolvem não apenas o intelecto, mas o social, o emocional, a afetividade das pessoas, assim, “A literatura infantil é indispensável e deve ser utilizada pela escola de diversas formas para o desenvolvimento humano em todos os aspectos e sentidos” (Castro, 2024, p. 1).

De acordo com Amarilha (2012, p. 54), “a literatura possibilita o treinamento simbólico em dois níveis: um nível é o da palavra, quando chama a atenção sobre si mesma, pois a literatura é produto da linguagem em que a palavra é o elemento mais importante”; dessa formas, complementa-se que, “o outro nível em que atua é o da identificação com os personagens de uma narrativa que dá ao leitor ou ouvinte a possibilidade de suspender, transitoriamente, a relação com o cotidiano e viver outras vidas” (Amarilha, 2012, p. 54).

Farias, afirma que a literatura:

Faz suscitar o imaginário. Ter a curiosidade respondida é encontrar outras ideias para solucionar outras questões (como os personagens fizeram). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos, de um jeito ou de outro — através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (Farias, 2020, p. 1).

O imaginário propicia enxergar e entender o mundo de forma lúdica, essencial para o desenvolvimento da criança. A leitura literária desperta emoções, busca solucionar conflitos, por isso é essencial desde a mais tenra idade e deve ser rotina no contexto escolar.

A Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE) é uma “Lei publicada originalmente no portal da Câmara dos Deputados, que instituiu a Política Nacional da Leitura e Escrita e tem como objetivo a promoção do livro, da leitura, da escrita, da literatura e das bibliotecas de acesso público no Brasil” (Brasil, 2018, p. 1). Foi instituída a partir da sanção da Lei nº 13.696/2018 em 13 de julho de 2018 e é resultante de discussões realizadas ao longo de 10 anos por meio das atividades do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL). “Dentre suas diretrizes está o fortalecimento do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, no âmbito do Sistema Nacional de Cultura, promovendo as demais políticas de estímulo à leitura e ao conhecimento”. (Brasil, 2018, p. 1).

No artigo. 2º da PNLE, está explícita a universalização do direito ao acesso ao livro, à leitura, à escrita, à literatura e às bibliotecas. A Lei reconhece a “leitura e a escrita como direito de todos. Também trata da criação de políticas de estímulo à leitura a fim de possibilitar o exercício pleno da cidadania e promover a construção de uma sociedade justa” (Brasil, 2018, p. 1).

De acordo com o art. 3º estão claros os objetivos dessa publicação, são:

- I - Democratizar o acesso ao livro e aos diversos suportes à leitura por meio de bibliotecas de acesso público, entre outros espaços de incentivo à leitura, de forma a ampliar os acervos físicos e digitais e as condições de acessibilidade.
- II - Fomentar a formação de mediadores de leitura e fortalecer ações de estímulo à leitura, por meio da formação continuada em práticas de leitura para professores, bibliotecários e agentes de leitura, entre outros agentes educativos, culturais e sociais.
- III - Valorizar a leitura e o incremento de seu valor simbólico e institucional por meio de campanhas, premiações e difusão cultural do livro, da leitura, da literatura e das bibliotecas (Brasil, 2018).

A Base Nacional Comum Curricular, quando descreve os objetivos dos campos que devem ser explorados no ensino de Língua Portuguesa, o campo artístico-literário prevê que a ampliação e diversificação de práticas de leitura:

[...] Trata-se assim, de ampliar e diversificar as práticas relativas à leitura, a compreensão, a fruição e ao compartilhamento das manifestações artístico-literárias, representativas da diversidade cultural, linguística e semiótica por meio da compreensão das finalidades e dos interesses que movem a esfera artística literária, bem como das linguagens e mídias que dão forma e sustentação às suas manifestações

e da experimentação da arte e da literatura como expedientes que permitem (re)conhecer diferentes maneiras de ser, pensar, (re)agir, sentir e, pelo confronto com o que é diverso, desenvolver uma atitude de valorização e de respeito pela diversidade. (Brasil, 2017).

Diante disso, percebe-se que a literatura deve ser um direito de todos, a escola, por ser um ambiente de ensino formal, o ensino da leitura literatura deve ser presença constante nas ações dos profissionais.

Assim, a pesquisa inicia-se com a trajetória da pesquisadora que a levou a conquista o Prêmio Educador Nota 10, o maior e mais importante prêmio da educação básica brasileira, acredita-se que, ao contextualizar a conquista, é possível notar a concepção que a pesquisadora tem sobre a literatura e as ações realizadas com estudantes em contexto escolar⁸.

Quanto a originalidade, a tese defende a literatura enquanto direito inalienável e com a concepção de ser trabalhada enquanto arte para que haja transformação e humanização dos leitores em contexto escolar, propiciando uma educação libertadora.

Diante disso, a pesquisa tem como objetivo compreender a concepção dos professores sobre o trabalho com a leitura literária em contexto escolar e como é desenvolvido por eles junto aos estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental, ciclo I, da rede municipal de ensino de Franca-SP a partir de uma práxis libertadora proposta pelos estudos do educador Paulo Freire.

Assim, a segunda seção traz um histórico sobre a literatura ao longo dos tempos, como surgiu e a quais demandas e necessidades da sociedade ela veio suprir. Ao percorrer a história é possível reafirmar o valor e a essencialidade do trabalho com a leitura literária em contexto escolar desde a mais tenra idade, pois de acordo com os estudos, ela tem o poder de transformar e humanizar pessoas.

Assim, terceira seção aborda vida e obra do educador e patrono da educação brasileira, acredita-se ser importante conhecer a trajetória de Freire para que se entenda a concepção crítica que ele traz sobre a educação e que é o método utilizado por esta pesquisa para analisar e compreender os dados e os resultados encontrados pela pesquisadora ao longo dos estudos.

A quarta seção apresenta a metodologia utilizada, resultado das entrevistas realizadas com professores da rede pública municipal de ensino da cidade de Franca-SP, a concepção que possuem sobre o trabalho com a leitura literária nas unidades escolares que atuam e os dados são analisados e interpretados diante de uma abordagem qualitativa e analisados através de uma análise crítica tendo a teoria do educador Paulo Freire como base reflexiva.

⁸ É necessário destacar que a educação brasileira atende a interesses econômicos e mercadológicos de grandes corporações empresariais nacionais e internacionais e ideologicamente controlada pelas classes dominantes. (A autora, 2024).

E por fim, o apêndice apresenta um plano de ação sugerido pela pesquisadora a partir das vivências e experiências do trabalho com a leitura literária que alcançou resultados positivos e que contribuiu com a formação de uma comunidade de leitores e leitoras de literatura. E assim, a tão sonhada emancipação, desejada e construída por Paulo Freire, dos alunos e professores possa realmente acontecer.

2 LITERATURA: A CONCEPÇÃO AO LONGO DA HISTÓRIA E A IMPORTÂNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR PARA O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM

“A literatura é como a vida: acontece na nossa frente, independentemente de nós (e de nossas “faixas etárias”) e, ao mesmo tempo, acontece dentro de nós”.

(Ricardo Azevedo, 2022, p. 3)

Ao longo da história, a humanidade sempre se utilizou das histórias para explicar fenômenos que ainda não tinham sido explicados pela ciência. Na formação das crianças, as histórias existiam para ensinar moral e bons costumes, pois acreditava-se que, através dos exemplos e ocorridos com as personagens, despertaria nos pequeninos boas ações.

Diante disso, Silva em síntese destaca a importância da literatura infantil,

A importância da leitura de literatura infantil dentro e fora da escola, no meio social, não apenas para que o indivíduo se aproprie do conhecimento historicamente acumulado, mas para que seja capaz de agir compreendendo, interpretando e transformando a realidade à sua volta, ampliando, assim, seu próprio conhecimento de mundo (Silva, 2009, p. 11).

A leitura literária é capaz de transformar a realidade, uma vez que, o leitor passa a se identificar com o personagem, com os acontecimentos e assim, percebe sua realidade e atua para transformá-la.

Candido afirma que: “Através da leitura de narrativas literárias, os educandos são inseridos nos universos de histórias de ficção, desta forma, inserido no mundo da arte da palavra e a identificando como ato responsivo, e sendo leitor ativo, evidencia-se uma responsabilidade”. Assim, leitor e obra dialogam e é preciso que a escola e o professor tenham consciência desta arte de maneira que se tornem mediadores entre os leitores e as histórias.

Para Cerqueira o professor é mediador:

Professor no papel de mediador de leitura, ou seja, de acordo com os recursos dos quais dispõe, deve propor as atividades prévias segundo o universo circundante do aluno, a cultura, a vivência, juntamente com o texto literário, isto é, elementos da cultura do aluno que possam ser evocados pela/na cultura da narrativa literária (Cerqueira, 2021, p. 5).

Desta forma, ao atuar como mediador(a), o professor possibilita que o estudante perceba a obra e se perceba nela, estabelece uma ponte entre o que o estudante já sabe e vivencia com os acontecimentos narrados na história. Desta forma, Freire destaca que,

Respeitar a leitura de mundo do educando não é também um jogo tático com que o educador ou educadora procura tornar-se simpático ao educando. É a maneira correta que tem o educador de, com o educando e não sobre ele, tentar a superação de uma maneira mais ingênua por outra mais crítica de entender o mundo. Respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento. É preciso que, ao respeitar a leitura do mundo do educando para ir mais além dela, o educador deixe claro que a curiosidade fundamental à inteligibilidade do mundo é histórica e se dá na história, se aperfeiçoa, muda qualitativamente, se faz metodicamente rigorosa. E a curiosidade, assim, metodicamente rigorizada, faz achados cada vez mais exatos. No fundo, o educador que respeita a leitura de mundo do educando, reconhece a historicidade do saber, o caráter histórico da curiosidade, desta forma, recusando a arrogância cientificista, assume a humildade crítica, própria da posição verdadeiramente científica (Freire, 1996, p. 34).

Percebe-se que apenas enquanto arte a leitura literária realiza a função de transformar e humanizar, pois une a cultura que o estudante está inserido e amplia a visão de mundo, possibilitando o contato com culturas diferentes percorrendo o universo da leitura. Diante disso, Mozetti (2022, p. 2) afirma que “a literatura auxilia a afirmar identidades e age também, como uma ferramenta de inclusão”.

Antunes afirma que a leitura tem o poder de transformar o leitor,

A leitura nos dá o poder de emersão, nos confere o poder de enxergar e perceber o que nos circunda, a fim de, como cidadãos, assumirmos nossos diferentes papéis na construção de uma sociedade que respeite a lógica do bem coletivo e dos valores humanos (Antunes, 2009, p. 193).

Desse modo, o leitor se coloca diante de sua realidade e confronta com o que lê e reflete sobre seu cotidiano, atitudes e vida.

Candido (1989, p. 117), afirma que “todo o processo da formação humana está diretamente ligado à literatura, uma vez que ela está vinculada à pessoa leitora, contribuindo para seu senso ético e estético, desenvolvendo criticidade, sentimentos e emoções”

Através da afirmação do autor evidencia-se o poder que a literatura tem em despertar no leitor sensações que resgatam valores, autoestima, leva a importantes reflexões não só da individualidade, mas também da coletividade, olha para si, mas para o outro também. Fruir, estética, criticidade, sentimentos e emoções são despertados por meio da arte.

Para Paiva e Oliveira a literatura é arte e como toda arte,

A literatura infantil é arte. E como arte deve ser apreciada e corresponder plenamente à intimidade da criança. A criança tem um apetite voraz pelo belo e encontra na literatura infantil o alimento adequado para os anseios da psique infantil. Alimento, esse, que traduz os movimentos interiores e sacia os próprios interesses da criança (Paiva; Oliveira, 2010, p. 2).

Partindo dos pressupostos dos autores citados, é fundamental reconhecer a importância que a literatura possui na vida das pessoas, é uma arte que proporciona reflexão, desenvolve competências cognitivas e socioemocionais, pois muitas vezes, o leitor se coloca no lugar dos personagens, se identifica com eles e imita a arte para resolver problemas da vida real, desenvolvendo assim, a criticidade e criatividade que são habilidades necessárias para a formação integral do ser humano.

Assim, Abramovich ressalta:

É a cada vez e se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança) e assim esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar caminhos para resolução delas (Abramovich, 1993, p. 17).

Evidencia-se que, enquanto arte, a literatura liberta por meio dos questionamentos que o leitor mantém entre ele e a história, a partir desta interação, o leitor se percebe no mundo e, muitas vezes, encontra soluções para os problemas imitando a arte literária.

Conforme exposto por Sosa (1978, p. 19), “não é a moral da história que fica registrada como experiências de conhecimento, mas o que fica registrada na alma da criança é o acontecimento dramático da fábula, as espertezas e astúcia embutidas nas ações das personagens”. A leitura deixa registrado o drama, que dialoga com o íntimo da pessoa leitora e colabora para um desenvolvimento pleno de sua humanidade. De encontro a isto, Paiva; Oliveira (2010, p. 3) confirmam que “a educação moral não é aplicada na vida da criança por meio de suas leituras, mas sim, por meio de suas próprias experiências com a vida e ações”.

Nota-se que, ao ler uma obra, muitas vezes, o professor tem como intencionalidade que o estudante retire um ensinamento, uma moral como sinal de aprendizagem e de leitura realizada, mas conforme nos confirma os estudos realizados, não é a moral que permanece ao término da leitura, mas a vivência, a relação que o estudante faz da vida com a história lida.

Conforme exposto por Vargas (2000, p. 6), “ler é intertextualizar o mundo do leitor com o conhecimento que a leitura realizada oferece, transformando, assim, sua própria percepção de mundo”.

De tal forma, ainda conforme Vargas, ler significa unir o mundo real com o imaginário contido nas leituras, “colher conhecimentos e o conhecimento é sempre um ato criador, pois me obriga a redimensionar o que já está estabelecido, introduzindo meu mundo em novas séries de relações e em um novo modo de perceber o que me cerca” (Vargas, 2000, p. 6).

Diante disto, Mozetti (2022, p. 7), ressalta,

A leitura literária é a porta de entrada para novos saberes, deve ir além de clichês como “Quem lê, viaja”, mas que transforme em hábito, atitude de vida e esteja presente nas conversas em família, nas rodas de amigos e em todas as práticas sociais. Como não se identificar com Dom Quixote de Miguel de Cervantes⁹, por exemplo? Em que fantasia se une com realidade, obras em que a arte imita a vida, portanto, a leitura literária, deve ser humanizadora (Mozetti, 2022, p. 7).

A leitura abre caminhos para que as pessoas sejam protagonistas de suas histórias, não só pensando no mundo do trabalho, mas possibilidade de ser agentes de suas próprias experiências.

Conforme exposto por Coelho (2000, p. 27), “a literatura infantil possibilita que as crianças consigam redigir melhor, desenvolvendo sua criatividade, pois o ato de ler e o ato de escrever estão intimamente ligados,” e desta maneira, o autor ainda complementa que “a literatura infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização (Coelho, 2000, p. 27).

Paulo Freire (2000), em sua obra “A importância do ato de ler: em três artigos que se completam” nos expõe que:

[...] a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. [...] este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente (Freire, 2000, p. 13).

Diante da afirmação de Freire, percebe-se que, ao ler a pessoa desenvolve sua cidadania, é mais ativa, participativa e dinâmica, a leitura não só propicia entretenimento, mas traz dignidade ao ser, para interagir com as coisas do mundo, ter consciência da realidade em que vive e transformá-la é necessário ser um leitor. Ser leitor está associado a ter voz e vez em uma sociedade que exige a leitura em todos os momentos, o mundo é todo letrado. Não ler pode estar associado a passividade.

Sobre literatura, Candido afirma que “não há viver sem literatura, sem sonhar e fabular, não há pessoas que não se entregam ao imaginário e a literatura tem esse poder”. Observa-se que, diante da leitura o leitor sonha, fantasia e imagina, como arte, a literatura possui o encantamento das palavras e portanto, tem o poder de retirar o leitor por alguns instantes do

⁹ Dom Quixote é uma obra escrita pelo espanhol Miguel de Cervantes (1547-1616), publicada em Madrid, em 16 de janeiro de 1605. (A autora, 2024).

real e ter contato com o imaginário, necessário para o desenvolvimento da criatividade e criticidade.

Portanto, Candido apresenta o seguinte posicionamento em relação ao poder da literatura,

Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente de nossa vontade. E, durante a vigília, a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, causo, história em quadrinho, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. [...] Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente (Candido, 2004, p. 176).

A criança que é estimulada a ler, interage com o mundo a sua volta e, ludicamente, percebe que é possível transformar vontades em realidade. A leitura literária infantil é indispensável na formação e crescimento das crianças, pois envolve fantasia, magia e ludicidade, imitando a arte, a criança vai se socializando, assim, “A literatura infantil na fase inicial da aprendizagem da criança tem função formadora e socializadora” (Zilberman; Lajolo, 1985, p. 25).

Portanto, a literatura enquanto arte, promove que os leitores tenham momentos de fuga da realidade, fazendo com que os problemas cotidianos sejam amenizados quando se entregam a leitura. Conhecer os benefícios da leitura literária é fundamental para que ela ocupe lugar de destaque nas rotinas escolares.

Para Paiva e Oliveira a escola tem a função de explorar, conhecer e interagir com os vários gêneros textuais:

A escola precisa ensinar o aluno a explorar o texto e dominar a multiplicidade de gêneros textuais, pois o neoleitor não possui habilidade linguística como um leitor proficiente. Para isso, espera do educador, além da leitura prévia do material oferecido ao aluno, que este, ofereça diferentes gêneros textuais para a degustação de leitura para o leitor (Paiva; Oliveira, 2010, p. 4).

De acordo com os autores, é importante que a escola ofereça ao estudante o contato com os diferentes gêneros textuais de modo que ele perceba as características de cada gênero e possa não apenas diferenciá-los, mas ser capaz de saber onde e quando utilizá-los em situações práticas cotidianas.

Desta forma, percebe-se que, nem sempre a escola está preparada e voltada para a formação de leitores de literatura, pois nota-se que acaba não proporcionando encontros significativos dos/as educandos/as com as obras.

Paiva e Oliveira ainda ressaltam que o leitor precisa encontrar significado quando em contato com a leitura,

O leitor quando envolvido numa relação de interação com a obra literária, encontra significado quando lê, procura compreender o texto e relaciona com o mundo à sua volta, construindo e elaborando novos significados do que foi lido. Só assim, a leitura pode contribuir de forma significativa numa sociedade letrada, no exercício da cidadania e no desenvolvimento intelectual (Paiva; Oliveira, 2010, p. 5).

O leitor de literatura em contexto escolar tem a possibilidade de compreender melhor o mundo a sua volta, é possível que ele, compreenda melhor a realidade em que vive e tenha condições de transformá-la. Quando a literatura faz parte da rotina escolar, os estudantes têm a oportunidade de ampliar conhecimentos e relacioná-los com os conteúdos estudados nas diversas áreas do conhecimento. Para que isto aconteça é preciso que a literatura seja trabalhada enquanto arte que transforma e humaniza, mas para isso é preciso pensar sobre o letramento literário;

Podemos pensar sobre o letramento literário no sentido que a literatura nos letra e nos liberta, apresentando-nos diferentes modos de vida social, socializando-nos e politizando-nos de várias maneiras, porque nos textos literários pulsam forças que mostram a grandeza e a fragilidade do ser humano; a história e a singularidade, entre outros contrastes, indicando-nos que podemos ser diferentes, que nossos espaços e relações podem ser outros. O outro nos diz a respeito de nós mesmos – é na relação com o outro que temos oportunidade de saber de nós mesmos de uma forma diversa daquela que nos é apresentada apenas pelo viés do nosso olhar (Goulart, 2007, p. 64).

A leitura atrelada ao prazer, ou seja, a leitura prazerosa, mantém a aquisição de conhecimentos dos/as leitores/as, estimula curiosidade, abre para novas informações e conhecimento de mundo, emoções, sociabilidade e libertação e emancipação do ser.

Antonio Candido, nos anos de 1980, já apontava que,

A “literatura é um bem indispensável à nossa humanização, pois realiza funções fundamentais para o desenvolvimento enquanto ser humano, de modo que a literatura estimula e alimenta a imaginação do ser, age de forma provocativa, ao ponto de estimular e desenvolver o exercício da alteridade (quando nos colocamos no lugar de outra pessoa, as personagens, por exemplo); desenvolve também o repertório linguístico, a forma de comunicação e desenvolvimento com o mundo.

Diante disso, pode-se afirmar que, a literatura é fundamental para a formação do ser humano e tem influência direta no desenvolvimento dos aspectos cognitivos e socioemocionais, além de ampliar e enriquecer o vocabulário. Quando o estudante se identifica com a

personagem, é capaz de se colocar no lugar dela e buscar algumas respostas para os conflitos cotidianos.

Assim, Fernandez ressalta a importância de oferecer aos alunos uma diversidade de gêneros textuais como garantia de direitos:

Mas para garantir o direito humano à literatura, não basta ter a diversidade de gêneros literários, é necessário também garantir a diversidade cultural. É preciso ter produções das diferentes culturas circulando: indígenas, ciganas, africanas, afro-brasileiras, afro-indígenas, europeias, asiáticas, norte-americanas, latino-americanas, brasileiras, populares e eruditas, em todas as suas expressões (Fernandez, 2020, p. 1).

Diante disso, a literatura deve proporcionar o contato com diferentes culturas, é possível observar que, professores se utilizam de obras literárias para desenvolver alguns temas com os estudantes, geralmente em datas comemorativas ou de acordo com a demanda de tema que surgem ao longo do ano escolar.

Candido defende que “a literatura é, ou ao menos deveria ser, um direito básico do ser humano, pois a ficção/fabulação atua no caráter e na formação dos seres”. Portanto, se é um direito basta que as escolas se preparem para que este direito seja cumprido de maneira significativa proporcionando momentos de interação e diálogos entre os estudantes a partir da obra lida.

O autor questiona sobre a importância de se assegurar o direito à literatura,

Os direitos humanos são aqueles relacionados à alimentação, moradia, vestuário, instrução, saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência a opressão, bem como o direito à crença, à opinião, ao lazer. Estes são bens que asseguram a sobrevivência física e integridade espiritual, indo a este encontro, por quais razões de não assegurarem o direito à arte e à literatura? (Candido, 1972, p. 803).

A literatura para o autor, deveria ser um direito assim como é a moradia, a saúde, pois as pessoas precisam destes bens para que desenvolvam a liberdade de expressar e participar da vida em sociedade. Diante disso, a literatura precisa ser trabalhada de modo que leve os estudantes a se tornarem críticos, participativos e conscientes da realidade em que vivem. Se for trabalhada para que seja reprodutora de ideias e tarefas escolares não atingirá o que se espera dela, que é a transformação deste leitor e cidadão.

O autor Antonio Candido ressalta que “a apreciação da literatura possui uma função integradora em relação à formação humana e transformadora em relação aos seus pontos de referência à realidade” (Candido, 1972, p. 803).

Assim como destacado por Morin (2017), existe extrema necessidade de um ensino educacional que contribuía de forma incisiva e ativa na formação de seres humanos pensantes e criativos, que atribuam sentido ao que leram. Rego, ao tratar da cultura da humanidade afirma que fruição faz parte da literatura:

O estudo da linguagem, através das formas literárias, leva o homem diretamente ao caráter mais original da condição humana, pois, pelo poder da linguagem, a literatura põe o fruidor em comunicação com o mistério, levando-o a experimentar a dimensão estética da existência e a ver o mundo com um olhar inaugural (Rego, 2021, p. 5).

Portanto, como manifestação artística a literatura expressa a beleza, os sentimentos e as emoções, por isso, ela desperta no leitor o poder de fruir, precisa ser por prazer e não estar a serviço de atividades meramente pedagógicas em que ao invés, de dialogar com os estudantes apenas produzem resumos sem sentido algum. Literatura que leva a transformação e humanização precisa ser apreciada e comentada.

De acordo com Candido, a literatura leva a humanização,

Humanização é o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (Candido, 1989, p. 22).

Se a literatura desperta nas pessoas a humanização, observa-se que a presença dela em contexto escolar é fundamental para que a escola se torne um ambiente propício ao desenvolvimento de habilidades necessárias a formação integral dos estudantes, e como se trata de um direito deve chegar ao estudante artisticamente, para fazer com que ele se perceba e perceba os outros ao seu redor, perceba também as coisas do mundo e como interagir de forma sustentável com os bens naturais e aqueles criados pela humanidade ao longo dos tempos.

Santos explica o que é a literatura na concepção de Candido,

Candido destaca que chama de literatura, nesse texto, tudo aquilo que tem toque poético, ficcional ou dramático nos mais distintos níveis de uma sociedade, em todas as culturas, desde o folclore, a lenda, as anedotas e até as formas complexas de produção escritas das grandes civilizações. E defende a ideia de que não há um ser humano sequer que viva sem alguma espécie de fabulação/ficção, pois ninguém é capaz de ficar as vinte quatro horas de um dia sem momentos de entrega ao “universo fabulado” (Santos, 2015, p. 1).

Textos literários leva o leitor a fruir, imaginar, se encantar ou se inquietar, por isso, pensar um ser humano que seja privado do direito à literatura é pensar em alguém que não poetiza a si, aos outros e ao mundo, é um ser alienado as questões sociais e a sua própria existência. Muitas vezes, as pessoas precisam da arte para dar fuga à realidade, impossível viver a correria do dia a dia sem dedicar algumas horas para ler um poema, conto, fábula e demais gêneros literários.

Sobre a literatura, Candido ainda afirma que,

A literatura parece corresponder a uma necessidade universal, que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza, desta forma, se torna importante frisar que esta literatura precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. A literatura é o sonho acordado da civilização, e que há equilíbrio social sem a literatura. (Candido 1989, p. 112).

Fugir da realidade, imaginar situações, conhecer culturas diferentes, vivenciar costumes em épocas distantes são apenas algumas funções proporcionadas pela literatura enquanto arte. Nota-se que, as escolas ainda veem a literatura como algo para cumprir tarefas e que se der tempo na rotina, ela pode ser encaixada, assim, percebe-se que enquanto não percebida sua necessidade não haverá transformação, humanização e libertação.

De tal forma, nota-se como a literatura se torna um fator indispensável para humanização e libertação do ser:

A literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (Candido, 1995, p. 113).

Portanto, nota-se que não existe um currículo escolar significativo que não seja pautado na qualidade e desenvolvimento de uma pedagogia crítica que não tenha a literatura como aliada na conquista de uma aprendizagem consolidada. Ao dialogar com os trechos relevantes das obras pelos estudantes, há um despertar da consciência crítica ao se deparar com situações não aceitáveis em sociedade como questões de desigualdade social, preconceito, bullying, racismo e questões religiosas, cuja complexidade dos temas, quando pautadas com o apoio da literatura se revelam de maneira contextualizadas para que os estudantes tomem consciência. Assim, abre-se para o diálogo e possíveis soluções para os conflitos.

Candido menciona o papel formador que a literatura desenvolve e a tomada de consciência da própria realidade,

O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante (Candido, 1995, p. 117).

Nota-se que a literatura potencializa a questão dos direitos humanos à medida que estudantes se identificam com as questões que se deparam no dia a dia, quando experienciada em contexto escolar de maneira dialógica, é possível que concluam que muitos direitos dos cidadãos são negados ou desrespeitados, diante disso, esta pesquisa propõe uma reflexão sobre a importância de vivenciar a literatura de maneira artística em contexto escolar, evidencia-se a necessidade de conhecer o histórico da literatura ao longo dos tempos para que se compreenda sua prática atual.

2.1 A Literatura Infantil: para vivenciar, experienciar e relacionar com o mundo a volta

Este trabalho, até o momento contextualizou a importância da literatura para a formação do ser humano e que ela é um direito a todo cidadão. Assim de acordo com Abramovich (1991, p. 22), “se faz extremamente importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias”. Estudos apontam que contar histórias é uma arte milenar, assim, a escola precisa ser um local em que se conta história e coloca os estudantes para contar, a criança transforma o que ouve em brincadeiras e interações. Abramovich (1991, p.23) complementa que: “a escuta de histórias é o início da aprendizagem para ser um leitor e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo”.

A criança passou a ser diferente do adulto somente a partir do século XVIII, com suas características próprias, distanciando da vida adulta e recebendo uma educação diferenciada. Assim, Silva apresenta um conceito de criança,

A criança é o indivíduo inocente e dependente do adulto devido à sua falta de experiência com o mundo real. Até hoje, muitos ainda têm essa concepção da infância como o espaço da alegria, da inocência e da falta de domínio da realidade. Os livros que trazem essa concepção são escritos, então, com o objetivo de educar e ajudar as crianças no enfrentamento da realidade (Silva, 2009, p. 15).

De acordo com a psicologia da aprendizagem¹⁰, a infância é tratada como uma etapa de preparação para o pensamento e atingir da vida adulta. O pensamento infantil não possui lógica racional e a literatura infantil se adequa às fases do raciocínio da criança, fato que se percebe até pela forma em como livros são catalogados e selecionados.

Diante disso, Corsino ressalta,

Ler o mundo, ouvir histórias são fatores que influenciam na formação do leitor, “uma vez que a formação do leitor se inicia nas suas primeiras leituras de mundo, na prática de ouvir histórias narradas oralmente ou a partir de textos escritos, na elaboração de significados e na descoberta de que as marcas impressas produzem linguagem” (Corsino, 2009, p. 57).

Em contexto escolar a contação de histórias precisa fazer parte da rotina das crianças, interessante, preparar espaços lúdicos, sentar-se no chão, debaixo de uma árvore, utilizar diferentes espaços da escola favorece o imaginário.

Com Fenélon, no século XVII, surgiu a literatura infantil, com o intuito de educar moralmente as crianças. A estrutura maniqueísta objetivava demarcar de forma clara o que seria o “bem”, o que deveriam aprender, e o que seria o “mal”, que deviam desprezar. Nesta “tradição” se encaixavam os contos de fadas, fábulas e diversos textos contemporâneos. A partir disto a literatura infantil constituiu-se como gênero, em meio às repercussões artísticas e transformações sociais.

Silva reflete a história da literatura mediante o que se esperava de uma criança:

A história da literatura infantil inicia-se em meados do século XVIII, de acordo com o desenrolar da concepção de criança que se tinha na época, sendo que a origem dessa literatura tem uma ligação estreita com a Pedagogia; dessa forma, confunde-se muito seu caráter artístico com sua função didático-pedagógica (Silva, 2009, p. 12).

Em 1697, Charles Perrault levou ao público história e contos de tempos passados na obra “Contos da Mamãe Gansa” também conhecida como “Histórias do tempo antigo”. De tal forma, ganharam forma editorial as famosas histórias:

¹⁰ “A psicologia da aprendizagem estuda o complexo processo pelo qual as formas de pensar e os conhecimentos existentes numa sociedade são apropriados pela criança” (Gonçalves, 2024, p. 1).

A Bela Adormecida no bosque¹¹, Chapeuzinho Vermelho¹², O Gato de Botas¹³, As Fadas¹⁴, A Gata Borracheira¹⁵, Henrique do Topete¹⁶ e O Pequeno Polegar¹⁷.

Zilberman ressalta a importância da concepção de criança para alicerçar o trabalho com a literatura infantil,

[...] a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só acontece em meio à Idade Moderna. Esta mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros (Zilberman, 1985, p. 10).

As crianças eram tratadas como pequenos adultos, vestiam-se, trabalhavam e eram vistas em ambientes sociais próprios para adultos. Somente a partir do século XVIII, a criança é vista como diferente do adulto e passa a receber uma educação própria a sua faixa etária e que a preparasse para a vida em sociedade.

Nesse momento, a criança é vista como um indivíduo que precisa de atenção especial que é demarcada pela idade.

Sobre a infância, Silva diz que,

O adulto passa a idealizar a infância. A criança é o indivíduo inocente e dependente do adulto devido à sua falta de experiência com o mundo real. Até hoje, muitos ainda têm essa concepção da infância como o espaço da alegria, da inocência e da falta de domínio da realidade (Silva, 2009, p. 3).

Assim, a literatura surge para moralizar, ensinar regras e civilizar as crianças, quando a criança passa a ser tratada de acordo com suas peculiaridades e de acordo com sua faixa etária, respeita-se as infâncias e percebe-se que se trata de trazer a ludicidade para o desenvolvimento das crianças e a literatura precisava acompanhar a mudança de concepção de criança.

¹¹ “Clássico conto de fadas, dos irmãos Grimm de 1812, existe também a versão do escritor francês Charles Perrault de 1697 intitulada “A Bela Adormecida no Bosque” (Leite, 2023, p. 1).

¹² “Chapeuzinho Vermelho é um conto de fadas clássico, cujas origens podem ser traçadas a fábulas europeias do século X. Publicada pela primeira vez pelo francês Charles Perrault, e depois pelos Irmãos Grimm” (Leite, 2023, p. 1).

¹³ “O Gato das Botas é um conto de fadas de autoria do escritor francês Charles Perrault, publicado em 1697” (Leite, 2023, p. 1).

¹⁴ “As Fadas conto de Charles Perrault, publicado em 1697” (Leite, 2023, p. 1).

¹⁵ “Cinderela é um dos contos de fadas mais populares da humanidade. A versão mais conhecida é a do escritor francês Charles Perrault, de 1697, baseada num conto italiano popular chamado La gatta cenerentola (A gata borralheira). A mais antiga é originária da China, por volta de 860 a.C. Semelhante à versão de Charles Perrault é a versão dos Irmãos Grimm” (Leite, 2023, p. 1).

¹⁶ “É um conto popular, a versão mais famosa é a de Charles Perrault de 1697” (Leite, 2023, p. 1).

¹⁷ “O Pequeno Polegar é conto de fadas, não se sabe quem o contou pela primeira vez. Foi recontado pelo escritor Charles Perrault” (Leite, 2023, p. 1).

Ainda, de acordo com Silva os livros objetivam colaborar com o desenvolvimento das crianças:

Os livros que trazem essa concepção são escritos, então, com o objetivo de educar e ajudar as crianças no enfrentamento da realidade. Já com a Psicologia da Aprendizagem, a infância é tratada como uma etapa de preparação do pensamento para a vida adulta (Silva, 2009, p. 3).

Observa-se ao longo da história que os livros sempre tiveram o objetivo de ensinar algo para as crianças, principalmente questões relacionadas a tema como amizade, bom comportamento e obediência. A leitura não era utilizada como fruição, mas como forma de educar por meio das ações das personagens.

Zilberman vai de encontro aos posicionamentos e definições de Silva (2009) e complementa que,

A imagem da criança é, assim, o reflexo do que o adulto e a sociedade pensam de si mesmos. Mas este reflexo não é ilusão; tende, ao contrário, a tornar-se realidade. Com efeito, a representação da criança assim elaborada transforma-se, pouco a pouco, em realidade da criança. Esta dirige certas exigências ao adulto e à sociedade, em função de suas necessidades essenciais (Zilberman, 1985, p. 25).

Assim, a literatura era vista como grande aliada dos adultos para ensinar civilidade às crianças, ao mudar a concepção de criança, a literatura precisou se adequar a realidade infantil, mas não perdeu o caráter moralizador e pedagógico em que era realizada apenas com o intuito de educar para obedecer às regras da sociedade.

Ao final do século XVII surgiram na França os contos de fadas mais conhecidos, Perrault editou narrativas folclóricas contadas pelos camponeses, em que tirava as passagens obscenas, conteúdos sobre incesto e canibalismo. Charles moralizou e adequou histórias.

Para pensar a literatura infantil, é necessário pensar no seu leitor: a criança. Até o século XVII, as crianças conviviam igualmente com os adultos, não havia um mundo infantil, diferente e separado, ou uma visão especial da infância. Não se escrevia, portanto, para as crianças (Silva, 2009, p. 15).

A literatura então, apenas escrita para adultos, não contemplava a infância, crianças não liam os temas adultos e os adultos não liam para as crianças, era preciso voltar as atenções para a nova concepção de criança e começar a escrever livros para elas. O foco então, foi para os livros pedagógicos.

De acordo com Cunha (1987, p. 23), “no Brasil, a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e, sobretudo, adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias”.

Produções literárias que não atendiam o contexto e a realidade das crianças brasileiras, para atender aos interesses de Portugal, a literatura oferecida não atendia as infâncias da época, mantinha na leitura a passividade e dependência que esperavam do povo brasileiro, assim começam a instruir as crianças por meio da leitura literária.

Em Cademartori (2010) é possível verificar que a origem da literatura brasileira está, na literatura escolar que passou a ser produzida por professores brasileiros, com o objetivo de ensinar valores sociais e morais e boa conduta para as crianças a partir do século XIX.

Monteiro Lobato¹⁸ foi responsável por uma literatura infantil legitimamente brasileira, baseada num caráter ético, formativo e educativo, fez uso da emoção e da razão em suas publicações literárias, conseguindo romper com os padrões moralistas dos europeus, onde as crianças eram vistas como pequenos adultos, tanto no trabalho, quanto nas responsabilidades, para Machado,

Com o rompimento dos velhos padrões, o novo padrão literário criado por Lobato direcionado ao público infantil foi muito bem aceito e respeitado, o qual proporcionou as crianças o desenvolvimento de sua imaginação e de sua criatividade, beneficiando-as em sua fase do conhecimento (Machado, 2017, p. 6).

Lobato foi o primeiro escritor brasileiro a escrever para as crianças, ele aguçava a imaginação misturando contos e personagens da literatura mundial e do folclore brasileiro, suas histórias tinham não tinham caráter moralizante, mas tinha o objetivo de despertar nas crianças a criatividade, os sonhos e a imaginação.

Machado ainda expressa que, “Lobato tinha o objetivo de divertir e educar ao mesmo tempo, pois, para ele o livro era um produto cultural e um instrumento indispensável para a formação e construção da criança e da cidadania no País” (Machado, 2017, p. 6).

Para a autora, os livros infantis atendem,

Aos propósitos escolares, pois os livros são um recurso fundamental e significativo no processo de ensino-aprendizagem e no desenvolvimento da criança, por isso a escola busca no literário o ensinamento, trabalhando com a literatura e contribuindo na formação integral da criança e na sua inserção no conhecimento dos outros e das diferenças entre pessoas (Machado, 2017, p. 6).

¹⁸ “José Bento Renato Monteiro Lobato, nascido em Taubaté - São Paulo em 18 de abril de 1882, falecido em 4 de julho de 1948. Foi um escritor, ativista, diretor e produtor brasileiro. Foi um importante editor de livros inéditos e autor de importantes traduções. Ficou popularmente conhecido pelo conjunto educativo de sua obra de livros infantis, que constitui aproximadamente a metade da sua produção literária. A outra metade, consistindo de contos (geralmente sobre temas brasileiros), artigos, críticas, crônicas, prefácios, cartas, livros sobre a importância do ferro (Ferro, 1931) e do petróleo (O Escândalo do Petróleo, 1936). Escreveu um único romance, O Presidente Negro, que não alcançou a mesma popularidade que suas obras para crianças. Sua obra mais conhecida é O Sítio do Picapau Amarelo, composta de 23 volumes, dentre as mais famosas destaca-se Reinações de Narizinho (1931), Caçadas de Pedrinho (1933) e O Picapau Amarelo (1939)” (Souza, 2024, p. 1).

Educar e ensinar por meio das histórias infantis era o recurso utilizado por professores, para despertar nas crianças a curiosidade pelas coisas do mundo e assim, passar a compreendê-las de forma lúdica.

Assim, Faria reflete que,

A capacidade de educadores para perceber a riqueza e a estrutura do livro de literatura infantil é uma das alternativas para não reduzir a literatura a uma abordagem meramente pedagógica. Explorar o livro infantil, sua narrativa, suas ilustrações, seu significado é um recurso que deve ser abordado com competência e criatividade. Para isso, o professor também precisa saber ser leitor, o professor precisa estar preparado para formar sujeitos leitores, e isso significa na leitura diária do livro de literatura, na interpretação coletiva, feita com alunos e professor e no registro, que é a construção do sentido do texto, o esforço em escrever algo que se ouve, mediado obviamente pelo professor, leva à compreensão do velho e à possibilidade de criação do novo, o modo de trabalhar a literatura infantil em sala de aula requer identificar a forma como se trabalha, envolvendo a interpretação do texto, a exploração do livro, a coligação do autor e do ilustrador com o que pretendem passar com a história narrada estimulando a curiosidade das crianças e o desejo de dialogar sobre o livro (Faria, 2004, p. 2).

O professor leitor de literatura, é sem dúvida um grande exemplo no momento de despertar o interesse dos estudantes, na mediação entre os processos de ensino e aprendizagem, é fundamental que o estudante perceba e identifica que o professor é um leitor proficiente. Acredita-se ser fundamental que antes de indicar um livro para a turma, o professor tenha lido a obra e assim, proporcionará uma conversa literária produtiva e de qualidade. Conhecedor da história e com a concepção de literatura enquanto arte, o professor promove o diálogo em que trechos importantes para os alunos são destacados por eles mesmos e não apontados a gosto do professor.

Ao longo da história, percebe-se que, a literatura transformou e transforma, modificou diversas partes do mundo, tornou-se disciplina escolar, tanto pela importância da língua e da cultura do país, bem como para formação de pessoas leitoras, mas é possível identificar que, mesmo conscientes da importância, há muito a fazer no que tange a qualidade e eficácia da leitura, pesquisas apontam que mesmo sendo um direito, o Brasil ainda não conseguiu formar leitores proficientes.

2.2 Retratos da Leitura: uma reflexão sobre os dados apontados por pesquisas a respeito da leitura dos brasileiros

Literatura é um direito, garante o equilíbrio social, liberta, organiza a vida do indivíduo bem como da sociedade, é um dos mais poderosos instrumentos de instrução e educação, seguindo este sentido, temos a razão pela qual a literatura entra nos currículos escolares no quesito intelectual e afetivo.

Em sua obra “A leitura em questão”, Foucambert (1994), afirma que:

Todos sabem que há diferença entre ver e olhar, ouvir e escutar... Ler não é apenas passar os olhos por algo escrito, não é fazer a versão oral de um escrito. Quem ousaria dizer que sabe ler latim só porque é capaz de pronunciar frases escritas naquela língua? Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é. Um poema ou uma receita, um jornal ou um romance, provocam questionamentos, exploração do texto e respostas de natureza diferente; mas o ato de ler, em qualquer caso, é o meio de interrogar a escrita e não tolera a amputação de nenhum de seus aspectos (Foucambert, 1994, p. 11).

Evidencia-se que, ler vai além de codificar e decodificar os códigos, ler é compreender, interpretar, formar opinião, argumentar, criticar, se posicionar, interagir e dialogar com a escrita, portanto, a escola, enquanto instituição formal de ensino, tem a função não apenas ensinar os códigos da leitura, mas fazer com que os textos façam sentido, que sejam compreendidos, portanto, não basta ler é preciso entender o que leu e se posicionar diante das ideias trazidas pelos textos.

De acordo com o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes¹⁹. No PISA, 2015 o Brasil ocupa a 60ª posição entre 70 países e está abaixo da média mundial. Em 2018, ocupa a 44ª posição em relação a 79 países e em 2022, ocupa a 55ª posição entre 81 países participantes também abaixo da média mundial. Os resultados mostram que o Brasil sempre está entre os 15 últimos colados no ranking. O PISA de 2002 destaca ainda a falta de criatividade dos estudantes brasileiros.

No Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) constata-se que 27% dos brasileiros (3 em cada 10), entre 15 e 64 anos, são analfabetos funcionais. Na pesquisa Retratos da Leitura

¹⁹ “O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) - Programme for International Student Assessment, é um estudo comparativo internacional realizado a cada três anos pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Os resultados permitem os países avaliarem os conhecimentos e as habilidades de seus estudantes e aprenda com as políticas, práticas aplicadas em outros lugares e formule políticas e programas educacionais para melhorar a qualidade e equidade dos resultados de aprendizagem” (Brasil, 2024, p. 1).

no Brasil (2015), realizada pelo Instituto Pró-livro, 42% dos brasileiros, com mais de 5 anos, alegam que não leem porque não compreendem ou têm dificuldades para ler, 44% não são possuem hábito de leitura e 12% são leitores de romances/contos.

A pesquisa “Retratos da Leitura em Bibliotecas Escolares²⁰” (2019) do Instituto Pró-Livro (IPL), obteve os seguintes resultados sobre o acesso aos livros através de bibliotecas das escolas: 05 a 10 anos = 36%, 11 a 13 anos = 48%, 14 a 17 anos = 32%, População = 18%. Diante dos dados, Silva explica que,

O processo de leitura tem se tornado um ato cansativo e digno de obrigatoriedade dentro das salas de aula, o desprazer dos alunos, algo enfadonho e sem significado para a maioria dos estudantes. Apesar disso, as escolas ainda transformam a leitura num processo maçante ao reduzi-la em exercícios que não contemplam nem exploram a verdadeira competência de ler, com os quais os alunos sentem-se aborrecidos e perdem o interesse pela leitura antes mesmo de conhecer todas as suas potencialidades. Partindo desse pressuposto, pode-se compreender a leitura e também a literatura, como a atividade de ligação entre dois mundos: o que está no material escrito e que pode ser lido e o mundo em que vivemos (Silva, 2009, p. 8).

As escolas ainda não conseguem despertar nos estudantes o hábito, o prazer e a necessidade da leitura, uma vez que, ler vira uma obrigação, vem acompanhada de intermináveis resumos ou questões para responder, fazendo com que os estudantes não percebam o potencial que a leitura tem para o crescimento pessoal e social na vida deles. Os estudantes sabem que, após a leitura serão obrigados a realizarem algum tipo de atividade, muitas vezes avaliativa. Nota-se também que, se a escola não mudar a forma de desenvolver habilidades leitora e formar leitores, os resultados das pesquisas sobre a leitura no Brasil, continuará ocupando os últimos lugares no ranking mundial.

Em 2015 o programa de distribuição de livros (PNBE) foi interrompido, com a justificativa de que os livros não são lidos ou ficam guardados na escola em caixas ou trancados em alguma sala.

É dever da escola promover o encontro do aluno com os diversos portadores de texto e primar pelo bom relacionamento entre eles, para que atividades de leitura e escrita sejam bem recebidas dentro da sala de aula e apresentem frutos fora do ambiente da instituição escolar (Silva, 2009, p. 23).

²⁰ “O IPL (Instituto Pró-Livro) lançou em 2019 a Retratos da Leitura em Bibliotecas Escolares para avaliar o impacto das bibliotecas na aprendizagem dos alunos da Educação Básica, se garantidos os parâmetros para seu funcionamento e instalação, de modo a orientar a universalização das bibliotecas (definida pelo PNE e pelo Projeto de Lei 9.484/18). A expectativa deste estudo é orientar políticas, programas e investimentos voltados à melhoria da qualidade do atendimento nas bibliotecas escolares e ao alcance dos seus objetivos de aprendizagem integrado ao currículo escolar, como ambiente informacional e de promoção de leitura e pesquisa” (IPL, 2024, p. 1).

Livros foram feitos para serem lidos. Livros novos e guardados não cumprem a função para qual foi criado, ser lido. Nada adianta obras impecáveis esquecidas em prateleiras, assim, a escola precisa abrir as bibliotecas e salas de leitura para todos os estudantes e para a comunidade, deixar que as estantes sejam mexidas e reviradas, isto não demonstra desordem, apenas mostra que estão sendo utilizadas, que leitores procuram o que desejam ler. Observa-se também que, é fundamental que o leitor escolha o que deseja ler e não que professores escolham por ele.

De tal maneira, entende-se que não basta distribuir livros se não temos garantia de outras condições para o pleno funcionamento das bibliotecas escolares/espços de leitura integrados ao currículo escolar (Instituto Pró-Livro, 2020, p. 10). Perrone destaca como fundamental o papel do professor,

Para que o ensino literário continue dando seus frutos, é necessário que o professor, antes do aluno, continue acreditando nas virtudes da literatura. Se o próprio professor não confia mais no objeto de seu ensino, e não faz deste um projeto de vida, é melhor que escolha uma profissão mais atual, menos exigente e mais rentável (Perrone-Moisés, 2000).

É evidente que o professor é fundamental para que a literatura tenha um lugar de destaque na rotina escolar, mas uma leitura que tenha como objetivo desenvolver habilidades não somente cognitivas, mas principalmente, socioemocionais. Incluir a literatura apenas se sobrar tempo na rotina não forma leitores, trabalhar a leitura apenas objetivando ensinar temas ou datas comemorativas não forma leitores. Acredita-se que a literatura precisa promover encontros, diálogos, abrir para o debate em que o estudante se identifique ou não com a história e promover espaços para a reflexão.

De acordo com Kaufman e Rodríguez, os professores e as escolas são responsáveis por oportunizar um encontro significativo das crianças com os textos:

[...] os professores devem propiciar um encontro adequado entre as crianças e os textos. Se alguns alunos chegassem a ser escritores graças à intervenção escolar, a missão do professor estaria cumprida com lucro. Caso isso não ocorra, é dever indubitável da escola que todos que egresssem de suas aulas sejam “pessoas que escrevem”, isto é, sejam pessoas que, quando necessário, possam valer-se da escrita com adequação, tranquilidade e autonomia (Kaufman; Rodríguez, 1995).

A literatura causa efeitos que nos permite o pensamento e o diálogo entre diversas concepções, opiniões e valores, que devem ser enfatizados na escola, portanto, quando a literatura desestabiliza o ser, ela promove o efeito de purificação, ou seja, um avanço nas relações humanas.

De acordo com Zilberman (1985), “a conquista da habilidade de ler é o primeiro passo para a assimilação dos valores da sociedade, sendo assim, é através da leitura que ocorre a emancipação e humanização do ser”.

Assim, emancipar e humanizar são palavras de destaque quando a concepção de literatura está conectada com a ideia de arte. A cultura de um povo é entendida, percebida e valorizada por meio da leitura, assim, o debate de ideias, percepções e visão de mundo se ampliam.

Candido reforça a questão da humanização despertada pela literatura na aquisição de habilidades essenciais na vida em sociedade,

Podemos compreender que a leitura tem uma função especial, individual e coletiva ligada à possibilidade de modificar a própria cultura e, por conseguinte, a sociedade. Entendo aqui por humanização (...) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (Candido, 2004, p. 24).

Espera-se que a escola auxilie no processo de humanização das pessoas, o trabalho com a leitura literária possibilita abertura para novos saberes, autorregulação das emoções e a percepção e respeito pelo outro e por toda sociedade.

Paulo Freire em sua obra “A importância do ato de ler: em três artigos que se completam” defende que,

[...] a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. [...] este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente (Freire, 2000, p. 43).

Para o autor, interagir com o mundo e tudo que nele existe vem antes da aquisição da leitura e da escrita, a criança interage com as pessoas em sua volta, interage com os objetos e de vai lendo tudo que vê e observa. A literatura infantil seria “amplamente valorizada artisticamente se trabalhada no âmbito escolar com fins educativos que buscassem a leitura prazerosa, a leitura literária, a apreciação da arte pela arte” (Silva, 2009, p. 9).

A literatura é a responsável por inserir as crianças no mundo da leitura, muitas crianças, antes mesmo de entrar na escola leem as imagens do cotidiano, quando alfabetizadas, o mundo se amplia para novas possibilidades.

2.3 Literatura como fonte de transformação e que enquanto arte humaniza não só a si, mas na relação com o eu, o nós e com os outros.

É possível afirmar que, enquanto arte a literatura não está a serviço de atividades meramente pedagógicas, ela está a serviço da vida, uma vez que transforma, liberta e humaniza pessoas.

Mozetti e Piana (2022) ressaltam a importância da literatura,

Libertadora transforma, informa, emociona e humaniza nos aproxima do que é humano em diferentes tempos, lugares, sentidos, culturas e sentimentos, é a principal ferramenta para a aprendizagem e para uma educação de qualidade, que é condição especial para o desenvolvimento de uma nação” (Mozetti; Piana, 2022, p. 17).

Diante disso, evidencia-se que ler é colocar o estudante em contato com textos diversos, que além de ler por ler, ele precisa conectar-se a leitura e a partir desta interatividade, ser capaz de formar suas opiniões e argumentos, ser leitor é ser dinâmico perante as informações ou emoções percebidas no ato de ler e não se colocar passivamente mediante a leitura. Assim, desenvolverá atitudes protagonistas na vida estudantil e em sociedade.

O protagonismo infantil é o reconhecimento da criança como um ser de diversos direitos e capacidades para atuar em seu próprio processo de desenvolvimento pessoal e social. Por tal motivo existe o Estatuto da Criança e do Adolescente que, além de ouvir os responsáveis pela criança, deve-se também, ouvir as crianças numa decisão judicial, respeitando seu grau de maturidade.

O protagonismo infantil vem ganhando destaque, e está presente na Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA), e na Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016 (Marco Legal da Primeira Infância). Essas Leis objetivam garantir o desenvolvimento e os direitos das crianças, e trazem em seu texto a necessidade de incluir a participação da criança na definição das ações que lhe digam respeito, incentivando sempre a sua relação com o ambiente e as pessoas de seu entorno.

O uso da palavra “protagonista”, nos remete a uma figura central, destacada por Silva,

A criança precisa ser valorizada e incentivada a expressar seus sentimentos, pensamentos, e necessidades, e através da literatura, atingiremos todos esses objetivos. O protagonismo infantil conecta a criança a diversos espaços e revela que todas as coisas e todos os lugares podem ser uma fonte de aprendizado (Silva, 2011, p. 10).

O protagonismo é percebido quando a criança possui voz e vez não só no convívio social, mas também na escola. A literatura proporciona reflexões, possibilitando que ela manifeste suas crenças, gosto, desgosto, alegria, descontentamento e outros sentimentos, assim, acredita-se ser essencial oportunizar momentos de debates e discussões para tomadas de decisão. A criança percebe que suas opiniões são ouvidas e levadas em consideração no momento de escolhas e decisões.

Silva retrata que a criança protagonista ativa de seu crescimento é algo extraordinário,

É criança é protagonista ativa de seu próprio crescimento: é ela dotada de extraordinária capacidade de aprendizagem e de mudança, de múltiplos recursos afetivos, relacionais, sensoriais, intelectuais, que se explicitam numa troca incessante com o contexto cultural e social.

A participação: é um valor e uma estratégia que gera e alimenta sentimentos, uma cultura de solidariedade, de responsabilidade e de inclusão; produz trocas e uma nova cultura (Silva, 2011, p. 12).

Diante disto, o protagonismo infantil, possui exatamente o objetivo de considerar todas as necessidades da criança, demonstra que ela criança possui responsabilidades com seu próprio desenvolvimento e com o desenvolvimento de toda sociedade e essa atitude não necessita a renúncia de suas brincadeiras ou momentos de lazer, mas está ligada à forma como o seu aprendizado ocorre.

Kinney e Wharton reafirmam o protagonismo das crianças,

Devemos reconhecer que as crianças são participantes ativos da sua própria aprendizagem. Isso significa colocá-las no centro do processo, garantindo que estejam totalmente envolvidas no planejamento e na revisão da sua aprendizagem juntamente com os educadores e que possam se envolver em conversas importantes com os adultos e com outras crianças, de modo a estender suas ideias e pontos de vista (Kinney; Wharton, 2009, p. 16).

O protagonismo infantil mediante à educação contribui para o desenvolvimento da autoestima e das habilidades socioemocionais. A criança continua sendo criança, possuindo ainda sua liberdade para brincar e aprender, porém, fazendo isso com maior autonomia e participação em seu próprio desenvolvimento, a levando a ter noção e perceber sua capacidade de voz ativa.

A literatura é a porta de entrada para aquisição de novos saberes e de uma visão crítica de uma sociedade. Portanto, a educação literária, se faz presente no também desenvolvimento de habilidades socioemocionais, pois, em contato com as histórias, muitas vezes, o sujeito se identifica, seja nas ações, fatos ou personalidade que envolvem situações e personagens, mesmo que, distantes da realidade.

De acordo com Sant’Ana a literatura surgiu na Grécia antiga e chamava-se poesia e existia para divertir a nobreza e contar feitos bélicos do passado, o autor relebra:

O surgimento de *Ilíada*²¹ e *Odisseia*²², serviu como base explicativa para a origem do mundo helênico e para a diferença entre homens e deuses, além de ditar normas de comportamento de uma sociedade. Assim, nota-se que, as obras citadas já eram capazes de desenvolver nas pessoas, comportamentos socioemocionais (Sant’Ana, 2008, p. 11).

A literatura é responsável por colocar o leitor no mundo da imaginação, mesmo em contato com mundo e épocas distantes retratadas na leitura, ele se percebe passeando pela história e, muitas vezes, busca respostas e entendimento no mundo imaginário para solucionar questões do mundo real. Acredita-se que o professor tenha papel fundamental para que o estudante se perceba nesta arte, dialogar sobre as histórias é necessário.

Para isso, Freire (1996, p. 10) defende “uma mudança na ação político-pedagógica, com o objetivo de propor uma ação dialógica, que crie uma ponte entre o saber do educando e do educador”.

Assim, muda a sua postura que em lugar de ser monológica, o educador proporcione situações de diálogo, possibilitando a criação de espaços para intervenções do locutor, indo além do empírico. “Os sujeitos dialógicos conservam sua identidade e a defendem, crescendo um com o outro e, através dessa nova postura, a relação entre eles será mais respeitosa” (Schettini; Hawi, 2008, p. 9).

Santos traz Freire e Giroux para reafirmar a importância da transformação social por meio da literatura:

Freire (1970) e Giroux (1999) criticam a forma de controle que perpetua as desigualdades, fragmentando as relações sociais. Os autores apontam para uma saída através de uma visão crítica do processo ensino-aprendizagem, como sendo uma forma de desenvolver a capacidade do indivíduo em questionar e transformar as relações existentes, por meio de ações que objetivem a transformação social, questionando as ideologias reforçadoras de desigualdades e injustiça. Não há protagonismo sem visão crítica da realidade que encontra na literatura uma forma de resistir às desigualdades (Santos, 2010, p. 9).

²¹ “*Ilíada* é um dos dois principais poemas épicos da Grécia Antiga, de autoria atribuída ao poeta Homero. Constituída por 15693 versos que foram compilados numa versão escrita, no século VI a.C. em Atenas” (Diana, 2020, p. 1).

²² “*Odisseia* é um dos dois principais poemas épicos da Grécia Antiga, atribuídos a Homero. É uma sequência da *Ilíada* e como a tal, é um poema elaborado ao longo de séculos de tradição oral, tendo tido sua forma fixada por escrito, provavelmente no fim do século VIII a.C.” (Cabral, 2023, p. 1).

Assim, a literatura seja um fator de humanização e despertar de uma consciência crítica que busca a transformação através do protagonismo educacional e social. Dialogar traz o sujeito a entender e refletir sobre a realidade em que vive, assim, na coletividade e compreendendo que é possível agir para transformar, vai transformando o modo de pensar e agir. Nota-se que, a literatura ao longo da história precisou existir e fazer parte do entendimento de mundo e das pessoas.

É sobre a dialogicidade da educação que Freire (2003, p. 79) analisa o propósito da educação problematizadora: “Pelo diálogo, os homens se encontram e criam caminhos para ganhar significado enquanto homens. É nesse encontro, que os homens se tornam solidários no refletir e no agir dos sujeitos e no mundo a ser transformado”.

Uma educação que deposita conteúdos não dialoga com a realidade e não a transforma. Educação conteudista apenas forma pessoas submissas, oprimidas que não exercem a cidadania em prol de uma sociedade democrática.

Schettini e Hawi destacam as experiências cotidianas como essenciais para discutir na escola, sendo preciso trazer a realidade em que vivem os estudantes para o debate,

Se por um lado não existe nenhuma relação com as experiências cotidianas dos mesmos, por outro, os docentes trazem experiências desvinculadas da realidade dos educandos, já que os professores também não se encontram coletivamente envolvidos na prova de materiais curriculares adequados aos contextos sociais e culturais no qual ensinam (Schettini; Hawi, 2008, p. 11).

Para que uma pedagogia crítica seja desenvolvida em âmbito escolar é preciso que os professores tenham a função não somente de ensinar conteúdos, mas que ensinem visando o desenvolvimento de habilidades que façam sentido na prática social, sejam profissionais que transformam vidas. Vidas ativas, dinâmicas, empoderadas e que sejam protagonistas de suas histórias.

Diante das afirmações, a literatura por ser uma linguagem artística promove momentos de reflexões, argumentações e diálogo sobre a atuação dos sujeitos em sociedade de maneira ativa, pois propicia o conhecimento do eu, do outro e do nós dentro do contexto social. Fala-se de uma literatura cidadã que coloca o aluno como protagonista que além da leitura de mundo seja capaz de atuar neste mundo em transformação.

Na busca dialogicidade e educação proposta por Freire, destaca-se a concepção de literatura que esta pesquisa acredita encontrar nas práticas educativas presentes no cotidiano das escolas.

Para Sant’Ana (2008, p. 6), “os jovens aproximam-se da compreensão de que podem ser protagonistas, pois mergulham no oceano da literatura, sem naufragar, descobrindo assim, aventuras”. Assim, Zilberman ressalta que,

O texto literário introduz um universo que, por mais distanciado do cotidiano, leva o leitor a refletir sobre sua rotina e a incorporar novas experiências (...) o texto artístico talvez não ensine nada, nem se pretenda a isso; mas seu consumo induz a algumas práticas socializantes que, estimuladas, mostram-se democráticas, porque igualitárias (Zilberman, 1990, p. 43).

Diante disso, ser leitor de literatura na escola, é mais do que fruir um livro, é também, posicionar-se diante da obra, identificando e questionando a leitura, reelaborando, ressignificando e recriando protocolos.

Formar leitores críticos, pressupõe um trabalho complexo da leitura e releitura, que o autor faz do cotidiano (Sant’ana, 2008, p. 6). Espera-se que, o trabalho com a literatura na escola, vá além do desenvolvimento de habilidades cognitivas, tendo em vista que projetos literários, podem ser capazes de desenvolver competências socioemocionais, desde a mais tenra idade, evidenciando que,

Essa dimensão pedagógica da literatura só é plenamente alcançada - acreditamos - por meio da prática da interdisciplinaridade: é no encontro com outras áreas do saber humano que a literatura atinge, por assim dizer, sua plenitude, tornando-se não apenas fonte de prazer estético, mas também de conhecimento prático e teórico (Silva, 2013 p. 18).

Literatura não está a serviço apenas da área da linguagem, mas integrada de forma interdisciplinar com todas as demais áreas do conhecimento. Na aula de matemática, as situações problemas envolvem leitura, assim como os textos históricos e geográficos, o professor precisa ter a consciência que a leitura dos textos de ciências só será compreendida mediante a leitura fluente e com compreensão, entendimento que fará com que, entendam o conteúdo de maneira significativa e se este estudante for leitor de literatura desde a infância, não só entenderá, mas dialogará com o texto e refletirá de maneira crítica sobre a leitura.

Para McLaren (2000, p. 38), “os estudantes precisam aprender a ler, não como um processo de submissão ao texto, mas como um processo de dialética, de crítica e de transformação”. Assim, espera-se que os estudantes sejam capazes de identificar e construir suas histórias e vozes, aprenda a fazer escolhas e ter uma postura ativa, participativa e autônoma.

Diante disso, observa-se que a leitura é fruição, é dialogicidade do ato educativo, pois o leitor precisa interagir com o texto e se colocar diante de suas percepções, vivências e reflexões, ler não é um ato passivo, mas dinâmico

Mediante as colocações, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017, p. 10), em leitura, afirma que o foco, “está na interação ativa entre leitor/ouvinte/espectador. Para aprimorar a compreensão leitora, é sugerido que seja proporcionado ao estudante, diversificadas experiências, de ler, ouvir e comentar textos”.

Nesse processo, fundamental para o pensamento crítico e para a formação cidadã, amplia-se o conhecimento de mundo e diante disso, Filho destaca que,

A Literatura e o hábito da leitura contribuem com o desenvolvimento de crianças desde a primeira infância, impactando na sua formação pessoal e, futuramente, profissional. Ler é sinônimo de despertar diferentes habilidades, promovendo:

- O desenvolvimento de capacidades cognitivas superiores, fundamentais para o desenvolvimento e para a aprendizagem, como a atenção voluntária, da percepção, da memória e da abstração;
- A ampliação do repertório imagético e do exercício da imaginação e da criatividade;
- O aprimoramento da expressão, da linguagem e a ampliação do repertório linguístico;
- A possibilidade do aluno acessar novos mundos, culturas e paisagens distintas;
- Reflexões sobre fenômenos naturais e sociais de seu cotidiano e da realidade do mundo;
- O aperfeiçoamento da capacidade de formular hipóteses plausíveis, pesquisar, investigar;
- O estabelecimento de novas relações e conclusões inteligentes;
- O pensamento complexo;
- Valores éticos fundamentais para o exercício consciente da cidadania (Filho, 2020, p. 21).

Formar leitores de literatura precisa estar voltado para a prática social pois ela dialoga com a vida, tendo grande impacto na formação integral do ser humano.

De acordo como a BNCC,

O texto literário, não está restrito à compreensão da linguagem escrita, mas se refere a uma ação de recepção crítica e responsiva, o que implica reagir ao texto, dar-lhe uma resposta, concordando ou discordando. Assim, o aluno pode reagir ao texto literário, escrevendo comentários, debatendo, parodiando, recontando, recriando, criando, porém, o enfoque principal, não estará no modelo de escrita, mas na sua possibilidade de incentivar o aluno a estabelecer diálogos, criar suas ideias e demarcar sua memória (BNCC, 2017, p. 14).

Nota-se que os textos literários propiciam interação com o leitor, ao ler dialoga com a história e recria situações, desenvolvendo assim, a criatividade, competência necessária para o protagonismo estudantil e societário.

Conforme destacado pela BNCC,

Ler textos literários, não deve se restringir a atividades de entretenimento, ou análise de técnicas de escrita, mas deve atrelar-se à formação do estudante, na consolidação de sua condição humana e na sua vivência emocional e afetiva que dá sentido ao mundo”. (BNCC (2017, p. 16).

A literatura é uma forma que a sociedade encontra para se expressar. Ler conduz a importantes reflexões, faz com que o leitor esteja em mundo e culturas diversas e desconhecidas e assim, o leitor pode analisar o mundo de maneira crítica.

A partir disso, Freire pontua que,

As escolas deveriam estimular o gosto da leitura e da escrita durante todo o tempo de sua escolarização. Que estudar não signifique um fardo e ler uma obrigação, mas uma fonte de alegria e de prazer. Este esforço em buscar a significação dos estudos, deveria começar na pré-escola, intensificando-se no período da alfabetização e continuar sem jamais parar” (Freire, 1993, p. 10).

Diante disso, acredita-se que, o leitor vá além de simplesmente, conhecer o livro, mas pretende-se que ele, através da compreensão da história e do mundo, compreenda a si mesmo.

A Base Nacional Comum Curricular é um documento normativo que estabelece Competências. Objetivos e habilidades a serem desenvolvidos ao longo de toda educação básica e diante disso traz a Educação Literária dentro do Campo artístico-literária objetivando não somente o fruir, mas coloca o leitor mediante um posicionar-se diante da obra, questionando, relacionando, construindo sentido e dialogando sobre a leitura.

2.4 A Base Nacional Comum Curricular: a literatura no campo artístico literário e o desenvolvimento integral dos estudantes

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017) é um norteador da educação básica, orientadora do currículo escolar, não traz conteúdos a serem ensinados, mas traz um conjunto de habilidades e competências a serem desenvolvidas da Educação Infantil ao Ensino Médio, o que possibilita as unidades escolares elaborarem os currículos.

A intenção de uma Base Curricular Comum existe desde a promulgação da Constituição de 1988, como exposto no Artigo 210. Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais (Constituição da República Federativa do Brasil, 1988).

A BNCC unifica os conteúdos básicos. O documento deve corresponder ao currículo mínimo obrigatório de todas as escolas, e objetiva também que as tradições regionais continuem

sendo exercidas com os alunos e alunas, indo de encontro à parte diversificada do currículo escolar.

A Base prevê que se deve desenvolver competências cognitivas e socioemocionais para formação de estudantes durante a educação básica. Existem 10 competências gerais na BNCC consideradas fundamentais para estudantes:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens - verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital -, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários (BNCC, 2018, p. 11).

Na Educação Infantil, a BNCC (BNCC, 2018, p. 12). não traz habilidades a serem desenvolvidas, mas objetivos de aprendizagem, pois aborda as vivências e experiências das crianças: bebês, crianças bem pequenas e pequenas. Possui seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento: Conviver; Brincar; Participar; Explorar; Expressar e Conhecer-se. Os

campos de experiências são: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimento; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

Assim, o papel fundamental da literatura desde o berçário em que o contato com os livros é essencial para o desenvolvimento cognitivo e socioemocional das crianças. O campo de experiência que envolve a literatura é o Escuta, fala, pensamento e imaginação.

Lopéz afirma que os bebês, as professoras e a literatura fazem parte de um Triângulo Amoroso, a autora menciona em seu trabalho que o bebê já se converte em um “leitor” desde o momento em que sai do ventre da progenitora. Leitura, literatura e vínculos amorosos. De acordo com a autora, “lemos o mundo” desde o nascimento e desde a vida intrauterina também, os bebês tomam como referência a voz da mãe, primeiro contato com a cultura, com os atos das palavras. Assim, a leitura é por estímulos literários, que nasce de intenções espontâneas de qualquer pessoa que convive com o bebê: cantigas de ninar, acalantos, brincadeiras com os dedos, canção balbuciada no ritmo do olhar, do sorriso ou do choro. A narração constitui a fonte de entrada para a linguagem. A autora ressalta ainda que, ao ler para o bebê, o livro não precisa ser lido em sua totalidade, pode ir até a segunda ou terceira página, e ter consciência de que a mesma leitura se repetirá inúmeras vezes conforme o interesse do bebê. O essencial é que haja um triângulo amoroso entre o leitor, a literatura e o bebê. Triângulo que se firma no vínculo afetivo.

Lopéz ressalta que os bebês iniciam na literatura através da leitura de mundo quando lê vozes, lê gestos, lê tom corporal e até cheiros. De acordo com ela, o bebê, nos vazios gerados entre a necessidade e satisfação, vai construindo a fantasia. Então, o corpo da mãe é como um livro. Ler é, então muito mais ampla que ler livros ou palavras.

Sobre a leitura da criança Winnicott diz que:

A criança tenta ler o rosto de quem a cuida do mesmo modo quando olhamos o céu para ver se vai chover. Essa dedicação a esse esmero que a criança tem para ler o rosto da mãe para sobreviver são uma construção intimamente ligada à leitura dos livros, à atenção sobre uma imagem, um gesto das mãos ou algum tom (Winnicott, 1993, p. 14).

A leitura de mundo está presente desde o nascimento e o bebê, de acordo com Lopéz não é um leitor passivo, mas ativo, pois interage com a leitura balbuciando, tocando nas páginas do livro, levando-o a boca, se interessa pelas imagens ou por palavras surgidas, pelos gestos ou tonalidade da voz de quem lê e transformar o livro em um brinquedo. Assim, diante dos estudos

da autora argentina, a literatura é um direito universal e deve ser presença constante na vida das crianças.

2.5 Educação Literária e o Campo Artístico-Literário: a importância da Literatura na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017) é um documento criado para nortear a elaboração dos currículos escolares do Brasil. Ela regulamenta as aprendizagens essenciais para o ensino nas escolas brasileiras públicas e particulares.

Esta pesquisa não tem como objetivo fazer uma análise crítica da BNCC, apenas a traz como um documento norteador da educação brasileira que contempla, mesmo que de maneira sucinta a educação literária, portanto, a Base nesta pesquisa apenas localiza o lugar que a literatura ocupa.

De acordo com a BNCC, Competências pode ser entendida como,

Mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. E define que as Habilidades expressam as aprendizagens essenciais que devem ser asseguradas aos alunos nos diferentes contextos escolares (2017, p.3).

As dez competências gerais que norteiam os currículos escolares da Educação Básica são: Conhecimento; Pensamento científico, crítico e criativo; Repertório cultural; Comunicação; Cultura digital; Trabalho e projeto de vida; Argumentação; Autoconhecimento e autocuidado; Empatia e cooperação; Responsabilidade e cidadania (BNCC, 2018, p. 13).

A literatura permite aos leitores que desenvolvam seu imaginário e sua subjetividade, construindo uma identidade singular. Além disso, o contato com o texto literário contribui com a ampliação do repertório linguístico, favorecendo o trânsito entre diferentes registros de linguagem. Por fim, a leitura de ficção também propicia a abertura para novas sociabilidades e para novos círculos de pertencimento, estimulando uma visão crítica do mundo (Somos, 2019, p. 6).

De tal forma, estimular a leitura reflete não apenas para desenvolver as diretrizes estabelecidas para a área de Linguagens, pois livros e os repertórios que a criança cria com sua leitura de mundo nesta idade e fase, auxiliam no seu próprio entendimento de mundo, desenvolvendo ainda inúmeras habilidades, fazendo com que a leitura possua também uma vertente interdisciplinar. As crianças que possuem uma rotina de leitura, desenvolvem senso

crítico e são mais abertas ao diferente, sendo seres mais aptos à familiarização com os eixos disciplinares e com o mundo, para isso, a Somos Educação ressalta que,

O campo artístico-literário sugere que as crianças, adolescentes e jovens tenham o devido contato com as manifestações artísticas e com as produções culturais. Assim, estabelece como prática a leitura, a escuta, a produção de textos (orais, escritos ou multissemióticos) e a análise linguística/semiótica. Esse campo trabalha os textos literários tendo em vista o desenvolvimento de nove habilidades, lidando com gêneros narrativos e poéticos. Exploram-se, entre outros aspectos, os componentes da narrativa (espaço, tempo, personagens), as habilidades ligadas ao campo artístico-literário incentivam o exercício da empatia e do diálogo na medida em que permitem o contato com diversificados valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos, contribuindo para o reconhecimento de distintos modos de ser e estar no mundo e incentivando o respeito e a valorização do diferente, o campo artístico-literário também objetiva a ampliação e a diversificação das práticas relativas à leitura, bem como a fruição e a socialização de manifestações representativas da nossa diversidade cultural, linguística e semiótica (Somos, 2019, p. 10).

No campo artístico-literário é possível evidenciar que a literatura precisa ocupar na escola, o espaço da linguagem artística, diante de um texto literário, os estudantes expressam sentimentos e na interação com outros leitores é perceptível momentos de empatia, colaboração e compartilhamento de saberes, crenças, reconhecimento à diversidade e respeito as culturas diversas.

Conforme exposto por Somos (2019, p 9) “no campo artístico-literário, pelo seu potencial profundamente humanizador, o trabalho com a literatura tem importância capital no currículo de Língua Portuguesa”. Em relação aos gêneros literários, afirma Antonio Candido:

[...] podemos dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é ator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade [...]. Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles (Candido, 2004, p. 175).

Percebe-se que a literatura é “um exercício de liberdade, exerce sua liberdade brincando com a palavra, construindo metáforas, deslocando a gramática do seu lugar comum, propõe novas relações semânticas, desarmando as normas da língua” (Candido, 2004, p. 176). Observa-se também que exerce sua liberdade ao não estabelecer compromisso com a clareza das verdades.

É o que também reconhece a BNCC ao destacar,

[...] a relevância desse campo para o exercício da empatia e do diálogo, tendo em vista a potência da arte e da literatura como expedientes que permitem o contato com

diversificados valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos, o que contribui para reconhecer e compreender modos distintos de ser e estar no mundo e, pelo reconhecimento do que é diverso, compreender a si mesmo e desenvolver uma atitude de respeito e valorização do que é diferente (Brasil, 2017, p. 139).

Não há como evitar o ser diferente ao desenvolvimento de habilidades que a literatura proporciona aos estudantes, quando trabalhada especialmente para colocar o estudante como protagonista de seus saberes, percebe-se que eleva a autoestima e melhora o rendimento estudantil, quando em contato com os textos, o estudante se coloca não só como leitor ou ouvinte, passa a ter protagonismo no decorrer das discussões literárias promovidas pelo professor mediador.

Assim, em conformidade com a BNCC, o Currículo Paulista²³ propõe o trabalho com textos da literatura voltado à formação do leitor literário,

Entende-se aqui leitor literário como aquele capaz de fruir um texto, reconhecer suas camadas valorativas, colocar-se em relação a ele, considerar sua recepção no contexto histórico original de produção e atualizar sentidos, observando as permanências e impermanências; é o leitor que constrói um repertório que lhe permite também observar que as produções literárias integram uma cadeia discursiva, pertencendo a uma dada tradição que constrói seus próprios modos de fabulação e expressão. Assim, a formação desse leitor vai além do reconhecimento dos elementos estruturais do texto: enredo, narrador, personagem, tempo, espaço, no caso das narrativas em prosa; e os recursos expressivos da linguagem poética, no caso dos poemas (BNCC, 2018, p. 126).

A escola tem a função de formar leitores para a prática social, que interajam significativamente com um mundo cheio de coisas para ler, compreender, interpretar e interagir, mas que também sejam capazes de ler para entreter, apreciar, se encantar e vivenciar experiências diferentes do cotidiano.

Assim, espera-se que a escola tenha lugar para a emoção e que haja união entre cognitivo e socioemocional, é na escola que se aprende a lidar com as outras pessoas e passa a explorar potenciais e personalidades. Quando a escola baseia a educação nas emoções de estudantes, as relações interpessoais e participação da família durante a formação integral deles, são aperfeiçoadas.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2010), “a criança deve ser vista como um sujeito histórico e um sujeito de direitos, princípios

²³ “O Currículo Paulista tem por objetivo melhorar da qualidade da Educação Básica no Estado de São Paulo através de orientações para a aprendizagem dos estudantes através da elaboração de Cadernos do Aluno e do Professor, os quais seguem as competências gerais e discriminadas pela Base Nacional Comum Curricular” (Currículo Paulista, 2020, p.2)

que se encontram na Pedagogia Infantil que entende a criança como alguém que brinca, observa, vivência, experiencia e interage”, portanto, de acordo com Rinaldi as crianças precisam ser ouvidas,

Se nós acreditamos que as crianças têm teorias, interpretações e questões próprias e que são coprotagonistas dos processos de construção do conhecimento, então os verbos mais importantes na prática educativa não são mais “falar”, “explicar” ou “transmitir”, é apenas “escutar”. Escutar significa estar aberto aos outros e ao que eles têm a dizer, ouvindo as cem (e mais) linguagens com todos os nossos sentidos. Escutar é um verbo ativo, pois significa não só gravar uma mensagem, mas também interpretá-la, e essa mensagem adquire sentido no momento em que o ouvinte a recebe e avalia (Rinaldi, 2012, p. 20).

O protagonismo infantil eleva a capacidade da criança para explorar o mundo e conhecer situações que ocorrem ao longo da vida, pois exercendo, desde a infância, a habilidade de refletir sobre as experiências a autoconfiança é desenvolvida e se torna um dos traços de sua personalidade.

Mesmo a Educação Literária ocupar um espaço na BNCC, acredita-se que é necessário ampliar os estudos quanto a leitura literária e refletir sobre a necessidade de trazer a Educação Literária junto a área de Linguagem com o componente curricular de Língua Portuguesa, porém com competências e um conjunto de objetivos de desenvolvimento e habilidades específicos para a Educação Literária, o que na versão atual não contempla, pois ela aparece de maneira tênue no documento normativo, assim, acredita-se que a importância e a concepção de uma leitura literária enquanto arte necessária passe despercebida. Percebe-se que a literatura se confunde com a leitura intencional e precisam ser diferenciadas pelos professores.

Diante disso, faz necessário que as escolas construam um currículo literário para que a literatura seja parte integrante da rotina dos professores, das ações da escola e um hábito para os estudantes visando a formação de leitores de literatura.

2.6 Competências Socioemocionais e Literatura

Quando se aborda a necessidade da formação integral do estudante ao longo da educação básica, não se pode pensar apenas no desenvolvimento de habilidades cognitivas, mas também habilidades socioemocionais, pois na sua integralidade, todos os conflitos do cotidiano permanecem com os estudantes quando estão na escola e tudo influem nos processos de ensino e aprendizagem. A literatura é um recurso valioso para o desenvolvimento, controle e

autorregulação das emoções, nem sempre os estudantes sabem explicar o que sentem, a leitura literária pode auxiliá-los nesta compreensão. É perceptível também que, quando trabalhada enquanto arte, propicia o desenvolvimento da criticidade e criatividade, necessárias para a prática social.

Assim, a educação, deve “produzir mais do que indivíduos que consigam ler, escrever e contar. Ela deve nutrir cidadãos globais que consigam enfrentar desafios” (Unesco, 2015, p.10). Portanto, deve ir além do desenvolvimento de habilidades cognitivas. O intelecto, deve estar aliado ao desenvolvimento social e emocional.

Goes afirma que o gosto pela leitura auxilia na formação da opinião e do espírito crítico dos estudantes,

O desenvolvimento da leitura entre crianças resultará em um enriquecimento progressivo no campo dos valores morais, da cultura, da linguagem e no campo racional. O hábito da leitura ajudará na formação de opinião e de um espírito crítico, principalmente a leitura de livros que formam o espírito crítico, enquanto a repetição de estereótipo empobrece (Goés, 2010, p. 5).

Desde o primeiro contato com a leitura literária inicia-se a transformação social, o indivíduo questiona o que está lendo, questiona o mundo, questiona a si e reflete em toda sociedade.

Sobre literatura, Coutinho afirma que,

A Literatura é um fenômeno estético. É uma arte, a arte da palavra. Não visa a informar, ensinar, doutrinar, pregar, documentar. Acidentalmente, secundariamente, ela pode fazer isso, pode conter história, filosofia, ciência, religião. O literário ou o estético inclui precisamente o social, o histórico, o religioso, etc., porém transformando esse material em estético (Coutinho, 1978, p. 6).

Para isso, é necessário, incorporar habilidades socioemocionais nos componentes curriculares, nos exemplos e nas atividades escolares. Não é um novo componente, mas sim, tratada de maneira transversal, vinculada com o desenvolvimento cognitivo.

Diante dessas reflexões, surgiu a inquietude da pesquisadora em apresentar um referencial em que privilegie o desenvolvimento de competências socioemocionais dialogando com as intelectuais e a necessidade de elaborar um conjunto de ações que visem unir social, emocional e intelectual, assim, escolheu-se a educação literária como fonte dessa união para a formação integral do ser.

Cosson contribui com seus estudados, afirmando que ser leitor é mais que apreciar uma obra é deleitar-se,

Ser leitor de literatura na escola é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando protocolos de leitura, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos. Esse aprendizado crítico da leitura literária [...] não se faz sem o encontro pessoal com o texto enquanto princípio de toda experiência estética (Cosson, 2006, p. 32).

Antes mesmo da entrada na escola a criança lê sem saber ler, lê as imagens, interage com os familiares e com o mundo a volta, algumas crianças em casa, possuem familiares leitores e têm livros, assim já tem contato com a literatura, na escola, o contato com pessoas e livros amplia-se e, portanto, faz-se necessário que a leitura literária seja contemplada na rotina escolar. O contato com as histórias proporciona identificação das crianças social e emocionalmente. É fundamental, que as instituições de ensino formal, tenha obras literárias disponíveis nas salas de aula do Ensino Fundamental, nas salas de referência da Educação Infantil com estantes em altura que as crianças alcancem para que seja um hábito e não apenas tenham livros nas salas de leitura ou bibliotecas. As emoções podem ser percebidas e muitas vezes, resolvidas diante de uma boa leitura significativa.

De acordo com Goleman (2011, p. 20), a consciência das emoções é fator essencial para o desenvolvimento da inteligência do indivíduo.

Pesquisas revelam que o conjunto de características socioemocionais contribui aproximadamente tanto quanto as cognitivas na determinação do êxito escolar, tal como medido por notas, probabilidade de abandono e escolaridade final atingida (Santos e Primi, 2014, p. 21).

A formação das características socioemocionais, não se dá de um ano para outro, mas deve ser trabalhado ao longo de toda trajetória escolar, progressivamente, por meio de programas, projetos e intervenções específicas. Assim, Antunes reforça que,

Ler textos literários possibilita-nos o contato com a arte da palavra, com o prazer estético da criação artística, com a beleza gratuita da ficção, da fantasia e do sonho [...] leitura que deve acontecer simplesmente pelo prazer de fazê-lo. Pelo prazer da apreciação, e nada mais (Antunes, 2009, p. 30).

A experiência dos indivíduos em um ambiente coletivo, deve garantir a interação, o diálogo e convivência. Uma boa gestão das emoções, contribui para o crescimento pessoal dos alunos.

Del Prette valoriza a experiência escolar como fundamental para o desenvolvimento,

A experiência escolar é central para as aquisições sociais e educacionais das crianças em nossa cultura. Tais experiências podem canalizar diferentes trajetórias em direção à vida adulta, tendo-se em vista as principais tarefas evolutivas desse período, como

competências nas relações interpessoais, o progresso na escolarização, a adesão às regras da sociedade para conduta pró-social e uma imagem positiva de si mesmo (Del Prette, 2003, p. 21).

O currículo escolar deve ir além do trabalho com conteúdos, mas apoiar-se no desenvolvimento de habilidades e competências, o saber que faz sentido no momento de agir na vida social, os estudantes precisam perceber que o que se ensina na escola é para que seja aplicado no contexto da vida cotidiana.

Crianças e jovens, devem desenvolver as competências socioemocionais. O caminho, é oferecer uma educação integral para todos.

O conceito de Educação Integral, com a qual a BNCC está comprometida, se refere à construção intencional de processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, possibilidades e os interesses da sociedade contemporânea (Brasil, 2017, p. 18),

O desenvolvimento pleno dos estudantes, nos âmbitos cognitivos, socioemocional, cultural e social. O processo através do qual “cada aluno desenvolve sua capacidade de integrar o pensamento, a emoção e o comportamento para alcançar e concretizar tarefas sociais importantes” (Costa; Faria, 2013, p. 2).

Muitas vezes a escola acredita que a leitura está apenas nos textos abordados em aula, mas pelo contrário, a leitura está no dia a dia, alunos e alunas praticam a leitura e escrita de acordo com sua realidade, destaca-se que,

Não sem razão, uma das maiores discussões em torno do ensino de literatura é como ele se dá na sala de aula, já que, convém lembrar, os textos que estão presentes no cotidiano do aluno podem ou não estar na escola. Baseadas nessa questão, pesquisas revelam casos de estudantes que, embora afirmem não gostar de ler, fazem uso da leitura e da escrita fora da sala de aula, produzindo letras de músicas, escrevendo poesias, ficando boa parte de seu tempo lendo no computador, etc (Souza; Corti; Mendonça, 2009, p. 8).

Evidencia-se que a literatura não se encontra apenas na escola, ela está em toda parte, no filme ou no seriado que se assiste, na propaganda veiculada na televisão, nos outdoors, nos vídeos que assistimos nas plataformas de vídeo e redes sociais, é algo que não é privilégio somente da escola, é fundamental desenvolver o olhar dos estudantes para todas as formas de literatura que se depara no cotidiano: música, poemas, contos narrados, mitos, crônicas e tantos outros gêneros textuais que são adaptados para as mídias sociais. Em casa, muitas crianças têm contato com as obras antes mesmo de entrar na escola. A escola, por sua vez, precisa conectar a prática social com as intencionalidades do currículo escolar e trabalhar a literatura enquanto arte.

Nota-se a essencialidade do desenvolvimento da leitura literária no ato pedagógico, assim,

A literatura, tal como a entendemos desde o início da modernidade, não é ensinável. Mas a leitura literária não apenas pode ser ensinada como necessita de uma aprendizagem, e é por isso que os professores de literatura ainda existem. [...] Se os professores negligenciarem a tarefa de mostrar aos alunos os caminhos da literatura, estes serão desertados, e a cultura como um todo ficará ainda mais empobrecida (Perrone-Moisés, 2000, p. 12).

Literatura é direito e não pode ser negligenciada pelas escolas, acredita-se que ela deva ir além de pequenos espaços na rotina da escola, mas ocupar um lugar de destaque, cuja importância seja percebida no comportamento socioemocional dos estudantes e no desempenho escolar.

Nota-se que as competências socioemocionais, devem ultrapassar a dimensão cognitiva e devem envolver de forma profunda o lado emocional e pedagógico do ser humano e mostram-se cada vez mais importantes na construção de um cidadão responsável e capaz de exercer um papel ativo na sociedade, diante disso, para Abed,

Não é mais possível conceber que apenas a cognição comparece à sala de aula: os estudantes têm emoções, estabelecem vínculos com os objetos do conhecimento, com os colegas, com os professores, com a família, com os amigos, com o mundo. Os professores também. Todos nós rimos, choramos, sofremos, nos encantamos, desejamos, fantasiemos, teorizamos... Somos seres de relação, repletos de vida, há infinitos universos dentro e fora de nós - não há como fugir disso (Abed, 2014, p. 9).

Diante disso, considera-se que a literatura deve ser apreciada e comentada, assim como se comenta um filme que tenha despertado o interesse e comenta-se com os colegas socialmente, recomenda-se ou não se recomenda, opina-se sobre o enredo do filme, assim deve ser com a literatura, fruir, comentar, opinar e indicar. Percebe-se que, por se tratar de textos literários, o leitor possui reações diversas e quanto mais ele se aproxima da história, mais sentimentos se afloram.

Frente a isto, se faz necessário, que a escola abandone concepções tradicionalistas e adquira postura libertária e libertadora, em que o estudante seja visto além de suas notas, mas em sua totalidade, como alguém que pensa, tem emoções e onde impere a afetividade. O conteudismo, deve dar lugar à formação integral do ser, portanto conhecer as competências socioemocionais é fundamental no momento de selecionar as obras literárias para oferecer aos estudantes.

Vale mencionar que as Competências Socioemocionais foram divididas em cinco categorias:

1. Autoconsciência emocional: adquirir um melhor conhecimento das próprias emoções, reconhecer as diferenças entre sentimentos e ações e compreender as causas dos sentimentos;
2. Gestão das emoções: desenvolver habilidades para controlar as próprias emoções, prevenir os efeitos prejudiciais das emoções negativas (por exemplo, melhorar a capacidade para expressar verbalmente a ira sem lutar), desenvolver habilidades de resistência à frustração, desenvolver habilidades para gerar emoções positivas;
3. Controlar produtivamente as emoções: desenvolver habilidades de automotivação, maior capacidade de concentração nas tarefas e maiores responsabilidades, desenvolver a capacidade de saber esperar por recompensas a longo prazo em detrimento de recompensas imediatas;
4. Empatia: desenvolver a capacidade de aceitar a perspectiva do outro, desenvolver sentimentos de empatia e sensibilidade com os outros, e desenvolver a capacidade de escuta;
5. Gerir relacionamentos: desenvolver competências para resolver conflitos e negociar acordos, desenvolver a capacidade de cooperação, de partilha e de ajuda (Vale, 2009, p. 5).

Diante das categorias, é essencial que a escola tenha consciência que o desenvolvimento de muitas delas, encontram-se na literatura, por meio das ações e decisões dos personagens, é possível que o estudante se identifique e se perceba com conflitos parecidos, assim evidencia-se a necessidade de refletir o trabalho a partir da concepção da literatura não só para ensinar algo, mas que os estudantes tenham a possibilidade de se autoconhecer, autorregular e gerir suas emoções mediante uma leitura.

Rêgo (2019) ressalta que “não há formação integral do ser sem levar em conta o desenvolvimento das competências socioemocionais”:

No desenvolvimento das habilidades socioemocionais, os aspectos: cognitivo, emocional, social e ético, precisam estar alinhados. O objetivo delas é formar seres completos, que, em meio a uma sociedade corrompida, saibam lidar com os obstáculos, perseverar em seus objetivos e causar mudança por onde passarem. Em virtude disso, é imprescindível que o professor saiba fazer uso de estratégias de ensino que possibilitem o desenvolvimento, natural e eficaz, nos alunos (Rêgo, 2019, p. 10).

A BNCC (2017), também universaliza o conceito de competências socioemocionais. Ela definiu dez competências que precisam ser articuladas com os componentes curriculares, em que, em um trabalho gradativo desde a educação infantil até o ensino médio. Prioriza o pensar antes de tomar uma atitude, relacionar-se bem com os outros, pensar na coletividade, no êxito da democracia, futuro da vida em sociedade, tornando o sujeito protagonista ativo e cidadão.

Ao desenvolver o protagonismo, o estudante percebe que os outros em sua volta também devem ser protagonistas e assim, passa a falar, mas também a ouvir, a participar, mas também, solicitar que os outros participem.

Assim, Rinaldi ressalta que,

A ênfase é colocada em vê-las com sujeitos únicos com direitos, em vez de simplesmente com necessidades. Elas têm potencial, plasticidade, desejo de crescer, curiosidades, capacidade de maravilhar-se e de relacionarem-se com outras pessoas e de comunicarem-se (Rinaldi, 1999, p. 4).

Formar cidadãos autônomos de direitos e deveres que saibam lidar com frustrações mediante os desafios é uma competência necessária, cidadãos que saibam fazer escolhas, lidar com as emoções, tomar decisões e aptos ao convívio social deve ser um dos objetivos da educação escolar. Observa-se que a leitura propicia que os estudantes compreendam e interpretem o mundo, valorizando e aprimorando a cultura e a prática social, favorecendo o desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioemocionais.

Uma criança protagonista do seu desenvolvimento, “realizado por meio de uma interlocução ativa com seus pares, com os adultos que as rodeiam, com o ambiente no qual estão inseridas” (Barbosa; Horn, 2008, p.28). A literatura é um recurso que possibilita a interação entre os estudantes, pois ao abrir para o diálogo mediante uma roda de conversa, evidencia-se que, a partir dos diversos comentários, o olhar do leitor sobre a história enriquece e este momento, proporcionado pela leitura desenvolve o convívio social e as crianças percebem que falam e são ouvidas e que precisam ouvir os demais.

Dessa forma, a literatura afirma identidades, inclui, leva a pessoa leitora à reflexão, mudança de posição e visão perante a realidade, e principalmente, leva à transformação social. O texto literário leva a pessoa leitora a mundos imaginários, causando prazer aos sentidos e à sensibilidade do ser humano.

Temos assim, a importância do trabalho multidisciplinar em conjunto entre toda escola, professoras e professores, bibliotecas públicas, escolares e comunitária, bem como com as editoras, escritores e poetas, principalmente com toda comunidade, família, amigos e amigas de pessoas leitoras. A transformação através da leitura literária passa por todas as esferas.

Diante da concepção de literatura que a pesquisadora defende, a pesquisa tem como referencial teórico a educação libertadora proposta pelo educador Paulo Freire. A próxima seção apresentará não apenas o método, mas quem foi o seu criador e como enfrentou desafios para trazer a luz uma teoria crítica que não está a serviço de uma educação bancária, mas uma educação libertadora. Acredita-se que, conhecer a trajetória do educador Paulo Freire é um modo de reafirmar suas importantes contribuições para a educação brasileira e mundial e suas concepções que contribuem com as análises dos estudos e resultados encontrados pela pesquisadora.

Assim, a pesquisadora gosta de dizer que, não foi a pesquisa que a remeteu aos estudos do educador Paulo Freire, mas foi a realidade encontrada que a remeteu a ele, pois ainda há

educadores que acreditam que transferem conhecimento, que ainda têm uma visão ingênua da realidade posta e ainda acredita que deposita conhecimento, portanto diante da realidade encontrada nas unidades escolares mediante o trabalho com a literatura, a realidade fez com que a pesquisadora se remetesse a Freire.

Freire ao longo de sua trajetória enquanto educador atribui o desenvolvimento do conhecimento um rico momento de interação entre educador e educandos e assim, traz a reflexão sobre a práxis educacional: ação-reflexão-ação nos processos de ensino e aprendizagem, assim, este trabalho tem o educador como referencial teórico e a seção seguinte, conhecer a vida e obra de Freire possibilitará melhor entendimento em unir as ideias do educador com o potencial que a literatura tem em transformar o ensino e aprendizagem em algo significativo não só no que tange ao cognitivo, mas principalmente, ao desenvolvimento de comportamentos e atitudes.

3 PAULO FREIRE: O PATRONO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA E OS DESAFIOS PARA UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA

“Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar”

Paulo Freire (2005, p. 225).

Freire, o patrono da educação brasileira e o teórico que embasa os estudos deste trabalho sempre representou para a pesquisadora um referencial quando se trata de libertar as pessoas por meio da educação. Acredita-se que a educação sozinha não transforma uma sociedade, é preciso garantir outros direitos essenciais para o desenvolvimento da dignidade humana e o pleno exercício da cidadania, mas a educação formal possibilita que a realidade seja refletida, percebida e discutida nas escolas e Freire por meio de seu método de ensino popularizou o ensino e fez com que o povo percebesse a visão ingênua das condições em que viviam e por meio de uma pedagogia crítica transformou a vida de muitos.

A obra “Paulo Freire um educador do Povo” (2002, p. 2) inicia com um fala de Freire cujo título é Consciência de ser,

Meu ponto de partida é o seguinte: só os seres que historicamente se tornam capazes de saber se tornam ao mesmo tempo capazes de intervir na realidade condicionadora. Só os seres que percebem condicionados podem deixar de ser determinados. Porque assim nós transformamos a determinação em condicionamento (Freire, 2002, p.2).

Quando as pessoas possuem consciência da realidade e do contexto social em que vivem são capazes de mudar e transformar a vida e, conseqüentemente a vida em sociedade. Sem consciência do papel que o ser humano tem, continuará a viver a margem da sociedade.

Assim, a partir da consciência de ser que afirma Freire, este trabalho percorre a trajetória do educador para compreender os ideais que o levaram a afirmar que pessoas condicionadas podem, a partir da educação, ter consciência da realidade em que vivem e assim, transformá-la. Não se transforma aquilo que não se tem consciência. A partir da premissa, a literatura enquanto arte é fundamental para que as pessoas tomem consciência da participação em sociedade para o exercício da cidadania e o contexto escolar é local propício para este desenvolvimento da consciência de ser. Freire é um dos escritores mais lidos em outros países e no Brasil, poucos sabem e alguns relutam em conhecê-lo como o patrono da educação brasileira, por desconhecer a importância de seus feitos para o desenvolvimento de mentes pensantes.

Paulo Reglus Neves Freire. Brasileiro, nordestino, nascido em 19 de setembro de 1921, criado no bairro da Casa Amarela em Recife, filho de Joaquim Temístocles Freire e de Edeltrudes Neves Freire.

Passando pela pobreza e fome durante infância e adolescência, Paulo, sua mãe, seu pai e três irmãos, se mudaram Jaboatão em Pernambuco, momento em que teve que interromper seus estudos por alguns anos, retornando à escolaridade formal quando tinha 16 anos de idade.

Freire narra sua infância e conta que aprendeu a ler na sombra da mangueira no quintal de casa, e que sua mãe pegava os pequenos gravetos que lá havia, e escrevia palavras, escrevia frases que fossem conhecidas a ele, da vida cotidiana, do que ele presenciava e vivia.

O autor relembra a infância na cidade de Recife e menciona que fazia a leitura do lugar em que vivia,

Vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós [...] A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – o sítio das avencas de minha mãe -, o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto – em cuja percepção me experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceberse encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia apreendendo no meu trato com eles, nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais (Freire, 1983, p. 56).

Freire buscou na infância a compreensão de mundo, pois narra tudo que via e lia, mesmo ainda sem saber ler. Entende-se que mesmo antes de entrar na escola, a criança lê as coisas do mundo e tudo inicia na família, ao entrar na escola, leva toda vivência e junto aos professores e demais crianças o mundo se revela ainda mais e a quando inserida na literatura observa que as histórias, a vida dos personagens é muito parecida com a dela.

Sobre sua mudança para Pernambuco, Paulo Freire diz que conta este fato como sendo o seu segundo exílio, e que durante sua vida, foi exilado três vezes, sendo o primeiro exílio ter saído do útero de sua mãe, o segundo foi ter ido para Jaboatão e o terceiro, o exílio político que o fez ficar dezesseis anos fora do Brasil.

Em 1943 começou a cursar Direito, tendo se formado em 1947. Chegou a exercer a profissão de Advogado, abrindo um escritório com alguns amigos, e atuou sobre um único caso. Neste caso, foi solicitado pelo credor, que fosse confiscado os instrumentos de trabalho de um dentista que devia alguns meses de aluguel do local onde exercia a profissão, Freire se sentiu constrangido ao ter que realizar o ato, e quando foi ouvir o dentista, este lhe pediu para que não tirasse seus instrumentos de trabalho, e contou que precisava sustentar sua mulher e os três

filhos, e se isso acontecesse, não poderia mais trabalhar. Diante da situação, Freire apenas disse para o dentista que ficasse sossegado, foi embora, voltou ao escritório e disse que não seria mais advogado. Após, tornou-se alfabetizador de jovens e adultos no Serviço Social da Indústria (SESI). Foi Professor de português entre 1941 e 1947.

Feusp sobre a trajetória acadêmica de Freire ressalta que,

Tornou-se Doutor em Filosofia e História da Educação em 1959. Atuou como professor na Universidade do Recife em 1961, nas disciplinas de Filosofia e História da Educação, desenvolveu ferramentas de alfabetização que ganharam notoriedade nacional no início da década de 1960, em que combinou o método silábico com a discussão sobre a realidade concreta de trabalhadores e trabalhadoras do campo e da cidade (Feusp, 2024, p. 2).

Observa-se que, as vivências e experiências da infância de Freire, influenciaram na criação de seu método de alfabetização, pois foi buscar a realidade dos educandos para desenvolvê-lo. Mediante a realidade dos trabalhadores foi-se construindo um método que seria revolucionário e que tirou muitas pessoas da visão ingênua que tinham sobre a realidade em que viviam. O método não só ensinava as letras e as sílabas, mas trazia o cotidiano para ser discutido, despertando a visão crítica da vida destes trabalhadores.

Diante das formações acadêmicas, Freire foi convidado pelo então Presidente João Goulart, solicitado a desenvolver um programa nacional de alfabetização, tornando-se a conhecida experiência desenvolvida em Angicos-RN, em que trezentos trabalhadores rurais foram alfabetizados com apenas quarenta horas de aulas.

Freire não concordava com a ideia de que havia criado um método de alfabetização e sobre isto, Feusp (2004, p.3) menciona que, “Freire acreditava que a práxis alfabetizadora não deveria se limitar a ler o texto, mas também a ler o contexto, ou ler o mundo”. Entender o mundo para depois entender as palavras.

Mesmo que a pedagogia freiriana tenha sido sempre inspirada nas condições da vida da classe de trabalhadores/as, tenha sempre se inspirado nas condições concretas de vida da classe trabalhadora, alguns anos mais tarde, Paulo Freire notou que havia uma ingenuidade política nas suas concepções teóricas e pedagógicas, que foram registradas em “Educação e atualidade brasileira” (1959), sendo esta, praticamente o início para sua obra “Educação como prática da liberdade” (1967), publicada enquanto estava exilado.

A partir do golpe de 1964 as classes dominantes no Brasil deixaram expressos seus interesses, e dentre eles, não estava o desejo por um projeto de alfabetização “das letras” e “do mundo”, como proposto por Paulo Freire. Com isto, ele foi preso, sendo acusado de promover uma pedagogia subversiva.

Freire foi exilado no Chile, e durante este período reconheceu a relevância do marxismo como uma filosofia da práxis pedagógica, diante disto. De acordo com Freire (2005, p. 12), “uma pedagogia libertadora precisa ser feita com os oprimidos e não para os oprimidos”.

Paulo Freire foi assessor pedagógico do Movimento de Reforma Agrária da Democracia Cristã chilena, e depois da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO). Atuou com alfabetização de trabalhadores camponeses no Chile.

Para Freire (2005, p. 13), “o conhecimento é o complexo produto das práxis sociais, que envolvem momentos de ação e momentos de reflexão, prática e teoria”. É o intelectual brasileiro mais estudado pelas universidades dos Estados Unidos e da Europa Ocidental.

Entre suas obras, estão: “Pedagogia do Oprimido”, “Pedagogia da Autonomia”, “A Arte de Ler”, “Educação como prática da liberdade”, “A importância do ato de ler”, “Pedagogia da esperança”, “Política e educação”, “Educação e mudança”, “Medo e ousadia”, “O cotidiano do Professor”, “Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar”, “À sombra desta mangueira”, “Pedagogia da solidariedade e Pedagogia dos sonhos possíveis”, Diehl afirma que,

As raízes marxistas da Pedagogia do Oprimido ficam evidentes tanto ao se deparar com categorias teóricas advindas da 1ª geração da Escola de Frankfurt, como também quando encontramos na obra máxima de Freire a concepção maoísta de “revolução cultural” e o sentido revolucionário do amor defendido por Ernesto “Che” Guevara. Ademais, sendo Freire um católico praticante, a Pedagogia do Oprimido foi elaborada no mesmo momento em que ganhava notoriedade a Teologia da Libertação, que logrou articular marxismo e cristianismo, ao menos em suas versões mais radicais (Diehl, 2022, p. 16).

Os estudos de Freire sobre Marx influenciaram seu modo de pensar principalmente, qual reflete sobre a luta de classes, a opressão sofrida pelos trabalhadores, a submissão perante a sociedade e os interesses dos opressores.

Freire possuiu experiência na África, um grande momento para suas obras práticas e teórica, lá foi membro do Conselho Mundial de Igrejas, organização ecumênica sediada na Suíça, tornou-se assessor de diversos governos revolucionários de inspiração marxista.

Freire deu mostras da universalidade crítica de sua Pedagogia do Oprimido e Diehl menciona que,

Da “década africana” de Paulo Freire podemos destacar as coletâneas de artigos e de cartas que refletem sobre o fazer pedagógico em sociedades em processo de libertação nacional, sintetizadas em “Ação cultural para a liberdade e outros escritos” (1976), “Educação e mudança” (1979), “Quatro cartas aos animadores e às animadoras culturais. República de São Tomé e Príncipe” (1980) e “Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo” (1984). Mas podemos dizer que, mesmo já após o retorno ao Brasil em 1980, diversas obras posteriores escritas por Freire estão “encharcadas” pela experiência africana, tais como: “A importância do ato de

ler" (1981), "Por uma pedagogia da pergunta" (1985), "Política e educação" (1985), "Medo e ousadia" (1986), "Aprendendo com a própria história" (1987) (Diehl, 2022, p. 21).

A experiência do educador na África reafirmou as ideias sobre a necessidade e reconhecer a realidade para que os educandos sejam alfabetizados conscientemente e não passivamente, não era apenas o ler por ler, mas era o ler para entender e participar ativamente do mundo letrados, as obras criadas por ele, no tempo que viveu junto aos africanos.

Ao retornar ao Brasil, Freire fez parte da fundação do Partido dos Trabalhadores (PT), se tornou o primeiro presidente da Fundação Wilson Pinheiro em 1981. Nos anos de 1989 a 1992 foi secretário municipal de educação de São Paulo durante a gestão de Luiza Erundina.

Em 12 de abril de 1991 o Instituto Paulo Freire (IPF) surgiu, a partir de uma ideia de Freire. Sua intenção era unir pessoas e instituições com as mesmas intenções e sonhos para uma educação humanizadora, a fim de aprofundar reflexões, melhorar práticas e fortalecerem-se na luta pela construção de um outro mundo possível.

Paulo faleceu em 1997 e em seus últimos anos de vida escreveu grandes obras que refletiram e tiveram impactos pedagógicos, sendo elas, "Professora sim, tia não" (1993), Pedagogia da esperança, um reencontro com "Pedagogia do Oprimido" e "Pedagogia da Autonomia", Diehl ainda diz que,

Há quem diga que as concepções pedagógicas de Paulo Freire estejam superadas, e isso antes do atual discurso anti-freireano proferido pelos mesmos que se tornaram adeptos e adeptas do terraplanismo, do negacionismo científico, da naturalização das situações de opressão. Há ainda aqueles e aquelas que buscam "neutralizar" a radicalidade da pedagogia freireana associando-a a perspectivas construtivistas ou focadas no desenvolvimento de "competências e habilidades", quase sempre ditadas pelo próprio Capital. E, ainda assim, as concepções pedagógicas de Paulo Freire seguem vivas nas experiências educativas promovidas pelos movimentos sociais, pelos projetos de educação popular, pela assessoria jurídica popular (Diehl, 2022, p. 17).

Evidencia-se que, em toda sua obra, Freire enfatiza a importância de reinventar o método que criou, há também necessidade de compreender melhor a teoria colocada por ele, o não entendimento por muitos, traz tentativas de neutralizar as contribuições para a educação brasileira, portanto, em suas entrevistas, Freire deixa evidente a necessidade de ser revisto, renovado e reinventado e como seres inacabados, o ser humano reinventa e modifica sua cultura.

Na obra de Paulo Freire de 1982, “Educação e Mudança”, Moacir Gadotti²⁴, no prefácio, frisou:

Depois de Paulo Freire ninguém mais pode ignorar que a educação é sempre um ato político. Aqueles que tentam argumentar em contrário, afirmando que o educador não pode 'fazer política', estão defendendo uma certa política, a política da despolitização. Pelo contrário, se a educação, notadamente a brasileira, sempre ignorou a política, a política nunca ignorou a educação. Não estamos politizando a educação. Ela sempre foi política. Ela sempre esteve a serviço das classes dominantes. Este é um princípio de que parte Paulo Freire, princípio subjacente a cada página do que aqui escreveu (Freire, 1982, p. 14).

Assim, perceber a educação como ato político é essencial para que a escola cumpra seu papel de ensinar para a atuação na prática social, emancipação que leva para a liberdade da condição de passividade. A educação sempre esteve e está a serviço da classe dominante, cuja administração desta educação fica, atualmente a cargo de grandes empresas que ditam como o ensino e a aprendizagem devem acontecer, privatizando a responsabilidade para que empresários controlem o desenvolvimento dos estudantes e transformando-os para que cada vez mais não dependam do estado para nada. Considera-se também que, as oportunidades são diferentes, nem todos possuem educação de qualidade e, portanto, permanecem na submissão.

Diante disso, ao longo de sua história, Freire foi um educador popular, trazia em suas obras a necessidade do desenvolvimento de um olhar crítico sobre as pessoas que não tinham consciência da realidade em que vivem, a luta pela desigualdade social pode ser percebida em cada linha dos seus escritos e ações.

Pereira sobre Freire:

Chamado por muitos de “andarilho da utopia” percorreu o mundo sempre desenvolvendo trabalhos que plantavam nos sentidos das pessoas a esperança e o desejo de um mundo melhor. Essa “andarilhagem” foi alimentada por vivências que se iniciaram nos seus tempos de menino. Foi nesse experimentar-se no mundo, que recebeu influências de pessoas com as quais conviveu, tanto através de situações concretas como através de leituras e reflexões (Pereira, 2014, p. 10).

Evidencia-se novamente que, a infância de Freire teve grande influência em sua vida profissional, assim, nota-se que é essencial política públicas para a primeira infância, por se

²⁴ “Professor titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), desde 1991 e diretor do Instituto Paulo Freire em São Paulo. Licenciado em pedagogia e filosofia, mestre em filosofia da educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), doutor em ciências da educação pela Universidade de Genebra, na Suíça, e livre docente pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Possui várias publicações voltadas para a área de educação entre elas Educação e poder. (Cortez, 1988), Paulo Freire: Uma bibliografia (Cortez, 1996), Pedagogia da Terra (Petrópolis, 2000) e Educar para um Outro Mundo Possível (Publisher Brasil, 2007). Integrou a primeira diretoria executiva da Fundação Wilson Pinheiro, fundação de apoio partidária instituída pelo Partido dos Trabalhadores em 1981 (antecessora da Fundação Perseu Abramo)”. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/8121648/moacir-gadotti>. Acesso em: 24 jun. 2024.

tratar de uma faixa etária que está em pleno desenvolvimento, portanto, que a leitura literária desde a mais tenra idade contribui para que a criança perceba o mundo, se sinta pertencente a ele e que pode agir para transformá-lo.

Assim, o diálogo é capaz de unir as pessoas e promover a revolução, para Freire o diálogo com as massas oprimidas favorece a verdadeira revolução, quando o educador menciona que a educação é um ato político, traz para a reflexão e conscientização de todos que, é um direito e que deve ser aberta ao diálogo, a participação consciente de todos e que é na educação, no dia a dia da escola que grandes e importantes questões devem ser levantadas e que não se pode negar que dialogar sobre as questões sociais precisa fazer parte da rotina escolar e para o educador, quanto mais cedo começar o diálogo, mais revolução acontecerá.

Diante disso, a leitura literária é grande provocadora de interações e diálogos entre professor, estudantes e toda comunidade. Dialogar sobre as histórias lidas oportuniza reflexão sobre a própria vida e o mundo. A literatura instiga o desejo de transformar a realidade. O método de Freire investiga a vida.

Sobre Freire, Arroyo ressalta que o educador não criou apenas um método, criou muito mais para a educação:

Paulo Freire não inventou um método. Educação para ele é muito mais que isto. Ele não inventou uma chave, um conjunto de técnicas, uma ferramenta, uma muleta para responder a questões do tipo: me ensina a fazer, como fazer, por onde começar, aonde chegar? Seu pensamento não é uma nova técnica, uma nova metodologia, uma receita que cada um possa seguir ou não. Paulo foi na contramão do tecnicismo, do que vinha acontecendo na área de educação. Ele não admitia educação como método ou técnica neutra. Ele nega esta neutralidade. Para ele, educação é ato político (Arroyo, 2002, p. 20).

Nas palavras de Arroyo constata-se que o educador insistia em dizer que não havia inventado um método e nem ferramentas para ensinar, mas ao longo de sua trajetória, percebe-se que a concepção que tinha sobre educação era algo que ia além de codificar ou decodificar os códigos da escrita e leitura, era se colocar ativamente no mundo e ter voz, vez e participação em uma sociedade que visa o lucro e uma educação a serviço apenas de formar trabalhadores para atuarem passivamente nos locais de trabalho. Constata-se ainda que, quando a alfabetização desenvolvia a consciência dos educandos, levava a liberdade e emancipação.

Freire é o brasileiro que mais recebeu homenagens, possui mais de trinta e cinco títulos de Doutor Honoris Causa de universidades europeias e da América, além inúmeras menções e diversos prêmios, dentre eles, dentre eles Educação pela Paz, da Organização das Nações

Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), que Freire recebeu em 1986. (Brasil, 2012, p. 1).

Giroux enfatiza e recorda o que levou Paulo Freire a ser o Patrono da Educação Brasileira:

Por que Freire é o patrono da educação? É simples. Na área acadêmica da educação, da pedagogia, ninguém possui o reconhecimento internacional que ele tem. O critério da avaliação entretanto é fundamental para a ciência; portanto, se seus livros foram traduzidos para mais de 40 idiomas, se as principais universidades do mundo lhe deram prêmios e se seu trabalho inspira práticas educacionais, é um sinal de que é importante para o seu campo do saber (Giroux, 2016, p. 297).

Freire é reverenciado no mundo, suas obras são lidas e homenagens a ele são realizadas em reconhecimento ao legado educacional deixado. É o único brasileiro a ganhar uma estátua na Universidade de Cambridge, professores da Universidade o consideram como o símbolo do diálogo. Pedagogia do Oprimido é uma das obras mais lidas na Universidade de Harvard.

Paulo Freire “tornou-se assim, um educador que lutou pela construção da educação popular, dedicado e comprometido com a causa dos excluídos, deixa um legado de esperança para as possíveis transformações sociais” (Schram; Carvalho, 2015, p.12).

Pereira comenta que,

Freire marcou a vida de muitas pessoas, bem como foi marcado por elas e, mesmo com toda grandiosidade da sua obra, todo o reconhecimento internacional, manteve-se humildemente como “pessoa”, buscando sempre o diálogo com os outros e negando-se a ser transformado em mito (Pereira, 2014, p. 9).

Freire em sua vivência pedagógica como gestor público, “propõe uma trajetória conferindo um olhar dedicado, possível porque esperançoso, alicerçando os rumos para a educação popular democrática, impondo a razão primeira de pensar a escola na perspectiva de participação coletiva através dos conselhos escolares, assim, Schram e Carvalho enfatizam que Freire instruíra que,

Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feito, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história (Schram e Carvalho 1991, p. 16).

Para Freire os saberes iniciam quando os sujeitos passam a ter uma consciência crítica da realidade que os cercam, e a partir dela, os conteúdos escolares fazem sentido. Para o autor, não há aprendizado sem conteúdos, mas que estes sejam contextualizados a partir das vivências

e experiências dos educandos, o ensino só fará sentido, se aplicado na prática em sociedade e para transformar a realidade das pessoas.

Ainda sobre os estudos de Freire, Reis aponta que mesmo diante de todo reconhecimento, Freire nunca deixou suas raízes,

Paulo Freire é o educador internacionalmente conhecido (com trabalho, publicações nos cinco continentes), mas ele nunca perdeu sua essência, suas raízes nordestinas no jeito de dialogar e de estar no mundo com as pessoas. Nunca deixou que esse sentimento rasteiro da vaidade e arrogância intelectual o dominasse, foi sempre muito humilde. Com ele, aprendemos a busca da coerência entre o que pensamos e fazemos, a necessidade do diálogo crítico e respeitoso, com seus exemplos de vida, sua humildade, sabedoria, generosidade, simplicidade, coragem e defesa dos oprimidos e dos esfarrapados do mundo (Reis, 2021, p. 5).

Observa-se que em sua trajetória, Freire sempre mencionava a infância em Pernambuco e mesmo com conhecimento mundial, mantinha-se suas raízes e o diálogo sempre presente nas interações com as pessoas, assim a dialogicidade, uma das categorias do seu método, trazia a importância da escola oportunizar um ensino que dialogue com a realidade do educando e que assim, ele participe da vida em sociedade de maneira autônoma e respeitosa.

Saviani comenta que Freire suscitou a camada popular da sociedade para olhar para si, para a realidade de modo que percebessem suas necessidades diante do capitalismo que oprime:

Paulo Freire foi, com certeza, um dos nossos maiores educadores, entre os poucos que lograram reconhecimento internacional. Sua figura carismática provoca adesões, por vezes de caráter pré-crítico, em contraste com o que postulava sua pedagogia. Após sua morte, ocorrida em 1997, a uma maior distância, sua obra deverá ser objeto de análise mais isentas, evidenciando-se mais claramente o seu significado no nosso contexto. Qualquer que seja, porém, a avaliação a que se chegue, é irrecusável o reconhecimento de sua coerência na luta pela educação dos deserdados e oprimidos que no início do século XX, no contexto da “globalização neoliberal”, compõem a massa crescente dos excluídos. Por isso seu nome permanecerá de uma pedagogia progressista e de esquerda (Saviani, 2007, p. 333)

Quando o estudante problematiza a realidade, ele passa a intervir nela e assim, modificá-la, quanto mais o neoliberalismo avance, mas oprimidos teremos, diante disso, Freire era um progressista com ideias políticas de esquerda, motivos que levam poderes de direita e extrema direita o desejo de excluir o título de Patrono da Educação Brasileira e o negacionismo perante o legado educacional deixado pelo educador.

A luta pela educação de Freire tem como concepção o poder de transformação das pessoas através da educação, uma educação que liberta e emancipa, por isso, popularizou a educação e levou para as camadas mais simples da sociedade e tudo iniciava-se pela conscientização das pessoas sobre as questões sociais que as envolvia.

Diante dos pressupostos, impossível negar a importância do método de Freire para o desenvolvimento da educação brasileira, faz-se necessário compreender suas ideias para que as escolas, reinventem sua obra, como ele mesmo desejava, a reinvenção e realize adequações mediante a realidade de cada instituição.

A experiência desenvolvida pelo Patrono da Educação Brasileira e sua equipe de coordenadores universitários em Angicos já evidenciava que as ações utilizadas para alfabetizar adultos iam além das letras e sílabas, mas privilegiava-se a cultura de cada pessoa, sua história de vida, seus saberes e abria-se para o debate da realidade. Angicos recebeu o projeto de alfabetização de Freire que obteve resultados e reconhecimento mundial. Assim, este trabalho retrata a experiência objetivando valorizar e reforçar a grandiosidade do educador.

3.1 Angicos

Angicos, uma cidade do Rio Grande do Norte, nordeste brasileiro, foi o local para que Paulo Freire, em 1963, colocasse em prática seu método de alfabetização de adultos, que já era desenvolvido no Recife e que passou a ter notoriedade de forma nacional e internacional.

As Professoras Silva; Alcântara; Eleutério (2006, p. 7) apresentam Angicos em poema,

Angicos!
Sertão do Centro Norte do Estado
Distante 170 km da capital
Angicos do Pico do Cabugi
Do famoso banho de gangorra
Da cerâmica, dos chapéus de palha
Das esteiras e talhas de madeira.
Angicos da dança do camaleão
Do xiquexique, do mandacaru
Terra de cantadores e poetas
Da beleza das serras
Pátria de Aluizio Alves... político cristalizado no tempo.
Angicos!
Cenário ideal para realização da primeira experiência
Sistematizada de alfabetização de adultos.
(Silva; Alcântara; Eleutério, 2006, p. 7).

No poema evidencia-se características peculiares do local e o coloca como cenário ideal para a experiência do educador. A intenção de Freire em Angicos era de desenvolver seu método de alfabetização e visava alfabetizar adultos em 40 horas, além disso, objetivava também politizar essas pessoas.

Angicos era a cidade ideal para que esta experiência fosse realizada. O objetivo do desenvolver deste método era diminuir o índice de analfabetismo no estado, atingindo 70% da população adulta, em uma época em que apenas pessoas alfabetizadas podiam votar, o colégio eleitoral de Angicos não chegava a atingir a marca de seiscentos eleitores/as.

Assim, Germano afirma que,

Isso despertou enorme curiosidade, motivo pelo qual o trabalho de Freire e dos estudantes do Rio Grande do Norte correu o mundo. Em Angicos estiveram presentes observadores, especialistas em educação e jornalistas não somente dos principais meios de comunicação do Brasil, como do exterior. Para lá se deslocaram, por exemplo, representantes do New York Times, do Time Magazine, do Herald Tribune, do Sunday Times, do United e da Associated Press, do Le Monde (Germano, 1997, p. 1).

As atenções se voltaram para a experiência e autoridades e especialistas brasileiros e estrangeiros desejavam conhecer de perto a experiência que estava transformando a vida dos trabalhadores de Angicos.

O desenvolvimento do método possuiu como responsável o Serviço Cooperativo da Educação do Rio Grande do Norte, SECERN, possuindo a orientação pedagógica do sistema de alfabetização de adultos elaborado por Paulo Freire, em Recife, que já apresentava bons e positivos resultados.

Em 1962, Paulo Freire e a equipe do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife “foram assessores da Campanha de Educação Popular da Paraíba – CEPLAR, criada em João Pessoa por estudantes universitários e profissionais recém-formados para a alfabetização de adultos” (Fávero; Júnior, 1992, p. 5).

A experiência de Angicos então, surgiu em 1962, através de um convite realizado a Paulo Freire por Calazans Fernandes, secretário da educação do Estado do Rio Grande do Norte e coordenador do Serviço Cooperativo de Educação do Rio Grande do Norte – SECERN. Dando o aceite ao convite, Freire, Calazans e Maria José Monteiro²⁵, realizaram uma reunião no Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife, objetivando desenvolver o projeto para Angicos. Entretanto, o aceite de Freire para o convite, deu-se com a solicitação de duas condições: que houvesse autonomia para contratar os coordenadores e alfabetizadores e não interferência político-pedagógica e ideológica, de modo que não houvesse o que interferir e seu trabalho.

²⁵ Ex-aluna de pedagogia de Paulo Freire. (A autora, 2024).

A equipe de Freire contava com coordenadores, monitores, estudantes universitários da Universidade Federal do Rio Grande do Norte dos Cursos de Direito, de Serviço Social, de Engenharia, entre outros, no início de 1963, em suas férias, estes jovens desenvolveram o projeto piloto para a alfabetização em quarenta horas.

Os objetivos do desenvolvimento da experiência iam além do alfabetizar os adultos de Angicos, também havia como intuito:

1. Dar ao adulto o domínio das habilidades fundamentais em linguagem, leitura e aritmética;
2. Promover o renascimento ou a criação de ideias e padrões elevados de vida;
3. Formar no homem a convicção da sua responsabilidade (e da responsabilidade do Estado) em dar educação aos seus filhos;
4. Habilitá-los ao exercício da cidadania, como eleitor, como membro de uma nação livre e como participante ativo do regime democrático;
5. Promover a elevação do seu nível de vida em casa, do ponto de vista de higiene, do conforto e da alimentação;
6. Habilitá-los à administração equilibrada dos seus recursos financeiros e da direção de sua própria vida;
7. Despertar nele a noção de que ele, sua mulher e seus filhos têm direito a uma vida melhor. (Lyra, 1996, p. 152).

O intuito principal era atingir e contemplar uma educação emancipadora de forma política e social, fazendo com que as pessoas tomassem consciência da democracia e da igualdade em direitos para todos os seres humanos, e isso se alcança através do conhecimento.

Figura 1 - Abril de 1963: Paulo Freire explica ao presidente e a políticos nordestinos a sua pedagogia dos oprimidos.



Fonte: Instituto Paulo Freire; Direitos Humanos na Internet, 1964.

A imagem figura 1 retrata Freire, em uma reunião, explicando o método revolucionário para o presidente João Goulart, ministros e especialistas na área educacional.

Ao final do ano de 1962, o grupo de estudantes universitários realizou um levantamento vocabular da população de Angicos, pois isso seria o a preparação do nortear do desenvolvimento do método. No início do ano de 1963, criaram Círculos de Cultura, sob o patrocínio do Governo do Rio Grande do Norte e da Aliança para o Progresso (programa de origem norte-americana), tornando possível o emprego do método de alfabetização.

Em sua obra “As quarenta horas de Angicos: uma experiência pioneira de educação”, Lyra narra como foi a chegada dos/das universitários/as em Angicos,

Ninguém me contou, eu vi acontecer, vi a revolução. Um dia chegou a Angicos um bando de moças e rapazes, quase todos universitários e todos os voluntários. Bateram de porta em porta:

— O senhor sabe ler?

Sáiram avisando, um alto-falante montado num jipe:

— Nós vamos ensinar quem quiser, qualquer pessoa pode ler e escrever.

No princípio eles não acreditavam muito, o povo da terra. Foi preciso ir mesmo de casa em casa, convencer um a um, com muita conversa (Lyra, 1996, p. 20).

Ao chegar em Angico os jovens universitários, de porta em porta e com o auxílio de um alto-falante convidavam os adultos para a alfabetização, pessoas desacreditadas que poderiam aprender e tão acostumadas a exclusão social que nem sabiam que poderiam realmente aprender a ler e escrever.

Desta forma, iniciou-se a investigação da realidade linguística dos/as adultos/as que ali seriam alfabetizados/as.

A partir desta investigação foram retiradas e selecionadas as palavras e os temas geradores que motivariam e seriam empregadas no processo de alfabetização e objetivariam os debates conforme a relevância e significado social para as pessoas ali.

Marcos Guerra, um dos monitores da experiência de Freire, afirma que,

Como monitores, fazíamos uma pesquisa investigando a vida das pessoas. Não adianta ensiná-los palavras da cartilha do Ministério de Educação, se não faziam parte do universo vocabular de cada um. Não haveria utilidade” (Guerra apud Madruga, 2005, p.1).

As lembranças de Guerra evidenciam-se que os conhecimentos que os educandos era o ponto de partida para a alfabetização, a partir das palavras que faziam parte do cotidiano e da realidade de cada um, iniciava-se o processo.

Halbwachs destaca que as memórias dos educandos era um importante recurso no método utilizado por Freire,

“Percebemos nas memórias dos sujeitos com quem conversamos um forte atravessamento da memória coletiva em que os indivíduos incorporam os conhecimentos sobre sua comunidade e seu espaço social, e, dessa forma, compreendem o seu desenvolvimento no contexto histórico” (Halbwachs, 1990).

O universo vocabular, o modo de viver de cada educando era sempre a rotina das aulas, por meio do diálogo e das observações da realidade em que estavam inseridos, os educandos se conscientizavam dos problemas da comunidade e refletiam possíveis soluções.

Ferreira exemplifica algumas palavras geradoras, as quais eram a base para iniciar a alfabetização, palavras que faziam parte do vocabulário dos educandos,

O levantamento das palavras foi realizado através de diálogos informais, anotando as palavras mais expressivas, buscou-se uma aproximação também com o mundo do trabalho, político e conjugal desta comunidade. As palavras foram então separadas como geradoras e fonemas básicos. O método visual ficou através de fichas coloridas que eram projetadas e contendo situações do próprio cotidiano do grupo, sendo a projeção realizada através de retroprojeter, projetor opaco e projetor de filme. Algumas palavras geradoras utilizadas foram, por exemplo: voto; povo; sapato; chibanca; milho; feira; expresso; xique-xique; salina; goleiro; tigela; cozinha; jarra; fogão; bilro; e almofada (Ferreira, 2021, p. 4).

O levantamento das palavras geradoras revelava a realidade da vida dos educandos, palavras que possuíam grande significado para os educandos respeitando a realidades e representando a leitura do cotidiano. Germano e Paiva (2006, p. 13) exemplificam algumas palavras utilizadas: “belota (corruptela de borla ou bolota), voto, povo, salina, feira, milho, goleiro, cozinha e tigela, todas escolhidas no levantamento do universo vocabular dos alunos”

Silva e Sampaio ainda afirmam que,

Foram identificadas cerca de 410 palavras, das quais foram escolhidas dezesseis para o trabalho nas 40 horas, tendo sido a primeira para iniciar o processo de alfabetização: belota, que denomina os enfeites das redes e dos utensílios dos vaqueiros. Antes, porém, da introdução, discussão e início da leitura e da escrita das palavras, o processo se iniciava com a problematização da leitura de mundo na “aula de cultura”, com a utilização de fichas ainda sem palavras escritas que tinham o objetivo de provocar o debate visando o entendimento de que somos todos sujeitos de cultura, todos produtores de conhecimentos (Silva; Sampaio, 2013, p. 6).

Conforme as palavras geradoras o material didático era preparado, como por exemplo, fichas de leitura, slides, entre outros. Desta forma, as Professoras Silva, Alcântara, Eleutério (2006, p. 8) explicitam como funcionava as aulas:

As aulas eram desenvolvidas através de situações-problema, estimulando a participação e o posicionamento crítico do educando, de modo que o adulto se educava mediante a discussão de suas experiências de vida com outros indivíduos que

participavam das mesmas experiências, num processo em que o homem aprende a si mesmo e aos outros sob a mediação do mundo. Assim se dava a leitura da palavra, passando pelo reconhecimento dos fonemas e das sílabas até a leitura de frases que traduzem as relações com o mundo (Silva; Alcântara; Eleutério, 2006, p. 8).

O projeto foi lançado dia 18 de janeiro de 1963 com a aula inaugural de Paulo Freire, contando com a presença do então Governador, Aluísio Alves. Neste dia, 380 moradores de Angicos iniciaram sua alfabetização.

Figura 2 – Primeiros/as educandos/as de Angicos na sala de aula



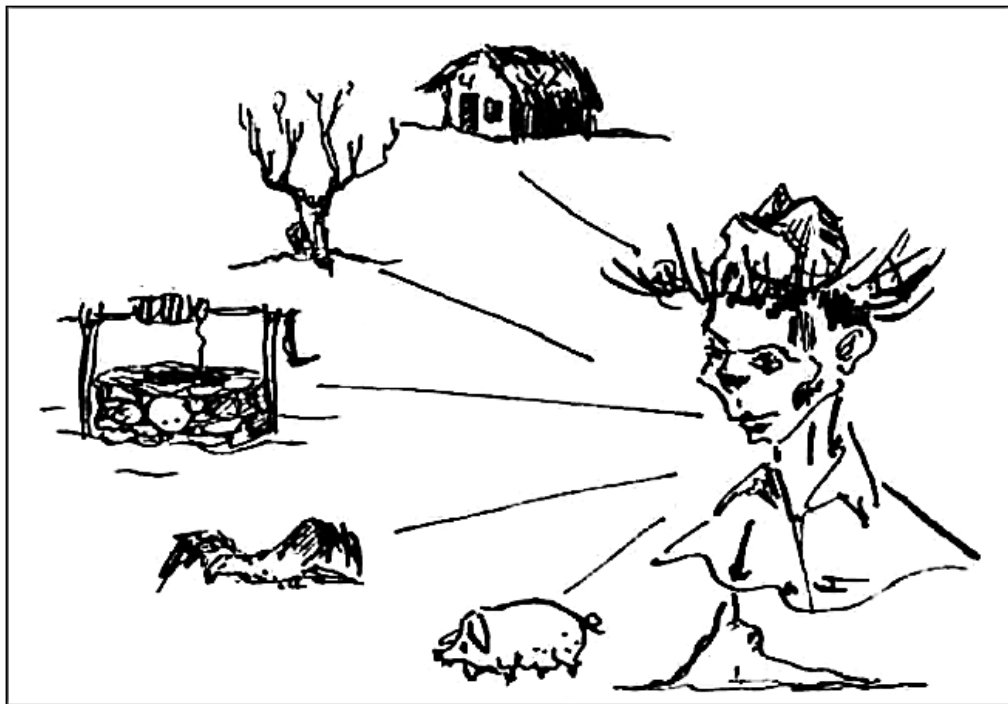
Fonte: Instituto Paulo Freire, 1963.

Paulo Freire visava alcançar as camadas populares e, para isso, utilizava tudo o que o aproximasse das pessoas, não precisando de espaços ou de materiais elaborados fora do contexto dos educandos, mas sim, do interesse dos sujeitos envolvidos, geralmente agricultores, feirantes e donas de casa. Os estudantes, segundo Lyra (1996), vinham de 12 a 18 quilômetros de distância (Lima; Macêdo; Souza; Júnior, 2022, p. 12).

A figura 2 retrata o local em que as aulas eram realizadas e os educandos, as aulas aconteciam a luz de lampião na residência de um educando, vários trabalhadores vinham de longe para participar do projeto de alfabetização.

Em 24 de janeiro, iniciou-se as “Quarenta horas de Angicos”, sendo foi realizada a primeira aula que teve como tema “Conceito antropológico de cultura”.

Figura 3 - Imagem utilizada na primeira aula de Angicos para a discussão do conceito antropológico de cultura



Fonte: Arquivo pessoal de Carlos Lyra, 1963.

A figura 3 retrata as imagens utilizadas como recurso para o desenvolvimento da escrita, na primeira aula, o tema foi a cultura que as pessoas possuem, como vivem, as crenças, os problemas, como realizam o trabalho e questões salariais.

A metodologia era inovadora e alternativa para o desenvolvimento do método pedagógico com jovens e adultos. Sua proposta não envolvia o uso de cartilha, o que era um instrumento principal dos métodos da época, envolvia os “círculos de cultura”, que substituíam as técnicas, até então, tradicionais, que constituía espaços onde era desenvolvido o debate que dava origem ao processo de alfabetização e conscientização, pois o objetivo de Freire era que as pessoas desenvolvessem o questionamento, a fim de que modificassem, renovassem e corrigissem suas realidades.

Germano afirma que o projeto de alfabetização politizava as pessoas e assim, contribuir para o desenvolvimento da cidadania,

Nesse contexto, a educação passou a ser alvo de grande interesse por parte dos setores reformistas, com uma particularidade: uma acentuada ênfase na dimensão política da educação. Assim, o que estava em jogo, para além da alfabetização de milhões de adultos, adolescentes e crianças, dizia respeito à necessidade de politizar e conscientizar o povo para que ele pudesse participar efetivamente da vida do país e influenciar decisivamente na transformação da sociedade brasileira. Enfim, numa linguagem muito discutida atualmente, o que estava colocado como prioridade era o desenvolvimento de uma educação para a cidadania, para a organização da cultura, para a participação política de enormes contingentes populacionais (Germano, 1997, p. 1).

Educação para o desenvolvimento da cidadania era o objetivo das aulas, acreditava-se que, a partir da discussão sobre o modo como viviam e como se relacionavam com o trabalho, as reais demandas, os debates resultavam no desenvolvimento de uma consciência crítica. Considera-se que nada adianta saber ler se não se compreendia o que lia e não havia significado com a realidade em que viviam.

Na figura 4, o Paulo Freire e Carlos Lyra jornalista que transformou suas observações em um livro: “As quarenta horas de Angicos: uma experiência pioneira na educação”

Figura 4 - Paulo Freire e Carlos Lyra²⁶



Fonte: Instituto Paulo Freire, 1963

²⁶ “O autor e jornalista Carlos Lyra, publicou no ano de 1996 a obra chamada As quarenta horas de Angicos: uma experiência pioneira de educação. O autor que participou como voluntário de Paulo Freire na experiência escreveu uma das mais longas obras de descrição desta grande experiência educacional no município de Angicos, Rio Grande do Norte em 1963. Coordenou os trabalhos pedagógicos de Angicos e deles produziu, com suas próprias mãos, os materiais instrucionais formadores de letras, de fonemas, de paredes inteiras de palavras e sentenças-chave. Calazans Fernandes sobre Lyra na Apresentação do Livro “As quarenta horas de Angicos: uma experiência pioneira de educação”, de Carlos Lyra” (Fonseca; Ferreira, 2021, p. 12).

Germano e Paiva elencam algumas frases das pessoas participantes do método de alfabetização, dentre elas,

Quero aprender a ler para: melhorar de vida; ter outra vida; para servir a mim e a quem precisar; e votar em quem merecer; O trabalho é cultura; O trabalho é que dá honradez ao homem; O povo precisa de igualdade, justiça, trabalho, alimento; O povo quer melhorar de vida, deixar de ser massa (Germano; Paiva, 2006, p. 13).

Melo, na época era uma criança, filha de adultos que participaram do plano de alfabetização, ela conta que ia com sua mãe e pai nas aulas quando tinha seis anos de idade e ela enfatiza que foi muito proveitoso e por acompanhar meus pais, acabei me alfabetizando antes deles (Melo, 2011, p. 2). As frases constavam no jornal mimeografado e organizado pela equipe responsável pela experiência.

Desta forma nota-se como a partir da alfabetização, práticas educativas e sociais, e desenvolvimento da politicidade, o ser passa a construir e desenvolver sua resistência e conquistar sua emancipação após anos de dominação e opressão.

Carvalho e Barbosa contam que pessoas privadas de liberdade, iam para as aulas acompanhados de policiais, mostrando que toda cidade estava mobilizada em aprender a ler e escrever,

Em Angicos, os participantes (alunos) desse projeto eram pessoas de baixa renda ou sem renda alguma, agricultores, lavadeiras, donas de casa, pedreiros e até mesmo os presos receberam autorização para frequentarem as aulas, o que faziam acompanhados de policiais (Carvalho; Barbosa, 2011, p. 8).

Paulo Freire não gostava quando reduziam sua filosofia educacional a uma metodologia de ensino. Para Freire, “mais importante do que saber como ensinar é saber como o aluno aprende. Paulo Freire construiu um método de conhecimento e não um método de ensino”. Diante disso, Gadotti reforça que,

Paulo Freire tinha razão ao se insurgir contra uma certa mitificação do seu método. Ele tinha pavor de reducionismos porque eles estiolam a complexidade da realidade. Nada de dogmas metodológicos. Ele tinha aprendido com a fenomenologia que devemos ir as coisas, à realidade, ler primeiro o mundo. Seu método deveria ser submetido ao crivo da práxis. Ele é sempre experimental (Gadotti, 2014, p. 31).

Para o autor, a práxis educacional é fundamental para que se avalie o desenvolvimento do ensino e aprendizagem, a partir da práxis é possível ação, reflexão e ação, um processo permanente e olhar para a prática e reinventá-la.

A primeira turma participante do método de Paulo Freire em Angico, concluiu o curso em 2 de abril de 1963, tiveram a cerimônia de entrega de certificados aos que haviam se

alfabetizado e contou com a presença do então presidente da República João Goulart e de vários governadores do Nordeste e de representantes da Aliança para o Progresso.

Ao concluir da experiência, 300 trabalhadores rurais foram alfabetizados, em 40 horas de aula e em apenas 45 dias. O sucesso do projeto fez com que o presidente João Goulart percebesse a necessidade de multiplicá-lo para outras localidades do país. Assim, Carvalho e Barbosa ressaltam que,

O sucesso dessa experiência valeu ao Professor Paulo Freire o convite para repensar a alfabetização de adultos em âmbito nacional. Porém, a Campanha Nacional de Alfabetização do governo João Goulart não chegou a ser posta em prática. O golpe militar puniu severamente essas experiências e muitos dos seus participantes (Carvalho; Barbosa, 2011, p. 10).

No dia do anúncio pelo presidente da necessidade de alfabetizar mais brasileiros. Na ocasião, Freire realizou um discurso, e em suas oito páginas de fala, enfatizou e ressaltou os princípios científicos e filosóficos do seu método e sua metodologia, reforçando a importância e necessidade de uma educação conscientizadora e crítica, objetivando a liberdade e que o ser se torne sujeito ativo de sua própria história.

Em seu livro, Lyra cita um importante trecho do discurso proferido por Freire,

De hoje em diante, esses homens vão votar não nos homens que lhes peçam um voto; vão votar não nos políticos que somente porque sejam políticos se apoderaram do seu destino; vão votar não somente nos coronéis ou porque sejam coronéis, mas vão votar precisamente à medida em que esses candidatos revelem uma possibilidade de realmente e de lealmente servir ao povo e servir a ele mesmo (Lyra, 1996, p. 115).

Evidencia-se no discurso que o educador acreditava que a partir da leitura e consciência de mundo, os educandos seriam mais criteriosos no momento de escolher os representantes por meio do voto.

Figura 5 – Paulo Freire em Angicos, recebendo o título de cidadão angicano.



Fonte: Instituto Paulo Freire, 1963.

O método de Freire era tido como sucesso por especialistas e a população o homenageou com o título, a cidade comemorava as conquistas, como mostra a figura 5. No dia, educandos, em plenária, comentava as mudanças que a alfabetização tinha proporcionado na vida deles.

O método de Freire vai além do aprender a ler e escrever, mas é a partir da tomada de consciência, que as pessoas se organizam para transformar a realidade, a partir do conhecimento da realidade, dos direitos e da participação social que há resgate da autoestima e exercício da cidadania.

Figura 6 – Educando discursando para o presidente



Fonte: Instituto Paulo Freire, 1963.

De pé, no centro, está o alfabetizando Antônio Ferreira que fala ao presidente e aos dois políticos em nome da primeira turma que se formava em Angicos. Para além do evento festivo, essa fotografia adentra o universo simbólico que a experiência de se tornarem alfabetizados certamente trouxe para aqueles educandos. A postura de Antônio Ferreira —de pé, com olhos fixos no presidente e nos outros políticos —é a de um homem seguro do seu valor enquanto sujeito histórico. Logo, o registro não trata apenas da validação do “Método Paulo Freire”, na voz dos próprios beneficiados, mas também da humanização de homens e mulheres excluídos do acesso à educação formal durante toda a sua vida (Lima; Macêdo; Souza; Júnior, 2022, p. 5).

Na figura 6, educando Antônio Ferreira, discursa sobre a transformação que a alfabetização proporcionou a sua vida pessoal e profissional, os relatos eram de superação e comoveu a todos os presentes, pois os benefícios eram narrados por quem passou pelo processo educacional.

Outro ex-aluno, Severino, contou que sua filha Neide, de 6 anos, havia se alfabetizado junto como ele, e hoje, com 36 anos, era professora de escola pública.

Severino foi alfabetizado junto com a filha que se tornou professora de escola pública reafirma os ensinamentos de Freire que, a partir da alfabetização, as pessoas têm oportunidades de ampliar saberes e assim, transformar a realidade em que vivem. O método de Freire iniciava-se pela tomada de consciência, pensando sobre como vivem, porque vivem daquela forma e como podem mudar e intervir nessa realidade, levava ao desejo de continuar aprendendo para que o presente e o futuro fossem diferentes do passado.

Sobre as ações em Angicos, Gadotti expressa,

Angicos foi a fermentação de um processo de mudança pedagógica, além de anunciar a possibilidade de mudanças políticas e sociais. Angicos representa um convite a um novo pacto social, em que a educação, exercida de comum acordo com os movimentos sociais e a sociedade civil, torna o Estado um instrumento de transformação social, um instrumento de gestão do desenvolvimento, um instrumento de luta contra a opressão, um instrumento de libertação, e não simplesmente de regulação e de governança da ação social, como querem os neoliberais (Gadotti, 2014, p. 30).

Angicos formava para o exercício da cidadania, proporciona transformação social, é possível perceber nas colocações da Gadotti que a alfabetização libertou muitos trabalhadores da condição de oprimidos, cidadãos conscientes de seus papéis na sociedade, assim, é possível afirmar ainda que, aprender a ler leva ao desenvolvimento da liberdade.

Gadotti ressalta o sucesso do programa de alfabetização de adultos e cita a fala de um dos educandos, o alfabetizado Antônio Ferreira,

Mais do que uma experiência bem-sucedida de alfabetização de adultos, Angicos formava para a cidadania ativa, pensando numa mudança radical da sociedade brasileira, transformando «massa» amorfa em «povo» participante. É isso que nos revela um trecho da fala do aluno alfabetizado Antonio Ferreira, representando a turma no encerramento do curso de alfabetização em Angicos, dirigindo-se ao Presidente da República João Goulart: «naquele momento anterior veio o Presidente Getúlio Vargas, matar a fome do pessoal, a fome da barriga que é uma fome fácil de curar. Agora, na época atual, veio o nosso Presidente João Goulart matar a precisão da cabeça que o pessoal todo tem necessidade de aprender. Temos muita necessidade das coisas que nós não sabíamos, e que hoje estou sabendo. Em outra hora nós éramos massa, hoje não somos massa, estamos sendo povo» (Gadotti, 2014, p. 31).

Freire foi o mentor dessa educação para a consciência, da práxis libertadora, às vezes, práxis autênticas, práxis revolucionárias e muito além de um método de alfabetização de adultos, foi elaborada por ele uma filosofia de educação que é utilizada nas melhores escolas e universidades no mundo.

Gadotti sobre revisitar Angicos com Paulo Freire trinta anos após as aulas de alfabetização de adultos,

Em 1993, dia 28 de agosto, acompanhei Paulo Freire a Angicos (RN), trinta anos depois de ele realizar a experiência que o notabilizou no mundo. Ele dizia que aquela era uma viagem sentimental. Paulo estava reencontrando sonhos, pessoas, lugares de um grande projeto que marcou sua vida. Rever antigos alunos e monitores do seu projeto de alfabetização de adultos o emocionou muito. Naquela data, ao receber o título de cidadão de Angicos, declarou: “Em nenhum lugar do mundo onde estive, fiquei mais tocado do que aqui e agora” (Gadotti, 2014, p. 27).

Passados trinta anos da experiência em Angicos, Freire e Gadotti retornam a Angicos, uma viagem para relembrar, carregada de afetividade, estar em Angicos era para o educador um lugar especial, que projetou seu método para o mundo.

Gadotti, recorda que, na ocasião da visita, Freire encontrava-se debilitado, mas rever Angicos era revisitar uma época de grandes feitos,

Paulo estava muito debilitado naquele ano e, emocionalmente, estava reencontrando sonhos, pessoas e lugares de um grande projeto que marcou sua vida, ter revisto antigos alunos e os monitores de seu projeto de alfabetização de adultos o deixou bastante emocionado (Gadotti, 2014, p. 27).

Os/as moradores/as de Angicos, participantes do método de alfabetização/politização encontravam-se em uma realidade pouco privilegiado de água e, muito menos tinham conhecimento ou acesso aos direitos que possuíam. Conforme as aulas ocorreram e as pessoas engrateciam através do conhecimento, passaram a notar que poderiam agir sobre suas realidades.

Alfabetizar-se para estas pessoas significou uma mudança de vida, pois antes do projeto de alfabetização se sentiam esquecidos e excluídos do mundo, nunca tiveram voz para dialogarem sobre tristezas, alegrias, necessidades, desejos e respeito.

Silva e Sampaio enfatizam o legado freiriano em Angicos como uma grande lembrança,

O legado freiriano em Angicos é uma grande lembrança de uma invenção da esperança. Angicos foi a cidade, terreno fértil, em que Paulo Freire praticou e aprimorou o que tinha idealizado, sendo base para reflexões e produções futuras, foi também o lugar onde encontrou o seu povo, suas raízes. Todo e qualquer educador que tenha de algum modo corrido as vistas na pedagogia freireana saberá desta sua experiência. Essa é a lembrança da qual estamos amorosamente, denominando de invenção da esperança. Invenção no sentido de tornar visível o que não se vê, de romper e estilhaçar configurações políticas e culturais de espaços gangrenados por modelos tradicionalistas de sociedade, ser humano e educação. Acreditamos que Freire tomado pelo sentimento de pertencimento a uma região entregue aos caprichos de oligarquias políticas partidárias, inquietou-se a ponto de parir junto com seus pares tão alargada experiência (Silva; Sampaio, 2013, p. 8).

Assim, o marco histórico de Freire em Angicos evidencia como a alfabetização e a educação de forma geral promove a autonomia do ser, o tornando livre, conhecedor de seus direitos, de sua realidade e de seu mundo, mundo este que se torna peça-chave para que seus conhecimentos sejam desenvolvidos. Encoraja a pessoa a participar da vida em sociedade, exaltando a cultura e principalmente o diálogo que tem como objetivo levá-los a uma educação que liberta.

Para Freire o ser humano é inacabado, não está só no mundo, pode intervir na realidade transformando o entorno em que vive e o mundo. A escola é um espaço privilegiado para que a transformação comece a ser percebida, desejada e realizada, pois a partir de situações em que se desenvolva um ensino pautado na criticidade as pessoas tomam consciência e almejam

construir uma realidade diferente e assim, o processo educativo não pode se limitar a achar que transmite conhecimento, deposita conteúdos, mas que seja um processo de compreensão e de efetiva libertação.

3.2 Pedagogia crítica e libertadora

“Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”

Paulo Freire (1987, p. 52).

Dentre as muitas obras de Paulo Freire, temos Educação como Prática da Liberdade, em que ele relata seu método de alfabetização de adultos, e logo em seu início é discorrida a experiência da cidade de Angicos, RN, em 1961, onde em 45 dias, 300 trabalhadores rurais foram alfabetizados. O trabalho com a educação popular foi interrompido, tendo como motivo o Golpe Militar de 1964, pausando também o desenvolvimento da prática em outros estados. Nesta época também ocorreu a prisão de Freire, que durou 70 dias, e após isto, ele foi exilado.

Diante disto, Freire iniciou sua proposta para uma educação libertadora, objetivando o fim das opressões. Ao exercer a luta para que sua proposta fosse efetivada, e ao tomar maiores proporções, a sociedade burguesa, principalmente, vão à mão contrária a Paulo, desta forma,

Assim, Reis ressalta que,

Incomoda principalmente quem se compromete com a manutenção das injustiças sociais, quem não quer o fim das opressões, a libertação dos oprimidos, sem dúvida alguma, esse é o grupo dos principais incomodados, os grandes inimigos de Freire. Mas há outros a quem ele também desassossega: aqueles que, ainda que não estejam diretamente envolvidos na manutenção das opressões, alimentam a ingênua visão da neutralidade da educação. Eu ousaria acrescentar que Freire gera incômodo também naqueles educadores que, embora progressistas, têm dificuldade em assumir um comprometimento autêntico, uma comunhão e uma aproximação que produza um verdadeiro renascer (Reis, 2021, p. 2).

Libertar-se e sair da opressão é algo que incomoda, perder o domínio sobre as pessoas é desinteressante para quem oprime, assim, alfabetizar-se, instruir-se e abrir para o diálogo parece ser inaceitável. Portanto, é evidente que a educação desassossega, desequilibra, desacomoda e faz com que os excluídos apareçam e se manifestem.

Assim, Freire compartilhava suas reflexões sobre o que é existir, estar no mundo, e em sociedade, e afirmava ser fundamental, partir de que “o homem é um ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é” (Freire, 1967, p. 39).

Diante disso, Miranda coloca que,

Freire considerava que para o homem não bastava apenas viver no mundo, mas sim, estar no mundo, interagindo, dialogando, se apropriando e transformando a cultura [...] O homem é um ser de relações e não apenas de contatos, o que o diferencia dos demais animais. Podendo o homem conseguir essa integração com o mundo ao se adequar à realidade, conhecendo o contexto histórico e cultural, e ainda, interagir, criar, recriar, decidir, criticar, participando e transformando a história e a cultura. Dessa forma, podendo conseguir humanizar a realidade (Miranda, 2014, p. 18).

Viver no mundo e diferente de estar no mundo, quem está problematiza, faz escolhas, toma decisões, mas para que isto aconteça é preciso participar, opinar, decidir, argumentar e fazer parte, pertencer ao mundo.

Freire acredita que, para mudar seu destino e sua existência no mundo, é necessário o ser humano deixar de se “coisificar”, saindo da objetificação, para que seja humanizado, e isso seria possível e conquistado através da educação.

Ainda neste sentido, ele afirma,

O que se precisava urgentemente era dar soluções rápidas e seguras aos seus problemas angustiantes. Soluções, repita-se, com o povo e nunca sobre ou simplesmente para ele. Era ir ao encontro desse povo emerso nos centros urbanos e emergindo já nos rurais e ajudá-lo a inserir-se no processo, criticamente. E esta passagem, absolutamente indispensável à humanização do homem brasileiro, não poderia ser feita nem pelo engodo, nem pelo medo, nem pela força. Mas, por uma educação que, por ser educação, haveria de ser corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel no novo clima cultural da época de transição. Uma educação, que lhe propiciasse a reflexão sobre seu próprio poder de refletir e que tivesse sua instrumentalidade, por isso mesmo, no desenvolvimento desse poder, na explicitação de suas potencialidades, de que decorreria sua capacidade de opção. Educação que levasse em consideração os vários graus de poder de captação do homem brasileiro da mais alta importa no sentido de sua humanização. Daí a preocupação que sempre tivemos de analisar estes vários graus de compreensão da realidade em seu condicionamento histórico-cultural (Freire, 1967, p. 57).

Posicionar-se é o que se espera das pessoas, mas para que isto aconteça é necessário que a educação seja libertadora, emancipe pessoas que tenham consciência de sua história e cultura e entendam que é possível modificar a realidade, a escola, lugar de educação formal precisa educar para a vida em sociedade. O autor enfatiza que a educação deve propiciar a

reflexão do ser, e além de visar apenas uma capacitação, acima de tudo, ela deve visar e objetivar a humanização.

Valorizando a busca pela humanização através da educação, Freire explicita a concepção pedagógica que possui, que ia contra a concepção pedagógica tradicional, ou seja, as práticas comuns realizadas nas escolas. Ele afirma que, eliminando este modelo tradicional pedagógico, a potencialidade do ser humano seria atingida, se tornando humanizado e um sujeito histórico.

Para isto freire considera que a educação precisa problematizar, voltar-se para as situações reais do cotidiano, um ensino voltado para o desenvolvimento da criticidade, libertar-se da visão ingênua, ele afirma que,

Estávamos convencidos, e estamos, de que a contribuição a ser trazida pelo educador brasileiro à sua sociedade em “partejamento”, ao lado dos economistas, dos sociólogos, como de todos os especialistas voltados para a melhoria dos seus padrões, haveria de ser a de uma educação crítica e criticizadora. De uma educação que tentasse a passagem da transitividade ingênua à transitividade crítica, somente como poderíamos, ampliando e alargando a capacidade de aptar os desafios do tempo, colocar o homem brasileiro em condições de resistir aos poderes da emocionalidade da própria transição. Armá-lo contra a força dos irracionalismos, de que era presa fácil, na emersão que fazia, em posição transitive ingênua (Freire, 1967, p. 86).

A escola deva oportunizar um ensino voltado para o desenvolvimento de habilidades e competências voltado para o pensamento crítico mediante conflitos e situações da vida, importante que os estudantes aprendam a argumentar com fundamento e saibam intervir na realidade em que vivem.

O educador objetiva a mudança no processo educacional, devendo então, assumir a postura crítica, que fosse ao encontro de suas ideias e objetivos, tal mudança exigiria também um posicionamento crítico do/a educador/a, na área social, política, onde o diálogo com os populares fosse algo predominante, deixando de atender apenas às imposições da elite.

Dentre suas críticas às práticas pedagógicas, Freire afirma que, principalmente a educação em sua época, não despertava nos/nas estudantes o gosto e interesse por uma pesquisa científica, tendo em vista que, aulas desenvolvidas apenas com teoria não desenvolveria uma consciência crítica nos/nas educandos/as. Desta forma, ele frisa que deve haver,

Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição do seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias. Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro. Que o predispuesse a constantes revisões. À análise crítica de seus “achados”. A uma certa rebeldia, no sentido mais

humano da expressão. Que o identificasse com métodos e processos científicos (Freire, 1967, p. 90).

Desenvolver o senso crítico é uma competência a ser desenvolvida ao longo da educação básica e acredita-se que a educação literária seja um recurso que auxilie neste desenvolvimento, uma vez que desperta sentimentos e enriquece a visão de mundo.

Em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, Freire expõe a pedagogia sob a ótica do oprimido, afirmando que, a luta para que o ser humano venha a ser livre, é algo que se parece com sua realidade histórica. O ser humano deve acreditar em si e se reconhecer como oprimido na relação social, a partir disto, a busca pela liberdade ocorrerá.

Diante disto, a humanização do ser se torna afetado com sua opressão, e o autor afirma que:

A violência dos opressores que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade e mambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, roeste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos. Por isto é que o poder dos opressores, quando se pretende amenizar ante a debilidade dos oprimidos, não apenas quase sempre se expressa em falsa generosidade, como jamais a ultrapassa. Os opressores, falsamente generosos, têm necessidade, para que a sua “generosidade” continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça. A “ordem” social injusta é a fonte geradora, permanente, desta “generosidade” que se nutre da morte, do desalento e da miséria (Freire, 1987, p. 16).

Sem o despertar da consciência crítica, os oprimidos negam a opressão e acreditam que estão sendo ajudados a construir seu presente e futuro diante do pouco ou do nada que lhes são oferecidos seja pelo empregador ou pelo poder público, sem consciência de seus direitos, acreditam que lutar por políticas públicas que melhorem as condições não são para eles e passam a se contentarem com o que são, com o pouco que recebem e que o que produzem nas indústrias que trabalham não são para eles, mas para quem pode pagar pelo que produzem. Muitas vezes, produz o alimento, mas a geladeira de casa está vazia. O buraco na rua, a falta de iluminação pública, a falta de segurança, moradia, saúde, educação de qualidade são direitos que estão longe da realidade em que vivem.

O método de Freire se inicia com a tomada de consciência para que a alfabetização e outros saberes possam acontecer, o diálogo é sempre o ponto de partida da coletividade, em

toda sua trajetória de vida, pode-se afirmar que, para Freire, educar é uma relação entre pessoas, é uma luta coletiva, é reconhecer que todos possuem saberes e cultura.

Desta forma, o autor reforça que o diálogo deve ser priorizado, e que a ação e a reflexão devem estar sempre atreladas, de forma que seja contemplada a conscientização do ser sobre sua condição. Indo a este encontro, podemos citar a educação popular.

Quanto ao conceito de educação popular, Miranda ressalta que,

Existem várias abordagens para o termo “Educação Popular”, conceituadas por diversos autores. No entanto, quando se fala em Educação Popular na perspectiva Freiriana, ela toma uma dimensão que vai muito além do ensino democratizado, uma alfabetização voltada para a tomada de consciência do povo a respeito da sua condição social e econômica, e que a partir daí haja a participação da população nas práticas que vão permear o saber popular ao saber sistematizado (Miranda, 2014, p. 25).

Assim, o ensino voltado para a tomada de consciência da camada popular, condição básica para o pleno exercício da cidadania. Para Freire, priorizando a educação, diálogo, ação e reflexão, um bom trabalho será realizado. Visando a liberdade do oprimido, o autor afirma,

A nossa preocupação, neste trabalho, é apenas apresentar alguns aspectos do que nos parece constituir o que vimos chamando de Pedagogia do Oprimido: aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará (Freire, 1987, p. 17).

A educação como desenvolvimento da liberdade proposta por Paulo Freire (1987, p. 17) afirma que: “não pode haver uma pedagogia libertadora se ela estive distante das pessoas oprimidas, faz-se necessário que os oprimidos sejam seus próprios exemplos para sua luta de libertação”. Assim, na relação oprimido e opressor, Freire elenca que a pedagogia também é opressora, a denominando de “educação bancária”, que não proporciona o já mencionado diálogo, e vai contra tal ação, de modo que domestica e desumaniza, oprimindo ainda mais o ser.

A “educação bancária”, se dá pelo fato de que, este tipo de pedagogia, apenas “deposita” conhecimentos na pessoa e possui o ser humano vazio como concepção, tornando as pessoas mais fáceis de serem dominadas. De acordo com Paulo Freire, a libertação do ser humano oprimido será possível através da educação libertadora, indo contra dominação, contra a “educação bancária”, que transforma o ser em “vasilhas”, “recipientes” a serem “preenchidos”, enfatizando e enraizando os interesses do opressor.

O legado freiriano sempre combateu a educação bancária, pois esta baseia-se na transmissão e na memorização, que mantém as pessoas alienadas, dominadas e oprimidas, de modo que,

O educador aparece como seu indiscutível agente, como seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é ‘encher’ os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação (Freire, 1987, p. 79).

Evidentemente este modelo de educação não contribui para que os/as educandos/as sejam os/as protagonistas da produção do conhecimento, apenas os deixa passivos e acríticos.

Obviamente Freire contesta este tipo de educação, pois o que deve ser privilegiado é o diálogo, uma pedagogia problematizadora, reflexiva e que leve em consideração o contexto dos/das educandos/as.

Para Freire, uma educação popular e verdadeiramente libertadora, se constrói a partir de uma educação problematizadora, alicerçada em perguntas provocadoras de novas respostas, no diálogo crítico, libertador, na tomada de consciência de sua condição existencial. Tal investigação Freire chamou de “universo temático”, um conjunto de “temas geradores” sobre os níveis de percepção da realidade do oprimido e de sua visão de mundo sobre as relações homens-mundo e homens-homens para uma posterior discussão de criação e recriação (Linhares, 2008, p. 2).

Neste sentido, o autor Daniel Cara (2019, p. 10) vai de encontro a Paulo Freire sobre a educação bancária, e expressa sobre a BNCC,

A Base Nacional Comum Curricular é a própria expressão da educação bancária, de modo que, já pressupõe que o/a aluno/a nada sabe e que o/a professor/a é o/a detentor/a e transmissor/a de todo conhecimento. Freire ao se deparar com a Base diria que ela é a própria expressão da educação bancária, além de promover um controle injusto do trabalho docente” (Cara, 2019, p. 12).

Moacir Gadotti, em uma fala sob a mesma temática, afirma que: “nós defendemos uma Base Nacional Comum Curricular na qual o humano seja a base, porque é o que nos une entre as pessoas, e não simplesmente competências técnicas para o mercado” (Gadotti, 2014, p. 33).

Diante dos pressupostos, Freire relata sobre a educação libertadora e problematização, ele ressalta que,

A educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente. ... O antagonismo entre as duas concepções, uma, a “bancária”, que serve à dominação; outra, a problematizadora, que serve à libertação, toma corpo exatamente aí. Enquanto a primeira, necessariamente, mantém a contradição educador-educando, a segunda realiza a superação (Freire, 2005, p. 78).

É evidente afirmar que a educação problematizadora, uma relação dialógica entre educandos e educadores e ainda afirma que: “não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens”. Não é possível uma práxis educacional libertadora que não contemple o diálogo.

A educação problematizadora, libertadora e o pensamento crítico, nos leva ao encontro da pedagogia crítica, também abordada por Paulo Freire, em seus estudos, obras e vida, evidenciando a necessidade de uma educação que trate o/a educando/a como sujeito ativo, com ciência e consciência de seu conhecimento e da ação transformadora, conscientizando a sociedade sobre os problemas à sua volta, e visando a autonomia e buscando formas de superar as adversidades ao longo da vida.

O movimento da pedagogia crítica passou a ser reconhecido em meados da década de 1960, visando oferecer novos referenciais às pessoas para que refletissem suas posições nas relações com o mundo. Durante os anos de 1970 e 1980 a pedagogia crítica foi sendo moldada e adaptada ao mundo mais industrializado, tendo de lidar com os desequilíbrios do poder. Esta pedagogia surgiu da necessidade de denominar a contradição existente entre o dizer da escola e o seu fazer, a fim de fazer com que os/as professores/as possuíssem uma visão das razões e quais suas práticas educacionais.

Ao exercer a reflexão de maneira crítica, o ser contempla o expressar e o relacionar o pensar e o agir, conforme as situações históricas, não sendo neutros/as, evidenciando e expressando seus interesses humanos, políticos, sociais e culturais, refletindo a ação e o que se busca compreender. “O indivíduo se engaja para explorar experiências com o intuito de chegar a um novo entendimento da situação” (Brookfield, 1995, p. 6).

A teoria da educação de Freire entende educação em um sentido amplo, percebe o ser humano como sujeito de sua própria formação, dentro de uma visão interacionista entre o mundo e as pessoas.

Para Freire, nesta forma de pedagogia, os/as educandos são sujeitos da construção do conhecimento e os/as educadores/as sujeitos deste processo, de modo que, exalta a individualidade do ser ao relacionar o dizer e o fazer, o discurso e a prática, respeitando as especificidades, e diferenças à prática educativa, exigindo uma reflexão crítica sobre a prática com os/as educandos/as e não do/da professor/a consigo mesmo/a.

Assim, Santos enfatiza que,

Uma pedagogia que tem como base a transformação do mundo, do ser humano como sujeito ativo no processo de ensino e aprendizagem, sujeito da palavra-mundo, assim como o educador e o educando numa relação dialógica em que todos os saberes

importam e são considerados como relevantes e necessários; tendo como finalidade o fim das relações de opressão, o que resulta numa pedagogia que ameaça a lógica de reprodução de uma sociedade desigual e estratificada (Feitosa; Santos; Silva, 2023, p. 10).

Assim, as atividades escolares não devem ser baseadas em questões, comportamento e nem em normas sociais, que normalmente, são retratadas pelo currículo escolar de forma a reproduzir conteúdos, valores culturais e silenciar os educandos.

Dentro desta pedagogia crítica, os/as educadores/as devem manter a atenção também, para que sua prática não se transforme em uma relação estabelecida por poder e conhecimento, de modo que afaste o/a educando/a das visões críticas e das maneiras de olhar o mundo, permanecendo um ser humilde.

Schettini e Hawi destacam a pedagogia critica como essencial para a transformação dos educandos e educadores,

Para o desenvolvimento de uma pedagogia crítica, tanto alunos quanto professores devem ser vistos como intelectuais transformadores. Os educadores críticos precisam compreender as histórias, experiências e linguagem de grupos culturais diferentes como formas particulares, facilitando assim a compreensão das leituras e comportamento que os educandos apresentam para a análise do conteúdo da aula (Schettini; Hawi, 2016, p. 11).

Libertar-se não está relacionado apenas ao crescimento profissional, é uma transformação social e de si momento. Desta forma, para Freire (1987, p.32) “o educador se educa e se reeduca constantemente, considerando o inacabamento do ser humano”. O ser humano está sempre aprendendo e se transformando, portanto, a educação é fundamental para o seu desenvolvimento.

Desta forma, Jardimino e Arango apontam que,

O pensamento crítico não se reduz a uma lição objetiva na realização de uma prova ou na tarefa de memorizar os chamados feitos, descontextualizados e não relacionado às condições atuais. Pelo contrário, tratava-se de oferecer uma maneira de pensar além da aparente naturalidade ou inevitabilidade do estado atual das coisas, desafiando suposições validadas pelo “sentido comum”, subindo além dos limites imediatos das experiências, entrando em um diálogo com a história e imaginando um futuro que não apenas reproduza o presente (Jardilino; Arango, 2020, p. 3).

O pensamento crítico prepara os educandos para os desafios da vida, quando a educação é libertadora, o educando supera limites e confronta a realidade em que está inserindo.

Sobre a educação crítica de Paulo Freire, Giroux expõe que:

A linguagem da educação crítica, da esperança são seu legado, que está cada vez mais ausente de muitos discursos liberais e conservadores sobre os problemas educacionais atuais e as vias de resolução das reformas. Paulo passou a vida direcionada pela crença de que valia a pena lutar pelos elementos radicais da democracia, de que a educação crítica é um elemento fundamental para a mudança social progressiva, e de que a forma em que pensamos em política é inseparável da forma como compreendemos o mundo, o poder e a vida moral a que aspiramos. Paulo acreditava firmemente que a democracia não poderia perdurar sem a cultura formativa que a possibilita. No momento presente em que as instituições públicas de educação básica e superior estão sendo associadas à lógica de mercado, e sua conformidade a este modelo econômico, à perda de poder, conhecer as contribuições significativas da obra e legado de Paulo Freire é ainda mais importante (Giroux, 2016, p. 297).

O autor afirma que esta pedagogia, não significa imaginar a alfabetização não só como domínio de habilidades específicas, mas também como um modo de intervenção, uma maneira de aprender e ler a palavra para intervir no mundo, uma forma de humanizar os oprimidos é desenvolver o espírito crítico, é não deixar que a educação do presente represente o passado e nem o futuro, é preciso uma educação problematizadora que leva a libertação de todos.

Assim buscar a humanização dos oprimidos, é lutar contra uma sociedade que visa apenas o lucro, a desumanização dos oprimidos se torna evidente quando Reis ressalta que,

O legado de Paulo Freire é marcado pelo compromisso com os oprimidos e os esfarrapados do mundo. Para ele, em uma educação que se quer libertadora, aprender é um ato de conhecer a realidade, educar é uma prática política, que pode libertar as pessoas de sua ignorância social e possibilitar, assim, a luta por seus direitos básicos, tornando os sujeitos capazes de pensar, analisar e transformar o mundo. Essa transformação é fundamental, em especial, em um país como Brasil, em que os pressupostos neoliberais têm sido exaltados em sua forma mais pura e perversa, travestida de leis, decretos e resoluções que destroem propositalmente as poucas conquistas empreendidas nos últimos 40 anos em termos de direitos humanos e justiça social (Reis, 2021, p. 7).

Diante disto, Freire afirma que “não pode existir uma prática educativa neutra, descomprometida, apolítica. A diretividade da prática educativa que a faz transbordar sempre em si mesma e a perseguir um certo fim, um sonho, uma utopia, não permite a neutralidade” (Freire, 1995, p. 37).

A educação, claramente, possui uma face política, e que emancipação que se busca, é uma conquista política também. Diante disso, Freire considera que,

A compreensão dos limites da prática educativa demanda indiscutivelmente a clareza política dos educadores com relação ao seu projeto. Demanda que o educador assuma a politicidade de sua prática. Não basta dizer que a educação é um ato político assim como não basta dizer que o ato político é também educativo. É preciso assumir realmente a politicidade da educação. Não posso reconhecer os limites da prática educativo-política em que me envolvo se não sei, se não estou claro em face de a favor de quem pratico (Freire, 1995, p. 46)

Assim, fica evidente que a educação deve ser voltada à conscientização da realidade, da promoção da criticidade, da imersão e democratização da cultura. O círculo de cultura proposto por Freire emerge do mundo vivido, assim a autor aborda que,

O círculo de cultura revive a vida em profundidade crítica. A consciência emerge do mundo vivido, objetiva-o, problematiza-o, compreende-o como projeto humano. Em diálogo circular, intersubjetivando-se mais e mais, vai assumindo, criticamente, o dinamismo de sua subjetividade criadora. Todos juntos, em círculo, e em colaboração, reelaboram o mundo e, ao reconstruí-lo, apercebem-se de que, embora construído também por eles, esse mundo não é verdadeiramente para eles. Humanizado por eles, esse mundo não os humaniza. As mãos que o fazem, não são as que o dominam. Destinado a liberá-los como sujeitos, escraviza-os como objetos (Freire, 1982, p. 12).

Desta forma, deve-se visar o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, enfatizando os debates sobre amplas questões, como cotidiano, trabalho, alimentação, saúde, cidadania, liberdade, pessoas, felicidade, ética, política, economia, direitos humanos e sociais, cultura e diversos outros temas. Para Freire, é necessário que “os indivíduos se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão de mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros” (Freire, 1982, p. 141).

Mediante as reflexões de toda trajetória do Patrono da Educação brasileira, a pesquisa, a todo momento, se apoiou na concepção deste educador como forma de comprovar que a leitura literária trabalhada nas escolas enquanto arte, leva os leitores a uma educação libertadora, assim, apresenta-se a metodologia utilizada e os resultados obtidos através de entrevistas realizadas com professores que trabalham com a leitura junto aos estudantes.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA DE CAMPO

A Metodologia materializa os estudos em palavras, significados, ações, reflexões e proporciona dinamismo à pesquisa, representando e traçando toda trajetória para a melhor compreensão da realidade. É necessário um rigor metodológico na pesquisa.

Assim, faz-se necessário que o referencial teórico seja relevante para a construção do conhecimento e interpretação da realidade encontrada e que traga respostas e novas reflexões diante do objeto da pesquisa que é o trabalho com a leitura literária no contexto escolar, segundo o entendimento dos professores, buscando a reflexão entre teoria e prática para uma educação emancipadora. O referencial teórico aborda a literatura enquanto arte que transforma e humaniza é o que mostra a realidade. Os/as professores/as responsáveis por este trabalho têm quais concepções sobre a literatura: a que transforma e humaniza ou a que reproduz conceitos e escolariza? Questionamentos que surgiram na pesquisa.

A partir do referencial teórico adotado, percebe-se que a leitura literária é fundamental no contexto escolar, pois propicia desenvolvimento de habilidades cognitivas, mas também socioemocionais, que desenvolve habilidades propostas visando a formação integral do estudante. Será que os professores têm consciência desta relevância quando planejam uma aula com a leitura literária? Como as crianças escolhem as obras a serem lidas? Como os estudantes são envolvidos? O que acontece com o antes, durante e depois desta leitura?

Reconhecer a literatura enquanto arte oportunizará a ampliação dos saberes dos professores, promovendo a reflexão acerca do poder que a leitura literária exerce na vida dos leitores a partir de ações significativas. Portanto, a inquietação sobre o tema da pesquisa, encontra-se na necessidade que a pesquisadora tem em contribuir com a Educação literária escolar para que se torne realmente momentos de trocas de saberes entre estudantes e comunidade escolar. Afinal, de que adianta formar leitores na escola, se na vida social eles não têm com que dialogar sobre as obras lidas e ainda não podem relacionar com suas vidas cotidianas?

Diante de todos esses questionamentos, acredita-se que a pesquisa contribua para a superação de práticas escolarizadas, muitas vezes equivocadas no cotidiano escolar que possa romper as barreiras do simples fazer pedagógico, propondo assim, uma pedagogia crítica, pautada nos estudos do educador Paulo Freire, um educador crítico que busca o desenvolvimento da consciência crítica e participativa dos sujeitos, que leva à emancipação e libertação, portanto, parte-se do pressuposto que a literatura seja grande aliada neste processo de desenvolvimento humano, pois ao se deparar com uma obra literária a criança tem a

possibilidade de se humanizar no momento em que se identifica com personagens, épocas e ações. Ao se humanizar, humaniza também outras pessoas (Mozetti; Piana, 2022, p. 20).

Diante disso a pessoa é colocada em seu contexto social, histórico, cultural e econômico. A partir das contribuições teóricas de Paulo Freire, o método revela-se mediante o desenvolvimento de diálogos que levarão à conscientização de professores e estudantes diante do trabalho com a literatura não escolarizada, mas humanizada. Assim entre diálogos e conscientização, pressupõe-se uma ação transformadora que leva crianças além da competência leitora, mas agentes de transformação social e protagonistas. Acredita-se que a literatura enquanto arte humanizadora na escola, tenha papel fundamental no desenvolvimento societário e leva às crianças ao protagonismo (Mozetti; Piana, 2022, p. 20).

Com isso, se faz necessário refletir sobre a literatura desenvolvida nas escolas de maneira crítica e atenciosa. Ela leva a criança ao protagonismo estudantil e societário? É uma literatura que promove conversas e reflexões sobre a obra ou que simplesmente está apenas a serviço de atividades com propósitos pedagógicos? A literatura em contexto escolar está atenta às necessidades e desejos das crianças? A literatura escolar promove a formação de leitores? A prática do professor promove uma literatura que leva a humanização e ao protagonismo dos estudantes? Todos esses questionamentos foram necessários para o desenvolvimento da pesquisa.

Para José Filho (2006, p. 64), “o ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo crítico com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica canalizador de momentos criativos”. É necessário destacar que a pesquisa considerou o movimento dialético e contraditório da realidade.

Desta forma, uma pesquisa possui a necessidade de que exista o apoio de técnicas e instrumentos metodológicos adequados, para a permissão de uma aproximação do objeto de estudo:

Em termos cotidianos, pesquisa não é um ato isolado, intermitente, especial, mas atitude processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e a sociedade nos impõem [...] faz parte do processo de informação, como instrumento essencial para a emancipação (Demo, 2006, p. 16).

O estudo bibliográfico foi realizado a partir de referenciais teóricos já publicados por meio escrito e eletrônico com ênfase na literatura infantojuvenil. O referencial apoia-se nos estudos e concepção do educador Paulo Freire, tendo como análise dos estudos a pedagogia crítica, método defendido por Freire e que leva a uma educação libertadora quando coloca estudantes como protagonistas de seu próprio desenvolvimento, mediante análise crítica da realidade em que estão inseridos. Os estudos do educador, possibilita um diálogo entre a teoria

e as práticas e concepções trazidas pelos professores participantes desta pesquisa e que refletem na atuação nas escolas junto aos estudantes.

Dialogar com a concepção de Freire faz com que a leitura literária ocupe a função de transformar estudantes e que, eles possam desenvolver um protagonismo, uma maneira não só de aprender sobre culturas diferentes, mas pensar sobre elas e não só conhecê-las, mas respeitá-las.

A bibliografia utilizada foi das obras freirianas, legislações e de autores do Instituto Paulo Freire.

Definir as fontes de pesquisa, a leitura de cada artigo e as referências nos remete a novos caminhos e ideias. Refletir diante dos dados pesquisados, é fundamental para que a literatura se una ao contexto das entrevistas. Desta forma, “faz-se necessário, nessa linha de pensamento, exibir as questões teóricas-metodológicas que permeiam a pesquisa e a partir delas, será construído um referencial teórico, que subsidiará a interpretação da pesquisa” (Mozetti; Piana, 2022, p. 20).

A pesquisa teve como abordagem a qualitativa, que de acordo com Minayo, este tipo de abordagem tem o intuito de entender e compreender com mais profundidade a problemática proposta. A autora afirma que, este tipo de abordagem tem o intuito de entender e compreender de forma profunda a problemática proposta. Minayo (2001, p. 17), afirma que, “a pesquisa qualitativa, é desenvolvida por meio da busca dos significados, crenças, atitudes, valores e motivos, correspondendo à profundidade das relações e às operacionalidades de variáveis”. Para a autora, fazer ciência é:

Fazer ciência é trabalhar simultaneamente com teoria, método e técnicas, numa perspectiva em que esse tripé se condicione mutuamente: o modo de fazer depende do que o objeto demanda, e a resposta ao objeto depende das perguntas, dos instrumentos e das estratégias utilizadas na coleta dos dados (Minayo, 2012, p. 16).

A abordagem qualitativa direciona, promove a reflexão da pesquisadora diante da subjetividade das respostas obtidas pelos participantes. Para Martinelli, reflete as realidades objetiva e subjetiva do objeto pesquisado:

Os pressupostos da pesquisa qualitativa são contrários ao modelo experimental e adoram métodos e técnicas de pesquisa próprios (...) deixaram a verificação das regularidades para se dedicarem a análise dos significados que os indivíduos dão às suas ações, no espaço que constroem as suas vidas e suas relações, ou seja, à compreensão do sentido dos atos e das decisões dos atores sociais, assim como os vínculos das ações particulares com o contexto social mais amplo em que estas se dão. Há uma relação dinâmica entre o mundo real e o objeto, entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito (Martinelli, 2011, p. 35).

O cenário da pesquisa é o município de Franca-SP, cidade natal da pesquisadora, fica localizada a nordeste do estado de São Paulo. É a 75ª cidade brasileira mais populosa e a 9ª mais populosa do estado de SP, está a 676 quilômetros de Brasília e distante 401 quilômetros da capital de São Paulo. Franca possui uma área de 605.679 km², de acordo com o Instituto de Geografia e Estatística, a cidade conta com 352.537 habitantes em 2023, é conhecida em todo Brasil como a Capital Nacional do Calçado e Capital Nacional do Basquete.

Franca é considerada a 5ª cidade mais segura do Brasil, a 4ª cidade com melhor saneamento básico do país, a 5ª melhor cidade para se viver no Brasil, a 41ª mais desenvolvida e a 52ª em qualidade de vida. Foi eleita pelo Instituto Trata Brasil²⁷, a cidade brasileira com a melhor rede de saneamento básico e tratamento de água dentro todos os municípios brasileiros com mais de 300 mil habitantes²⁸.

Franca foi fundada em 28 de novembro de 1824, portanto, no ano de defesa desta tese, o município comemorará 200 anos de emancipação política e a pesquisadora dedica a sua cidade este relevante trabalho e espera-se que contribua ainda mais para a qualidade de vida e desenvolvimento das francanas e francanos.

O universo da pesquisa foi a rede municipal de ensino que, atualmente conta com 53 escolas que atendem crianças da Educação infantil: fases I e II e estudantes dos anos iniciais: 1º ao 5º ano e as unidades escolares são divididas por regiões da cidade em que estão localizadas.

Atualmente, a rede municipal conta com 3412 crianças frequentando a Educação Infantil fases I e II e 12628 estudantes no Ensino Fundamental, 5º ano, ciclo I do Ensino Fundamental, foco desta pesquisa, possui ao todo 1983 estudantes. A tabela 1 revela esses dados.

²⁷ Disponível em: <http://www.tratabrasil.org.br/indice-cai-mas-franca-continua-lider-em-ranking-de-saneamento-basico>.

²⁸ Para mais informações consulte o Site de Prefeitura de Franca, disponível em: <http://www.franca.sp.gov.br/>,

Tabela 1: Quantidade de estudantes por região da cidade de Franca/SP

	Região Norte	Região Sul	Região Leste	Região Oeste	Região Centro	Total
Fase I	508	353	284	331	75	1551
Fase II	584	435	331	400	111	1861
1º ano	1162	990	556	730	200	3638
2º ano	768	697	448	550	0	2463
3º ano	777	638	430	489	0	2334
4º ano	772	566	384	488	0	2210
5º ano	704	508	330	441	0	1983
Total de estudantes	5275	4187	2763	3429	386	16040

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados disponibilizados pela Prefeitura Municipal de Franca. Disponível em: <https://www.franca.sp.gov.br/>, 2023.

A tabela mostra a quantidade de estudantes da rede municipal por região. O 5º ano, foco desta pesquisa, conta no total com 1983 estudantes. Na região centro, não há escola que atende 5º ano, por isso, a pesquisadora selecionou duas escolas da região sul para a participação na pesquisa, devido ser a região com maior número de estudantes frequentes neste ano.

No ano de 2023, a rede municipal implantou a Educação Infantil Integral para atender as crianças das fases I e II.

Tabela 2: Quantidade de estudantes por fases na educação infantil em Franca/SP

	Região Norte	Região Sul	Região Leste	Região Oeste	Centro	Total
Fase I	23	161	0	46	34	264
Fase II	35	111	0	38	0	184
	58	272	0	84	34	448

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados disponibilizados pela Prefeitura de Franca. Disponível em: <https://www.franca.sp.gov.br/>, 2023.

A tabela mostra a quantidade de crianças que frequentam as fases I e II da Educação Infantil por região. As crianças frequentam a escola em tempo integral, sendo o período da manhã dedicado ao desenvolvimento do currículo referentes aos objetivos de desenvolvimento e aprendizagem e período da tarde, participam das oficinas curriculares: inglês, arte, movimento, leitura, jogos e brincadeiras.

De acordo com dados atualizados pela Secretaria Municipal de Educação, no ano de 2024, a Região Centro possui 4 escolas que atendem 490 alunos/as. Na Região Norte existem 18 escolas e atendem 3598 alunos/as. A Região Sul conta com 12 escolas e atendem 3946 alunos/as. A Região Leste possui 6 escolas e atende 2697 alunos/as. Na Região Oeste existem 11 escolas e atendem 2801 alunos/as.

Para evidenciar a concepção que os professores possuem sobre o trabalho com a leitura literária nas escolas e a principais ações desenvolvidas, a pesquisadora selecionou 1 escola da rede municipal de ensino, de cada região do município de Franca-SP que está dividido em Regiões: Centro, Norte, Sul, Leste e Oeste. Ao selecionar todas as regiões, acredita-se ter uma visão global do trabalho com a leitura literária em várias localidades da cidade, assim, chegando próximo a realidade de cada região, rede e professores entrevistados.

A Região Centro, possui apenas escolas de Educação Infantil e Educação de Jovens e Adultos, portanto a pesquisadora selecionou 2 unidades escolares da Região Sul, devido ao maior número de estudantes matriculados e frequentes do 5º ano do Ensino Fundamental.

A escolas selecionadas por região, tiveram também como critério de escolha o maior número de estudantes matriculados no 5º ano do Ensino Fundamental, Ciclo I, portanto, foram selecionados 5 professores para participarem da pesquisa.

Os estudantes do 5º ano do ensino fundamental estão concluindo o ciclo I, no ano seguinte, mudarão de escola, no 6 ano estarão no ciclo II, em uma nova escola, portanto, a opção da pesquisadora pelo 5º ano é para evidenciar como foi o contato que tiveram com a leitura literária ao final do ciclo I, tendo em vista, que muitos estudantes, frequentam a mesma escola desde a Educação Infantil.

Quanto a seleção dos professores a serem entrevistados, o critério adotado foi selecionar o professor com maior tempo de atuação no magistério da unidade escolar, considerando a experiência obtida ao longo dos anos.

Tabela 3: Escolas participantes da pesquisa

Escola (nome fictício)	Localização (região da cidade)	Professora participante	Quantidade total de estudantes da escola	Quantidade de salas de 5º ano	Quantidade de estudantes do 5º ano
Escola Estadual Escritora Carolina Maria de Jesus	Norte	Poliana Menina	387	3	65
Escola Estadual Escritora Cecília Meireles	Sul	Poliana Moça	450	3	68
Escola Estadual Escritora Ruth Rocha	Leste	Feiurinha	598	3	79
Escola Estadual Escritora Ana Maria Machado	Oeste	Iracema	813	5	126
Escola Estadual Escritora Cora Coralina	Sul	Tistu	593	4	81

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados disponibilizados pela Prefeitura de Franca. Disponível em: <https://www.franca.sp.gov.br/>, 2023.

A tabela mostra as escolas participantes, que são identificadas com nomes fictícios escolhidos pela pesquisadora em homenagem a escritoras brasileiras e os nomes das professoras, mostra também a região da cidade em que se localizam, quantidade de estudantes, quantidade de salas de 5º ano e quantidade total de estudantes frequentes no 5º ano.

As professoras participantes são identificadas com pseudônimos utilizados para identificar as professoras participantes, a escolha dos pseudônimos se deu através das entrevistas realizadas a partir da pergunta: ‘Qual personagem da literatura você se identifica’ (apêndice A).

Os professores participantes das respectivas escolas foram selecionados para a entrevista a partir do tempo (em anos) que possuem de exercício e dedicação ao magistério. A tabela 2 mostra o nome das participantes, a idade, formação acadêmica, tempo de serviço no magistério e tempo de exercício na unidade escola e a localiza.

Tabela 4: Professoras participantes da pesquisa

Professora da sala de aula do 5ª ano	Idade	Formação Acadêmica	Tempo de exercício no magistério (em anos)	Tempo de exercício na Unidade Escolar (em anos)
Pollyanna Menina	55	Pedagogia	34	5
Pollyanna Moça	60	Pedagogia	30	14
Feiurinha	49	Pedagogia	20	5
Iracema	47	Pedagogia	27	23
Tistu	59	Pedagogia	33	31

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados disponibilizados pela Prefeitura de Franca. Disponível em: <https://www.franca.sp.gov.br/>, 2023.

Durante as entrevistas com as professoras das salas de aula regular, foram citadas por elas, as salas de leitura que as escolas possuem, assim fez-se necessário para maior compreensão do trabalho com a literatura, incluir na pesquisa, entrevistas com as professoras que atuam nas salas de leitura da rede municipal. A partir dos comentários das professoras entrevistadas, foram selecionadas quatro professoras das salas de leitura, que atuam em escolas de diferentes regiões da cidade: norte, sul, leste e oeste e de acordo com o critério de maior tempo no exercício do magistério, por acreditar que o tempo dedicado é relevante para o objetivo da pesquisa.

Nesta pesquisa, as professoras estão divididas entre: professoras titulares de cargo que atuam nas salas de aula de 5º ano, ciclo I do Ensino Fundamental e professoras das salas de leitura, que são designadas para a função, são professoras efetivas do quadro da rede municipal, mas que devido a uma limitação funcional, afastamento médico foram readaptadas.

Foram entrevistadas cinco professoras das salas regulares e quatro professoras das salas de leitura, todas identificadas com pseudônimos a partir da resposta pergunta: qual personagem

da literatura você se identifica (Anexo A) e todas tiveram como critério de seleção, o tempo, em anos dedicados ao exercício do magistério.

Para apresentar as participantes, a pesquisadora utilizou-se de uma foto das mãos das professoras, retirando da estante o livro preferido, seguido de uma breve apresentação pessoal e profissional de cada uma.

A pesquisa obteve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unesp, campus Franca, sob parecer de número 5.365.845 (Anexo A).

As entrevistas foram gravadas e transcritas com o consentimento de todos e com assinaturas prévias do TCLE (Anexo B). A pesquisadora também registrou, na íntegra todos os comentários, depoimentos e observações realizadas pelas participantes.

Portanto, no início da pesquisa, as participantes foram informadas sobre os objetivos da pesquisa, sobre o compromisso com o sigilo e autorização para gravação e uso da imagem. Foram informados ainda, sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, modelo fornecido pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unesp Franca-SP.

De acordo com Minayo (2012) “o pesquisador deve articular as informações que recebe de modo fragmentado e para enriquecê-las, buscar novos interlocutores e fazer novas observações”. Assim, a autora afirma que:

Num trabalho de campo profícuo, o pesquisador vai construindo um relato composto por depoimentos pessoais e visões subjetivas dos interlocutores, em que as falas de uns se acrescentam às dos outros e se compõem com ou se contrapõem às observações (Minayo, 2012, p. 23).

A originalidade desta pesquisa pressupõe o trabalho com a literatura enquanto arte das palavras, “em que se promova o encontro do estudante com ele mesmo, com o outro e com o mundo através de conversas literárias sobre as obras, sem caráter moralizante, mas transformador e humanizador” (Mozetti; Piana, 2022, p. 21). Assim, a educação libertadora de Paulo Freire (1986), “é possível romper com o processo histórico, enraizado de exploração e opressão por meio da educação”. Uma educação humanista rompe com a educação bancária.

O professor protagonista, proporcione um ensino que promova estudantes que transformem o mundo, a literatura enquanto arte pode levar os/as estudantes a tomarem consciência de que são massificados e que podem superar essa massificação. Para Freire, “não há nada que mais contradiga e comprometa a emersão popular da educação que uma educação que não jogue o educando às experiências do debate e da análise dos problemas e que não lhe propicie condições de verdadeira participação” (Freire, 1986, p. 93).

O estudo dos textos produzidos na compreensão dos dados foi analisado a partir de três categorias apresentadas na teoria do educador Paulo Freire (2005) que permitem articular os estudos teóricos com o objetivo geral, são elas:

1. Categoria: Politicidade de Ato Educativo
2. Categoria: Dialogicidade do Ato Educativo
3. Categoria: Práxis Educativa

Assim, faz-se necessário conhecer quem são as participantes da pesquisa e qual concepção possuem sobre o trabalho com a literatura em contexto escolar.

4.1 As participantes da pesquisa

Figura 7 - Pollyanna Menina



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).

Pollyanna Menina

A professora se identifica com a personagem Pollyanna da obra “Pollyanna Menina” de Eleanor H. Potter, por ter atitudes e pensamentos parecidos com a personagem. A professora diz que acredita na importância de ver o lado bom das coisas da vida, que é preciso ter alegria e sonhar com boas mudanças.

Pollyanna Moça tem 55 anos de idade, é formada em Pedagogia, tem 34 anos de exercício no magistério, atualmente leciona para uma turma de 5º ano com 22 estudantes, no

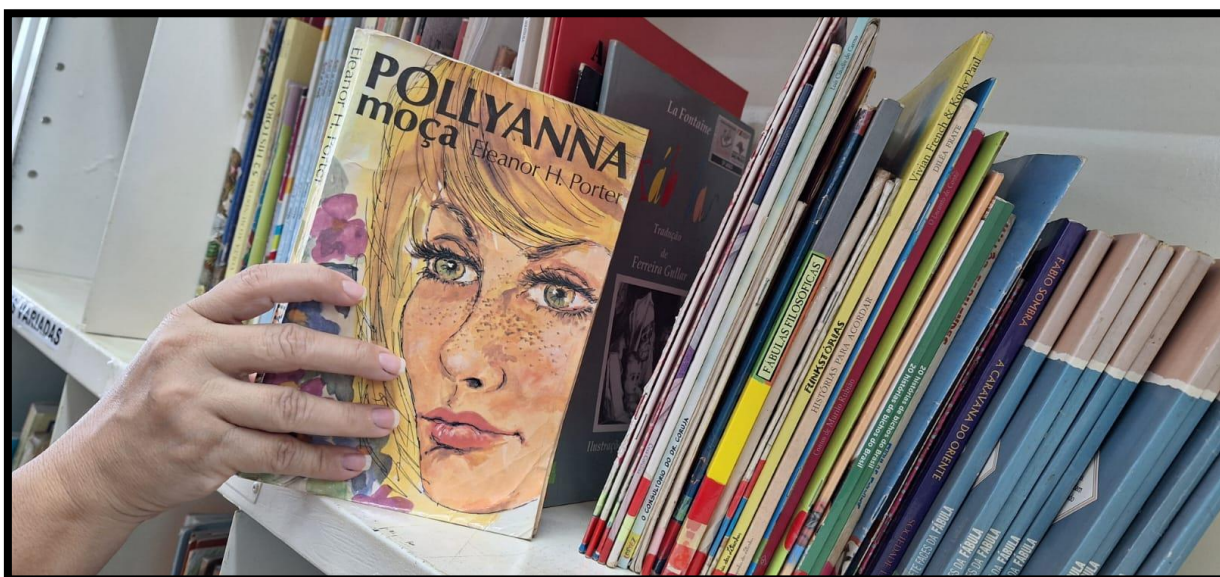
período da manhã e está na unidade escolar há 5 anos da rede municipal.

A professora tem boas lembranças da infância, ganhava livros de contos de fadas dos familiares, gostava de ler as obras da Coleção Vagalume e sonhava em conhecer a Mina de Ouro, ter um Cachorrinho Samba e desvendar o mistério da Montanha Encantada.

Embora, ela goste de todos os livros de suspense e mistério, tem o preferido: “O Mistério do Cinco Estrelas”, escrito por Marcos Rey e atualmente está lendo “Caminhos Cruzados” de Érico Veríssimo.

Para Pollyanna, a leitura literária é fundamental na vida das pessoas, pois por meio dela, é possível viajar, sonhar, aprender e conquistar.

Figura 8 - Pollyanna Moça



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).

Pollyanna Moça

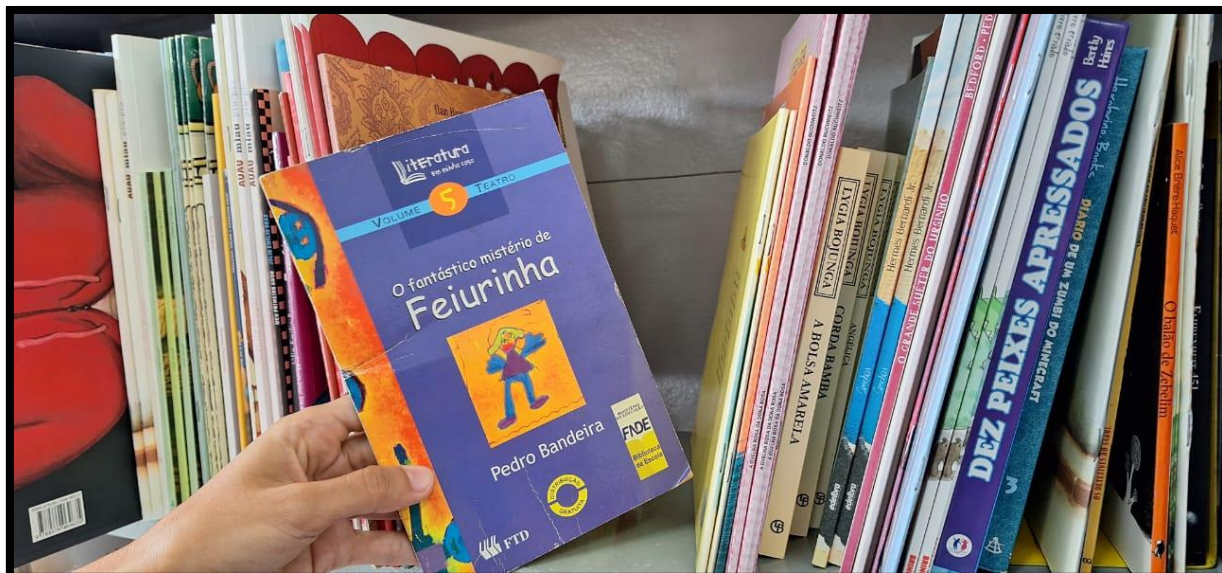
A professora se identifica com a personagem Pollyanna Moça da obra do mesmo nome, escrito por Eleanor H. Potter, porque, assim como a personagem sempre encontra motivos para continuar e superar desafios adiante das dificuldades.

Pollyanna tem 60 anos de idade, é formada em Pedagogia, tem 30 anos de exercício no magistério municipal e leciona para 27 estudantes de 5º ano, no período da manhã e está na nessa unidade escolar há 14 anos.

Seu livro preferido e que, atualmente, está relendo é “Pollyanna Moça”, diz que é a obra tem uma história encantadora.

O interesse pela leitura literária começou na infância com o incentivo do pai, orgulha-se de ter a coleção completa dos livros de Machado de Assis. A literatura para ela, é poder viajar sem sair do lugar.

Figura 9 - Feiurinha



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).

Feiurinha

A professora se identifica com a personagem Feiurinha da obra “O Mistério da Feiurinha” de Pedro Bandeira, pois sempre lê para os estudantes para resgatar os contos de fadas clássicos, em que as princesas fazem tudo sozinhas, passam inúmeros perigos e o príncipe encantado só aparece no final para o casamento. Através da leitura dessa obra, a professora deseja que os estudantes reflitam sobre como seriam as princesas na atualidade.

Feiurinha tem 39 anos de idade, formada em Pedagogia, leciona na rede municipal há 20 anos, trabalha com duas turmas de 5º ano, uma no período da manhã e outro no período da tarde, cada turma com 25 estudantes cada. Leciona na escola atual da rede municipal há 5 anos.

O livro preferido é “Meu pé de laranja lima” escrito por José Mauro de Vasconcelos. A professora Feiurinha leu ainda na adolescência, identificou os personagens da família de Zezé com os dela, diz que se pareciam muito e depois, quando adulta, as comparações ficaram ainda mais evidentes.

Atualmente está lendo a obra “Arraial do Marco: Nosso Porto Seguro” de Tânia Maria da Fonseca Teixeira.

Para ela, a leitura literária significa um respiro em tempos tão acelerados e fúteis.

Figura 10 - Iracema



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).

Iracema

A professora se identifica com a personagem Iracema, da obra “Iracema”, escrita por José de Alencar, pois é uma personagem corajosa, resiliente e que luta pelo que acredita. Ela conheceu Iracema quando estava no Ensino Médio e se encantou pela história e pela personagem. E a partir da leitura, ele se tornou o livro preferido.

Iracema tem 47 anos de idade, é formada em Pedagogia e atua no magistério há 27 anos, leciona no período da manhã, para uma turma de 33 estudantes do 5º ano e há 23 anos leciona na unidade escolar da rede municipal.

Recorda-se de alguns livros que marcaram a infância, ela lia “O Sítio do Picapau Amarelo” de Monteiro Lobato, O Escaravelho do Diabo, A Ilha Perdida, O Cachorrinho Samba, todos da Coleção Vagalume e na juventude, lia os clássicos da literatura.

Atualmente está lendo a obra “Raízes do mal” de Gwenda Bond, a leitura se deu por um pedido do filho que mostrou interesse pela obra. Iracema e o filho estão lendo juntos.

Iracema diz que a leitura literária é como se fosse uma viagem a lugares e culturas diferentes.

Figura 11 - Tistu



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).

Tistu

A professora se identifica com o personagem Tistu, da obra “O Menino do Dedo Verde” de Maurice Druon, por ser parecida com ele, pois muitas vezes, também pretende fazer mudanças e é incompreendida.

Tistu tem 59 anos de idade, é formada em Pedagogia, atua há 33 anos no magistério. Atualmente leciona em uma escola municipal, no período da manhã e tem uma turma de 22 estudantes de 5º ano, está na unidade escolar há 31 anos.

O livro preferido de Tistu é “O Pequeno Príncipe” pelas importantes reflexões que a obra promove. No momento, a professora está lendo cinco livros: “Grilhões Partidos”, “Constelação Familiar”, “Autismo”, “Juventude Interrompida” e “A Ilha Perdida”, a leitura para ela, é um passatempo prazeroso e necessário, ora para divertir, ora para se informar e formar.

Na infância, recorda-se de ler muito as obras infantis de Monteiro Lobato e a preferida era “Viagem ao Céu”, se achava importante por ler os livros de Lobato e por embarcar nas aventuras propostas por ele.

A leitura literária para a professora Tistu é simplesmente, uma viagem pela imaginação.

4.2 Categoria: politicidade do ato educativo: memórias literárias das professoras ao longo da vida

Figura 12 - Sala de leitura



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).

O primeiro princípio da educação libertadora é a politicidade do ato educativo. Para Freire (1987, p. 10), não existe educação neutra, toda neutralidade é uma opção escondida. A educação é dinâmica e continua. De acordo com Freire (1987, p. 10), o homem prevê a ação mediante sua realidade. Assim, ao longo da vida com experiências e vivências, as professoras foram construindo suas histórias que, influenciaram na formação e influenciam as práticas pedagógicas. Foi fundamental conhecer o que as professoras pensam e quais as memórias que possuem com a literatura ao longo da trajetória pessoal e profissional.

De acordo com Freire, a educação não é neutra, pois é resultado do que as pessoas pensam, das ações que realizam, do meio em que vivem e das relações, portanto, a práxis pedagógica do docente traz muito das vivências. A educação é um ato político.

As professoras entrevistadas trazem memórias, experiências e vivências em relação a literatura, quando crianças evidenciaram que, tinham poucos livros em casa e mesmo com o incentivo da família, os livros não podiam ser lidos, pois não eram infantis. Outra, recorda com afeto as obras que fizeram parte da infância e que ela, atualmente, lê para os alunos. Outra professora destaca que, para ela, ler um livro de Monteiro Lobato na escola, era se

sentir como uma adulta. Fica evidente que Monteiro Lobato²⁹, Coleção Vagalume³⁰ e Coleção Cachorrinho Samba³¹ representam memórias afetivas e que elas, fazem questão que os estudantes conheçam.

Portanto, a educação não é neutra, as participantes são o que viveram e experienciam ao longo da vida.

De acordo com Carvalho (1989, p. 12) “a literatura, mitos, histórias, contos, poesias, qualquer que seja a sua forma de expressão, é uma das mais nobres conquistas da humanidade”.

POLYANNA MOÇA: Li vários livros. Lembro meu pai sempre incentivando. Ele tinha a coleção completa de livros de Machado de Assis, eu tinha vontade de folhear e ler, mas ele dizia que era leitura de adulto e que na escola, teria livros para crianças. Via e me encantava com meu pai lendo, queria que ele lesse pelo menos um trechinho para mim. Na escola, a professora lia e lembro-me que após, a leitura tinha que desenhar a parte que mais gostei.

FEIURINHA: Na minha época de escola as professoras não liam para a gente em sala de aula, mas incentivavam a ida a biblioteca e retirada de livros para ler por mero prazer ou para as avaliações. Como não tinha internet a leitura era nosso único meio de distração e até de socialização, visto que nos intervalos conversávamos sobre as obras que estávamos lendo... A coleção Vaga-lume fez parte da vida de todos os meus amigos e com certeza da minha também. Tenho e leio até hoje para meus alunos de quinto ano meu primeiro livro/paixão: O escravelho do diabo, através dessa leitura pintei meu cabelo de vermelho e carreguei o "ruivo" até hoje.

POLYANNA MENINA: Tenho boas lembranças... Ganhava livros de contos de fadas dos familiares, adorava ler os livros da coleção Vaga-lume, sonhava em conhecer a Mina de Ouro, ter um cachorrinho Samba, desvendar o mistério da Montanha encantada... E os momentos de prazer literário foram se concretizando durante minhas aulas, junto de meus alunos e outras professoras que também veem a leitura como essencial.

IRACEMA: Sítio do Picapau amarelo marcou a infância e Escaravelho do diabo, Ilha Perdida, Cachorrinho Samba da Coleção Vaga-lume, li vários, marcou a juventude me sentia uma adulta intelectual, aí depois vieram os outros clássicos Iracema, O Guarani.

TISTU: Tenho boas memórias da coleção do Monteiro Lobato, principalmente Viagem ao Céu. Me achava importante por estar lendo Monteiro Lobato e depois por embarcar nas aventuras.

²⁹ “Monteiro Lobato (1882-1948) foi um escritor e editor brasileiro. "O Sítio do Pica-pau Amarelo" é sua obra de maior destaque na literatura infantil. Criou a "Editora Monteiro Lobato" e mais tarde a "Companhia Editora Nacional". Foi um dos primeiros autores de literatura infantil do Brasil e de toda América Latina” (Frazão, 2024, p. 1).

³⁰ “A Série Vaga-lume é uma coleção de livros brasileiros voltada para o público infantojuvenil, lançada em janeiro de 1973, pela Ática” (Santana, 2024, p. 1).

³¹ “Série de livros da autora Maria José Dupré, publicado originalmente no ano de 1949, que conta a história de um cachorro chamado Samba” (Santana, 2024, p. 1).

Percebe-se no depoimento das professoras que a literatura estava presente ao longo da infância na família, mas nem sempre em casa, era algo próprio da escola, algo que a professora da época escolhia e lia para os estudantes. As obras lidas pertenciam a Coleção escrita por Monteiro Lobato ou eram da Coleção Vagalume que durante anos foi utilizada nas escolas, pelos professores de Língua Portuguesa, acompanhou gerações.

A literatura infantil tem uma importância que vai além do prazer proporcionado por ouvir ou ler histórias, ela contribui para efetivar a iniciação das crianças nas complicações das linguagens, ideias, valores e sentimentos que governam a vida. Além disso, ela tem o poder de estimular o imaginário e encontrar novas ideias para solucionar questões de curiosidade, principalmente das crianças. Quando falamos em literatura infantil, inicialmente nos enviamos ao passado, lembrando que esta era utilizada como incentivadora de valores morais difundidos pela sociedade (Medeiros; Rodrigues; Silva, 2014, p. 5).

A literatura, muitas vezes, auxilia com que os leitores encontrem soluções para resolverem conflitos pessoais, pois quando se identificam com a história ou personagens e imitam a arte tomando decisões ou fazendo escolhas parecidas com as vivenciadas nas histórias. As professoras, mencionam que as obras de Monteiro Lobato se fizeram presentes na infância delas, motivo pelo qual, o autor é sempre referenciado nas ações de literatura e comemorado na data de nascimento do escritor e dia do livro infantil em 18 de abril.

Na data, a escola é decorada com os personagens do Sítio do Picapau Amarelo, mesmo que as crianças dessa geração não tenham familiaridade com eles. Percebe-se que tem mais sentido para os adultos do que para as crianças.

Monteiro Lobato em suas obras trazia personagens criados por ele, para contar os clássicos da literatura mundial para as crianças, abandonando o caráter moralizador que tinha como concepção ensinar, civilizar as crianças, o escritor, trouxe em suas obras, simplesmente as histórias e deixou que os leitores as sentissem e através delas, se reconhecessem. Obras que as crianças tinham acesso apenas nas escolas com a leitura realizada pelos professores.

Percebe-se também que, as professoras se mantêm saudosistas em relação aos livros que liam na escola quando jovens, citam Cachorrinho Samba, Coleção Vagalume que eram as principais obras da época.

As salas de leitura das escolas, possuem títulos diversos que podem ser explorados pelas professoras junto aos estudantes, mas conhecê-las requer abertura ao novo, ao diferente, ao contemporâneo e aos novos autores.

Diante disto, Demerval Saviani salienta sobre o currículo escolar:

A escola existe, pois, para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber. As atividades da escola básica devem se organizar a partir dessa questão. Se chamarmos isso de currículo, poderemos então afirmar que é a partir do saber sistematizado que se estrutura o currículo da escola elementar. Ora, o saber sistematizado, a cultura erudita, é uma cultura letrada. Daí que a primeira exigência para o acesso a esse tipo de saber é aprender a ler e escrever. Além disso, é preciso também aprender a linguagem dos números, a linguagem da natureza e a linguagem da sociedade. Está aí o conteúdo fundamental da escola elementar: ler, escrever, contar, os rudimentos das ciências naturais e das ciências sociais (história e geografia humanas) (Saviani, 1995, p. 19).

Pelas falas das professoras, ler para os estudantes, é um hábito que elas trazem de suas vivências trazidas pela infância pelos pais e depois as escolares, vivências que reforçam a educação bancária em que os professores acreditavam depositar conhecimentos, portanto a literatura ainda ocupa, na escola e na concepção dos educadores um espaço dedicado ao ensinamento de bons comportamentos, o ler para aprender algo e o ler para obter uma moral ao término da história.

O ler está sempre em função de uma atividade pós leitura, sempre com o intuito de verificar, comprovar, certificar que o estudante realmente leu, mas atualmente, é possível, encontrar resumos das histórias na internet, e assim, perguntas básicas sobre trechos da história podem facilmente ser respondidas. Quando a literatura tem a concepção de ser trabalhada enquanto arte, evidencia-se a realização da leitura através do diálogo estabelecido entre os estudantes.

Evidencia-se que os professores ainda recorrem a práticas de leitura que tiveram contato quando crianças.

POLLYANA MOÇA: Meu pai tinha livros, mas não lia para mim, pois dizia que era leitura de adulto. Era na escola que tinha livros para crianças, a leitura era realizada pela professora, não tinha como acompanhar, apenas ouvir e imaginar, ora ou outra ela mostrava algumas imagens.

IRACEMA: Conheci os livros na escola, a professora lia por capítulos para nós os livros escritos por Lobato e eu viajava na imaginação, diante de cada página. Na época não tinha filme para assistir, assim aguçávamos a imaginação ainda mais. Eram livros com poucas imagens. Quando fui para a quinta série³² a professora começou a pedir que comprássemos os livros, a gente não tinha dinheiro e na época, a escola não recebia livros do governo e não tinha biblioteca na escola. Era raro quem podia comprar. Depois da leitura, tínhamos que fazer resumos, escrever a história toda, começo, meio e fim e depois ainda responder a dez perguntas sobre o livro na prova. Tínhamos muito medo da prova do livro.

TISTU: A gente lia para responder as perguntas da prova de leitura, não me lembro de a professora perguntar se gostamos ou não da história, eu tinha até medo de dizer que

³² Atualmente a 5ª série refere ao 6º ano do Ensino Fundamental, ciclo II. (A autora, 2024).

não gostei, ela poderia achar ruim e me dar uma nota ruim, muitas vezes, eu lia e não entendia nada, mas tinha que ler até o final.

FEIURINHA: A professora lia livros do Monteiro Lobato, me lembro que eram extensos e sem figuras, depois ela pedia para desenharmos a parte que mais gostamos, eu inventava uma para ela ficar feliz comigo, desenhava sempre a capa, pois assim era certeza de uma nota boa e ela pensar que entendi tudo que ela lia.

Para Lahire as histórias lidas pelos pais proporcionam momentos de interação e, principalmente, afetividade e associam livro a um momento especial:

Quando a criança conhece, ainda que oralmente, histórias escritas lidas por seus pais ela capitaliza- na relação afetiva com seus pais – estruturas textuais que poderá reinvestir em suas leituras ou nos atos de produção escrita. Assim, o texto escrito, o livro, para a criança, faz parte dos instrumentos, das ferramentas cotidianas através dos quais recebe o afeto de seus pais. Isto significa que, para ela, afeto e livros não são duas coisas separadas, mas que são bem associadas (Lahire, 2004, p. 20).

Nota-se também que, já na infância das participantes, a leitura, na maioria das vezes era realizada pelo próprio professor, a criança não tinha um exemplar para ler ou para acompanhar e em outras vezes, o estudante comprava o livro indicado pelo professor, realizava a leitura de forma solitária e em dias agendados, realizava uma prova com perguntas sobre a história lida, o que leram não era comentado, refletido ou discutido em sala, junto a turma, lia-se apenas para realizar uma prova contendo perguntas como: qual o título do livro, nome do autor, número de páginas, características das personagens, local que acontecia e o estudante não era convidado a opinar e argumentar sobre, apenas encontrar respostas explícitas nas obras.

Evidencia-se que, as professoras não escolhiam os livros que desejam ler, algumas obras eram proibidas para a idade e mantinham-se escondidas seja em casa pelos pais ou na escola pelos professores. Os livros lidos, quando perguntado que parte mais gostou, mesmo que não havia gostado ou não lido por completo, era preciso ter uma resposta pronta diante das perguntas, caso contrário receberiam punições por dizer que não gostaram ou não leram por completo. Prática que trouxeram para a vida profissional e quando sobra tempo na rotina para trabalhar com a literatura, a postura é a mesma ou muito semelhante a postura da professora a experiência que tiveram na época.

Como aprenderam, tentam fazer com os estudantes em uma realidade diferentes, pois atualmente pode-se ler o que se deseja na internet, os livros estão nas estantes ao alcance das mãos e os gêneros são diversos. Com a leitura ao alcance de todos, é preciso superar as práticas tradicionais da literatura.

POLYANNA MOÇA: Minha mãe comprava todos os livros que a professora pedia, por bimestre, eu adorava todos da Coleção Vagalume, mas o preferido era Zezinho o

dono da Porquinha Preta, foi o primeiro que li na quinta-série, lembro que a cada ano, liamos quatro livros, um por bimestre e já sabíamos que no ano seguinte, seriam mais quatro da mesma coleção. Liamos para responder e tirar dez nas provas.

IRACEMA: Eu sonhava em pegar os livros que a professora lia, em minhas mãos, queria ter uma estante cheia deles em casa, só para eu ler sozinha e todas as vezes que eu quisesse.

Assim, é possível perceber que a literatura cumpria o papel a que foi criada, apenas a serviço de perguntas e respostas sem reflexão e de forma descontextualizada. Nota-se que, lia-se com o intuito de viajar pela imaginação, viajar sem sair do lugar, clichês que acompanham a literatura desde sua origem, mas estudos compravam que a literatura vai além do ler para responder a questões ou para produzir um resumo com começo, meio e fim sem questionamentos ou intervenções da realidade, a literatura enquanto arte provoca, instiga, abre ao debate e promove o desenvolvimento da cidadania.

Em uma aula de literatura, o mundo se abre diante de todos, mesmo que os estudantes leem o mesmo livro, cada um tem uma relação diferente com o contexto, alguns se identificam com os personagens, outros não; alguns leitores já viveram ou se reconhecem diante dos conflitos retratados na história, outros nunca passaram por situação parecida; leitores que sonham junto com a história e outros que não conseguem se envolver; leitores que se encantam e outros que não têm nenhum tipo de sentimento. Cada leitor vive a experiência da história de um jeito, por isso ler é arte, por isso, livro é uma obra de arte, pois, como em toda arte não há o certo, o errado, o bonito ou o feio. O que existe é o significado entre a história e o leitor. Literatura é individual, subjetiva e cada leitor a vive de uma forma.

Freire destaca que há diversidade de sujeitos, há diversidade cultural, vivências diversas, ele destaca que as pessoas aprendem a escrever a partir de suas vidas, ressalta que os sujeitos testemunham suas histórias e que isto é, “biografar-se, existencializar-se e historizar-se” (Freire, 2010, p.37)

Assim, Lajolo ressalta que a importância da linguagem literária para o desenvolvimento da cidadania:

É a literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer, plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos (Lajolo, 2008, p. 106).

A politicidade do ato educativo da educação para Freire demanda que os professores,

Se assumam como seres políticos, que se descubram no mundo como políticos e não apenas como técnicos ou sábios, porque também o técnico e o sábio são substantivamente políticos. Todos defendem algum projeto de sociedade” (Gadotti, 2018, p. 158).

Assim, a politicidade requer que o estudante tenha voz e vez e que, ao desenvolver a cidadania passa a ter poder de escolha e tomada de decisão. Refletir sobre os direitos é propiciar reflexão e requer autonomia. Assim, a educação precisa oportunizar momentos de confrontar o que o estudante quer com o que ele percebe que ainda pode alcançar. Deixar que ele perceba e tenha consciência de suas potencialidades e fragilidades é respeitar as diferenças e promover equidade. O poder de escolha das obras a serem lidas, podem e devem colocar o estudante como corresponsável pelas decisões.

As participantes possuem memórias afetivas do trabalho da professora com a leitura dos livros, mas se incomodam e mudam a fisionomia afetuosa das lembranças quando mencionam que apenas a professora lia, que nem todos os estudantes tinham os livros e que, ao final da leitura, em uma data determinada, tinham uma avaliação valendo de 0 a 10 para ser respondida, a prova, pelo que se percebe tira todo o encantamento e humanização provocada pela leitura literária.

Percebe-se também que, a leitura literária era posta de forma autoritária, pois a escolha era sempre do professor e não propiciava o desenvolvimento da criticidade ou criatividade, pois o leitor era passivo, só ouvia, recebia e ao final, precisava responder a questões, uma maneira do professor dizer que depositou, agora quer sacar o que o estudante aprendeu, seja em forma de moral ou através da pergunta: o que aprendeu com a leitura da obra. E se o estudante não aprendeu nada ou não produziu uma moral ou a obra não fez sentido algum para ele, como responder ao professor?

O professor tende a reproduzir práticas vivenciadas por eles, a literatura ainda não ocupa um lugar privilegiado no planejamento da escola e da professora, a Base Nacional Comum Curricular não há espaço de destaque para a Educação Literária, não se destaca dentro da área de Linguagens com competências específicas para ela, como acontece com as demais áreas do conhecimento e componentes curriculares. Para que a leitura literária tenha destaque é preciso mudar a concepção que os professores carregam sobre ela ao longo da trajetória pessoal e profissional, evidenciado nos depoimentos e concepções das professoras entrevistadas.

Paulo Freire destaca que o ser humano precisa ser livre para viver a cultura e todo conhecimento que dela parte e que a leitura de mundo leva a libertação:

é preciso que a educação esteja - em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos - adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história [...] uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjugue (Freire, 2006, p. 45).

O autor ainda afirma que é “pelo caminho da literatura que é possível humanizar o mundo, através da formação cultural e a transformação de todos os cidadãos, sujeitos de sua história” (Freire, 2006, p. 28).

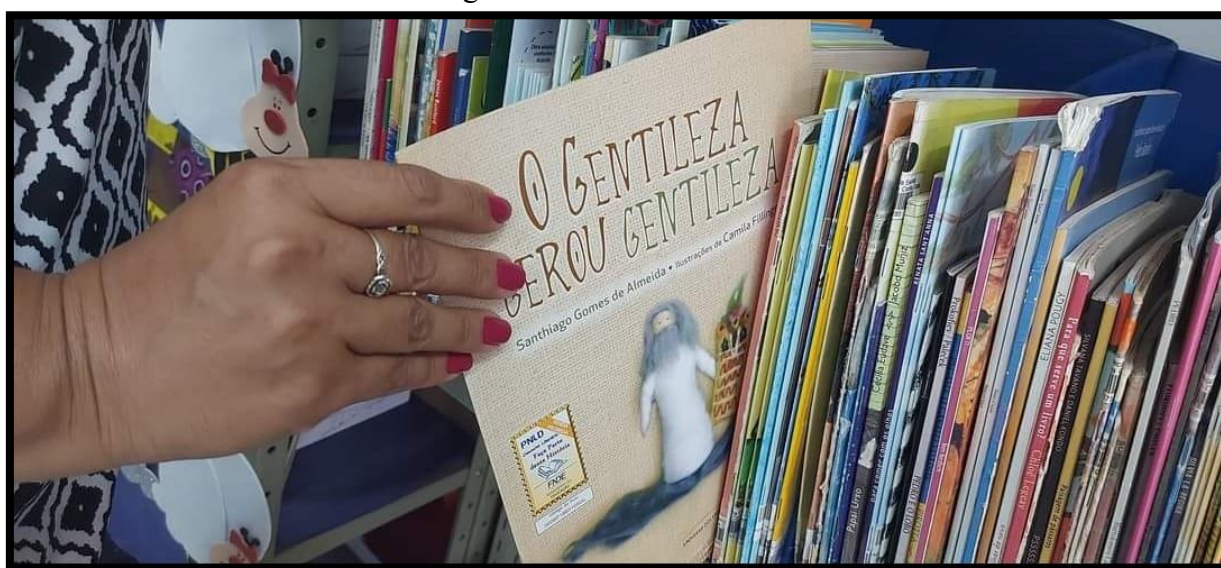
A infância das participantes e as experiências que tiveram com a literatura em casa, com os familiares que não liam para as crianças, pois de acordo com ela, era história de adultos e só na escola, havia livros para crianças. Na escola, a leitura era realizada pela professora, só ela lia, só ela tinha o livro em mãos, assim, parece que o livro era apenas do professor. Nas séries seguintes, os estudantes tinham os livros, pois compravam, eram lidos em casa e na escola, realizavam apenas uma prova e a obra era esquecida, pois outra viria em seguida.

Em Freire (2005, p. 78) “o anúncio de uma verdadeira libertação dos homens e a sua humanização não pode ser realizado por meio de “depósitos”, tal qual a educação bancária faz.

A concepção das participantes a respeito da literatura foi se construindo ao longo das experiências familiares e escolares o que resulta, muitas vezes, no modo como lidam e pensam o trabalho junto aos livros e estudantes.

4.3 Categoria: dialogicidade do ato educativo: a concepção de literatura

Figura 13 - Sala de leitura



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).

A educação libertadora, defendida por Freire, em diálogo com Shor, é fundamentalmente, uma situação na qual professores e estudantes devem ser sujeitos cognitivos, apesar de serem diferentes. No diálogo, os autores defendem que, “tanto os professores como os alunos sejam agentes críticos do ato de conhecer” (Freire; Shor, 2011, p. 62). O diálogo e a problematização têm o objetivo de compreender o mundo. Dessa maneira, é fundamental compreender o que as professoras têm como concepção a literatura e tudo que a envolve em contexto escolar.

A literatura enquanto arte como defende Coelho e é a concepção defendida também pela pesquisadora, tem a função de aguçar a criticidade, a reflexão e a criatividade dos estudantes, por isso, é fundamental que o professor reflita sobre sua concepção e oportunize vivências e experiências com a literatura para que, como defende Candido, a literatura tenha o caráter humanizador e transformador e assim, salte a educação bancária em que o professor é o centro do processo e o educando mero receptor e utilize a literatura que propicie momentos de socialização, debate, tertúlias, críticas e argumentação sobre a história lida, caminhando para uma educação libertadora como propõe o educador Paulo Freire, uma pedagogia crítica que desenvolva competências para que os estudantes exerçam protagonismo estudantil, que reflita n protagonismo também em sociedade.

As professoras entrevistadas, receberam, nesta pesquisa, o pseudônimo das personagens da literatura que se identificam, conforme perguntadas durante a entrevista (Anexo A), assim, já é possível inferir a concepção que trazem sobre a literatura, muito parecida com o conceito pela qual ela foi criada, que era para ensinar boas maneiras e trazer civilidade através dos ensinamentos e da moral

Para a professora identificada como Pollyana Moça, a literatura representa coisas boas e a escola é o lugar ideal para que ela aconteça. Iracema compara a literatura a uma viagem e Tistu viaja sempre que lê, assim, infere-se que, a concepção para a maioria, se trata de viajar, imaginar, fantasiar, associando-se a ideia apenas de ludicidade ou de algo que se precisa aprender.

A presença da escola em sociedade visa a promoção e evolução do ser humano, visando uma instituição de ensino com docentes conhecedores do “ser humano”, sendo assim a formação dos/as educadores/as é primordial. Desta forma, Paulo Freire enfatiza que “a transformação da educação não pode antecipar-se à transformação da sociedade, mas esta transformação necessita da educação” (Freire, 1991, p. 84).

O que necessariamente requer um educador que seja um profundo conhecedor do próprio homem. Portanto compreendemos que a formação dos docentes é a base para a escola de qualidade, pois não basta apenas equipamentos tecnológicos, espaço físico, mobiliários, antes, docentes capacitados para fazer o seu trabalho, em ação coletiva com os educandos compreendendo o seu estar no mundo, o seu fazer, fazendo-se (Schram; Carvalho, 2015, p. 3).

Paulo Freire afirma que a escola deve ser um lugar de trabalho, de ensino e aprendizagem, um local privilegiado para pensar, ele enfatiza que “não é a educação que forma a sociedade de uma determinada maneira, senão que esta, tendo-se formado a si mesma de uma certa forma, estabelece a educação que está de acordo com os valores que guiam essa sociedade” (Freire, 1975, p. 30).

A escola é o lugar da educação formal em que as coisas do mundo se encontram com a ciência e as explicações para os fenômenos, portanto espaço privilegiado para a interação e trocas de saberes, local em que a diversidade de valores, costumes e cultura se encontram e é na coletividade que o conhecimento se amplia. Assim, concepções se confrontam e a escola precisa dialogar com as diferenças e a literatura possibilita o refletir a diversidade e possibilitar a compreensão e a leitura de mundo.

POLYANNA MOÇA: A literatura para mim representa só coisas boas, nos leva a viajar sem sair do lugar. E a escola é o lugar em que se aprende e onde a literatura é trabalhada.

FEIURINHA: É um respiro em tempos tão acelerados e fúteis, ela surge para que possamos viver outras vidas e em outros lugares.

POLYANNA MENINA: A literatura é fundamental na vida de toda pessoa; através dela é possível viajar, sonhar, aprender e conquistar.

IRACEMA: É como se fosse uma viagem, você conhece lugares, culturas e pessoas diferentes, através dos personagens.

TISTU: Sempre gostei de ler, para mim é, viajar nas histórias e adquirir conhecimentos.

As participantes demonstram reconhecer o valor e a importância que a literatura ocupa na vida e em contexto escolar, porém fica claro nos depoimentos que trazem a concepção de uma literatura ainda enraizada no ler para aprender algo, para construir uma moral e para ser cidadãos passivos e melhores perante o olhar da sociedade. Trazem nas falas que a literatura é ler para viajar, sonhar e imaginar. A professora Polyanna Moça afirma que a escola é o lugar em que se aprende e que a literatura é trabalhada, evidencia-se a crença no ensino tradicional em que tudo se centraliza no professor e na escola.

Freire (1985, P. 16) ressalta que, “não há educador se não houver uma prática libertadora e aprendizado com os educandos, para o autor, o processo libertador não é só um crescimento profissional”, sendo assim, “uma transformação ao mesmo tempo social e de si mesmo, um momento no qual aprender e mudar a sociedade caminham juntos” (Freire; Shor, 2011, p. 90).

Para Freire,

Só se apropria verdadeiramente do aprendizado aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em aprendido, com o que pode, por isto mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas. (Freire, 1985, p. 16).

A leitura é uma prática social, tudo que se aprende na escola, deve fazer sentido fora dela, aprende-se para utilizar no cotidiano diante de situações reais, portanto ler implica em interpretar, compreender, sentir, apreciar, intervir na realidade e auxiliar nas problemáticas diárias. A construção do conhecimento se dá pelo diálogo e pela discussão coletiva. É nas interações entre professores e estudantes que os saberes são aprimorados a partir da argumentação, trocas de ideias, do confronto com a realidade e com as vivências e experiências de cada estudante. Assim, é fundamental que o professor seja capacitado, de acordo com Maria Alexandre de Oliveira, para aplicar dinâmicas de leitura de modo que o aluno seja capaz de,

Transcender a compreensão linear dos textos, levando-o a decodificar o não-escrito que se oculta nas entrelinhas e, em uma prática contínua, mantenha aceso o espírito investigativo, o espírito da descoberta (Oliveira, 2008, p. 168).

Para Freire (1987) “o educador se educa e se reeduca constantemente, considerando o inacabamento do ser humano” (Freire, 1987, p. 25). Diante disso, os professores participantes trabalham a literatura conforme experiências que tiveram ao longo da trajetória profissional, o motivo pelo qual, a pesquisadora, teve como critério, o tempo de magistério dos participantes, assim evidencia-se qual a concepção que possuem sobre a literatura, enraizado com as vivências da infância e época escolar, de modo que, as vivências e experiências reflitam na práxis pedagógica.

Conhecer a concepção de literatura que o professor possui é essencial para que se possa entender como ele a desenvolve em sua rotina de trabalho. Em interação com os estudantes no que tange a literatura enquanto arte, é possível avaliar e repensar a prática pedagógica para que o trabalho desenvolva não só competências cognitivas, mas também socioemocionais, uma vez que, no contato com a literatura enquanto arte, o estudante ser reconhece e amplia sua visão de mundo. É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas

cotidianas da sala de aula. Conforme Freire (1986), “A leitura do mundo precede a leitura da palavra.” Nesse sentido, ressaltamos que de fato, o aluno sempre possuirá conhecimentos anteriores à escola. Cabe aos educadores, valorizar esses conhecimentos prévios dos alunos e utilizá-los como ferramenta no espaço escolar (Medeiros; Rodrigues; Silva, 2014, p. 5).

Porém, durante os estudos que embasam teoricamente a pesquisa, percebe-se que a literatura não precisa de moral, pois a história é maior que isso, traz a essência de quem lê e se reconhece ou identifica.

Almeida afirma que, “a leitura se faz a partir um espectro múltiplo: homem, ação social e o conhecimento. Se a leitura for individual, solitária, ela se torna ineficaz. Quando pensamos e refletimos, pensamos a partir de uma realidade específica” (Almeida, 2008, p. 22).

Freire afirma que, não há educação neutra, ela acontece mediante as relações com o meio, com outras pessoas e isto, nos humaniza e a função da literatura é que as pessoas se reconheçam, assim passe a entender melhor a si, as outras pessoas, se conscientizem da realidade em que vivem e ampliem a leitura que têm sobre o mundo. Portanto, a literatura precisa se fazer presente não apenas para cumprir uma rotina, uma obrigatoriedade, mas porque ela humaniza e humaniza as relações, por não ser neutra, a educação, para Freire é um ato político e a literatura politiza pensamentos e ações.

TISTU: A literatura precisa estar presente na aula de Língua Portuguesa, o livro vem para ensinar, através da moral o estudante vai se ajustando e se comportando melhor, percebe que o que ele faz está errado.

POLLYANA MOÇA: Sempre que percebo que algo na sala de aula não está bem, que os alunos não estão se comportando ou maltratando os colegas, busco na literatura algo para ajudar a contornar a situação. Nem sempre consigo com todos, mas alguns percebem e vão melhorando as atitudes.

POLLYANA MENINA: Quando vejo que o conteúdo que vamos estudar é algo difícil para os alunos entenderem, procuro livros de historinhas para ajudá-los a entender os temas. A literatura é uma grande aliada.

FEIURINHA: Os livros de histórias ajudam as crianças a melhorarem a leitura e elas precisam ler com fluência e compreensão, assim, prefiro um livro de histórias do que o livro didático.

IRACEMA: A criança que lê é mais esperta, por isso, sempre que posso e dá tempo, coloco um tempo na rotina para que as crianças leiam os livros de literatura infantil.

Uma das professoras menciona que prefere um livro de literatura do que textos apresentados pelos livros didáticos, que em sua maioria, carregados de moral, ensinamentos e na sequência, uma série de perguntas referentes a leitura, este tipo de leitura tem a

intencionalidade de ensinar um conteúdo, está a serviço de atividades e de ensinar determinado tema, diferentemente da literatura, que enquanto direito e arte não traz temas, nem conteúdos, mas histórias que, muitas vezes, o leitor se reconhece, identifica e humaniza sua maneira de pensar, ver, sentir e pode mudar sua maneira de intervir no mundo.

A literatura enquanto arte, promove discussões, redireciona pensamentos, refaz rotas, reorganiza ações e tudo promovido pelas conversas literárias que se transformam em diálogos que ilumina, recria ideias ao invés de manipular.

Assim, como afirma Freire:

Deveríamos entender o “diálogo” não como uma técnica apenas que podemos usar para conseguir obter alguns resultados. Também não devemos entender o diálogo como uma tática que usamos para fazer dos alunos nossos amigos. Isso faria do diálogo uma técnica para manipulação, em vez de iluminação.
(Freire, 1986, p. 122).

Na proposta freiriana “o processo educativo está centrado na mediação educador-educando, pois parte-se dos saberes dos educandos” (Feitosa, 1999, p. 45). O professor, contrariando a visão tradicionalista que atribui a ele o papel de detentor do saber é denominado por Freire de Animador de debates, tem o papel de mediar as discussões para que opiniões e argumentações surjam. Cabe ao educador reconhecer a importância da leitura literária para promover situações que enriqueça os diálogos a partir das obras lidas, partindo sempre da bagagem cultural dos educandos, de suas histórias, de vivências e experiências e, através do diálogo interpretar, reinterpretar e recriar.

Nota-se que a literatura ainda é vista como algo reparador, seja para recuperar um conteúdo não aprendido, seja para repensar e mudar condutas e atitudes dos estudantes. Assim, é possível notar também que, nem sempre a leitura literária ocupa um lugar de destaque na rotina dos professores, pois *Iracema* menciona o tempo e diz sempre que pode colocar na rotina; Tistu recorre as obras literárias sempre que percebe quando algo não está dando certo em sua sala de aula. Percebe-se que a concepção de leitura literária entre as participantes é algo que vem para consertar, arrumar, organizar e ensinar, evidenciando ainda uma concepção autoritária e passiva, reafirmando o motivo pelo qual a literatura foi introduzida nas escolas, apenas como caráter pacificador, passivo e moralizante.

A inserção da leitura na vida das pessoas é um processo natural. “As histórias contadas na infância, tempo em que ainda não se domina a habilidade de ler, preparam o caminho para essa incrível descoberta” (Sacchetto, 2010, p. 2).

Para Freire a educação precisa promover mudança de atitude:

A educação teria de ser, acima de tudo, uma tentativa constante de mudança de atitude. De criação de disposições democráticas através da qual se substituísem no brasileiro, antigos e culturológicos hábitos de passividade, por novos hábitos de participação e ingerência, de acordo com o novo clima da fase de transição (Freire, 1992, p. 101).

Diante das contribuições de Freire é possível perceber que a literatura tem caráter humanizador e transformação, desenvolve o protagonismo estudantil dos estudantes e quando ela faz parte da rotina de uma escola e oportuniza reflexões e discussões o ganho educacional é evidente e resulta no bom desempenho em todas as demais áreas do conhecimento.

Os educandos quando se tornar leitores fluentes e assíduos e quando provocados pela literatura, ao dialogar com seus pares sobre o que leram, o que perceberam, têm a oportunidade de desvendar aspectos de sua identidade e realidade que até poderiam passar despercebidos por eles, pois quando a leitura os traz para o refletir, passam a observar a realidade em que estão inseridos, porém com uma visão mais crítica em busca de uma intervenção nesta realidade para transformá-la. Para Freire toda tomada de consciência, exige uma intervenção da realidade.

A partir das questões apresentadas pelas participantes, fez-se necessário identificar como a leitura literária é contemplada na rotina escolar, o questionamento da pesquisadora se deu a partir das respostas obtidas e um modo de fazê-las refletir sobre a importância que dão a literatura no momento de planejar as situações didáticas para o desenvolvimento dos componentes curriculares. As ações citadas pelas participantes evidenciam ainda mais a concepção que possuem sobre o trabalho com a literatura junto aos estudantes.

4.4 Categoria: práxis educativas: ações literárias desenvolvidas pelos professores

Figura 14 - Sala de leitura



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).

O termo práxis, de acordo com Paulo Freire, envolve outras categorias, como dialogicidade, autonomia e ação-reflexão. É definido por Rossato (2010, p. 574) como “a estreita relação que se estabelece entre um modo de interpretar a realidade e a vida e a consequente prática que decorre desta compreensão levando a uma ação transformadora”.

Percebe-se que, o trabalho com a literatura atende as características da pedagogia tradicional quando mencionam as ações literárias realizadas e é possível inferir que a prática das professoras está alicerçada na concepção que possuem sobre o trabalho com a literatura e com as vivências que têm ao longo da trajetória.

Para a professora Polyanna Moça, as crianças são imaturas para escolherem os livros a serem lidos, por isso ela escolhe conforme a faixa etária dos estudantes. Feiurinha, após a avaliação da leitura realizada pelos alunos, ela traz o filme, pois acredita que o audiovisual auxilia na compreensão da leitura, percebem que o livro, que deu origem ao filme, tem mais detalhes. Polyanna Menina acredita que, antes da leitura, é preciso motivar os estudantes e traz as indicações literárias como um bom exemplo. Tsitu escolhe as obras a partir das indicações dos gêneros textuais trazidos pela BNCC.

A escolha das obras, além de ser pelo professor, atende a faixa etária dos estudantes.

As professoras mencionaram as Salas de Leitura que as escolas possuem como espaços que favorecem o trabalho com a literatura, há um professor designado que organiza as ações literárias da escola: empréstimo de livros, contação de histórias e demais atividades lúdicas, mas há escolas que possuem as salas equipadas, mas não têm o professor para atender.

A partir disto Freire afirma que “a práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido” (Freire, 1997, p. 38), com isto, ele aborda a educação crítica, sendo está uma forma de orientação para que decisões sejam tomadas e que seja exercida a prática de uma responsabilidade social e política.

A partir disso, Schram e Carvalho mencionam a função social da educação, mas que ela sozinha não transforma o ser humano por completo:

Trabalhar para a criticidade é a possibilidade de ação e de participação que só se efetiva na transformação consciente do meio, o qual só pode ser transformado com recursos que implicam a participação de todos para a conquista da educação libertadora. Cabe, portanto ao educador, a explicitação do seu projeto político. A explicitação da sua proposta educacional, compreendendo a educação como uma ferramenta metodológica que traça a luta política ao sistema educativo. Sabendo que sozinha não irá revolucionar, mas sim, se todos estiverem conscientes do compromisso pela transformação, aproximando posturas a fim de melhorar a sociedade, num consenso orientado pela autoridade, em que todo homem traz consigo uma forma de ver e pensar o mundo, a partir de suas experiências com o universo

circundante, pelas ideias que orientam sua presença no mundo (Schram; Carvalho, 2015, p. 6).

Freire inicia a proposta de uma educação transformadora, uma educação para a democracia, havendo participação de todas as pessoas, embasada no ser humano livre, racional, promotor de mudanças. O autor menciona a importância do papel do professor nos processos de ensino e aprendizagem:

Para mim é impossível compreender o ensino sem o aprendizado e ambos sem o conhecimento. No processo de ensinar há o ato de saber por parte do professor. O professor tem que conhecer o conteúdo daquilo que ensina. Então para que ele ou ela possa ensinar, ele ou ela tem primeiro que saber e, simultaneamente com o processo de ensinar, continuar a saber por que o aluno, ao ser convidado a aprender aquilo que o professor ensina, realmente aprende quando é capaz de saber o conteúdo daquilo que lhe foi ensinado (Freire, 2003, p. 79).

Para Freire a educação deve ser “trabalhada intencionalmente para humanizar o mundo por meio de uma formação cultural e da práxis transformadora de todos os cidadãos sujeitos da sua história” (Zitkoski, 2006, p. 28). E como exposto por Freire, “ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1983, p. 79).

Percebe-se que, o trabalho com a literatura atende as características da pedagogia tradicional quando mencionam as ações literárias realizadas:

POLYANNA MOÇA: Leio para meus alunos todos os dias. Escolho livros interessantes para faixa etária e leio por capítulos. A escolha pelo professor é fundamental, pois os alunos ainda não possuem autonomia. As crianças são imaturas para escolherem sozinhas o livro e o professor conhece vários títulos.

FEIURINHA: Leio todos os dias um capítulo de um livro pré-escolhido para a turma (leitura inicial) normalmente escolho obras que possuem filme, pois no final da leitura (depois de uma avaliação) assistimos o filme juntos e assim eles podem fazer a comparação da obra escrita com a audiovisual. Normalmente eles conseguem perceber que apesar de gostarmos dos filmes, os livros são mais completos, com mais detalhes que não aparecem no filme, isso ajuda a estimular a leitura.

POLYANNA MENINA: Leio diariamente para meus alunos e nesses momentos tento despertar o prazer pela leitura. Procuro deixá-los curiosos nas indicações literárias. Conto momentos de leitura que já vivi. Trabalho de diferentes maneiras a leitura de obras literárias para que os alunos percebam o encantamento e as chances de aprendizagem que são proporcionados pelo hábito de leitura.

IRACEMA: É uma atividade permanente, no início do dia com uma atividade de leitura. Leio e peço para eles acompanharem e depois pergunto o que entenderam e refletimos sobre o assunto, geralmente é algo que estão precisando ouvir para repensar atitudes.

TISTU: Sempre realizo uma leitura compartilhada e uma roda de leitura, muitas vezes apenas por deleite, sem pedir nenhuma atividade depois.

Para Candido, a literatura humaniza as pessoas e amplia a visão de mundo e reforça que ela é uma necessidade:

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão de mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.
(Candido, 1995, p. 24).

De acordo com as participantes, a leitura é realizada por elas, de um livro escolhido por elas e a escolha é a partir da faixa etária dos estudantes. Feiurinha diz que após a leitura do livro, coloca o filme com a história do livro para ilustrar e para que os estudantes percebam e concluam que a obra traz mais detalhes e o filme é resumido, afirma também que, ao término da leitura, pede uma avaliação; Polyanna Menina menciona que os estudantes precisam desenvolver o prazer e o hábito pela leitura e deseja que os estudantes percebam o quanto podem aprender ao ler.

Iracema inicia a aula com uma atividade de leitura, ela lê e após, faz perguntas para verificar e comprovar se houve entendimento e volta a mencionar sua preocupação com o ler para mudar atitudes incorretas em sala de aula.

Assim, percebe-se que sempre após uma leitura, os estudantes têm a missão de responder a questões previamente selecionadas pelas professoras. Quanto a escolha das obras, as participantes obedecem a faixa etária dos estudantes e elas mesmas, folheando as obras, selecionam a qual faixa etária devem pertencer. Uma professora disse que, além de folhear o livro, consulta o manual da editora para verificar a indicação etária que está classificado.

O professor, no entanto, pode ser o mediador, o organizador do processo de recepção, ao levar o leitor a observar as estratégias do texto, a ler no silêncio do texto, contribuindo para a produção de um discurso crítico pelo leitor, para esse não ser um mero reproduzidor, mas um coprodutor, contribuindo para práticas leitoras plurais e não convergentes (Debus, 1996, p. 124).

Para libertar-se, Freire (1987) indica “ser essencial, por parte dos seres humanos, a compreensão de suas necessidades, de sua concretude e das relações sociais”.

A autêntica libertação “não é algo que se deposita, é na práxis, que implica a ação-reflexão das pessoas sobre o mundo para transformá-lo” (Freire, 1987, p. 93), de modo que, “sem práxis, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido” (Freire, 1987, p. 52). Faz-se

necessário, tornar as pessoas mais ativas, capazes de transformar a realidade e produzirem mudanças.

Assim, de acordo com os depoimentos das professoras, é possível evidenciar que, conhecem a teoria, reconhecem o valor e importância do trabalho com a literatura, mas a prática desenvolvida evidencia que ainda a utilizam se sobrar tempo na rotina, se a história vem para ajudar a ensinar o conteúdo e se os estudantes mudam o comportamento inadequado.

A professora Iracema disse que, seleciona as obras a partir do interesse dos estudantes e obras que possivelmente os motivarão em relação a leitura.

POLYANNA MOÇA: Escolho a obra a partir da faixa etária e de autores conhecidos por eles

FEIURINHA: Normalmente pela faixa etária e observando o interesse geral da turma daquele ano, mas tento ler inicialmente os que tem filmes baseados na obra.

POLYANNA MENINA: Escolho de acordo com o enredo, pois é importante que o assunto seja interessante, de acordo com a faixa etária e desperte a atenção.

IRACEMA: Seleciono de acordo com o interesse da turma, penso naqueles que vão aguçar a curiosidade.

TISTU: Escolho autores favoritos, que trabalham com os tipos de textos que são propostos no ano em que leciono, os gêneros textuais já vêm selecionados pela BNCC³³ e pelo material didático do ano, escolho a partir do que tenho que trabalhar no ano.

Dar poder de escolha aos estudantes é algo motivador, mesmo que a faixa etária não está indicada para ele, é possível que o professor confie a ele, o livro, mesmo que o estudante ainda não possua leitura fluente e compreensão dos fatos, o desejo dele foi atendido, e tem a oportunidade de levar o livro consigo e mesmo que a leitura não chegue ao final, este teve o contato que desejava com a obra e seu poder de escolha confiado e respeitado.

Diante disto,

O professor que trabalha com literatura infantil tem a função de estimular, orientar e mediar esse processo, pois a literatura será o meio de acesso para o conhecimento e o mundo da cultura, que caracteriza a sociedade em que vive” (Cantarelli; Cardoso; Simioni, 2006, p. 3).

As participantes a todo momento, se colocam no centro do processo educativo e acreditam que todas as decisões e planejamento devem participar delas, chegam a mencionar o interesse do estudante, ações que despertem o interesse como a realização de indicações literárias, uma delas chega a mencionar que realiza uma roda de conversa, é possível evidenciar que, começa a arriscar abrir espaço para o debate, mas sempre partem da pergunta:

³³ Base Nacional Comum Curricular, promulgada em 2018. (A autora, 2024).

o que entenderam da história. Pergunta que traz a reflexão: e se caso, o estudante não aprendeu nada, apenas deixou que a leitura fruisse?

A fruição corresponde a:

POLYANNA MOÇA: Leio por capítulos e estou sempre instigando eles. Faço também a roda de leitura com livros emprestados que pegam na sala de leitura, não realizo a roda com frequência, pois a rotina dos conteúdos é extensa e o tempo para que as crianças expliquem o livro é pouco, faço as rodas pelo menos uma vez ao mês. Na roda, os alunos contam o que entenderam sobre a história, o que aprenderam, quais os personagens que mais gostaram, qual a parte preferida e assim, chamam a atenção dos colegas para a leitura.

FEIURINHA: No começo desse ano observei o interesse das turmas por contos de mistério, então decidi ler por capítulos o livro do Roald Dahl "As bruxas" pedi para que a professora da sala de leitura viesse somente de sapatos fechados e que usasse luvas nos dias em que meus alunos fossem retirar livros, assim quando chegou nos capítulos em que o autor descrevia como identificar uma bruxa, a maioria da sala desconfiou que a professora era uma rsrsrs... Fechamos com chave de ouro na semana em que eles foram retirar os livros e ela ficou tampando o nariz rsrsrs. Alguns alunos não queriam ir lá depois... A empolgação para ler o livro foi aumentando a cada capítulo e encerramos assistindo o filme "Convenção das Bruxas". Todos os alunos deram nota 10 na autoavaliação.

POLYANNA MENINA: Acredito que oferecer bons livros, envolver os alunos com a leitura e orientá-los a realizar indicações literárias pode ter sido um trabalho bastante interessante e motivador; pois, ao final, os alunos querem ler os livros dos demais colegas e quem indica procura fazer da melhor maneira.

IRACEMA: Selecionei alguns contos de Ricardo Azevedo e trabalhei utilizando as estratégias de leitura, a classe foi se envolvendo e apreciando as histórias. O resultado foi que passaram a procurar livros do autor quando iam a biblioteca.

TISTU: Leitura Protocolada e roda de leitura; interesse pelo enredo, participação no contar os fatos da história, procura da obra para reler e leitura em voz alta.

Para Oliveira, os livros infantis proporcionam não só encantamento, mas desenvolve, habilidades cognitivas:

Os livros infantis, além de proporcionarem prazer, contribuem para o enriquecimento intelectual das crianças. Sendo esse gênero objeto da cultura, a criança tem um encontro significativo de suas histórias com o mundo imaginativo dela própria. A criança tem a capacidade de colocar seus próprios significados nos textos que lê, isso quando o adulto permite e não impõe os seus próprios significados, visto estar em constante busca de uma utilidade que o cerca (Oliveira, 2005, p. 125).

Assim, nota-se que, a leitura literária é algo que precisa ser bem planejada pelos professores e unidades escolares, pois vai além do cognitivo, além de meras atividades soltas, mas requer um planejamento que vise a formação de um leitor de literatura crítico e reflexivo, pois de acordo com Freire, o homem é um ser da práxis, da ação e da reflexão, é visto como o centro de toda a realidade e, por ter a natureza criadora, transforma-se em agente da história. O

autor diz que o homem é um ser consciente e criador, que desempenha um papel ativo nas transformações sociais.

O pluralismo exaltado por Freire mostra a sua flexibilidade e abertura em ouvir o outro, dialogando e ampliando a visão de mundo em uma visão libertadora.

As professoras percebem o entusiasmo que os estudantes têm pela literatura, mencionam a importância, mas não é algo que tem destaque na rotina semanal, ela se perde em meio aos componentes curriculares. A rotina da professora é realizada semanalmente e precisa atender a carga horária dos componentes curriculares que privilegiam: Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências, Educação Física e Arte. Assim, as professoras ressaltam que não há tempo de sobra na rotina para a literatura, por isso, deixa a prática para as professoras que atuam nas salas de leitura. As professoras das salas de leitura, ressaltam que recebem as crianças apenas uma vez na semana para troca de livros ou leitura e contação de histórias.

POLYANNA MOÇA: Leio para meus alunos e vejo que eles ficam fascinados é isso é gratificante, faço sempre que adiantamos os conteúdos de Matemática e Língua Portuguesa.

FEIURINHA: Os clubes de leitura coletiva dão muito certo, além da leitura inicial normalmente feita por mim, temos uma hora na semana para ler um capítulo de um livro pré-estabelecido e debater (iniciamos com: Quem matou o saci de Alexandre de Castro Gomes) durou dois meses para ler os oito capítulos e foi maravilhoso, a escola tem mais de trinta exemplares desse e de outras obras, que dá para fazer esse tipo de trabalho. Queria ter mais tempo para me dedicar a ações como esta.

POLYANNA MENINA: Penso que as escolas estão precisando de maior envolvimento com a leitura literária. É preciso motivar mais a leitura, ter a oportunidade de conhecer escritores, assistir representações teatrais e contações de história, ter acesso a bons livros... Acredito que esta área anda um pouco esquecida, é preciso colocá-la de volta.

IRACEMA: É um trabalho que acredito muito e que não pode ficar esquecido devido a "demanda de conteúdos".

TISTU: Gostaria que houvesse maior tempo hábil, dentro da rotina, para trabalhar a leitura literária, pois tenho consciência do seu valor.

Percebe-se que, oportunizar e oferecer momentos de leitura literária com os estudantes faz parte da rotina das professoras, porém percebe-se que ainda, centralizam nelas a escolha e as atividades a serem realizadas. Polyanna Moça, realiza a leitura de uma obra por capítulos e os estudantes pegam livros emprestados pela sala de leitura da escola. As rodas de leitura é uma atividade que favorece a participação dos estudantes, pois contam aos colegas o que leram, expressam opinião e ainda indicam a leitura, porém é uma ação que requer tempo na rotina do professor. Polyanna Menina comenta sobre a indicação literária, uma ação que leva o despertar

a curiosidade por ler o livro indicado pelo colega, uma ação que, trabalha a literatura enquanto arte, pois o estudante se coloca ao tecer seus comentários sobre a obra.

Assim, Sacchetto coloca que,

Não cabe somente à escola a responsabilidade dessa construção, que se efetiva na estimulação do desejo de aprender; no incentivo à busca de prazer; na recusa das cobranças e obrigações. À família compete assumir esse compromisso, promovendo as bases que alicerçarão o desenvolvimento dessa habilidade. A escola, a modernidade, mas também a família tem concorrido para essa desmotivação, para a perda da capacidade criativa da leitura. O papel da escola nessa formação é, sem dúvida, de fundamental importância (Sacchetto, 2010, p. 2).

Um trabalho que tem como objetivo a formação de uma comunidade de leitores deve ultrapassar os muros escolares, pois não se faz uma comunidade apenas dentro da escola, mas principalmente fora dela, de que adianta formar leitores só dentro da escola? É preciso envolver a todos para que tenha sentido e propósito. Assim, é fundamental que a unidade escolar envolva as famílias nas ações literárias desenvolvidas. As professoras mencionam a indicação literária como atividade importante, essas indicações precisam chegar até a comunidade escolar.

A leitura literária precisa fazer sentido na escola, mas também fora dela, ler um livro de literatura não é privilégio apenas da escola, mas lê-se também em casa, na igreja, em outras instituições e lugares, portanto ao término de uma leitura, o estudante poderá fazer a indicação literária da obra para os demais estudantes da escola e estender para o entorno da escola e comunidade. A leitura deve envolver a todos, visando a formação de uma comunidade de leitores de literatura.

Quanto ao protagonismo estudantil, as professoras percebem que a literária auxilia no desenvolvimento dos estudantes e a elegem como um trabalho essencial junto aos estudantes. A leitura proporciona avanços não só cognitivos, mas também socioemocionais que levam os leitores assíduos a desenvolverem habilidades diante dos outros componentes curriculares, conteúdos estudados, mas trazem avanços significativos no convívio familiar, escolar e social. Leitores fluentes se tornam participativos, atuantes e bem-informados; destacando-se perante seus pares.

POLYANNA MOÇA: A literatura torna os alunos leitores fluentes, assim produzem textos melhores e com mais facilidade. O difícil é conseguir fazer com que gostem de ler. Percebo que, quanto mais o aluno lê mais ele fica esperto e consegue interpretar textos, falar e escrever melhor.

FEIURINHA: Através da literatura que nos encontramos no mundo, temos exemplos de superação, de empoderamento. Conseguimos trabalhar qualquer questão através de uma história.

POLYANNA MENINA: A literatura faz a diferença na vida das pessoas. É através dela que você poderá ser o protagonista da vida. Quem lê: sonha, aprende, opina, argumenta, avança, cria, escreve...É a chance de assumir o papel de cidadão a que temos direito. Quando leem, começam a perceber detalhes, entender os textos nas entrelinhas

IRACEMA: Acredito muito. A criança passa a ver o mundo de outra forma, passa a conversar melhor, ter argumentação, se expor e fazer escolhas. Passa a ter maior repertório e amplia o olhar facilitando a interpretação no seu sentido mais amplo. A criança que lê resolve melhor seus conflitos.

TISTU: Sim, sendo que alunos que não efetivaram a alfabetização, pegam livros na sala de leitura para ler. Alunos alfabetizados adquirem hábitos de ler e comentar sobre a leitura.

A educação libertadora não se dá somente no campo cognitivo, mas acontece, essencialmente, nos âmbitos social e político. O educando tem os conteúdos formais na escola, mas traz consigo o aprendizado que desenvolve na educação formal e não formal, por isso, é competência da escola desenvolver a formalidade educacional partindo dos conhecimentos que os educando já possuem e ampliá-los, a literatura é grande aliada nesse processo, não porque vai ensinar bons modos, mas porque vai fazer com que, o educando se sinta parte integrante de uma sociedade, que ele tem voz, vez, vontades, escolhas para fazer e quando a leitura literária for utilizada como arte, leva a uma educação que confronta realidade e transformação dessa realidade. Identificar-se com situações e personagens, humaniza.

Gadotti afirma que a educação defendida por Freire tem como concepção os direitos humanos:

A educação defendida por Paulo Freire tem diretrizes, valores e princípios que reconhecem a pluralidade de pensamento, a diversidade e a luta de classes. Tais princípios como: o exercício da cidadania ativa, democracia, convivência com a diversidade, ocupação do espaço público para a permanente luta por um projeto democrático e popular, são imprescindíveis no processo educativo dos(das) educandos(as) e dos(das) educadores(das). Este aprendizado ético, teórico, político e metodológico faz parte da Educação em Direitos Humanos (Gadotti, 2018, p. 158).

Estudar e aprender é impregnar de sentido o cotidiano, toda ação educativa trabalhada na escola, precisa fazer sentido fora dela, o educando precisa saber quando e onde utilizar o que aprendeu na escola na vida. Acredita-se que a leitura literária supere a visão ingênua por uma visão crítica, capaz de superar o contexto vivido. A literatura que leva a uma educação libertadora, problematiza a realidade, problematiza os conflitos, faz sentido, faz refletir sobre o que se faz, como se faz e por que se faz.

A partir da problematização trazida pelas histórias, pelas vivências e experiências com os livros, pode-se reconstruir o conhecimento.

POLYANNA MOÇA: Leituras temáticas toda semana e troca de livros, os alunos frequentam semanalmente a sala de leitura da escola.

FEIURINHA: Temos sala de leitura onde é feito o empréstimo de livros para todas as turmas semanalmente e as contações de história por gênero mensalmente (sempre com painéis e caracterização do espaço).

POLYANNA MENINA: Minha escola tem sala de leitura e nos anos anteriores havia uma professora encarregada; hoje a sala não conta mais com a professora, com isto, havia trabalhos bem planejados e atrativos. Atualmente, cada professora utiliza e busca as obras de literatura de acordo com seus interesses e necessidades. Anteriormente aconteciam contações de histórias, indicações literárias, representações das obras... havendo bastante envolvimento dos alunos.

IRACEMA: Os alunos vão semanalmente e escolhem os livros. Atualmente não há projetos e/ou atividades devido a rotatividade dos profissionais desta sala, no momento, a sala de leitura não conta com um professor designado, assim, não temos mais contação de histórias e atividades que antes, eram realizadas pela professora que se aposentou.

TISTU: Sim, sala de leitura. Os alunos participam de momentos de leitura realizada pela responsável da sala de leitura e retiram livros para ler em casa.

Três professoras mencionaram que, além da leitura literatura realizada por elas nas salas de aula, os estudantes frequentam semanalmente, as salas de leitura e que, no local, há uma professora designada para desenvolver os projetos de leitura.

Duas professoras disseram que, nas unidades escolares que atuam, havia professoras que atendiam, uma foi para outra escola, a outra se aposentou e a sala, no momento, serve apenas para que os estudantes escolham livros para ler durante a semana. Os profissionais já foram solicitados para a Secretaria de Educação, mas até o momento da realização das entrevistas, as salas, encontravam ainda sem o professor designado para a função.

A rede municipal de ensino, atualmente, conta com 56 professores readaptados, devido às limitações funcionais e que atendem responsáveis pelas salas de leitura. São 38 salas de leitura no período da manhã e 34 salas de leitura no período da tarde e 1 no período da noite atendendo aos estudantes da Educação de Jovens e Adultos.

Tabela 5 - Perfil das salas de leitura

PERFIL DAS SALAS DE LEITURA							
Total de escolas	Quantidade de professores	Escolas que possuem salas de leitura e professor designado		Escolas que possuem salas de leitura, mas não possui professor designado		Total de alunos da rede	Total de estudantes atendidos
53	56	MANHÃ	TARDE	MANHÃ	TARDE		
		38	34	15	19	16603	13708

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados disponibilizados pela Prefeitura Municipal de Franca. Disponível em: <https://www.franca.sp.gov.br/>, 2023.

Evidencia-se que, há mais professores do que escolas, cada escola possui uma sala de leitura, mas que funciona em períodos diferentes do dia: manhã e tarde, e há professores que possuem cargas horárias diferentes, conforme laudo médico e a limitação funcional a qual se tornou readaptado, portanto, trabalham alguns trabalham por 4h e outros por 6h, assim, ficam na escola apenas um período do dia. Assim, nem todas as escolas possuem professores para as salas de leitura nos dois períodos em outras escolas em nenhum dos períodos há um professor, as salas existem, estão equipadas, mas não há o profissional.

Algumas escolas não possuem o professor, porque eles têm o direito de escolha e escolhem próximos as residências, portanto algumas escolas contam com dois profissionais e outras não. Diante da falta dos profissionais as ações literárias ficam comprometidas, por isso as professoras entrevistadas das salas comuns de 5º anos sentem a falta de ações mais pontuais do trabalho com a literatura desempenhado pelos profissionais designados para as funções.

Os professores designados para as salas de leitura recebem mensalmente, formações continuadas por parte da Secretaria Municipal de Educação, por meio do Departamento Pedagógico. Os professores das salas comuns³⁴ até o momento, não recebem formação continuada específica para o trabalho com a Leitura Literária.

As salas de leitura têm como função auxiliar a unidade escolar no desenvolvimento dos projetos literários, organizar ações como: empréstimo de livros, leitura compartilhada e contação de histórias. Os espaços funcionam em uma sala de aula adaptada e conta com livros, fantoches, bonecos, mobiliários como mesas e cadeiras, projetor, telão, tapetes, almofadas e materiais lúdicos utilizados nas contações de histórias. Há também salas de leitura em espaço

³⁴ Salas comuns: professores titulares das salas de aula da Educação Infantil e Ensino Fundamental. (A autora, 2024).

adaptado apenas para guardar os livros, não há espaço para receber os estudantes, assim a professora utiliza outros espaços da escola para atividades de leitura.

As salas de leitura são espaços privilegiados da escola, porém existem escolas que possui a sala, mas não tem o professor para o atendimento, assim, os professores das salas regulares pegam os livros, levam para a sala de aula para a utilização pelos estudantes.

A professora Feiurinha menciona a sala de leitura e diz que os empréstimos de livros para a leitura semanal são realizados pela professora responsável e que há painéis decorativos e espaço caracterizado conforme o livro escolhido para ser lido.

A professora Polyanna Menina também menciona a sala de leitura, mas diz que, no momento, não há uma professora para atender e que sente falta das ações, pois os estudantes se envolviam muito na leitura e contação de histórias que aconteciam.

Perguntadas se a escola tem um projeto literário coletivo, envolvendo todos os estudantes, equipe escolar e comunidade, as cinco professoras foram inânimes em dizer que não, mas mostraram-se interessadas e reconhecem a importância que seria para todos. Uma professora, disse não saber responder.

POLYANNA MOÇA: Não sei responder.

FEIURINHA: Não há nenhum projeto literário englobando toda a escola. Penso que deveria ter, pois movimenta a escola, motiva os estudantes em relação a leitura e faz com que aprendam melhor.

POLYANNA MENINA: Acredito que cada professora desenvolva trabalhos com a leitura literária, mas não há um projeto comum. Até que seria bom, poderíamos realizar leituras diferentes em cada classe e montarmos painéis, gincanas, feiras de livros e convidar a comunidade para assistir um sarau literário, por exemplo.

IRACEMA: Não há. Cada professor realiza em sua sala ou quando tem, o professor da sala de leitura realiza, , mas seria interessante algo grande envolvendo a leitura literária assim como acontece com a jornada de matemática e com outros projetos da rede.

TISTU: Não, mas gostaria que tivesse, alguma coisa organizada em parceria com os professores das salas de leitura e que, todo ano, acontecesse em um mês determinado e que, desde o planejamento inicial todos os professores já trabalhariam visando atender aos objetivos e etapas do projeto. Seria muito bom.

As professoras comentam que, mesmo algumas escolas que contam com o funcionamento das salas de leitura, as unidades escolares não têm um projeto literário coletivo, que envolva todos os estudantes, equipe escolar e professores. A professora Polyanna Menina sugere ações que um projeto coletivo de leitura da escola possa desenvolver e cita inclusive a participação da comunidade não para ler junto, mas para assistir as apresentações dos estudantes.

Tistu responde rapidamente e com firmeza “não”, evidencia-se na fala das professoras que, prefeririam que a escola tivesse um projeto para delimitar melhor as ações envolvendo a leitura literária objetivando a formação leitora de estudantes e comunidade.

Iracema e Pollyanna Menina, fazem questão de dizer que, mesmo não havendo um projeto coletivo, elas acreditam que, cada professor, em sua sala de aula realizava atividades envolvendo a literatura.

4.5 Perspectivas das professoras das salas de leitura

Mediante a citação das professoras sobre as salas de leitura que as unidades escolares possuem, fez-se necessário, que a pesquisadora realizasse entrevistas com as profissionais que atuam também com a leitura literária junto aos estudantes com o objetivo de conhecer a concepção que trazem sobre literatura e as ações desenvolvidas.

Foi realizada a entrevista com as quatro professoras das salas de leitura, que foram selecionadas pelo maior tempo de atuação no magistério (em anos) e privilegiou-se atender as regiões da cidade em que a unidade escolar está localizada, de modo que, a pesquisa possa obter dados de diferentes localizações e que atendam aos estudantes do 5º ano. Embora, a rede está dividida em cinco regiões, a região centro não possui classes de 5º ano, portanto não atende aos objetivos desta pesquisa, assim, apenas quatro escolas de quatro regiões foram selecionadas, a escolha se deu, devido ao tempo de atuação no magistério, em anos, que as professoras das salas de leitura possuem.

As professoras são identificadas pelo pseudônimo a partir da resposta a pergunta: Qual personagem da literatura você se identifica (Apêndice B).

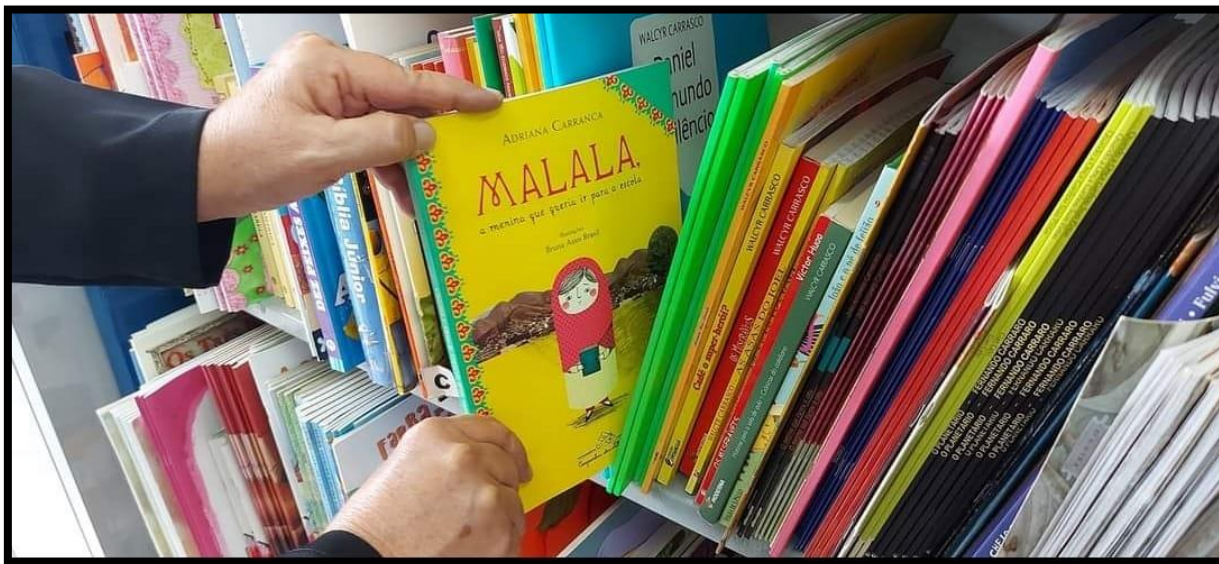
Tabela 6 - Professoras das Salas de Leitura

Professora da sala de leitura	Região da escola	Idade	Formação	Tempo no magistério (em anos)	Tempo de atuação na sala de leitura
Malala	Oeste	51	Pedagogia	27	6
Branca de Neve	Norte	64	Pedagogia	47	6
Matilda	Sul	62	Pedagogia	40	7
Alice	Leste	56	Pedagogia	23	5

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados disponibilizados pela Prefeitura Municipal de Franca. Disponível em: <https://www.franca.sp.gov.br/>, 2023.

MALALA

Figura 15 - Malala



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).

Me identifico com a personagem Malala pela coragem, determinação e resiliência. Atendo a sala de leitura há 5 anos, quando fui readaptada devido a um problema de saúde, não aceitei muito bem a situação, aí, caí aqui, nesta sala de leitura e fui me apaixonando pela função, agora não me vejo em outro lugar. Sou aquela professora que leva encantamento aos alunos, eles me encontram no corredor e os olhos brilham, querem saber qual será a leitura da semana. Quero levar para eles uma leitura leve, prazerosa e não carrancuda como na minha época de escola. Quando eu era criança, lia porque o professor obrigava e depois eu ainda tinha que tirar nota boa na prova do livro, só tive professoras bravas, que liam de cara fechada. Assim, tempo ser diferente e atendo as crianças por ano, sempre tenho um tema da semana, tenho uma fala diferenciada para cada idade. Uma criança chegou aqui e me pediu um livro pelo nome do autor, achei ótimo, sinal de que a leitura está fazendo a diferença, a leitura está virando uma rotina entre os estudantes, fazendo parte do cotidiano escolar, está bem próxima deles. A sala de leitura precisa ser dinâmica, um lugar em que as crianças gostam de frequentar e é essencial que professor da sala e da sala de leitura sejam parceiros e trabalhem juntos para que todos se tornem leitores. Gosto de utilizar fantoches para contar as histórias e confeccionar bonecos de pano para dar mais ludicidade à leitura. Tenho uma estante especial em que coloco os livros que atendem aos temas trabalhados, cada mês temos um tema em foco, assim, as crianças chegam e já sabem que só podem escolher os livros que separei para eles, não mexem nas demais estantes porque podem misturar e depois, se um professor pede um livro emprestado fica difícil de encontrar. Tenho uma rotina de horários em que atendo todos os alunos da escola, os professores sugerem leitura para que eu realize e sempre de acordo com o conteúdo que estão trabalhando. Quando percebemos que os alunos precisam de aprender algo, recorremos as obras literárias. O livro das Gentilezas, ajudou muitas crianças a repensarem atitudes e pedem também livros que atendam aos projetos didáticos trabalhados, como foi o caso da África e as questões antirracistas, a literatura foi grande aliada, pois todos utilizam os livros literários que falam de África devido a lei 10.639 de 2003, separei e emprestei todas as obras que temos. Literatura para mim é tudo que tem no mundo: poesia, música, contos, crônicas, clássicos e desperta o senso crítico.

BRANCA DE NEVE

Figura 16 – Branca de Neve



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).

Sou como a Branca de Neve, amo os Contos de Fadas, quando criança, eu lia muito e vivo as aventuras em cada página. Meu pai era um grande leitor. Na sala de leitura, faço o empréstimo de livros para os alunos, realizo rodas de conversa, contação de histórias, gosto de decorar a sala de acordo com as histórias trabalhadas no mês, sempre me caracterizo das personagens e os alunos se assustam ao me ver de Chapeuzinho Vermelho, Emília entre outras. Antes de contar a história me preparo bem, faço pesquisas, organizo a projeção de imagens no datashow e preciso conhecer a história de memória. Na sala de leitura, tenho uma boa parceria com os pais, pois as crianças levam os livros para casa e eles leem juntos, um incentiva o outro. Dia desses, uma criança disse que a mãe até chorou quando leram junto o livro: Menina Nina. Gratificante para mim quando a história causa impacto nos leitores. Cada ano escolar aqui da escola tem um dia para vir escolher um livro e ficam sete dias, na data marcada devolvem e pegam outro. Eu escolho os livros de acordo com os temas trabalhados pelos professores nas salas de aula, ou devido a alguma data comemorativa, deixo os livros que podem pegar em uma estante separada das demais, tem alunos que pedem para pegar outros que não estão separados, ficam curiosos e querem explorar as prateleiras. Como deixo tudo organizado fico de olho para eles não misturarem, pois tem prateleiras que organizo por ordem alfabética, outras por escritor, por temas do mês e outras por coleções, por isso deixo separado os que posso emprestar. As professoras das salas de aula elogiam muito as ações que realizo, sou grande parceria nas atividades da escola, a sala de leitura está em tudo, pois é aqui que se encontra o mundo todo. Literatura para mim é um mundo vasto que abre portas, é algo fantástico, que faz imaginar, mas refletir sobre todas as coisas, mundo de possibilidades é algo que transforma pessoas.

ALICE

Figura 18 - Alice



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).

Sou idêntica a Alice, personagem de Lewis Carroll, vivo no País das Maravilhas e levo todo mundo comigo. Sou leitora assídua, leio de tudo, mas prefiro tudo que envolva Filosofia. Sou de um tempo em que não se falava em leitura realizada pelo professor, mas eu já fazia com meus alunos, também não se falava em leitura escolhida pelos alunos, mas eu já deixava que eles escolhessem. Antes, as crianças liam para preencher fichas técnicas sobre o livro ou falar da parte que mais gostou, mas minha forma de trabalhar era diferente, eu deixava que eles contassem sobre a história livremente, sem perguntas, todos queriam contar e assim, despertavam o interesse dos colegas em ler. Penso que é fundamental conversar sobre a história lida e não apenas ler, fechar o livro e tudo se acaba. Aqui na sala de leitura acontece de tudo, leio para os alunos, passo filmes, conto histórias, devido a pouca quantidade de livros, não é possível emprestar para que levem para casa, portanto, os alunos escolhem e leem aqui, há espaço para grupos de leitura. A escola está envolvida, todos os anos, no mês de maio, realizamos uma semana literária, iniciamos o dia em que a escola durante 30 minutos para tudo para ler, alunos e professores lendo, recebemos também escritores para conversar com os alunos, recebemos músicos e realizamos uma grande troca de livros, cada aluno traz um livro e troca com os colegas. As professoras das salas são parceiras, frequentam as ações da sala de leitura junto com os alunos e depois em sala de aula, pode dar continuidade as ações. Literatura para mim, é algo que precisa ser bom, que provoque a reflexão, algo sem imposição e um tanto de regras e algo que desperta o imaginário, mas também a crítica.

Diante das respostas das professoras, é possível perceber que, as salas de leitura em questão, são dinâmicas e contam com ações que propiciam o contato dos estudantes não só com as obras literárias, mas também com momentos de interação e ludicidade.

Constatou-se que, são espaços extremadamente organizados em que os estudantes gostam de ir semanalmente para ouvir histórias e pegar livros emprestados, quando pegam os

livros, a professora anota a retirada em uma planilha para identificar quem fez a retirada. Os estudantes ficam com o título escolhido por uma semana e após a entrega, ele pode pegar outro, assim sucessivamente, durante o ano letivo.

Nem todos os livros das estantes ficam a escolha dos alunos, pois as professoras temem que escolham temas inapropriados para as faixas etárias; outras professoras se preocupam com a organização das estantes, se os estudantes retirarem os livros direto das prateleiras, deixarão desorganizadas e bagunçadas, portanto, no momento da escolha, elas retiram alguns exemplares que julgam atender os interesses das crianças e colocam em uma mesinha, elas sabem que só podem pegar os que estão ali separados. Evidenciou-se que, as salas de leitura, trabalham um tema por mês, assim, as professoras já separam os livros que atendem a intencionalidade, o que impossibilita os estudantes de explorarem os diversos títulos dispostos nas prateleiras e que chamam a atenção, pois são estantes cheias de livros, mas também decoradas com bonecos, fantoches e personagens.

Evidenciou-se também que as professoras gostam de ler e contar histórias sempre utilizando-se de bonecos, fantoches e demais ornamentações, inclusive se vestem dos personagens principais.

Os temas trabalhados nas salas de leitura surgem sempre de uma intencionalidade pedagógica para atender a uma demanda, seja por indisciplina por parte dos estudantes, seja devido ao conteúdo e a projetos da rede, como foi o caso da educação antirracista citada pela professora Malala, de acordo com ela, separou todos os títulos do acervo da sala de leitura que falam de África e colocou à disposição de alunos e professores. Infere-se que os estudantes, ainda não possui poder de escolha e são impossibilitados de querer temas diferentes para ler durante a semana. Assim, percebe-se que, mesmo em meio a um espaço lúdico, a um rico acervo, a literatura ainda tem limites dentro das unidades escolares, ainda é vista como estando a serviço de temas, projetos, conteúdos e demandas.

Todas afirmam reconhecer a importância da literatura e o quanto os estudantes gostam dos livros e das ações, ouvir a professora Alice é inferir que, ela sabe que a leitura de uma obra vai além de preencher fichas técnicas e resumos, mas é dar oportunidade dos estudantes se colocarem e socializarem sentimentos, opiniões e comentários sobre as histórias, ela traz a importância da despertar não o prazer, o hábito, mas de promover a reflexão, a argumentação, a criticidade e a indicação da obra para os colegas e professores. Percebe-se que, Alice faz uma crítica ao uso da literatura quando compara atualidade com o que ela já fazia, pois em sua prática, já deixava os alunos escolherem, mas na mesma resposta, ela diz que, atualmente, devido a organização da sala de leitura, ela escolhe e separa os livros para os estudantes.

Para Pennac (1993, p. 78) “o ler por si se constitui fora do âmbito escolar e isso pode ser justificado pela proposta de educação” que a escola se pretende:

Parece estabelecido para toda a eternidade, em todas as latitudes, que o prazer não deva configurar nos programas das escolas e que o conhecimento não pode ser outra coisa a não senão o fruto de um sofrimento bem-comportado. A escola não pode ser a escola do prazer, o qual pressupõe uma boa dose de gratuidade. Ela é uma fábrica necessária de saber que requer esforço. As matérias ensinadas são, ali, instrumentos da consciência. Os professores encarregados dessas matérias são os iniciadores e não se pode exigir que eles proclamem a gratuidade da aprendizagem intelectual, quanto tudo, absolutamente tudo na vida escolar afirma a finalidade competitiva da instituição. Ela mesma impulsionada pelo mercado de trabalho. Ler é algo que se aprende na escola (Pennac, 1993, p. 78-79).

Outro detalhe que chama a atenção é que a professora Alice promove eventos literários que envolve a escola toda, em um mês do ano, realiza com toda a equipe escolar, uma semana literária em que recebe escritores para palestras, há um dia que a escola para tudo e todos, durante 30 minutos realizam uma leitura realizada pelo professor. O professor lê e os estudantes acompanham.

A leitura literária enquanto arte que leva a uma educação libertadora, busca respostas para questões pessoais, Para Pennac a leitura é fruição, gratuidade, como um delicioso trabalho de destilação, “constitui em cada leitor, em seu silêncio particular, em sua solidão. Sem que se dê satisfação dos sentidos alcançados. A práxis vigente leva o professor a exigir a leitura e não a felicidade de ler” (Pennac, 1993, p. 80).

Pennac afirma que, partilhar a felicidade de ler pode promover mudanças e talvez seja uma estratégia perfeita:

Todas as suas leituras eram como dádivas. Não nos pedia nada em troca, não nos entrega a literatura num conta-gotas analítico, ele a servia a nós em copos transbordantes, generosamente... E nós compreendíamos tudo que ele nos lia. Nós o escutávamos. Nenhuma explicação do texto seria mais luminosa do que o som da sua voz quando ele antecipava a intenção do autor, acentuava um subentendido, revelava uma alusão. Ele tornava impossível o contrassenso. E nada de patrimônio cultural, de segredos sagrados guardados nas estrelas; com ele, os textos não caíam do céu, ele os apanhava na terra e nos oferecia para ler. Tudo estava ali, em torno de nós, fremente de vida. Nós tínhamos vontade de ler e pronto. Era tudo (Pennac, 1993, p. 86).

A literatura instiga, provoca, absorve, socializa, humaniza, transforma e não pede nada em troca, apenas pretende que, assim como toda linguagem artística, promova encontro de estudantes com as obras de arte, que são os livros, que simplesmente, promova um encontro com a educação libertadora livre de amarras, imposições e opressão.

Sobre a Educação bancária, Freire ressalta que,

Enquanto a educação bancária tem como objetivo realizar uma divisão entre “os que sabem e os que não sabem, entre oprimidos e opressores”, negando o diálogo, a educação problematizadora, em contrapartida, “funda-se justamente na relação dialógico-dialética entre educador e educando: ambos aprendem juntos” (p. 69). A libertação acontece por meio de uma educação que desenvolve a consciência e a humanização nos educandos e educadores, possibilitando a superação da opressão, da domesticação e da adaptação (Brighente; Mesquisa, 2016, p. 11).

Refletindo sobre a concepção de uma literatura enquanto arte, é possível afirmar que, todos os dias, são dias de leitura, apenas desenvolver o hábito não garante a formação de leitores competentes, mas a professora, entre as demais, mostra indícios de uma educação libertadora propiciada pela literatura.

Quando o educando procura entender o mundo em que vive, passa a ter o desejo de modificá-lo, adequá-lo a suas necessidades e demanda, quando começa a ter consciência da própria realidade, a problematiza, pois precisa encontrar soluções possíveis para determinadas situações do cotidiano.

Aas imagens a seguir retratam as salas de leitura das escolas municipais em que os professores foram os participantes da pesquisa.

A figura 19 retrata uma sala ampla, decorada com personagens de algumas histórias, a organização é evidente, a televisão é utilizada para ilustrar as histórias através de músicas e vídeos. Os estudantes não retiram os livros das estantes, para empréstimos, os livros são escolhidos pela professora e colocados em uma mesinha separada. Livros são separados por temas estudados, por escolha da professora e de acordo com a faixa etária das crianças de acordo com critérios da professora.

Figura 19 - Sala de Leitura da Rede Municipal de Franca-SP



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).

A figura 20 retrata uma sala de leitura de uma escola municipal, a professora utiliza-se de mesas literárias para chamar a atenção dos estudantes. Nas mesas, a professora coloca

imagens de livros, de personagens e algumas curiosidades e protegidos por um plástico. As imagens das mesas são trocadas mês a mês. Há uma estante em destaque em que a professora coloca os livros que são utilizados no projeto da escola, separa para que todos os encontrem com facilidade. O acervo é separado em ordem alfabética. Semanalmente, há empréstimos de livros para os estudantes, os livros que os estudantes podem pegar ficam separados em uma estante específica, pois eles não podem mexer em todos os livros.

Figura 20 - Sala de Leitura da Rede Municipal de Franca-SP



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).

A figura 21 retrata uma sala de leitura bem-organizada e decorada. Possui um grande acervo e móveis como sofás infantis, tapetes, almofadas e pufs para uso das crianças quando estão presentes para ouvir a professora ler ou contar histórias. Há também bonecos de tecidos representando personagens de algumas histórias trabalhadas pela professora.

Figura 21 - Sala de Leitura da Rede Municipal de Franca-SP



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).

A figura 22 retrata uma sala de leitura da rede municipal, espaçosa, com grande acervo literário e mesas para que os estudantes utilizem no momento da leitura ou contação de história. Há também fantoches e fantasias que a professora utiliza no momento das vivências.

Figura 22 - Sala de Leitura da Rede Municipal de Franca-SP



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).

A figura 23 retrata uma sala de leitura da rede municipal, conta com um acervo variado de livros, a professora utiliza as mesas literárias em que coloca capas de livros para os estudantes como uma indicação de leitura. Há uma lousa que está sempre decorada com motivos do tema do mês e vários fantoches para uso da professora e estudantes.

Figura 23 - Sala de Leitura da Rede Municipal de Franca-SP



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2023).

A educação como prática da liberdade é constituída por sujeitos ativos, envolvidos no ato de conhecer, sejam eles educador ou educandos, para Freire é dessa forma que a leitura de mundo e a leitura da palavra se interconectam e vão construindo elementos basilares da prática libertadora, visando a desocultação da ideologia dominante, derrubando o homem objeto e forjando o homem sujeito.

A educação libertadora é a contração da dominação, pois para Freire (1982, p. 4) “a verdade do opressor reside na consciência do oprimido”, portanto, abrir espaços para o debate, desenvolve a criticidade e a consciência de classe, discutir a realidade e possíveis transformações são estratégias de uma educação libertadora, assim, para Freire, não há lugar para um professor bancário.

Diante disso, Lerner ressalta que,

O necessário é fazer da escola um âmbito onde a leitura e escrita sejam práticas vivas e vitais onde ler e escrever sejam instrumentos poderosos que permitem repensar o mundo e reorganizar o próprio pensamento, onde interpretar e produzir textos sejam direitos que é legítimo exercer e responsabilidades que é necessário assumir (Lerner, 2002, p. 18).

A educação formal é dever da escola, é no âmbito escolar que os estudantes ampliam os saberes que trazem da educação informal e não formal, compete a escola refinar, redirecionar, reorganizar os pensamentos, ampliar e enriquecer com os saberes científicos historicamente construídos ao longo da humanidade.

Assim a escola tem a função de formar cidadãos competentes para a vida em sociedade, para tomar decisões, fazer escolhas e ter participação ativa, acredita-se que a literatura desenvolve a função humanizadora, isto é, a capacidade que ela tem de confirmar a humanidade das pessoas. A literatura enquanto arte leva a uma educação libertadora.

Para Freire, a educação na perspectiva libertadora, exige dialogicidade, leitura do mundo, conhecimento da realidade e teoria social, para o autor, a leitura de mundo:

Leitura do Mundo que apreendemos a vida cotidiana, considerando que a educação não pode se dar alheia ao contexto dos sujeitos, nem o conhecimento pode ser construído ignorando o saber das pessoas envolvidas. É a partir dela, do conhecimento do nível de percepção dos(as) educandos(as), de sua visão do mundo, que Paulo Freire escreveu que era possível organizar um conteúdo, e, por conseguinte, um currículo libertador, capaz de provocar mudanças nas pessoas, as quais influenciariam o seu contexto (Gadotti, 2018, p. 159).

A politicidade do ato educativo e a dialogicidade do ato educativo demandam que os professores:

Se assumam como seres políticos, que se descubram no mundo como políticos e não apenas como técnicos ou sábios, porque também o técnico e o sábio são substantivamente políticos. Todos defendem algum projeto de sociedade (Gadotti, 2018, p. 158).

Assim, a politicidade requer que o estudante tenha voz e vez e que, ao desenvolver a cidadania passa a ter poder de escolha e tomada de decisão. Refletir sobre os direitos é propiciar reflexão e requer autonomia. Assim, a educação precisa oportunizar momentos de confrontar o que o estudante quer com o que ele percebe que ainda pode alcançar. Deixar que ele perceba e tenha consciência de suas potencialidades e fragilidades é respeitar as diferenças e promover equidade. O poder de escolha das obras a serem lidas, podem e devem colocar o estudante como corresponsável pelas decisões.

Vasconcellos ressalta a importância do professor que transforma:

O professor deve se assumir como sujeito de transformação no sentido mais radical (novos sentidos, novas perspectivas e dimensões para a existência, nova forma de organizar as relações entre os homens), e se comprometer também com a alteração das condições de seu trabalho, tanto do ponto de vista objetivo (salário, carreira, instalações, equipamentos, número de alunos por sala, etc.), quanto subjetivo (proposta de trabalho, projeto educativo, relação pedagógica, compromisso social, vontade política, abertura para a mudança, disposição democrática, etc.) (Vasconcellos, 2003, p. 77)

Freire afirma que “o papel do professor e da professora é ajudar o aluno e a aluna a descobrirem que dentro das dificuldades há um momento de prazer, de alegria” (Freire, 2003, p. 52). Ainda expressa que “o educador ou educadora como um intelectual tem que intervir. Não pode ser um mero facilitador” (Freire, 2003, p. 177).

Pollyanna Menina, Pollyanna Moça, Feiurinha, Iracema e Tistu são professoras das salas de aula regulares; Malala, Branca de Neve, Matilda e Alice são professoras readaptadas que atendem as salas de leitura da rede municipal de Franca-SP, cada uma com vivências e experiências diversificadas quanto a concepção e trabalho envolvendo a literatura, trazendo enraizadas modelos tradicionais em que a leitura era algo realizado e escolhido somente pelo professor, pois ele é o mais experiente, portanto as escolhas cabem a ele, o aluno ainda é imaturo e precisa de modelos para se tornar leitor de literatura. Literatura é algo que acontece, se houver tempo na rotina, serve para atender a demandas e está a serviço dos conteúdos curriculares.

O caminho das professoras entrevistadas se cruzam e as concepções também, portanto, a pesquisadora, utilizando-se dos resultados positivos alcançados ao longo dos vinte e dois anos de exercício no magistério e com a afirmação do trabalho ao receber o mais importante prêmio da educação brasileira devido ao aprendizado dos estudantes e a conquista por eles do

desenvolvimento da competência leitora, propõe um plano de ações para que a literatura seja trabalhada enquanto arte que leve ao desenvolvimento do protagonismo estudantil dos educandos, levando a uma educação libertadora de acordo com os estudos de Paulo Freire.

Regina Zilberman (2003, p. 29) afirma que “a literatura possui função formadora”, e indo a este encontro, Antonio Candido (2002, p. 80) elenca que “a literatura tem uma força humanizadora e um papel importante na formação do homem, desta forma a literatura assume seu extremo poder transformador” (Lajolo, 1986, p. 65) atua como agente de transformação (Coelho, 2000, p. 15) e possui “todas as qualidades necessárias à formação humana” (Mereles, 1979, p. 66).

De acordo com Judith A. Langer “toda literatura, seja a lida ou contada, nos emprestam recursos para que imaginemos o potencial humano, a literatura é intelectualmente provocativa, bem como humanizadora, permitindo que utilizemos vários pontos de vista para examinar pensamentos, crenças e ações” (Langer, 2005, p. 17).

Teresa Colomer afirma que o objetivo da educação literária é “contribuir para a formação da pessoa, uma formação que aparece ligada indissolavelmente à construção da sociabilidade” (Colomer, 2007, p. 31) reforça ainda que se realiza por meio da “confrontação com textos que explicitam a forma em que as gerações anteriores e as contemporâneas abordaram a avaliação da atividade humana através da linguagem” (Colomer, 2007, p. 31).

Freire afirma que não pode haver uma pedagogia libertadora se ela estiver longe dos oprimidos, pois é necessário que os oprimidos sejam exemplos para si mesmos e para sua luta pela libertação.

A pedagogia do oprimido que, no fundo, é a pedagogia dos homens empenhando-se na luta por sua libertação, tem suas raízes aí. E tem que ter nos próprios oprimidos, que se saibam ou comecem criticamente a saber-se oprimidos, um dos seus sujeitos (Freire, p. 22, 1987).

A literatura enquanto arte, suscita ideias, reflexões, desperta os sentidos, vence limitações e provoca. Assim, mediante as colocações das professoras entrevistadas, é possível inferir que, a partir do momento em que se coloca o problema do tempo para desenvolver ações com a literatura, o problema do tempo para ler, é porque ela não é parte importante do currículo, por este motivo a pesquisadora propõe a elaboração de um currículo de literatura que atenda às necessidades de cada unidade escolar. Pennac afirma que, “ninguém jamais tem um tempo para ler, a vida é um entrave permanente à leitura” (Pennac, 1993, p. 118). O autor ainda diz que, “ler é ter confiança nos olhos que se abrem, nas cabeças que se divertem, na pergunta que vai

nascer e que vai puxar outra pergunta” (Pennac, 1993, p. 121). Para o autor, “a grande questão é saber se oferecer ou não à felicidade de ser leitor” (Pennac, 1993, p. 119).

Diz ainda que o pacto de não estabelecer nada em troca (Pennac, 1993, p. 121) “é condição que concorre para a efetividade da leitura e jamais submetê-la à regra do inquérito”. Não se lê para comentar sobre o que foi lido, para o autor, “o comentário reina absoluto, chegando ao ponto com frequência, de nos esconder, longe da vista, o objeto comentado” (Pennac, 1993, p. 131). Os livros não são escritos com essa finalidade e “a liberdade de escrever não saberia se acomodar com o dever de ler” (Pennac, 1993, p. 145), ainda mais para prestar conta do que se leu.

Não se lê para uma obrigação moral, mas sim “por necessidade de livros” (Pennac, 1993, p. 145), ler é prazer e não dever.

Muitos são os caminhos que levam aos livros, ler deve ser livre escolha e não imposição. Pennac, acende uma luz que leva a reflexão:

O homem constrói casas porque está vivo, mas escreve livros porque se sabe mortal. Ele vive em grupo porque é gregário, mas lê porque se sabe só. Esta leitura é para ele uma companhia que não ocupa o lugar de qualquer outra, mas nenhuma outra companhia saberia substituir. Ela não oferece qualquer explicação definitiva sobre seu destino, mas tece uma trama cerrada de convivências entre a vida e ele. Íntimas e secretas convivências que falam da paradoxal felicidade de viver, enquanto elas mesmas deixam claro o trágico absurdo da vida. De tal forma que nossas razões para ler são tão estranhas quanto nossas razões para viver. E a ninguém é dado o poder de pedir contas dessa intimidade (Pennac, 1993, p. 167).

A literatura não pede nada em troca, enquanto arte, é fruição, apreciação, sentimentos, emoções e significados particulares, ela acontece primeiro no íntimo, na individualidade, nos detalhes da vida, nos contextos, nas relações e nas vivências e experiências, é solitária, portanto, não exige devolutivas, o leitor não deve explicações ao professor e a ninguém. E ele com ele mesmo e depois, ele como o mundo.

A seguir, a pesquisadora, no intuito de contribuir com suas vivências ao longo de sua trajetória profissional com a literatura junto aos estudantes, sugere algumas ações para que o/a professor/a passa a refletir sobre sua prática e planeje rotas alternativas visando a formação de leitores e literatura. As ações compartilhadas fazem parte das etapas do Projeto Pé de livros entre amigos, premiado no ano de 2020 com o Educador Nota 10. As imagens ilustram as etapas e as ações desenvolvidas.

Mas, como Freire diz, são apenas caminhos, rotas já percorridas, sugestões que precisam ser redirecionadas, redefinidas, recriadas e reinventadas, não é algo fechado, que precisa ser

assim, mas que a partir delas, novas estratégias surgirão, pois como se trata de arte, será ressignificada. Fiquem à vontade para recriá-las.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho é evidenciado a importância que a leitura literária tem na vida escolar e pessoal não só dos estudantes, mas de todas as pessoas. Ao se formar e tornar-se leitor, um mundo de oportunidades e possibilidades se abre. O leitor de literatura não é apenas aquele que viaja na imaginação, mas sobretudo é aquele que se identifica, se reconhece, se humaniza e se transformar. Ao se transformar, transforma o mundo em sua volta.

Deixando de lado os clichês impostos por algumas pessoas para tentar explicar o que é a leitura literária e os benefícios que ela provoca quando se torna um hábito, é possível evidenciar que quem lê se destaca na multidão e não se trata apenas de um ler por ler, mas um ler para entender e interagir com o mundo a volta. Viajar na imaginação, viajar sem sair do lugar são expressões que precisam dar lugar ao real sentido da literatura na vida dos estudantes. Literatura enquanto arte possibilita a formação de um leitor assíduo, que lê além do prazer, mas que lê para entender a si próprio para depois entender as coisas do mundo.

Assim, este trabalho corrobora para a reflexão de todos os profissionais da educação que ainda não entenderam que a leitura literária precisa ocupar um lugar de destaque na rotina escolar de todos os estudantes, mas para que isto aconteça, o professor também precisa ser um leitor proficiente de poemas, crônicas, contos, narrativas e demais gêneros textuais que fazem parte da literatura.

Literatura vai além de ler para entreter, informar-se, mas proporciona o desenvolvimento de um olhar crítico, criterioso e sensível para o mundo e em tudo que nele existe. A experiência com o texto literário emociona o leitor, mas também o faz refletir e questionar comportamentos, questões éticas, sociais, políticas e ideológicas. Literatura é uma forma de opinar, argumentar e de resistência, mas só desenvolve estas competências se trabalhada em contexto escolar oportunizando momentos de debate, interação, reflexão e amplamente aberta ao diálogo e discussões sobre trechos que tenham despertado a atenção, a raiva ou a alegria do leitor, enfim, que despertem e aflorem sentimentos e questionamentos.

Em contexto escolar, a literatura é evidenciada nas escolas com caráter meramente pedagógico, obras são utilizadas, na maioria das vezes, para ensinar algo, para desenvolver temas, como por exemplo, se o professor deseja trabalhar com questões de racismo, ele seleciona um livro literário que aborde o tema, durante a leitura, condiciona e dirige o olhar do estudante para as questões que ele deseja que sejam percebidas, ao invés de deixar que a leitura flua naturalmente e que, o próprio estudante, observe e tire as próprias conclusões. Outras vezes, o estudante lê a obra que o professor escolheu ou obras que o professor acredita que é para a

faixa etária e até mesmo obras que retira das estantes, coloca em uma mesinha e o estudante não mexe nas estantes para escolher, pois pode desorganizá-las, portanto, o professor as retira da estante e escolhe por eles.

Mexer nas estantes é algo que o estudante não tem a permissão para fazer, os livros precisam ser bem-organizados. Desta forma, a literatura não é entendida como arte, pois limita, condiciona e não é algo que o estudante escolhe, decide e seleciona, impossibilitando assim, o desenvolvimento de habilidades como saber escolher, selecionar e tomar decisões de acordo com preferências.

Evidenciou-se também que os professores das salas regulares entrevistados deixam o trabalho com a literatura para os professores que atuam nas salas de leitura. Assim, em sala de aula, a leitura literária ocupa um lugar reduzido dentro da rotina escolar, o espaço é ocupado por componentes curriculares e se sobrar tempo entre uma lição e outra, o estudante pode pegar um livro e ler. Sendo a literatura uma arte, deveria ocupar um espaço privilegiado nas atividades escolares, pois se apresentar como essencial no desenvolvimento de competências cognitivas, mas também socioemocional, propiciando o desenvolvimento integral do ser humano.

Nas salas de leitura, os professores privilegiam a leitura, a contação de histórias e o empréstimo de livros semanalmente, evidenciou-se um planejamento adequado, mas apenas a experiência não há continuidade, uma vez que, enquanto arte, a leitura deveria ser dialogada, apreciada, opinada, argumentada e indicada, habilidades essenciais para a formação de leitores.

Durante a pesquisa, percebeu-se também que ao final de cada leitura, os estudantes precisam realizar uma atividade pedagógica para comprovar a realização, são convidados a escreverem intermináveis resumos, o que muitas vezes, faz com que escolhem livros com menos quantidade de páginas e leem com certa insatisfação. Os estudantes já sabem que, após a leitura, terão uma ficha técnica para preencher com dados sobre a obra e perguntas simples, de fácil identificação, como título da obra, autor, ilustrador, número de páginas, parte que mais gostou, menos gostou e qual mensagem ele tira da história, quem são os personagens, o local em que se passa a história... entre outras questões. Perguntas meramente pedagógicas que não favorecem o diálogo, a reflexão e não abre para a discussão, questionamentos e não há interação entre os leitores. É na interação que se forma leitores proficientes de literatura, é no diálogo que grandes e significativas aprendizagens acontecem. Educação se faz na coletividade, na dialogicidade e na práxis educativa docente. Não há literatura sem diálogo.

Literatura deve ser comentada como se comenta os filmes e seriados preferidos, com entusiasmo e questionamentos. Deveria ser assunto da família, da roda de amigos, do recreio... Falar sobre as obras naturalmente, com leveza e sem a obrigação de responder a questionários.

No apêndice deste trabalho, a pesquisadora sugere possibilidades de como trabalhar a literatura enquanto arte, uma das sugestões é a produção de uma resenha no lugar de resumo, pois o resumo reproduz as ideias do autor, na resenha, o estudante se coloca enquanto leitor crítico, participativo e reflexivo, ele pode opinar, argumentar, apontar trechos e fatos e indicar ou não a leitura.

Diante das considerações evidenciadas ao longo deste trabalho, a pesquisadora se sente na responsabilidade de propor algumas sugestões para que os profissionais da educação se sintam seguros, preparados e encorajados para que a literatura enquanto arte seja presença constante nos contextos de educação formal ao longo da educação básica.

Assim, já na Educação Infantil as crianças experenciam e vivenciam contextos em que as histórias estejam presentes e seja, ao ver da pesquisadora, ousadamente, propõe um sétimo direito de aprendizagem: literar-se e, este novo direito, juntar-se ao conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Literar-se para conhecer e interagir com as coisas do mundo, pois a literatura imita a vida e a vida, muitas vezes é compreendida através da literatura.

Ousadamente, a pesquisadora, ampliaria as competências gerais da Base Nacional Comum Curricular de 10 para 11 competências, a qual seria: Leitura Literatura para desenvolvimento de habilidades socioemocionais para a prática social. Novamente, ousadamente, a pesquisadora propõe ainda, que a BNCC proponha uma lista de objetivos de aprendizagem e desenvolvimento e habilidades em que todos os estudantes precisam desenvolver ao longo da educação básica. Enquanto a BNCC não der a devida importância, a leitura literária continuará a ocupar um lugar tímido no currículo escolar.

Propõe-se ainda, que as intuições de ensino tenham desde a Educação Infantil na parte diversificada do currículo o componente curricular: *Literatura enquanto arte*. Não se trata de ensinar a história da literatura mundial, mas trata-se da formação de leitores e de uma comunidade de leitores de literatura, pois de nada adianta formar estudantes leitores se não formarmos uma comunidade, envolver o entorno da escola é essencial, pois se não formarmos uma comunidade de leitores onde e com quem nossos estudantes dialogarão sobre as obras lidas? O trabalho com a literatura deve transcender, saltar os muros da escola, deve fazer parte de toda comunidade.

Assim, uma nova pesquisa começa a partir destes pressupostos, questionamentos, indagações e inquietações para um pós-doutorado, intervenções pontuais na formação de professores para o trabalho com a literatura enquanto arte.

Mediante reflexões, a pesquisa atingiu o objetivo geral a que foi proposta, conhece-se as concepções que os professores possuem sobre o ensino da literatura junto aos estudantes,

assim, diante das evidências e dialogando com o referencial teórico, conclui-se que, é essencial repensar a leitura literária enquanto arte que humaniza e transforma no contexto escolar para que os estudantes desenvolvam competências necessárias para o protagonismo estudantil e societário.

De mãos dadas com o educador Paulo Freire, foi possível perceber que a literatura potencializa o desenvolvimento para a liberdade de todos os estudantes, fazendo com que se tornem cidadãos participativos, democráticos, reflexivos e conscientes da realidade em que vivem e de como fazer para transformá-la.

A pesquisadora se compromete a realizar a devolutiva dos resultados da pesquisa para as escolas das redes municipal, estadual e privada com a participação das equipes escolares: gestores, professores das salas regulares, professores responsáveis pelas salas de leitura e presença da comunidade, para que todos reflitam sobre a importância da educação literária para o desenvolvimento integral dos/as estudantes, com o intuito de contribuir para a formação de uma comunidade leitora.

Espera-se que este trabalho, seja um divisor de águas na práxis docente, que os docentes possam planejar ações literárias, executá-las e pensar e repensar novas possibilidades de formar cidadãos que pensem por si próprios, que sejam produtores de conhecimento, utilizem saberes em prol da coletividade e que, ao menor sinal de opressão, reconheçam os direitos e apoiem-se na leitura da palavra, mas principalmente na leitura do mundo, das pessoas, das relações e das classes que insistem em oprimir e docilizar seres humanos.

A originalidade da tese, atinge o que se propôs ao defender a literatura enquanto arte, como direito inalienável e que transforma e humaniza levando os leitores a uma educação libertadora. Portanto, literatura enquanto arte é e sempre será uma forma de libertação e resistência a todas as formas de opressão.

REFERÊNCIAS

- ABED, A. **O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica.** São Paulo, UNESCO/MEC, 2014.
- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices.** São Paulo: Scipione, 1993.
- AMARILHA, M. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- ARROYO, M. **Paulo Freire um educador do povo.** Peres: São Paulo, 2002.
- BARBOSA, M. C. S; HORN, M. da G. S. **Projetos na educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BELMIRO, C.. A; GALVÃO, C. S. L. **Conta de novo?! As famílias e a formação literária do pequeno leitor.** Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília, 2016. Disponível em: <http://www.projetoleituraescrita.com.br/wp-content/uploads/2017/08/Encarte.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2021.
- BRASIL. Constituição 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 5 jun. 2021.
- BRASIL. Diário Oficial Da União. Ministério Da Saúde/Conselho Nacional De Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016.** Brasília, 2016. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/22917581. Acesso em: 8 abr. 2021.
- BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 8 abr. 2021.
- BRASIL. Institui a Política Nacional de Leitura e Escrita. **Lei nº 13.696, de 12 de julho de 2018.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/Lei/L13696.htm. Acesso em: 8 abr. 2021.
- BRASIL. **Lei n.º 12.612, de 13 de abril de 2012.** Declara o educador Paulo Freire Patrono da Educação Brasileira. Brasília, DF: Presidência da República, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12612.htm. Acesso em: 20 ago. 2021.
- BRASIL. Marco Legal da Primeira Infância. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância. **Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13257.htm. Acesso em: 8 abr. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2017. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 8 abr. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. 2010. Disponível em: http://www.uac.ufscar.br/domumentos-1/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 8 abr. 2021.

BRIGHENTE, M.F.; MESQUIDA, P. Paulo Freire: da denúncia da educação bancária ao anúncio de uma pedagogia libertadora. **Pró-posições**. v. 27, n. 1, p. 155-177, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/kBxPw6PW5kxtgJBfWMBXPhy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 mai. 2024.

BRITO, D. S. **A importância da leitura na formação social do indivíduo**. Guarujá: Faculdade Dom Domênico, n. 8. 2010.

BROOKFIELD, S. D. **Becoming a critically reflective teacher**. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1995.

BROOKFIELD, S. D. **Discussion as the way of teaching: Tools and techniques for democratic classrooms**. San Francisco: Jossey-Bass. 2005.

CABRAL, J. F. P. **Odisseia de Homero**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/odisseia-homero.htm>. Acesso em 03 jun. 2024.

CÂNDIDO, A. **O direito à literatura**. In: *CÂNDIDO, A. Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CÂNDIDO, A. **O direito à literatura; O esquema de machado de Assis**. In: *CÂNDIDO, A. Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades/Ouro sobre azul, 2004.

CARA, D. **O que Paulo Freire e Anísio Teixeira diriam sobre a Base?** In: CÁSSIO, Fernando; CATELLI JR., Roberto (org.). *Educação é a Base? 23 Educadores discutem a BNCC*. São Paulo: Ação Educativa, 2019.

CARVALHO, M. E. G.; BARBOSA, M. das G. da C. **MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO: a alfabetização de jovens e adultos em 40 horas** Angicos/RN, 1963. Revista HISTEDBR. Campinas, n.43, p. 66-77, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639928/7491>. Acesso em 24 ago. 2023.

CENPEC. Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. **Oficinas de matemática e de leitura e escrita: escola comprometida com a qualidade**. 3. ed. São Paulo: Summus, 2002.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez. 5. ed. 2001.

CUNHA, M. A. **Literatura infantil: teoria e prática**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1987.

COELHO, N. N. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, T; CAMPS, A. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. São Paulo: Artmed, 2002.

COLOMER, T. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

CORSINO, P. **Educação infantil**: cotidiano e políticas (org.). São Paulo: Autores Associados, 2009.

COSSON, R. **Letramento literário**. São Paulo, Contexto, 2006.

COSTA, A.; FARIA, L. Aprendizagem social e emocional: Reflexões sobre a teoria e a prática na escola portuguesa. **Análise Psicológica**, Porto, v. 4, p. 407-424. 2013.

COUTINHO, A. **Que é literatura e como ensiná-la**. Notas de teoria literária. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 8 -15.

DAVID, R. S. **Literatura infanto-juvenil**: discussões sobre o panorama histórico e gênero literário e suas características. Produção literária. A prática da leitura na escola e na sociedade. Cadernos discursivos. Catalão-GO, v. 1 n. 1, p.66-84, 2016. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/595/o/Ricardo.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2024.

DEMO, P. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. São Paulo: Cortez, 1996.

DIANA, Daniela. **Ilíada**. 2023. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/iliada/>. Acesso em: 20 mai. 2024.

DIEHL, D. A. **Paulo Freire**: vida e obra. Revista InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais, v. 8, n. 2, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/insurgencia/article/download/41491/32531/122918>. Acesso em: 15 mai. 2023.

ESCREVENDO O FUTURO. **Olímpiadas da língua portuguesa**. 2021. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/programa/#quem-somos>. Acesso em: 29. mar. 2021.

FARIA, M. A. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FARIAS, C. G. B. **A importância da literatura infantil na ação pedagógica**. Construir Notícias, 2020. Disponível em: <https://www.construirnoticias.com.br/a-importancia-da-literatura-infantil-na-acao-pedagogica/#:~:text=Nessa%20perspectiva%2C%20%C3%A9%20atrav%C3%A9s%20da,a%20que%20a%20literatura%20permite>. Acesso em: 8 abr. 2021.

FEITOSA, D. S.; SANTOS, G. F. dos; SILVA, S. R. P. da. Paulo Freire e a pedagogia libertadora: uma ameaça à perspectiva de educação neoliberal da (extrema) direita no Brasil. **Filosofia e Educação**. v. 14, n. 1, p. 201–221, 2022. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8668581>. Acesso em: 24 ago. 2023.

FILHO, J. L. **A importância da Literatura na educação infantil**. SAE Digital, 2020. Disponível em <https://sae.digital/literatura-na-educacao-infantil/>. Acesso em 11 abr. 2021.

FILHO, J. **A família como espaço privilegiado para a construção da cidadania**. Franca: Unesp – FHDSS. Dissertações e Teses, n.5. 2002.

FILHO, J. Pesquisa: contornos no processo educativo. In: JOSÉ FILHO, Pe. M; DALBÉRIO, O. **Desafios da pesquisa**. Franca: UNESP - FHDSS, p.63-75, 2006.

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FRAZÃO, D. **Emília Ferreira**: Biografia. 2023. Disponível em: https://www.ebiografia.com/emilia_ferreiro/. Acesso em: 20 mai. 2024.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Tradução: Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Professora sim tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água, 1993.

FREIRE, P. **Política e educação**: ensaios. São Paulo: Cortez, 1995.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 39. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e Ousadia**: o cotidiano do professor. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA. **Celebramos as 3761 inscrições recebidas no Prêmio Educador Nota 10 – 2020!** 2020. Disponível em: <https://fvc.org.br/institucional/o-premio/>. Acesso em: 29. mar. 2021.

GADOTTI, M. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez; 1991.

GADOTTI, M. **Reinventando Freire**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2018.

GÓES, L.P. **Introdução à literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Paulinas, 2010.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GADOTTI, M. **50 anos de Angicos: um sonho interrompido a ser retomado**. Angicos 50 anos. Educatrix, Vozes de Valor. São Paulo: Moderna, 2014. Disponível em: <https://www.calameo.com/read/002899327a6065e8e3cf3>. Acesso em: 24 ago. 2023.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília, 2005.

GERMANO, J. W. As quarenta horas de Angicos. **Educação & Sociedade**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/KzhSH7F5pFyZnMyWkXSdpst/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 ago. 2023.

GERMANO, J. W.; PAIVA, M. **Educação popular no Rio Grande do Norte: 1958-1960**. Secretaria de Estado da Educação da Cultura e dos Desportos, Subcoordenadoria de Educação de Jovens e Adultos, Natal, 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais**. Porto Alegre: Artmed. Tradução: Daniel Bueno. 1997.

GIROUX, H. A. **Cruzando as fronteiras do discurso educacional**. Porto Alegre: Artmed. Tradução: Magda França Lopes. 1999.

GIROUX, H. Critical pedagogy: Paulo Freire and the courage to be political. **Revista eCurriculum**, São Paulo, v.14, n.1. 2016.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

GONÇALVES, R. A psicologia da aprendizagem. 2023. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/psicologia/a-psicologia-aprendizagem.htm>. Acesso em: 16 ago. 2024.

IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura em bibliotecas escolares**. Retratos da leitura no Brasil. ed. 4. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/pesquisas-retratos-da-leitura/retratos-da-leitura-em-bibliotecas-escolares/>. Acesso em: 11.dez.2020.

JARDILINO, J. R. L.; ARANGO, D. E. S. **RIAAE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. 3. 2020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/download/12472/9411/43282>. Acesso em: 20 ago. 2023.

KAUFMAN, A. M; RODRÍGUEZ, M. E. **Escola, leitura e produção de textos**. Trad. Inajara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KINNEY, L. WHARTON, P. **Tornando visível a aprendizagem das crianças: Educação Infantil em Reggio Emília**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LANGER, J. A. **Pensamento e experiência literários**: compreendendo o ensino da literatura. Tradução: Luciana Lhullier Rosa e Maria Lúcia Bandeira Vargas. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2005.

LEITE, L. C. M. **Invasão da catedral**: literatura e ensino em debate. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

LEITE, G. **Recanto das Letras**: Contos. 2023. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/contos/7928187>. Acesso em: 16 mai. 2024.

LINHARES, L. L. **Paulo Freire**: por uma educação libertadora e humanista. Anarquista. 2008. Disponível em: <https://www.anarquista.net/wp-content/uploads/2014/09/POR-UMA-EDUCACAO-LIBERTADORA-E-HUMANISTA-PAULO-FREIRE.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2023.

LÓPEZ, M. E. **Os bebês, as professoras e a literatura**: um triângulo amoroso. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília, 2016. Disponível em: https://issuu.com/eduinfantilleituraescrita/docs/caderno_4_f09_sem_marcas. Acesso em: 5 jun. 2021.

MADRUGA, W. **Paulo Freire**: educação e desinformação. Tribuna do Norte, Natal, 21 ago. 2005.

MARTINELLI, M. L. **Serviço social**: identidade e alienação. 16. ed. São Paulo, Cortez, 2011.

MARX, K. ENGELS, F. **A ideologia alemã** (I Feuerbach). Trad. José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec, 1984.

MCLAREN, P. **Multiculturalismo revolucionário**. Pedagogia do Dissenso para o Novo Milênio. Porto Alegre, Artmed, 2000.

Melo, M. E. de A. **Maria Eneide de Araújo Melo**: depoimento. Entrevistadores: NUHMEJA. Angicos, 2012.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social**: teorias, métodos e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2010.

MINAYO, M. C. S. **Análise qualitativa**: teoria, passos e fidedignidade. Ciência & Saúde Coletiva. 2012. p. 621-626.

MIRANDA, R. F. **Um Estudo Sobre a Prática Pedagógica Libertadora de Paulo Freire**. Boletim GEPEP (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Popular): São Paulo. v.03, n. 04. 2014. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/grupos/gepep/2d.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2023.

MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986. PEY, M.O.; TAVARES, I.C.; CORRÊA, G. C.; KASSICK, C.N.; BELTRÃO, I. R. (Orgs.) Esboço para uma história da escola no Brasil. 2000.

MOREIRA, L. de O. **A mediação escolar no programa kit literário da PHB e a educação estético literária dos alunos**. Belo Horizonte, 2020. Disponível em:

<https://mestrados.uemg.br/ppgeduc-producao/dissertacoes-ppgeduc/category/113-2020>. Acesso em: 20 mai. 2024.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

MOZETTI, R.; PIANA, M. C. LITERATURA: a arte da palavra e a busca por uma comunidade leitora. **Camine**. Franca, p. 15-23. 2022. Disponível em: <https://ojs.franca.unesp.br/index.php/caminhos>. Acesso em: 20 mai. 2024.

MOZETTI, R. Pé de livros entre amigos. *Anais do I Ativamente*. Franca, p. 96-119. 2022. Disponível em: https://fatece.edu.br/arquivos/Anais_AtivaMente_Final.pdf. Acesso em: 20 mai. 2024.

OLIVEIRA, R. de M. **Literatura Infantil: A Importância no Processo de Alfabetização e Letramento e no Desenvolvimento Social da Criança**. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Disponível em: https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/literatura-infantil#google_vignette. Acesso em: 4 mai. 2024.

PEREIRA, D. de F. F. **Paulo Freire: Uma vida como obra que permanece**. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 9, n. 2, p. 247–262, 2014. DOI: 10.21723/riace.v9i2.6994. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/6994>. Acesso em: 15 mai. 2023.

PERRONE-MOISÉS, L. **Consideração intempestiva sobre o ensino da literatura: Inútil poesia e outros ensaios breves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 345-351.

PRADO, M. **Dos elementos da obra freireana e da teologia da libertação nas décadas de 1950 a 1970: uma análise combinada de sua gênese e identidade**. Dissertação (mestrado em Educação) -Escola de Comunicação, Educação e Humanidades da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2016. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/1535>. Acesso em: 20 ago. 2023.

PRATES, J. C. **A pesquisa social do paradigma dialético-Crítico: do projeto à análise do Dado**. In: FERNANDES, Idília; PRATES, Jane Cruz (orgs.). *Diversidade e estética em Marx e Engels*. Papel Social: Campinas, 2016.

PRÊMIO EDUCADOR NOTA 10. **Rita Marta Mozetti Silva**. 2020. Disponível em: <https://premioeducadornota10.org/vencedores-de-2020/rita-mozetti-silva/>. Acesso em: 29. mar. 2021.

PRIMI, R.; SANTOS, D. **Desenvolvimento socioemocional e aprendizado escolar: Uma proposta de mensuração para apoiar políticas públicas**. 2014. Disponível em: <http://educacaosec21.org.br/biblioteca-3/publicacoes-institucionais/#>. Acesso em: 3. jun. 2020.

REIS, Sônia Maria Alves de Oliveira. **PAULO FREIRE: 100 anos de práxis libertadora**. *Revista práxis educacional*. v. 17, n. 47. Disponível em:

<https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9443/6130>. Acesso em: 24 ago. 2023.

RÊGO, A. S. **A influência do desenvolvimento das habilidades socioemocionais do docente em sua prática pedagógica**. VI Congresso Nacional de Educação – CONEDU. 2019.

RINALDI, C. **O currículo emergente e o construtivismo social**. In: EDWARDS, C.; FORMAN, G. As cem linguagens da Criança. A abordagem de Régia Emilia na Educação da primeira Infância. Porto Alegre: Artmed, p. 113-122, 1999.

RINALDI, C. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender** – São Paulo: Paz e Terra, 2012.

RODRIGUES, S. M. **A prática da leitura na educação infantil como incentivo na formação de futuros leitores**. Eventos Pedagógicos. 15. ed. v. 6, nº 2. p. 241-249, jun./jul. 2015.

SANT’ANA, J. A. **A importância da literatura na formação do homem teatro e literatura dramatizada: uma perspectiva de leitura**. PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional) – SEED. 2008.

SANTOS, R. da S.; MOREIRA, L. de O. Caminhando para o processo crítico-reflexivo do aluno em um curso de letras. ANUIC, p. 223-244, 2009. Disponível em: <https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/1077/1/artigo%2018.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2024.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico Crítica: primeiras aproximações**. 5ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1995.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

SAVIANI, D. **Marxismo e pedagogia**. In: Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo (EBEM), III, Salvador, 2007.

SAVIANI, D. **A Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 32. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

SCHETTINI, R. H.; HAWI, M. M. **A pedagogia crítica nos trabalhos de formação de professores**. Acervo Paulo Freire. 2016. Disponível em: <https://acervoapi.paulofreire.org/server/api/core/bitstreams/8467face-796c-48f6-8f72-50b43b2eac36/content>. Acesso em: 20 ago. 2023.

SCHRAM, S. C. CARVALHO, M. A. B. **O pensar educação em Paulo Freire: para uma Pedagogia de mudanças**. 2015. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/852-2.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2023.

SILVA, A. L. Trajetória da literatura infantil: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade. REGRAD - **Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM**. Centro Universitário Eurípides de Marília. v. 2 - n. 2 - jul/dez. 2009.

SILVA, J. S. **Planejamento emergente no primeiro ano do ensino fundamental:** Concepções e Práticas dos professores. Projeto de Pesquisa – Auxílio Recém Doutor (ARD) – FAPERGS. Rio Grande do Sul. 2012.

SILVA, J. S. **O planejamento no enfoque emergente:** uma experiência no 1º ano do ensino fundamental de Nove Anos. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre. 2011.

SILVA, D. N.; ALCÂNTARA, V. C.; ELEUTÉRIO, P.F. da S. **A educação de jovens e adultos e sua trajetória na SECD**. Secretaria de Estado da Educação da Cultura e dos Desportos, Subcoordenadoria de Educação de Jovens e Adultos, Natal, 2006.

SOUZA, A. L. S; CORTI, A. P; MENDOÇA, M. Letramentos no ensino médio, São Paulo, Ação educativa, 2009. **Ensino de literatura em tempos de transformação (a literatura e seus diálogos)**. Maurício Silva. Revista Brasileira de Literatura Comparada, n. 22, 2013.

SOUZA, W. **Monteiro Lobato**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilestola.uol.com.br/biografia/jose-bento-monteiro-lobato.htm>. Acesso em 16. mai de 2024.

VALE, V. **Do tecer ao remendar:** os fios da competência socioemocional. Exedra journal, Coimbra, n.2, p.129-146. 2009.

VARGAS, S. **Leitura:** uma aprendizagem de prazer. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2000.

VASCONCELOS, C. dos S. **Para onde vai o Professor?** Resgate do Professor como sujeito de transformação. 10ª Ed. São Paulo: Libertad, 2003.

WINNICOTT, D. **Realidad y juego**. Madrid: Gedisa, 1993.

YUNES, E. L. M. **Pelo avesso:** a leitura e o leitor. Revista de Letras. Curitiba, n. 44, 1995.

ZILBERMAN, R; LAJOLO, M. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1985.

ZILBERMAN, R. (Org.). **Leitura em crise na escola:** as alternativas do professor. 5 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

ZILBERMAN, R; SILVA, E. T. (Org.). **Literatura e pedagogia:** Ponto e Contraponto. Série Confrontos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

APÊNDICE A: PLANO DE AÇÃO PARA O TRABALHO COM A LEITURA LITERÁRIA

“Não procuro lembrar o que acontece num livro.
Tudo que peço a um livro é que ele me dê energia e coragem,
Que me diga se há mais vida do que posso ter
E que me lembre de que é urgente agir”.

Leolo - Porque Eu Sonho..., 1992³⁵

SUGESTÕES PARA TRABALHAR A LEITURA LITERÁRIA ENQUANTO ARTE QUE TRANSFORMA, HUMANIZA E LEVA A UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA

A partir das vivências e experiências com o trabalho com a leitura literária enquanto arte, a pesquisadora elaborou um projeto de trabalho com sugestões para que o docente tenha não uma receita, mas caminhos já percorridos e que desenvolveu não só o hábito, gosto pela literatura, mas que foi além, formou-se uma comunidade de leitores e leitoras de literatura, ações que resultaram na conquista do prêmio Educador Nota 10. As etapas sugeridas pela pesquisadora têm a concepção do desenvolvimento de uma educação literária para a vida, que ultrapasse os muros escolares, que envolva todos e todas e que, seja contemplada como linguagem artística e não uma literatura a serviço de atividades descontextualizadas.

Assim, “Somente por meio de um projeto de ação crítico prática realizado nas e pelas relações sociais objetivas por meio das mediações educativas, torna-se possível ocorrer a possibilidade de uma transformação” (Noronha, 2005, p. 1).

Para a formação de leitores de literatura e para a formação de uma comunidade leitora, a pesquisadora, sugere as seguintes ações:

³⁵ É um filme de comédia dramática lançado em 1992, conta a história de Léo, um menino que acha que sua mãe foi fecundada por um tomate, mas o verdadeiro pai se chama Roland e é um homem problemático, como toda sua família. Mergulhado em seu próprio mundo de fantasias, o menino tenta provar que não está destinado à loucura.

Figura 24 - Pé de Livros



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).

1. INICIAR POR UMA CRITERIOSA ESCOLHA E SELEÇÃO DAS OBRAS.

A seleção das obras é de fundamental importância. Em 2019 quando a pesquisadora realizou o projeto de Educação Literária: Pé de livros entre amigos³⁶ com estudantes de 5º ano, em uma escola pública estadual, teve como objetivo o trabalho com os clássicos da literatura brasileira e mundial³⁷. Obras que farão parte da vida dos estudantes ao longo da vida e da trajetória escolar, também fundamental que conheçam, pois são clássicos da literatura. Foi necessário, que a pesquisadora reunisse obras que já havia na sala de leitura da escola, obras da coleção particular da pesquisadora e que foram conseguidas através de empréstimos com outras escolas e profissionais e próprio investimento financeiro da pesquisadora.

Diante disso, Candido afirma que,

³⁶ Nome do Projeto vencedor do Prêmio Educador Nota 10 de 2019/2020. Fonte: A autora, 2024.

³⁷ Obras como: Dom Quixote, O Jardim Secreto, O Guarani, Alice no país das maravilhas, Romeu e Julieta, Hamlet, Sonhos de uma noite de verão entre outros clássicos. Fonte: A autora, 2024.

A literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou que os considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (Candido, 1995, p.24).

Reafirmando a literatura enquanto manifestação cultural, foram reunidos mais de vinte títulos dos clássicos, alguns repetidos, o que facilitou o rodízio de leitura entre os estudantes e familiares. Importante também, pesquisar por obras adaptadas de qualidade. Trabalhar com adaptações requer criteriosa seleção, pois há adaptações que ao resumir a obra, não oferece qualidade e a história se perde nos detalhes e em seu enredo principal no decorrer da leitura. Como os estudantes tinham entre 10 e 11 anos de idade, não iriam ler um clássico em sua completude de página e nem em outro idiomas, por isso, as adaptações são necessárias. Escolhi adaptações de escritores renomados como Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Monteiro Lobato entre outros. O que garantiu a qualidade.

Medeiros, Rodrigues e Silva ressaltam que,

Ao buscarmos a leitura como apoio pedagógico, procuramos alcançar assim a criação de situações significativas para que os exercícios da leitura e da escrita produzam reações, interações e construções da subjetividade e conhecimento. A escola deve ser um espaço aberto aos aspectos culturais, onde não se ensine apenas a ler, pois, a leitura e a escrita são componentes dinâmicos, vinculados a um contexto social que não pode ser reduzido a um aprendizado apenas técnico-linguístico. A Literatura Infantil nesta perspectiva pode ser encarada como uma ferramenta que propicia a criança o gosto pela leitura, leva-a para o mundo sem fronteiras da aventura, do mistério e da fantasia, cultivando o prazer da imaginação e da crítica. Por intermédio da Literatura Infantil podemos suscitar na criança o imaginário, a curiosidade em descobrir o mundo que a cerca para que possa lidar com as próprias emoções ao se identificar com os personagens (Medeiros; Rodrigues; Silva, 2014, p. 6).

Portanto, selecione muito bem a adaptação da obra que utilizará com os estudantes e comunidade. Assim, é de extrema necessidade que o professor antes de oportunizar as obras para que os estudantes leiam, ele precisa ter lido e feito análise da literatura em questão, antes dos seus estudantes. O professor leitor de literatura é essencial para que o projeto alcance sucesso e atinja o maior objetivo de todos, que é a formação de uma comunidade de leitores e leitoras de literatura.

Figura 25 - Estudantes e os clássicos da literatura



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).

2. PLANEJAR AS ETAPAS DO PROJETO LITERÁRIO

Planejar cada etapa do projeto faz parte do fazer docente, inicie pelos objetivos e pela avaliação. Objetivos e avaliação caminham juntos, pois assim, o professor sabe de onde partir e o que deseja que os estudantes aprendam em cada etapa. Registre seu plano de ação e contemple em seu planejamento o antes, durante e depois de cada situação didática desenvolvida.

Objetivos, avaliação, obras, metodologia diante de cada etapa, materiais e recursos necessários, locais que as atividades serão desenvolvidas, público-alvo das ações, parceria que pode ajudar na concretização e tenha os estudantes, a equipe escolar e a comunidade como coautores de todo o processo, assim os resultados serão alcançados.

A pesquisadora recorda-se que, nas férias escolares de 2018 já visualizava e deslumbrava cada etapa do projeto literário que seria desenvolvido em 2019. Comenta que, esteve em uma livraria e deparou-se com um painel cheio de papeis autoadesivos coloridos, de clientes que anotaram ali, nomes de livros que recomendavam e desejos de próspero ano novo. A pesquisadora, percebeu naquele painel, grande potencial para auxiliar nas etapas do projeto e, rapidamente, anotou a ideia em seu bloco de notas.

Thomé e Pinto afirmam que a leitura,

Amplia-se para outros domínios, que ultrapassam o texto verbal impresso no papel, pois não se lê apenas livros, lê-se o mundo sob múltiplas linguagens. Para que a leitura realmente interesse à criança, é necessário que haja um planejamento por parte de um adulto, que o mesmo possa interagir com a criança. Os livros direcionados a elas devem conter um núcleo temático, ou seja, assuntos que dão ênfase às relações existentes entre o mundo real e aquilo que a criança vive; um mundo virtual que imita o real e o mundo da palavra fazendo com que a criança entenda melhor aquilo que ela ainda não conhece (Thomé; Pinto;2018, p. 2).

O mundo está cheio de ideias para serem utilizadas, é necessário ter olhos para enxergar as potencialidades e inová-las com a criatividade e perfil do docente. Necessário também afirmar que, a literatura é um direito e assim, é para todos.

Evidencia-se que, estudantes público da educação especial desenvolvem habilidades cognitivas e socioemocionais em contato com a arte de ler, portanto, a pesquisadora sugere que, o professor conheça as limitações do estudante atípico e faça adequações para que ele esteja inserido nas ações, por exemplo, se a criança tem pouca concentração durante a leitura é necessário que o professor ofereça a ele, um contato antes com o livro a ser trabalhado, de modo que, no dia da leitura, não seja uma novidade, pois ele já conhecerá a história, a interação seja mais significativa. A pesquisadora, sugere ainda que, os espaços literários sejam frequentados com certa assiduidade pelos estudantes atípicos, que seja uma sala referência em que eles possam manusear os livros livremente ou simplesmente recorrer quando estiverem precisando de um ambiente acolhedor de emoções. Utilize os espaços literários da escola como aliado nos processos de ensino e aprendizagem de maneira acolhedora e afetiva. O melhor e mais importante lugar da escola.

Figura 26 - Professora e Sala de Leitura da Escola



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).

3. ENVOLVER ESTUDANTE E FAMILIARES LOGO NO PRIMEIRO ENCONTRO DO ANO LETIVO.

Atribui-se também o sucesso do Projeto Literário desenvolvido pela pesquisadora ao envolvimento não só dos estudantes do 5º ano A de 2019, mas ao envolvimento dos familiares, da equipe escolar e da comunidade ao entorno da escola e de outras localidades da cidade.

A pesquisadora, então professora e idealizadora do Projeto *Pé de livros entre amigos*, já com as obras selecionadas e o planejamento pronto, logo na primeira reunião de responsáveis do ano, informou aos familiares dos estudantes sobre o projeto, objetivos, avaliação e etapas. Assim, convocou a todos, a participarem e comunicou que os familiares seriam os primeiros a escolherem e realizarem a leitura dos clássicos selecionados.

Os familiares se assustaram com a proposta, na reunião estavam presentes vinte e nove mães e dois pais, dos trinta e três estudantes, apenas quatro mães aceitaram o convite e escolheram os livros que desejavam ler. Neste primeiro dia, a aceitação foi bem inferior ao esperado, mas o projeto estava apenas se iniciava.

Ter a participação da família é fundamental, pois garante que a escola e os assuntos escolares tenham continuidade nas residências e assim, todos se sintam corresponsáveis e pertencentes. O sucesso do projeto escolar depende também dos familiares, pois do que adiante os estudantes desenvolverem o hábito e o prazer pela leitura literária se não tem como quem dialogar sobre a história em casa com seus familiares? Assim, faz-se necessário envolver a todos e formar uma comunidade de leitores.

Zilberman problematiza que,

A literatura sintetiza, por meio dos recursos de ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra é concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com o destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois a conhecê-lo melhor (Zilberman, 1993, p. 22).

Portanto, neste primeiro encontro, é importante, junto com as famílias presentes, realizar combinados de melhores datas, horários e locais para a realização das conversas literárias, pois após a leitura dos familiares e estudantes é necessário um encontro semanal para a troca de livros, indicações literárias e conversas sobre a história lida.

No caso do projeto, a pesquisadora e as famílias escolheram as terças-feiras, das 7h10 às 8h para a atividade. Assim, foram organizadas as Terças Literárias³⁸. A preferência pelo horário não prejudicava o trabalho das famílias e, devido a isto, a pontualidade e respeito aos horários são de extrema importância para que todos possam e continuem participando dos encontros para dialogar sobre a história lida.

Figura 27 - Estudantes e familiares



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).

4. APRESENTAR AOS ESTUDANTES SUA OBRA PREFERIDA, EXPLIQUE OS MOTIVOS E REALIZE UMA INDICAÇÃO LITERÁRIA.

O professor precisa evidenciar aos estudantes que é um proficiente leitor de literatura, assim acredita-se que os estudantes, o tenham como referência. Para iniciar e despertar o interesse pelos clássicos da literatura, foi algo desafiador, pois eram obras que não faziam parte do cotidiano dos estudantes, pois em anos escolares anteriores, eles tiveram contato com os clássicos infantis, por isso, envolver os familiares na leitura dos clássicos mundiais, seria um potencial do projeto. Tudo iniciou-se com a leitura dos familiares, que ao ler em casa e comparecer a escola para dialogar e indicar a obra, foi uma forma feliz e envolver as crianças.

O professor precisa se revelar um grande leitor para que todos os objetivos sejam alcançados com êxito. Assim, faz-se necessário, que apresente para os estudantes sua obra

³⁸ Às terças literárias recebiam familiares e demais convidados para conversarem sobre as obras literárias lidas com os estudantes. Aconteciam todas as terças-feiras das 7h às 8h, na sala 8 da escola. Fonte: A autora, 2024.

preferida, explique o motive, apresente a história, o autor, trechos de destaque na história e desperte nos estudantes a curiosidade por conhecer a obra preferida do professor, aquela que o tornou leitor de literatura na escola e na vida.

Machado defende a leitura dos clássicos universais desde a educação infantil e, entre seus argumentos a favor, está o fato de que,

São os livros que conseguem ser eternos e sempre novos. Mas que, ao serem lidos no começo da vida, são fruídos de uma maneira muito especial, porque a juventude comunica ao ato de ler, como a qualquer outra experiência, um sabor e uma importância particulares (Machado, 2002, p. 24).

A pesquisadora, então, apresentou aos estudantes, Dom Quixote, obra de Miguel Cervantes e teceu comentários sobre ele, evidenciou seu encantamento a\com a história e disse que ela é a responsável, por ter se tornado leitora em potencial. Apresentou características da época em que foi escrito, do personagem e do amor pelos livros. Aguçou a respeito da imaginação e aventuras de Dom Quixote.

Machado (2002, p. 24), diz que “dispensar um clássico por ignorância, seria uma grande perda, portanto a pesquisadora precisou selecionar uma adaptação de qualidade para que o clássico chegasse até os estudantes e pudesse ser lido”.

Os estudantes se encantaram pelo livro original de 400 páginas e escrito em espanhol, queriam pegar e pediram para ler. Assim, a pesquisadora, apresentou a eles, algumas adaptações e o interesse por ler foi unanime, todos queriam Dom Quixote, no momento da escolha, tinham apenas cinco obras adaptadas e houve disputa para pegá-las. O interesse instaurou-se.

Figura 28 – Obras literárias



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).

5. CONVIDAR A COMUNIDADE ESCOLAR PARA UM MOMENTO LITERÁRIO.

É preciso discutir literatura, não só na escola, mas em casa, nas rodas de amigos, nos momentos de lazer, assim como discutimos um bom filme. Conversas sobre literatura deve se tornar um hábito entre estudantes, familiares e comunidade, portanto, um projeto de educação literária precisa envolver a todos, caso contrário, ao ler um bom livro, com quem discutir? Todos no entorno do estudante deve ser leitor também. Visando esta concepção, a pesquisadora junto com seus trinta e três estudantes, fez com que o projeto saltasse as paredes da sala de aula e convidou a comunidade, semanalmente, às terças-feiras, comparecer a escola para conversas literárias.

As participações no primeiro mês foram abaixo do esperado, apenas quatro mães participavam assídua e ativamente, um dia, uma dessas mães, trouxe a avó, nas semanas seguintes, a avó levou as amigas e, outros familiares foram chegando. Com o portão da escola aberto, o gari, que varre a calçada da escola, quis saber o que acontecia, ao saber, deixou a vassoura de lado e participou de uma conversa literária, pois de acordo com ele, sempre quis entender melhor “O Pequeno Príncipe”³⁹. Assim, a sala de aula, se tornou pequena e professora, estudantes e comunidade passaram a conversar sobre literatura na pracinha da escola, debaixo de uma árvore que recebia em seus ganhos várias espécies de pássaros e lindos tucanos. Lugar propício para dialogar sobre clássicos da literatura.

Num desses dias, a pesquisadora olhando para os galhos da árvore, teve a feliz ideia de pendurar livros, de maneira lúdica, chamar a atenção de toda escola, os livros pendurados eram como frutos a serem colhidos, lidos, apreciados, refletidos, comentados e indicados. Assim, nasceu o Pé de livros entre amigos.

Assim, com a árvore repleta de livros pendurados, os estudantes começaram a convidar outros estudantes da escola e de outras escolas. A pracinha ficava sempre cheia de leitores da comunidade. O Pé de Livros foi apenas uma maneira lúdica de chamar a atenção das crianças mais novas dos anos iniciais em fase de alfabetização e tornar o ambiente acolhedor e propício para o desenvolvimento da criticidade e criatividade. O desejo da pesquisadora é que se plante um pé de livro em cada escola, pracinha de bairro e Brasil afora.

³⁹ “O Pequeno Príncipe”/“Le Petit Prince”, é uma novela do escritor, aviador aristocrata francês Antoine de Saint-Exupéry, originalmente publicada em inglês e francês em abril de 1943 nos Estados Unidos. (Diana, 2020, p. 1).

Coelho (1986) argumenta que literatura é arte, é um ato criativo que através da palavra, cria um universo livre, realista ou fantástico, onde os seres, as coisas, os fatos, o tempo e o espaço, ali transformados em linguagem, assumem uma dimensão diferente: pertencem ao universo da ficção. Compreende-se que a literatura infantil é fundamental para a educação das crianças, pois ela estimula à leitura através do atrativo e do belo, promove mudanças de comportamento, mexe com as fantasias, emoções e intelecto, influi em todos os aspectos da educação do aluno. É o caminho que leva as crianças ao mundo da leitura de maneira divertida, pois através de seu caráter mágico e lúdico faz com que a atenção das crianças se volte a ela (Medeiros; Rodrigues; Silva, 2014, p. 2).

Figura 29 – Estudantes e Pé de Livros



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).

Figura 30 - Estudantes e Pé de Livros



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).

6. MOBILIZAR TODA A COMUNIDADE: RECREIO, ESPAÇOS DA ESCOLA, EM TORNO DA ESCOLA, CONVIDE OUTRAS ESCOLAS

Quando decide-se abrir o portão da escola, a porta da sala de aula para a comunidade escolar e local, os saberes se ampliam e a necessidade de tornar público o que foi aprendido é necessário, pois os saberes transbordam, portanto é preciso multiplicar o que se aprende com todos.

Da sala de aula para o recreio da escola, a pesquisadora conseguiu no supermercado do bairro, um carrinho de compras, adquiriu um megafone, os estudantes e familiares conseguiram a doação de quatrocentos livros para doação e assim, os estudantes separaram os livros, reformaram capas e páginas, conferiram e organizaram todos no carrinho, que foi denominado por eles de “Carrinho da Leitura”. Os estudantes se organizavam e saíam pelo recreio anunciando com o megafone: “Olha o carrinho da leitura passando no recreio”, crianças paravam de correr para pegar livros e se sentar para ler, algumas ainda em fase de alfabetização, não conseguiam ler, assim os estudantes responsáveis pelo projeto do 5º ano A, sentavam-se e liam para elas. O que acarretou a melhora do processo de alfabetização de muitos estudantes. A interação entre os estudantes por causa dos livros era evidente.

Foram organizados um cronograma em que os estudantes responsáveis, recebiam as demais salas da escola para momentos de leitura, foi em um desses encontros que os estudantes leitores perceberam colegas que tinham dificuldade para ler, outros que ainda não liam fluentemente e até uma criança autista, pois perceberam que ela, apesar de mostrar-se interessada pelo livro, observava as imagens, mas não interagia com os estudantes leitores. Foi necessário estudar sobre o autismo. Era uma etapa que não constava no planejamento da pesquisadora, mas que surgiu e foi necessário pesquisar e entender sobre o tema para novas e melhores interações.

Diante disso, Brighente e Mesquista consideram que,

Na visão de Freire (2005), uma pedagogia libertadora precisa ser feita com os oprimidos e não para os oprimidos. Nas salas de aula, por exemplo, o(a) professor(a) deve estar com os(as) educandos(as), aberto e disponível à curiosidade dos alunos; para tanto, não pode assumir uma postura rígida, discorre Freire (2001). Por isso, a “leitura de mundo” de cada educando é fundamental, pois eles estão cheios de dúvidas e sugestões que trazem da sua realidade, do seu contexto (Brighente; Mesquista, 2016, p. 11).

Nas interações, havia uma criança com deficiência física, que se locomovia com uso de uma cadeira de rodas, ela não alcançava os livros na árvore, assim os espaços e acessibilidade

foram sendo organizadas pelos estudantes, evidenciaram que o fitilho que pendurava os livros, precisava de um comprimento maior para que todos pudessem alcançar e “colher” os livros com equidade e autonomia, portanto, foi necessário refletir e organizar ações para que todos participassem, era necessário ir além da igualdade, mas algo equitativo.

Figura 31 - Escola e comunidade



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).

7. O APRENDIZADO PRECISA ULTRAPASSAR OS MUROS E AS PAREDES DA ESCOLA, É PRECISO TORNAR PÚBLICO OS SABERES DESENVOLVIDOS PELOS ESTUDANTES.

Os saberes devem ter um impacto na prática social, quem aprende transforma não só pensamento, mas também os modos de conviver, interagir e ser, portanto, tudo que se aprende na escola, precisa fazer sentido também fora dela, por isso, todo conhecimento precisa ser ativo, contextualizado e aplicado na prática social. A literatura enquanto arte, tem o poder de transformar e os estudantes precisam levar todos os aprendizados para além dos muros escolares, impacta primeiramente, ele, depois a família, a escola e toda uma comunidade.

Para Batista e Lima,

Professores e alunos são considerados agentes sociais, chamados a desenvolver uma prática social, centrada não na iniciativa do professor (pedagogia tradicional) ou na atividade do aluno (pedagogia nova), mas no encontro de seus diferentes níveis de compreensão da realidade por meio da prática social comum a ambos (Batista; Lima, 2012, p. 7).

Figura 32 – Estudantes semeadores de leitura



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).

8. DIÁLOGAR, DISCUTIR, RELACIONAR COM A VIDA SOBRE A OBRA E CONVENCER OUTRAS PESSOAS SOBRE A IMPORTÂNCIA DA LEITURA, ORGANIZE UM CLUBE DA LEITURA.

Neste projeto, a literatura tem a concepção de ser trabalhada e vivenciada enquanto arte e não a serviço de atividades descontextualizadas. A literatura é um direito que precisa ser exercido para que o estudante desenvolva seu protagonismo estudantil e desenvolvida para humanizar, transformar, visando assim, o desenvolvimento de uma educação libertadora.

Diante disso, os estudantes não liam para preencher fichas técnicas, escrever longos resumos que não seriam lidos e discutidos, não liam para responder a perguntas avaliativas, não iam as salas de leitura apenas para pegar um livro, ler e entregar na semana seguinte. A leitura literária vai além, e trabalhada como arte, visa não apenas desenvolver o gosto ou o hábito, mas para ampliar a leitura de mundo e reconhecer-se, expressar-se, ter voz e vez, participar, interagir e relacionar-se consigo, com as pessoas, com o meio e com o mundo. Enquanto arte, a literatura não tem uma moral, um ensinamento ou uma mensagem, cada pessoa se envolve de maneiras e têm reações diferentes, portanto, enquanto arte, o leitor pode ler por ler, pode se dar o direito

de pular páginas, não ler o livro todo, pode ter o direito de não gostar do que leu, de argumentar, indicar ou não aquela obra. Enquanto arte, o ler é para apreciar, comentar, refletir, discutir, abrir para o debate, conhecer e criticar costumes de uma época, de se identificar com personagens, se envolver ou, de simplesmente, ler e ficar em silêncio, pois aquela leitura fez sentido para ele e há muitas coisas por detrás do silêncio após a leitura. A leitura que transforma e humaniza permanece viva com o leitor mesmo quando se finaliza a última página.

Diante disso, Cecília Meireles, 1984, ressalta,

Um livro de literatura é, inicialmente, uma obra literária. Nem deveria consentir que as crianças frequentassem obras insignificantes, para não perderem tempo e prejudicassem seu gosto. Se consideramos que muitas crianças, ainda hoje, têm na infância o melhor tempo disponível de sua vida, que talvez nunca mais possam ter a liberdade de uma leitura desinteressada, compreendemos a importância de aproveitar bem essa oportunidade (Meireles, 1984, p. 123).

Enquanto arte, não se estuda a história da literatura ao longo dos tempos, mas o impacto, as provocações, os sentimentos que as obras despertam para a evolução humana.

Promover rodas de conversa, clube do livro sobre as leituras realizadas são formas de dialogar, sensibilizar-se, compreender e se identificar ou não com os olhares e interpretações do outro. Tudo pode depender da leitura de mundo, dos anseios, preocupações e alegrias do momento. Ler para selecionar, fazer escolhas, decidir e encontrar-se ou perder-se. Depende do momento, da intencionalidade e das emoções despertadas ou do nada, apenas da leitura realizada.

O Clube da Leitura é uma atividade que promove encontros, reencontros, conversas literárias sobre as obras lidas. Faça o planejamento: dia, horário, local, pessoas envolvidas, pessoas que participarão, combinados com os leitores e as obras que serão lidas, por exemplo, o clube poderá acontecer, uma vez ao mês, em um local da escola ou do centro comunitário do bairro, em determinado horário. É recomendável que, já na primeira reunião de planejamento coletivo, as obras que serão lidas mês a mês sejam apresentadas para que os leitores se programem antecipadamente quanto a aquisição ou empréstimo. Nos encontros, disponibilizar um painel/mural em que os leitores colemb papeis autoadesivos com as impressões que tiveram sobre a história. Interessante também, colocar no local uma lousa, em que, todos deixem registrados, frases retiradas da obra ou frases criadas por eles a partir da leitura. Assim, as conversas literárias podem partir dos registros deixados pelos leitores no mural e na lousa.

No projeto da pesquisadora, a leitura literária não tinha como objetivo ler para aprender algo, ou um assunto, o intuito era humanizar, transformar e desenvolver a criatividade,

críticidade e liberta-se, características da leitura literária enquanto arte, por isso, vivenciar, experimentar e dialogar sobre a leitura literária. A história deve permanecer com o leitor quando a leitura da obra se finda. O que se encerra são as páginas lidas, mas a história deve permanecer viva e ativa em cada leitor de literatura enquanto arte.

Figura 33 – Tertúlia literária



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).

9. CONVERSAR SOBRE A HISTÓRIA LIDA: ELENCAR TRECHOS IMPORTANTES

Importante que os estudantes, ao discutirem as histórias com colegas, professora e comunidade elencam trechos de destaque para eles, aqueles que foram significativos e desejam iniciar uma discussão ou debate por eles. Os trechos elencados por eles, geralmente evidenciam momentos, problematizações e necessidade de comentar e ajudar a resolver ou entender algo.

Elencar trechos não pode ter o caráter de apresentar uma moral ou ensinamento, mas de suscitar o debate em volta de um tema-problematizador de uma época, que pode envolver preconceito, racismo, modo de viver, agir... O que hoje é diferente? O que as pessoas fariam de modo diferentes? O que ainda continua? Opinar, argumentar, relacionar e debater tendo em vista sempre os direitos humanos.

Figura 34: Bilhetes literários



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).

10. TÉCNICA: DIÁLOGO ENTRE LEITORES E PERSONAGENS

A literatura enquanto arte, propicia um encontro entre leitor e personagens. Identificar-se com os personagens é uma maneira de entender a própria existência e reconhecer-se no mundo. Importante que durante as conversas literária os estudantes relacionam-se com personagens e possam encontrar nas ações deles, suas próprias para resolver problemas e realizar escolhas.

Os personagens se parecem com você? Algumas características ou ações realizadas por eles faz você lembrar-se de algo ou querer fazer igual ou parecido? Os personagens convencem o leitor? Que outros personagens ou livros fez você lembrar? Quais mensagens gostaria de enviar para as personagens: dicas, sugestões, conselhos...?

Este tipo de atividade evidencia o envolvimento dos estudantes com a leitura realizada e, muitas vezes, se coloca no lugar para ajudar a resolver conflitos.

Candido (2011) acrescenta que,

Quer percebamos claramente ou não, o caráter da coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos de mundo (Candido, 2011, p. 179).

Geralmente o leitor identifica-se com o personagem e se reconhece nas características e atitudes e para ampliar o diálogo entre eles, o docente pode oportunizar momentos de interação

em que será possível o estudante se expresse e reconhecer-se. O docente pode elaborar cards que o leitor possa enviar para o personagem comentando atitudes, dando conselhos diante de alguns trechos durante o enredo da história, por exemplo:

- Card I: Personagem X, acredito que diante o incêndio em sua biblioteca você deveria ter...
- Card II: Personagem X, não gostei quando você não auxiliou seu melhor amigo durante a viagem, minha atitude seria diferente, eu...
- Card III: Personagem X, estranhei quando você... pensei que agiria assim...
- Card IV: E o troféu gentilha vai para quando você...
- Card V: Para mim, um momento inesquecível foi quando...
- Card VI: Naquele momento em que você... eu agiria da mesma forma, pois...
- Card VII: Me identifico com você, porque...
- Card VIII: Também passei por algo parecido com você, foi quando...
- Card IX: Personagem x, um conselho para você...

O docente pode ampliar os cards conforme percebe a necessidade da turma e de acordo com o enredo da obra lida pelos estudantes ou pelo próprio docente. A atividade dos cards pode ser feita em forma de jogo, os estudantes embaralham os cards e tiram um card para ser respondido ou responder aos cards que perceba significado para ele.

Medeiros, Rodrigues e Silva reforçam ser fundamental que a criança desenvolva o gosto pela leitura e assim transformar-se em hábito,

É fundamental que cada criança tenha o gosto e prazer pela leitura, pois essa é uma grandeza essencial na vida de qualquer ser humano, já que quando lemos estamos exercitando a mente e acentuando nossa inteligência. A literatura constitui uma arte, mas também representam um meio de educar o jovem leitor, desenvolver sua percepção estética do mundo, refinar suas qualidades, revelar sua inteligência, sua concepção do mundo, suas ideias, seu gosto (Medeiros; Rodrigues; Silva, 2014, p. 3).

A literatura precisa se tornar um hábito de vida, assim como os amigos se reúnem para comentar o resultado do jogo do basquete, o final da série ou o lançamento de uma música, precisam se reunir para comentar sobre literatura, que se torne um hábito também nas conversas cotidianas. O ensino da literatura com a concepção de arte evidencia-se ser de grande valia nos processos de ensino e aprendizagem proporcionado uma educação para a prática social.

Figura 35 – Estudantes e personagens



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).

11. TÉCNICA: PALAVRAS DE DESTAQUE

De acordo com a obra lida ou intencionalidade, o docente deve escrever em tarjas palavras soltas e deixar que os estudantes a escolham para caracterizar e opinar sobre trechos da história lida, uma forma de avaliar e evidenciar se o livro foi lido, sem cobranças e exigências explícitas realizadas pelo docente,

As obras podem ser aquelas que despertaram o interesse dos estudantes, aquelas que quase não são escolhidas, aquelas que o docente deseja que os estudantes leiam ou que ainda não foi lida, mas que o docente quer despertar os olhares para ela. Tudo depende da intencionalidade e planejamento docente.

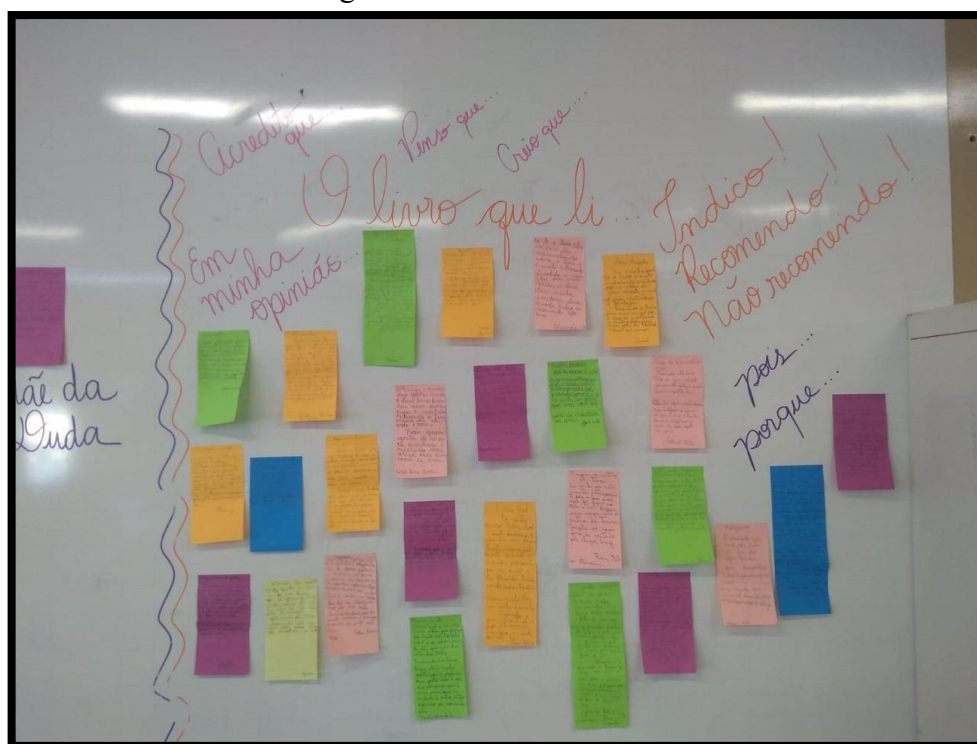
O docente deixa as tarjas prontas com as palavras escolhidas por ele, mas pode deixar tarjas em branco para que os estudantes escolham e escrevam as palavras que eles acham que estão faltando.

O docente pode produzir tarjas para que os estudantes coloquem abaixo da imagem das personagens: por exemplo, o professor pede que os estudantes coloquem as tarjas com palavras escritas para a imagem da Alice (Alice no país da Maravilhas) e a partir do que está escrito nas tarjas, os estudantes caracterizam a personagem. Possíveis tarjas: ALEGRE, RANZINZA, PREOCUPADA, CRIATIVA... E caso, o estudante, tenha outra sugestão de palavra para utilizar na personagem, ele escreva uma nova tarja.

A técnica pode ser utilizada para personagens, locais em que acontecem a história, para trechos, para momentos marcantes na história e para livros do acervo trabalhados pelo docente, por exemplo: coloca-se os livros expostos na sala e os estudantes devem colocar tarjas que, na opinião deles, identifica a obra e caso o docente não tenha a tarja com a palavra que o estudante deseja, ele mesmo escreve em uma tarja em branco.

A técnica evidencia para todos como foi a vivência, a experiência que os leitores tiveram com a leitura da obra.

Figura 36 – Bilhetes literários



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).

12. TÉCNICA: LEIA, REFLITA, DISCUTA, REFLITA, REGISTRE E CIRCULE

A técnica, criada pela pesquisadora para promover as conversas literária consiste em dividir os estudantes em grupos, escolher uma obra para promover a discussão, por exemplo: os estudantes devem passar por todos os grupos, assim responder todas as perguntas elaboradas pelo docente a partir de uma obra específica. A escolha da obra pode ser devido ao interesse que ela proporciona nos estudantes ou uma obra que não está entre as favoritas dos estudantes, mas que o docente quer que eles conheçam ou uma obra que ainda não leram, mas que o docente a inseriu no acervo literário dos estudantes. É uma técnica que pode ser usada para antecipar a

leitura de uma obra, criando hipóteses a partir de perguntas realizadas pelo docente. As hipóteses criadas pelos grupos, podem ou não ser validadas posteriormente, com a leitura da obra. Antecipar faz com que os estudantes se motivem a realizar a leitura para validar ou não as respostas criadas por eles.

Por exemplo, imagine que os estudantes foram divididos em quatro grupos. Cada grupo terá uma pergunta que deverá ser respondida. A pergunta precisa ser relação com a obra em questão e escrita em um papel Craft para que os estudantes respondam na própria folha. Ao dar o tempo, os estudantes circulem e trocam de grupo. Eles devem passar pelos quatro grupos, portanto responderão a quatro perguntas diferentes. As respostas dos grupos devem ser escritas no Craft, possibilitando assim que, todos os demais grupos, antes de responder, possam ler as respostas dos grupos anteriores,

Neste caso, a pesquisadora, utiliza a obra Dom Quixote de La Mancha, do espanhol Miguel de Cervantes para exemplificar ações desenvolvidas pelos grupos:

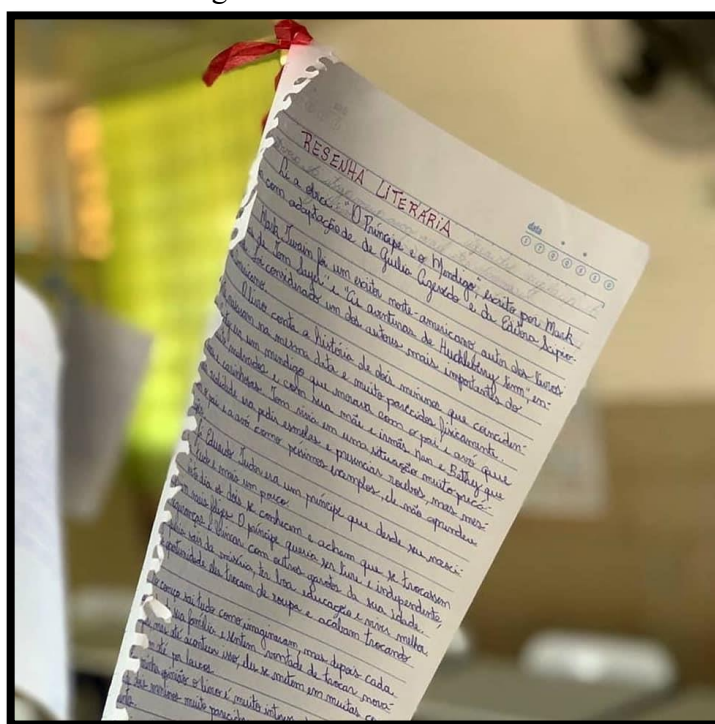
- Grupo 1: Um belo dia, Dom Quixote decidiu ser um cavaleiro andante e a partir daquele momento, sua vida mudou para sempre. Tudo começou por culpa dos livros. Na opinião de vocês como foi a vida dele? Por que a culpa foi dos livros?
- Grupo 2: Aldonza era uma camponesa do povoado de Toboso, Dom Quixote se apaixonou por ela, porém nunca tinha conversado, ele só a espiava de longe, pois tinha vergonha de confessar o seu amor. Como vocês acham que eram as características físicas de Aldonza? Como Quixote a imaginava? Será que um dia, o amor será correspondido?
- Grupo 3: Nem bem do dia amanheceu, Dom Quixote e Sancho Pança viram quarenta moinhos de vento e o cavaleiro viu a chance de sua primeira aventura e começou a imaginar que se tratava de gigantes furiosos e quis lutar com eles. Sancho quis alertar o amigo que não eram gigantes e sim, moinhos, mas Quixote foi ao ataque. Como aconteceu? Como terminou o combate com os moinhos? Sancho poderia ter evitado o combate? Como?
- Grupo 4: O padre decidiu queimar todos os livros de Dom Quixote. Por que tomou esta decisão? O que acontecerá com o cavaleiro andante ao ver suas obras queimadas? A decisão resolverá todos os problemas?

Importante que os estudantes passem por todos os grupos e que as respostas sejam escritas no Craft, para que cada grupo leia e conheça as hipóteses criadas pelos colegas. Neste exemplo, os estudantes não conheciam a história e responderam a antecipações, mas existem

outras possibilidades, o docente pode organizar perguntas de trechos de obras já lidas pelos estudantes.

A pesquisadora apresenta apenas sugestões, o docente terá a liberdade de modificar conforme a realidade e a intencionalidade diante das ações literárias a serem desenvolvidas, não se trata de uma receita ou algo pronto, mas trata-se de ajudar o docente a olhar e refletir sobre a elaboração de situações de vivência e experiência que a literatura enquanto arte proporciona aos leitores.

Figura 37 – Resenha literária



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).

13. TÉCNICA DA CARACTERIZAÇÃO

Combine com os estudantes o “Dia da Caracterização”, neste dia, eles devem estar caracterizados com vestimentas ou acessórios que remetam a detalhes sobre um personagem que queiram destacar, que tenham gostado e que se identificaram com as ações, escolhas e decisões dos personagens no decorrer da história. Além da vestimenta, podem trazer objetos que uso do personagem e durante a socialização, utilizar-se de diálogos e acontecimentos ocorridos. Neste dia, os estudantes já chegam na escola caracterizados e permanecem até o final do período da aula, pois naquele dia, quem está ali não é a estudante de todos os dias, mas a Pollyana, o Rei Arthur... Sendo assim, podem agir como tais personagens o período todo da aula. Assim, o

docente tem a oportunidade de questionar, o que faria a Pollyana diante de tais situações do mundo atual entre outros questionamentos, o que faz com que os estudantes reflitam por eles, mas pelo personagem também.

Assim, Lima ressalta que,

Se a literatura infantil necessita fundamentalmente ser caracterizada, acredito ser pela presença contundente do imaginário, porque a criança é essencialmente movida pela imaginação. Pelo imaginar, o homem consome a sua humanização, na medida em que manifesta o sentido do que ele é. Isso se chama libertação (Lima, 1998, p.13).

Esta técnica evidencia a compreensão do estudante perante o personagem representado, uma forma de interagir com a obra. Neste dia, a pesquisadora se caracterizou de Aldonza Lorenza, a doce Dulcineia de Dom Quixote. A ação também propicia a motivação dos demais estudantes em conhecer a obra e o personagem que o colega foi caracterizado.

A ação oportunizou ricas conversas literárias sobre a personagem e momentos da obra em que precisam tomar decisões, são corajosos, medrosos e que tomam importantes atitudes que na opinião dos estudantes, podem ter sido ou não assertivas naquele momento da história e que resultam com o final apresentado pelo autor, mas que na opinião dos estudantes poderia ter sido diferente e apresentam novas versões para o final.

Figura 38 – Caracterização



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).

14. PRODUÇÃO DE RESENHA LITERÁRIA: DADOS DA OBRA, DADOS SOBRE O AUTOR (PERFIL DO AUTOR, POUCAS MULHERES ESCRITORAS...). UM BREVE COMENTÁRIO SOBRE A HISTÓRIA E FINALIZE COM UMA INDICAÇÃO LITERÁRIA.

Preenchimento de fichas técnicas e resumos não é recomendado quando a literatura tem a concepção artística, portanto, é preferível que o docente, se achar necessário, produza uma resenha literária. O docente pode combinar com os estudantes o roteiro para a produção escrita, por exemplo: o que escrever em cada parágrafo ajuda a direcionar o olhar do estudante para a obra, por exemplo: no primeiro parágrafo coloque os dados da obra: título, autor/a, ilustrador/a, editora, edição e dados que o docente julgar importante que o estudante conheça; no segundo parágrafo escrever sobre o autor: ano de nascimento e falecimento (caso seja falecido), obras já publicadas, curiosidades sobre a vida do escritor, importante conhecer vida e obra do escritor para que o estudante possa entender alguns detalhes da obra; terceiro parágrafo citar e comentar um trecho da história que o estudante queira destacar e no quarto parágrafo escreva uma indicação literária: indique a leitura da obra e explique o motivo, caso o estudante não tenha gostado, é importante que ele cite, mas que indique para alguém que goste do gênero lido, por exemplo: “Não gostei da história, pois não me identifico com terror, prefiro outros gêneros, mas recomendo a leitura para quem gosta de levar alguns sustos e viver um suspense aterrorizante em cada página”.

Barthes (1970) afirma que,

O leitor não pode passar os olhos por um texto literário como seria possível diante de um texto jornalístico. Afinal, a ideia da literatura não é a mensagem que se recebe; é um significado que se acolhe a mais, marginalmente. O texto literário exige a presença do leitor, a palavra o resgata de sua inércia e o traz para o momento da leitura. O estranhamento desperta os sentidos, faz acordar emoções escondidas a sete chaves na alma do leitor (Barthes, 1970, p. 170).

Por isso, acredita-se ser fundamental que todos os leitores participantes dos encontros literários devem ser convidados a escreverem uma recomendação literária e fixá-la no mural da sala de aula e da escola para que seja lida por todos.

Solicitar o resumo da obra, é simplesmente, pedir que o estudante escreva começa, meio e fim de acordo com a obra, no resumo, o estudante não tem liberdade de se colocar, apenas cita passagens da história. A resenha, diferentemente do resumo, o estudante tem liberdade na escrita e se coloca no texto, coloca suas opiniões, impressões, comenta, argumenta e recomenda.

Produzir resenha é pensar a história lida de maneira crítica e reflexiva é se colocar ativamente dentro da história.

As indicações literárias devem ser fixadas em locais em que todos possam ter contato: mural da sala de aula, da escola e até enviado pelos grupos de mensagens da escola para conhecimento.

Figura 39 – Estudantes e os bilhetes literários



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).

15. EMPRESTIMOS DE LIVROS PARA A COMUNIDADE NA ESCOLA E NAS PRACINHAS DOS BAIRROS

As salas de leitura devem abrir para a comunidade, além dos empréstimos para os estudantes, é preciso que as famílias também sejam contempladas e tenham uma agenda de dias e horários disponíveis para elas, agenda que deve ser compartilhada ao longo do ano letivo, nos grupos de mensagens e redes sociais da escola. Se desejamos formar uma comunidade leitora, a escola precisa ampliar os empréstimos para todos.

De acordo com Coelho (1998, p. 19) “as histórias devem ser usadas para fins de deleite e não como uma obrigação ou uma forma de dar conselhos”.

Assim, outra sugestão apontada pela pesquisadora é disponibilizar nas pracinhas do bairro livros que as pessoas que estejam passando, se interessem e peguem um livro para ser lido em casa. No livro é importante conter um comunicado colado a página: nome da ação, nome da escola e endereço, contato e informações sobre a importância de ler e devolver o livro

no local. Sugerir no comunicado, que o leitor, após ler e no ato da devolução, deixe um bilhete dentro do livro com um registro sobre a história.

Em muitas cidades, há empresas que adotaram uma pracinha e cuidam da limpeza e preservação, seria interessante que a escola tivesse uma parceria para o investimento em um local próprio para deixar os livros seguros ao ar livre.

Os livros podem ser deixados na pracinha dentro de uma geladeira sem uso, caixas de plástico com tampa, pendurados em árvores, dentro de latas ou dentro de algo construído com essa finalidade. Tudo dependerá do investimento e da criatividade.

Figura 40 – Carrinho da leitura



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).

16. PEDÁGIO LITERÁRIO NO ENTORNO DA ESCOLA

Um dos muitos momentos de impacto para a formação de uma comunidade leitora foi a realização de um pedágio literário ao entorno da escola com o objetivo de distribuir livros para a comunidade. Munidos de faixas com escritos voltados para a importância de leitura, os estudantes, a pesquisadora, equipe escolar e as famílias foram para o semáforo que fica na esquina da escola, e no sinal vermelho, na faixa de segurança, alguns estudantes exibiam a faixa

de conscientização e outros junto aos adultos, iam até os motoristas oferecerem livros. Alguns motoristas pegavam os livros e agradeciam, outros pediam mais exemplares para presentear filhos, outros nem abriam os vidros para ouvir o que tínhamos a dizer, outros perguntavam quanto tinham que pagar e aqueles que já vinha com uma moedinha para pagar pelo livro. Muito elogiaram a ação.

Outro momento de destaque na comunidade, foi quando foi agendada com a escola municipal de educação infantil do bairro, um encontro na pracinha. Munidos de um megafone, carrinho da leitura cheio de livros, os estudantes foram ao encontro das crianças da educação infantil. O encontro foi marcado por emoção, pois os estudantes se reencontraram com antigas professoras e se sentiram importantes em executar a ação e mostrar para a então professora deles da educação infantil que se tornaram leitores e multiplicadores de leitura.

No encontro, os estudantes leram para as crianças e muitos livros de literatura foram doados. Importante destacar que as crianças atendidas nos anos seguintes, serão estudantes da escola em que o projeto foi desenvolvido, portanto a leitura já foi unindo-as a futura escola que estudariam no ensino fundamental.

A pesquisadora sugere que ações como esta cria laços de afetividade positiva entre estudantes, professores e minimiza o impacto da mudança de escola e modalidade, assim a ida da escola de educação infantil para a escola de ensino fundamental se realiza de forma significativa e as crianças podem observar o quanto a futura escola valoriza a leitura.

Figura 41 – Pedágio Literário



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).

17. PRODUÇÃO DE VÍDEOS COM INDICAÇÕES LITERÁRIAS E ESPALHE PELAS REDES SOCIAIS. TORNE PÚBLICO.

Os estudos realizados em sala de aula, as conversas literárias ocorridas precisam causar impacto nas outras pessoas. A pesquisadora acredita que, um leitor contagiado, motivado, contagia e motiva outros leitores e assim, vai-se formando uma comunidade de leitores e leitoras de literatura, portanto, as vivências e experiências literárias devem ter impacto social e quanto mais pessoas forem impactadas, mais a comunidade vai se ampliando. Assim, o auxílio das redes sociais e plataformas de vídeos e áudios são excelentes recursos para que os saberes sobre a leitura literária ultrapassem os muros da escola e siga mundo afora.

Uma sugestão é que seja produzido um vlog com estudantes, familiares e comunidade escolar em que os participantes realizem indicações literárias: diga o que leu e porque recomenda a leitura. Além de tornar público o encanto pela obra, outras pessoas podem se sentir provocadas pela indicação e ir a busca do livro para comprar, ou pegar como empréstimo em bibliotecas públicas ou nas salas de leitura das unidades escolares do bairro.

O Vlog⁴⁰ pode ser disponibilizado nas salas de leitura e bibliotecas municipais para que auxilie no momento das escolhas dos leitores. É importante, disponibilizar o link do vlog para toda a comunidade e pedir que compartilhem com outros grupos de contatos de mensagens e redes sociais. Atingindo assim, grande número de pessoas, levando a leitura literária para o mundo.

Figura 42 – Vlog Literário



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).

⁴⁰ Dons Quixotes: Vlog Literário - Professora Rita Mozetti - 5º Ano A, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EzxCjFHYK6A&t=38s>. No canal de YouTube Professora Rita Mozetti: <https://www.youtube.com/@professoraritamozetti>. Fonte: A autora, 2024.

18. ELABORAÇÃO DE UM CURRÍCULO DE LITERATURA PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

A pesquisadora acredita que a leitura literária precisa ir além do ir à sala de leitura e pegar uma obra, vá além de participar de contações de histórias, além de se pensar em ler para realizar atividades, portanto, é preciso refletir e repensar a Educação Literária nas unidades escolares, a leitura literária não é apenas competência dos professores de Língua Portuguesa, ou dos professores que atuam na sala de leitura, mas é um dever de toda equipe escolar. A pesquisadora sugere que o trabalho com a leitura literária seja parte integrante do Projeto Político Pedagógico⁴¹ (PPP) da escola, assim, será fará parte do planejamento das atividades escolares e a unidade deve ter um projeto permanente que os estudantes se acostumem e esperem por ele, a cada ano letivo. Acredita ser fundamental a elaboração de um currículo literário que envolva todos os anos escolares da escola: a escola deve elaborar um projeto coletivo que envolva a leitura literária em todos os anos. Para a elaboração, é preciso refletir:

- Qual a concepção de leitura e leitura literária para a equipe escolar?
- O que priorizar? Aonde a equipe escolar pretende chegar? Quais as etapas? Nome para o projeto escolar, objetivos e habilidades a serem desenvolvidas?
- Obras escolhidas por ano. Qual a obra para o 1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos? Quais os critérios para a escolha?
- O que acontecerá em cada ano?
- Como envolver estudantes, equipe e comunidade escolar?
- Como trabalhar a leitura literária enquanto arte e não ler para realizar atividades como ficha técnica, resumo, desenho, descobrir a moral da história ou o que se aprendeu com o que leu... Neste trabalho, a pesquisadora, sugeriu algumas ações a serem realizadas que levem a reflexão e oportuniza o debate em torno da obra.
- Priorizar em uma leitura literária enquanto arte: tertúlias, conversas, debates, estabelecer relações história, identidade e mundo, feira do livro, semana literária, encontro com escritores presencial e on-line, participar de lançamento e noite de autógrafos de escritores locais, exposições, mural
- Mesmo havendo um projeto coletivo, é fundamental que os estudantes continuem frequentando as salas de leitura e escolhendo os livros que deseja ler.

⁴¹ Documento obrigatório para as escolas, que contém todas as metas, objetivos e os meios que serão usados para concretizá-los. Fonte: A autora, 2024.

Por exemplo, as crianças da Educação Infantil terão uma obra fixa, de escolha dos professores, os professores, de cada ano do Ensino Fundamental, também escolhem uma obra diferente a ser lida no 1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos. Assim, quando os estudantes seguem para o ano seguinte, já sabem e já esperam para a leitura da obra do ano em questão. Sugere-se colocar painéis fixos na escola a respeito de cada obra que a escola trabalha, trazer informações sobre o autor, algumas imagens de importantes trechos, imagens de personagens e locais... Os painéis serão fixos e tem como intenção, motivar os estudantes para as obras que serão lidas quando eles avançaram os anos escolares. Durante o ano, é importante que as ações desenvolvidas sejam dinâmicas: conversas literárias, rodas de conversa entre os estudantes de diferentes anos, debates e exposição de indicações literárias, comentários sobre a história, sobre o autor, saraus, semanas literárias, espaços literários na escola, feira do livro, encontro com escritores locais, participação em lançamento de livros, enfim, tudo que envolva a literatura... As obras não precisam ser do mesmo autor, ter relações entre os enredos ou para atender a conteúdos do ano, mas obras escolhidas criteriosamente pelas equipes escolares de modo a promover grandes debates, discussões, tertúlias e conversas literárias que desenvolvam a autonomia, argumentação, criticidade, criatividade e que incluam a todos.

As obras não podem mudar a cada ano letivo, pois precisam ser aguardadas pelos estudantes que sabem qual livro fará a leitura no ano seguinte. O projeto coletivo, não impede que os estudantes leiam outras obras semanalmente, a leitura individual, pelo aluno também precisa acontecer concomitante com o projeto coletivo da escola.

A ideia da pesquisadora a respeito da elaboração de um projeto literário coletivo e com obras escolhidas para cada ano escolar e de conhecimento de toda comunidade escolar, fundamenta-se na preocupação de inserir a leitura literária de forma consistente na rotina dos professores, uma vez que, a Base Nacional Comum Curricular não traz um espaço considerável sobre a Educação Literária, não traz competências, objetivos e habilidades da leitura literária, sendo assim, pode passar despercebida pelos professores e sua importância, mesmo reconhecida por eles, passa a ser trabalhada para atender ao trabalho com temáticas e ou a serviço de atividades. A pesquisadora acredita que a BNCC deva ter um espaço exclusivo para a Leitura Literária, espaço que pode ser dividido com a área da Linguagem, junto com Língua Portuguesa, Arte e Educação Física. Mesmo a leitura literária atendendo a parte da linguagem artística, a pesquisadora propõe que, ela tenha um conjunto de competências, habilidades e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento próprios. Portanto, dessa forma, ela passe a ocupar um lugar mais específico e permanente na rotina do professor. Portanto, é essencial que a escola inclua um projeto literário coletivo que atenda estudantes, equipe escolar e comunidade, assim a

sugestão da pesquisadora de logo no planejamento, a escola escolha obras a serem lidas por cada ano e que reflita e desenvolva a leitura literária enquanto arte e não a mero serviço de atividades. Para Goes,

O desenvolvimento da leitura entre crianças resultará em um enriquecimento progressivo no campo dos valores morais, da cultura da linguagem e no campo racional. O hábito da leitura ajudará na formação da opinião e de um espírito crítico, principalmente a leitura de livros que formam o espírito crítico, enquanto a repetição de estereótipos empobrece (Góes, 2010, p. 47).

Diante disso, a pesquisadora sugere que todos os ambientes da escola, sejam ambiente que proporcionam contato com a literatura. Evidencia-se que as salas de leitura e bibliotecas são ambientes já conhecidos pelos estudantes como lugares em que encontrarão os livros, mas a escola pode inovar e construir nos corredores estantes baixas, ao alcance de todas as crianças e que estejam cheias de livros, assim, os estudantes, livremente transitam pelos corredores e têm sempre as mãos, livros. Livros que eles podem levar para casa, para ler junto as famílias e depois devolver ao local. Para aumentar e renovar o acervo, a escola pode incluir no Plano Político Pedagógico ações permanentes de arrecadação de livros entre estudantes, equipe e comunidade, pois os livros devem circular. Sugere-se ainda que, a comunidade tenha acesso aos livros.

19. PONTOS DE ATENÇÃO NO MOMENTO DA LEITURA LITERÁRIA.

O professor, ao realizar a leitura de um livro por capítulos para os estudantes, não deve parar a leitura e perguntar o que eles estão entendendo ou explicar os trechos. Deixe a leitura correr de forma fluente e global.

Nunca pergunte o que aprenderam com a história ou que moral é possível tirar.

O estudante tem o direito de não gostar do livro e trocar por outro.

Após a leitura enquanto arte, não peça uma atividade, como desenho da parte que mais gostou, dobradura, ou que explique algo. O estudante precisa ter o tempo de refletir sobre a história lida, fazer suas relações ou apenas ficar em silêncio. Lembre-se que, enquanto arte, a literatura deve promover discussões, abrir para o debate e ampliar a leitura de mundo.

Não pedir preenchimento de fichas técnica ou resumos, prefira uma resenha literária que culmine com a indicação literária.

Nas salas de leitura, as obras precisam estar ao alcance dos olhos e das mãos das crianças, elas devem percorrer as estantes e escolher o que desejam, mesmo que acreditemos que ela não irá ler aquela obra naquele momento, mas deixe que ela mesma segua a essa conclusão. Podemos apenas apontar que se trata de um livro sem gravuras, com muitas páginas e sugira adaptações de qualidade da mesma obra.

Os professores das salas de leitura devem trabalhar em equipe com os professores das salas regulares. O professor da sala de leitura, oportuniza contações de histórias, empréstimos de livros, rodas de conversa, ludicidade, devem ser parceiros nas ações.

Não há cantinhos de leitura, todos os cantos são cantos de leitura, não há um horário de leitura, todos os horários são de leitura, não se lê apenas nas aulas de Língua Portuguesa, mas lê-se em todos os componentes curriculares.

Importante que a escola tenha um projeto literário coletivo, que conste no Projeto Político Pedagógico (PPP) e que envolva a todos: estudantes, equipe e comunidade escolar. Assim, de acordo com Zilberman,

A literatura sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciada e diferente as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra é concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com o destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor (Zilberman, 1994, p.22).

A literatura é um direito, é subjetiva, é arte, portanto precisa ser pensada a partir desses adjetivos no momento de planejar as ações que serão desenvolvidas, talvez o melhor começo seja enxergar o estudante como protagonista, como coautor, corresponsável e como alguém que não precisa ser cobrado por algo que leu, mas envolvido em situações de politicidade, dialogicidade e de uma práxis educativa que leve a uma educação que humaniza, transforma e liberta.

Figura 43 - Pé de Livros



Fonte: Foto tirada pela Autora Rita Mozetti (2019).

APÊNCIDE B: ENTREVISTA COM PROFESSORES DO 5º ANO

Entrevista com professores que atuam no 5º ano, ciclo I, Ensino Fundamental da rede municipal do município de Franca-SP, tem como objetivo conhecer a concepção dos profissionais sobre o trabalho com a Leitura Literária junto aos estudantes, respondendo às seguintes questões:

Nome completo:

Idade:

Formação acadêmica:

Unidade escolar:

Tempo de exercício no magistério:

Tempo de exercício na escola:

Período que leciona:

DADOS PESSOAIS

1. Se apresente com um nome fictício. Nome de um personagem da literatura que você se identifica ou admira.
2. De que obra é este/a personagem? Por que se identifica ou admira?
3. Quais memórias com relação a leitura literária você guarda da sua infância ou juventude na época da escola? Conte um pouquinho...

SOBRE O SEU TRABALHO

1. O que representa a literatura para você?
2. Quais ações voltadas para a literatura que você realiza em sua rotina de trabalho?
3. Como escolhe o livro de literatura a ser trabalhado?
4. O que não pode faltar em uma boa aula de literatura?
5. Conte uma boa prática voltada a leitura literatura que você realizou e acredita que tenha dado bons resultados junto aos estudantes. Quais foram os resultados evidenciados?
6. Acredita que o trabalho com a literatura transforma vidas e leva o estudante ao protagonismo? De que forma?

APÊNDICE C: ENTREVISTA COM PROFESSORES DAS SALAS DE LEITURA

Entrevista realizada com professores que atuam nas salas de leitura das unidades escolares da Rede Municipal de Franca-SP, tem como objetivo conhecer a concepção desses profissionais sobre o trabalho com a Leitura Literária junto aos estudantes, respondendo às seguintes questões:

Nome completo:

Idade:

Formação acadêmica:

Unidade escolar:

Tempo de exercício no magistério:

Tempo de exercício na escola:

Período que leciona:

DADOS PESSOAIS

1. Se apresente com um nome fictício. Nome de um personagem da literatura que você se identifica ou admira.
2. De que obra é este/a personagem? Por que se identifica ou admira?
3. Quais memórias com relação a leitura literária você guarda da sua infância ou juventude na época da escola? Conte um pouquinho...

SOBRE O SEU TRABALHO

4. O que representa a literatura para você?
5. Como funciona a sala de leitura? Quais ações desempenha em sua rotina?
6. Como escolhe o livro de literatura a ser trabalhado?
7. O que não pode faltar em uma boa aula de literatura?
8. Conte uma boa prática voltada a leitura literária que você realizou e acredita que tenha dado bons resultados junto aos estudantes crianças. Quais foram os resultados evidenciados?
9. Acredita que o trabalho com a literatura transforma vidas e leva o estudante ao protagonismo? De que forma?

ANEXO A: PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS/CAMP. DE FRANCA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ERA UMA VEZ... LITERATURA A ARTE QUE TRANSFORMA E LEVA A CRIANÇA AO PROTAGONISMO

Pesquisador: RITA MARTA MOZETTI

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 55255322.3.0000.5408

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais- Unesp - Campus de Franca

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.365.845

Apresentação do Projeto:

O projeto foi apresentado de forma clara e concisa. Todos os elementos necessários para a compreensão da pesquisa, notadamente sobre como se dará a pesquisa de campo, estão presentes.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo principal da pesquisa foi explicitado de forma clara e direta.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os potenciais riscos foram bem considerados. Também foram apresentadas formas evitá-los e/ou para diminuir seus impactos. Os benefícios também foram suficientemente conjecturados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Como toda pesquisa bem fundamentada, a presente é relevante e apresenta de forma clara como se dará o contato com os participantes da pesquisa, ao todo 25 indivíduos (01 professora e 24 estudantes).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos de apresentação obrigatória foram corretamente preenchidos e inseridos, a saber: Informações Básicas do Projeto, Folha de Rosto, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, Termo de Assentimento do Menor, autorização da entidade onde se pretende realizar a pesquisa de campo, arquivo com o projeto original completo (que contém, ao seu final, os

Endereço: Av. Eufrasia Monteiro Petraglia, 900
Bairro: Jd. Antonio Petraglia **CEP:** 14.409-160
UF: SP **Município:** FRANCA
Telefone: (16)3706-8723 **Fax:** (16)3706-8724 **E-mail:** comiteetica@franca.unesp.br

**UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS/CAMP. DE FRANCA**



Continuação do Parecer: 5.365.845

questionários semiestruturados de perguntas a serem feitas aos participantes da pesquisa).

Recomendações:

Não há recomendações a serem feitas.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Conclui-se pela APROVAÇÃO do presente projeto de pesquisa. Não há pendências ou inadequações.

Considerações Finais a critério do CEP:

O coordenador aprova "ad referendum" do colegiado o parecer do relator.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1879160.pdf	20/01/2022 20:32:17		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_de_assentimento_modelo_2022_rita.pdf	20/01/2022 20:30:58	RITA MARTA MOZETTI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_RITA_MOZETTI2022.pdf	07/01/2022 12:39:53	RITA MARTA MOZETTI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_rita2022.pdf	07/01/2022 12:13:27	RITA MARTA MOZETTI	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_rita2022.pdf	07/01/2022 12:12:34	RITA MARTA MOZETTI	Aceito
Outros	declaracao_pmf.pdf	30/12/2021 00:46:41	RITA MARTA MOZETTI	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Eufrasia Monteiro Petraglia, 900

Bairro: Jd. Antonio Petraglia

CEP: 14.409-160

UF: SP

Município: FRANCA

Telefone: (16)3706-8723

Fax: (16)3706-8724

E-mail: comiteetica@franca.unesp.br

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS/CAMP. DE FRANCA



Continuação do Parecer: 5.365.845

FRANCA, 25 de Abril de 2022

Assinado por:
Marcos Alves de Souza
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Eufrasia Monteiro Petraglia, 900
Bairro: Jd. Antonio Petraglia **CEP:** 14.409-160
UF: SP **Município:** FRANCA
Telefone: (16)3706-8723 **Fax:** (16)3706-8724 **E-mail:** comiteetica@franca.unesp.br

ANEXO B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

NOME DO PARTICIPANTE: _____

DATA DE NASCIMENTO: ____/____/____. IDADE: ____

DOCUMENTO DE IDENTIDADE: TIPO: ____ Nº ____ SEXO: M () F ()

ENDEREÇO: _____

BAIRRO: _____ CIDADE: _____ ESTADO: _____

CEP: _____ FONE: _____

Eu, _____, declaro, para os devidos fins ter sido informado verbalmente e por escrito, de forma suficiente a respeito da pesquisa: **O DIREITO À LITERATURA ENQUANTO ARTE PARA UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA**. O projeto de pesquisa será conduzido por Rita Marta Mozetti Silva, do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, orientado pelo Prof (a). Dr(a) Maria Cristina Piana, pertencente ao quadro docente da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais/UNESP/C.Franca. Estou ciente de que este material será utilizado para apresentação de: (Monografia, Dissertação, Tese, Projeto (s), Relatório Trienal de Atividades/Docente, etc.) observando os princípios éticos da pesquisa científica e seguindo procedimentos de sigilo e discrição. **A Pesquisa tem como objetivo de refletir a concepção de leitura literária em contexto escolar pelos professores que atuam no 5º ano de escolas municipais do município de Franca/SP a partir da práxis de uma educação libertadora.** Fui esclarecido sobre os propósitos da pesquisa, os procedimentos que serão utilizados e riscos e a garantia do anonimato e de esclarecimentos constantes, além de ter o meu direito assegurado de interromper a minha participação no momento que achar necessário.

Franca, de de .

Assinatura do participante



Rita Marta Mozetti Silva

(assinatura)

Pesquisador Responsável

Nome: Rita Marta Mozetti Silva

Endereço: Rua Ana Carolina Ferreira Arantes, 5354, Residencial José de Carlos

Tel: (16)981083791

E-mail: rmozetti@yahoo.com.br



Maria Cristina Piana

(assinatura)

Orientadora

Profª. Drª.: Maria Cristina Piana

Endereço: Rua Manoel de Freitas, 1270, Totoli, apartamento 12

Tel: (17) 981149082

E-mail: cristina.piana@unesp.br